

**CARTOGRAFIA DA PESQUISA
EM LINGUAGEM NO NORDESTE:**
ÁREAS EMERGENTES, APLICAÇÕES PARA O ENSINO E INTERFACES
VOLUME III

RAQUEL MEISTER KO. FREITAG
ISABEL CRISTINA MICHELAN DE AZEVEDO
(ORGANIZADORAS)



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Publicação decorrente da 29ª Jornada do GELNE,
financiada pelo Edital PAEP/CAPES 2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

F866c Freitag, Raquel Meister Ko; Azevedo, Isabel Cristina Michelan de (orgs.).
Cartografia da pesquisa em linguagem no nordeste: áreas emergentes,
aplicações para o ensino e interfaces /
Organizadoras: Raquel Meister Ko. Freitag e Isabel Cristina Michelan de
Azevedo; Prefácio de Cleber Ataíde.
1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.
figs.; tabs.; gráfs.; quadros.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5637-816-9.

1. Curso de Letras. 2. Linguística. 3. Região Nordeste – Brasil.
4. Sociofuncionalismo. I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras.

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística. 410
2. Cartografia. 526
3. Hist. da Região Nordeste. 981.3

PONTES EDITORES
Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão
Campinas - SP - 13070-056
Fone 19 3252.6011
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil 2023



**CARTOGRAFIA DA PESQUISA
EM LINGUAGEM NO NORDESTE:**

ÁREAS EMERGENTES, APLICAÇÕES PARA O ENSINO E INTERFACES

VOLUME III

RAQUEL MEISTER KO. FREITAG
ISABEL CRISTINA MICHELAN DE AZEVEDO
(ORGANIZADORAS)



Copyright © 2023 – Das organizadoras representantes dos autores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração e capa: Vinnie Graciano
Revisão: Joana Moreira

Os textos foram revisados e padronizados pelas normas ABNT 10520/2002

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ - Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL - Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES
Rua Dr. Miguel Penteadado, 1038 – Jd. Chapadão
Campinas - SP – 13070-118
Fone 19 3252.6011
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil 2023

Sumário

PREFÁCIO.....	11
<i>Cleber Ataíde</i>	
APRESENTAÇÃO: CARTOGRAFAR É PRECISO!.....	17
<i>Raquel Meister Ko. Freitag, Isabel Cristina Michelin de Azevedo</i>	
PANORAMA DOS ESTUDOS EM MORFOLOGIA E INTERFACES NA REGIÃO NORDESTE: UMA CARTOGRAFIA INTRODUTÓRIA.....	25
<i>Natal Almeida Simões Neto, Antonia Vieira dos Santos, Mailson dos Santos Lopes</i>	
Introdução.....	25
Os estudos em Morfologia e interfaces na região Nordeste.....	29
<i>Alagoas</i>	29
<i>Bahia</i>	33
<i>Ceará</i>	44
<i>Maranhão</i>	47
<i>Paraíba</i>	50
<i>Pernambuco</i>	53
<i>Piauí</i>	55
<i>Rio Grande do Norte</i>	57
<i>Sergipe</i>	59
Considerações finais.....	61
Referências.....	67
PESQUISAS LINGÜÍSTICAS SOBRE O PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM PELO MÉTODO DO RASTREAMENTO OCULAR NA REGIÃO NORDESTE.....	69
<i>Alisson Hudson Veras Lima, Julian Tejada, Maria Elias Soares, Miguel Oliveira Jr., René Alain Santana de Almeida, Raquel Meister Ko. Freitag</i>	
Introdução.....	69
Rastreamento Ocular.....	72
<i>Movimentos dos olhos</i>	72
<i>Paradigma de leitura</i>	75
<i>Paradigma do mundo visual</i>	78
Rastreamento ocular na região Nordeste.....	81
<i>Universidade Federal do Ceará</i>	82
<i>Universidade Federal da Paraíba</i>	86

<i>Universidade Federal de Alagoas</i>	87
<i>Universidade Federal de Sergipe</i>	88
<i>Balanço</i>	89
<i>Considerações finais</i>	90
<i>Referências</i>	93
INTERFACE ENTRE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E SAÚDE NOS ESTADOS NORDESTINOS	101
<i>Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Renata Fonseca Lima da Fonte, Isabela Barbosa do Rêgo Barros, Evangelina Maria Brito de Faria, Marian dos Santos Oliveira</i>	
<i>Introdução</i>	101
<i>Grupos por estado</i>	106
<i>Bahia</i>	106
<i>Programa de Aquisição e Ensino do Português (PROAEP) – UFBA</i>	107
<i>Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística/Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN/GPEN) – UESB</i>	108
<i>Grupo de Pesquisa em Estudos da Linguagem (GPEL)/Núcleo de Pesquisa e Estudos em Síndrome de Down – Saber Down – UESB</i>	109
<i>Grupo de Pesquisa das Estruturas Gramaticais e de Aquisição da Linguagem/Laboratório de Aquisição da Linguagem e Aspectos Linguísticos (LALALin) – UESB</i>	110
<i>Ensino e aprendizado típico e atípico da leitura e da escrita – UESB</i>	111
<i>Grupo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização Inicial, Leitura e Escrita (GEPALe) – UESB</i>	111
<i>Estudos clínicos da fluência e da linguagem – UNEB</i>	112
<i>Estudos em Linguagem (Elun) – UNCISAL</i>	113
<i>Línguas Brasileiras: análise, aquisição e ensino – UFAL</i>	113
<i>Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN) – UFAL</i>	113
<i>Ensino, Texto & Criação (ET&C) – UFAL</i>	114
<i>Pernambuco</i>	114
<i>Linguagem, Distúrbio e Multidisciplinaridade – UNICAP</i>	115
<i>Linguagem, Ação, Crítica e Educação em Línguas (LACELI) – UFRPE</i>	115
<i>Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez e Educação de Surdos – UFPE</i>	116
<i>Sergipe</i>	116
<i>Laboratório Multidisciplinar de Pesquisa em Reabilitação Funcional (LMPRF) – UFS</i>	117
<i>Paraíba</i>	117
<i>Núcleo de Estudos Linguísticos Interacionais/Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (NELIN-LAFE) – UFPB</i>	117

<i>Núcleo de Estudos em Alfabetização em Linguagem e Matemática (NEALIM) – UFPB</i>	118
<i>Grupo de Estudos em Processamento Linguístico (GEPROL) – UFPB</i>	118
<i>Grupo de Pesquisa em Linguagem e Cognição/Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem (LACON) – UFPB</i>	119
<i>Grupo de Estudos Interdisciplinares: Linguagem, Interação e Multimodalidade (GEILIM) – UEPB</i>	120
<i>Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem (NEALE) – IFPB</i>	120
<i>Ceará</i>	121
<i>Laboratório de Fonética e Multilinguismo (LabFoM) – UFC</i>	121
<i>Grão – Gramática, Aquisição e Cognição – UFC</i>	122
<i>Estudos da aquisição, processamento da linguagem e métodos experimentais – UVA/UFC</i>	122
<i>Cognição e Linguística (GELP-COLIN) – UFC</i>	123
<i>Piauí</i>	123
<i>Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Epistemologia da Prática Profissional (NIPEEPP) – UFPI</i>	124
<i>Maranhão</i>	124
<i>Neuropsicologia – UNICEUMA</i>	124
<i>Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa – UFMA</i>	125
<i>Balanço</i>	125
<i>Referências</i>	126
CARTOGRAFIA DO SOCIOFUNCIONALISMO NO NORDESTE	129
<i>Valéria Viana Sousa, Gessilene Silveira Kanthack, Camilo Rosa</i>	
<i>Introdução</i>	129
<i>Sociofuncionalismo: origem e princípios</i>	130
<i>Os caminhos do Sociofuncionalismo no Nordeste</i>	137
<i>Sociofuncionalismo e ensino</i>	145
<i>Considerações finais</i>	151
<i>Referências</i>	153
OS CAMINHOS DO SOCIOFUNCIONALISMO NO NORDESTE: APLICAÇÕES	157
<i>Valéria Viana Sousa, Gessilene Silveira Kanthack, Warley José Santos Rocha, Silmara Silva Pereira, Clébia Rocha Lima Lira, Savanna Souza de Castro Pereira</i>	
<i>Introdução</i>	157
<i>Você e cê em um caminho de trocas no Sertão da Ressaca</i>	157
<i>A referência do você e do cê</i>	158
<i>Caminhos teóricos</i>	161
<i>Caminhos metodológicos</i>	162

<i>O caminhar dos dados</i>	162
<i>Contribuição dos caminhos realizados</i>	163
<i>Caminho sociofuncionalista para o estudo da transitividade verbal</i>	164
<i>Transitividade verbal</i>	165
<i>Caminhos teóricos</i>	166
<i>Caminhos metodológicos</i>	167
<i>O caminhar dos dados</i>	168
<i>Contribuição dos caminhos realizados</i>	178
<i>“Tá” no twitter...tá? Variabilidade funcional em uso</i>	178
<i>A pesquisa sobre a forma fonologicamente reduzida do verbo estar</i>	179
<i>Caminhos teóricos</i>	180
<i>Caminhos metodológicos</i>	181
<i>O caminhar dos dados</i>	181
<i>Contribuição dos caminhos realizados</i>	183
<i>Um caminho de mãos dadas com o não e o num em uma perspectiva sociofuncionalista</i>	184
<i>Os caminhos trilhados pelo não: da tradição gramatical aos estudos linguísticos</i>	185
<i>Caminhos teóricos</i>	188
<i>Caminhos metodológicos</i>	188
<i>O caminhar dos dados</i>	190
<i>Contribuição dos caminhos realizados</i>	193
<i>Referências</i>	195
LINGUÍSTICA APLICADA NO NORDESTE: UMA CARTOGRAFIA DAS PRODUÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	201
<i>Adriana Dalla Vecchia, Falmiane Lima Coelho, Renata Silva Bispo</i>	
<i>Introdução</i>	201
<i>LA no Nordeste: alguns marcos importantes</i>	204
<i>Aspectos teórico-metodológicos da Linguística Aplicada estabilizados e caminhos em pavimentação</i>	209
<i>Procedimentos metodológicos e detalhamento do corpus</i>	215
<i>Dos resultados</i>	221
<i>Mapeamento dos Programas de Pós-Graduação</i>	221
<i>Levantamento de dissertações e teses com temáticas relacionadas à LA</i>	225
<i>O espaço da LA em periódicos acadêmicos do Nordeste</i>	231
<i>Considerações finais</i>	233
<i>Referências</i>	235

**ESTUDOS DA ARGUMENTAÇÃO: CARTOGRAFIA DAS PESQUISAS
REALIZADAS NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NOS ANOS 2010..... 239**

*Eduardo Lopes Piris, Mariza Angélica Paiva Brito,
Débora Raquel Hettwer Massmann, Argus Romero Abreu de Moraes*

Introdução.....	239
Metodologia.....	240
Pesquisas com filiação às teorias da argumentação.....	245
<i>Teorias e modelos da argumentação.....</i>	<i>245</i>
<i>Interfaces teóricas.....</i>	<i>248</i>
Pesquisas sem filiação às teorias da argumentação.....	252
<i>Mapeamento das pesquisas e categorias analíticas mobilizadas.....</i>	<i>252</i>
<i>Campos discursivos e gêneros textuais/discursivos.....</i>	<i>254</i>
Considerações finais.....	257
Referências.....	259

**O ENSINO DE ARGUMENTAÇÃO: CARTOGRAFIA DAS PESQUISAS
REALIZADAS NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NA DÉCADA DE 2010.... 263**

*Isabel Cristina Michelin de Azevedo, Erivaldo Pereira do Nascimento,
Lucas Nascimento, Maria das Graças Soares Rodrigues*

Introdução.....	263
Perspectivas teóricas adotadas e suas interfaces.....	264
<i>Nova retórica e ensino de argumentação.....</i>	<i>265</i>
<i>Prevalência da Argumentação na Língua e da Linguística Textual no ensino da argumentação.....</i>	<i>268</i>
Natureza das investigações relacionadas ao ensino de argumentação.....	272
Considerações finais.....	286
Referências.....	288

**POSFÁCIO: CARTOGRAFIA DA PESQUISA EM LINGUAGEM NO NORDESTE:
ÁREAS EMERGENTES, APLICAÇÕES PARA O ENSINO E INTERFACES..... 291**

Dermeval da Hora



Prefácio

Quando, em 2019, lançamos os dois primeiros volumes da **Cartografia GelNE**, tínhamos um propósito muito bem definido: publicar uma obra de referência na qual fosse possível resgatar a produção científica em Linguística e Literatura nos últimos 20 anos dos programas de pós-graduação das universidades nordestinas. A publicação se juntava a uma série de outras ações que marcava as quatro décadas da primeira associação de linguistas do Nordeste. Após dois anos de muito trabalho, o livro veio a público e configurou-se como resultado de um esforço coletivo de mais de cinquenta pesquisadores que apresentaram um panorama amplo das temáticas, dos métodos e das principais contribuições das pesquisas da nossa área.

Depois de 40 anos do surgimento do primeiro programa de pós-graduação em Letras no Nordeste¹, era a primeira vez que, de maneira organizada, debruçávamos sobre a nossa própria história. Metodologicamente, tínhamos assumimos o compromisso de contextualizar o surgimento das áreas e dos grupos de pesquisa ligados à pós-graduação e de fazer um levantamento das teses e dissertações disponibilizadas nos repositórios das universidades

1 Os Programas de Pós-graduação em Letras da UFPB, UFPE e UFBA estão entre os mais antigos do Norte-Nordeste. O primeiro curso de Mestrado tem sua data de criação em 1975 na Universidade Federal da Paraíba, sendo, portanto, o Programa pioneiro da região. O curso foi originalmente concebido com área de concentração única, Língua Portuguesa, mas, já em 1976, passou a configurar-se em quatro áreas: Literatura Brasileira, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana. A Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco teve início com cursos de Especialização em 1975. Apenas no segundo semestre de 1976, foi que surgiu o Mestrado em Linguística e Teoria da Literatura. A pós-graduação da Universidade Federal da Bahia teve início em 1976 (Parecer nº 17/76) com três áreas de concentração: Língua Portuguesa, Linguística e Teoria da Literatura.

nordestinas. Daí surgiu a necessidade de elaborarmos uma *cartografia*² que designasse a ideia de mapeamento, não apenas numa perspectiva espacial, mas também numa discursiva, indicando o mapeamento que se deriva e aponta para a descrição de ideias existentes na nossa área de estudo.

Embora a publicação não representasse a totalidade dos temas e da diversidade das pesquisas dos nove estados do Nordeste, a partir desse empenho coletivo, foi fácil perceber o quanto a nossa região já tinha ganhado maturidade e reconhecimento científico, e, portanto, era urgente o registro do mapeamento dos principais centros de pesquisas e dos avanços epistemológicos e metodológicos no âmbito dos estudos da linguagem. Desse empreendimento, surgiram duas cartografias que se caracterizaram como um importante registro para a compreensão das tendências³ e dos temas mais

2 O termo cartografia diz, segundo seu étimo, sobre conjunto de estudos e operações científica, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas ou, em outra acepção, diz da descrição ou de tratado sobre mapas. Na obra publicada em 2019, o leitor perceberá que o termo foi utilizado para designar a descrição de ideias existentes.

3 **Quadro da cartografia dos estudos linguísticos e suas interfaces publicado em 2019**

Subáreas/temas da Linguística e Literatura	Potenciais centros nucleares/linhas de pesquisas nas Pós-graduação
Análise do Discurso	UFAL, UFBA, UFB e UFPE
Aquisição da Linguagem	UFAL, UFBA, UNEB, UESB, UEFS, UESC, UFC, UFPB/Proling, UFPE, UFRN
Estudos Gerativistas	UFBA, UFAL, UFRPE e UFPB-Proling
Filologia, Linguística Histórica em interfaces	UFBA, UEFS, UECE, UFPB/Proling, UFRPE
Linguística Aplicada	UERN, UFAL, UFC, UFCG, UFPB-Proling, UFPE e UFRN
Linguística Cognitiva	UECE, UESB, UFBA, UFC, UFPB-Proling e UFRN
Linguística Funcional	UESB, UFC, UFPB/Proling, UFPE e UFRN
Linguística Textual	UFC, UFPE e UFPI
Libras e interfaces Surdez	UECE, UESB, UFAL, UFC, UFPB/PPGL, UFPB/Proling, UFPE, UFPI, UFS e Unicap
Oralidade e Escrita	UECE, UERN, UESB, UESPI, UFAL, UFBA, UFC, UFCG, UFMA, UFPB/Proling e UFPE
Pragmática e interfaces	UECE, UFC, UFPB/Proling, UFPE e UFRN
Psicolinguística e processamento da linguagem	UESB, UEFS, UFAL, UFC, UFBA, UFPB/Proling, UFRN, UFS e Unicap
Sociolinguística e Dialectologia	UEFS, UFBA, UFC, UFMA, UFPB/Proling e UFS
Tecnologias digitais, ensino e interfaces	UECE e UFPE

relevantes da Linguística e da Literatura no Nordeste brasileiro. A primeira apresentou uma visão panorâmica dos estudos linguísticos e suas interfaces, contemplando as seguintes áreas e temas: Análise do Discurso, Aquisição da Linguagem, Estudos Gerativistas, Filologia e Linguística Histórica, Linguística Aplicada, Linguística Funcional, Linguística Textual, Libras e Surdez, Oralidade e Escrita, Pragmática, Políticas Linguísticas, Sociolinguística e Dialectologia e Tecnologias digitais e ensino. A segunda cartografia contemplou os estudos literários e interartes, mapeando os temas: Crítica Cultural, Literatura e estudos culturais, Literatura e ensino, Literatura Popular, Estudos Literários africanos e afro-brasileiros.

Mesmo incompletos porque ainda havia muito a se fazer, os diversos *cartografismos* surgidos com a primeira publicação soaram, no nosso meio acadêmico, como um convite a novas descobertas, um estímulo para que se construíssem novas ideias a partir do que se tinha apresentado. E foi o que aconteceu! É essa compreensão que o(a) leitor(a) deve ter ao ler a nova **Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces**. Essa nova obra coletiva se configura, assim como aquela que escrevemos em 2019, como, além de um registro de existência e de resistência, um testemunho de um caminho que vem sendo trilhado a partir de diferentes acessos.

O novo testemunho que se apresenta neste livro dá continuidade ao projeto que começamos a escrever conjuntamente, mas agora conduzido pelas professoras e pesquisadoras *Raquel Meister Ko. Freitag* e *Isabel Cristina Michelan de Azevedo*, da Universidade Federal de Sergipe. A Cartografia reúne oito capítulos, dos quais seis apresentam mapeamentos inéditos que se somam aos outros vinte e dois, contemplando um total de vinte e oito temas/subáreas já descritos.

Percorrendo as páginas do novo mapa discursivo, o(a) leitor(a) encontrará mapas discursivos inéditos sobre a **Morfologia**, o **Processamento da linguagem**; o **Sociofuncionalismo** e os **Estudos da argumentação**. Entre esses novos *cartografismos*, vale destacar a descrição realizada sobre argumentação. Os autores e as autoras apresentam, em dois capítulos, um extenso mapeamento que revela o quanto esse tema é diverso e vem sendo desenvolvido, no Nordeste, sob diferentes perspectivas epistemológicas. É um rastreamento apurado metodologicamente que pode levar o(a)s leitor(a)s a novas descobertas frente aos estudos em argumentação.

Em buscas de preencher lacunas e identificar novos temas e novas metodologias de pesquisas, o(a) leitor(a) também tem a oportunidade de encontrar uma ampliação do escopo de duas áreas da linguística que já tinham sido contempladas na publicação de 2019: **Aquisição da Linguagem** e **Linguística Aplicada**. Os dois capítulos apresentam novos resultados obtidos a partir do refinamento metodológico. No capítulo sobre os estudos em Aquisição, as autoras aprofundaram o mapeamento relacionando-a a temas ligados às Ciências da Saúde. Com o foco mais ajustado, constataram que os estados do Maranhão, Piauí e Sergipe começaram a despontar no cenário das pesquisas na área, caracterizando um avanço que não tinha sido apontado no levantamento feito em 2019. Empenhadas no mesmo objetivo, as autoras do capítulo sobre Linguística Aplicada também rastrearam outros temas além daqueles ligados ao ensino como havia sido constatado no primeiro levantamento. Identificaram os eixos temáticos sobre práticas identitárias e discursivas, políticas e ideologias linguísticas e relações étnico-raciais que têm auxiliado na construção de um fazer pesquisa sócio-histórica e culturalmente situado e alinhado à Linguística Aplicada.

Ao acessar os mapas dessa nova cartografia, o(a) leitor(a) há de perceber que tanto a publicação de 2019 quanto a que de agora

vem a público representam um ponto de partida para novas descobertas e *insights*. A depender das organizadoras e do empenho de outro(a)s pesquisadore(a)s que aceitaram o convite feito durante a XXVIII Jornada do GELNE em 2020, diversas **Cartografias GelNE** certamente virão! Creio que, brevemente, essas obras se configurem não só como um importante instrumento para a compreensão das tendências e dos temas de pesquisas, mas também, como um registro dos desafios que ainda precisam ser enfrentados no campo da Linguística e da Literatura no Nordeste, bem como suas implicações na construção de políticas públicas de fomentos para as áreas.

Eis, então, o meu desejo: que esta obra seja uma fonte de inspiração, assim como foi para aqueles e aquelas que se aventuraram até agora a desenhar o mapa das pesquisas das Ciências da linguagem no Nordeste. Sintam-se convidados e convidadas a ampliá-lo e a nos ajudar a traçar outros caminhos.

Cleber Ataíde

Presidente do Gelne (2016-2018)

Coordenador do Projeto **Cartografias GelNE** em 2018



APRESENTAÇÃO: CARTOGRAFAR É PRECISO!

Raquel Meister Ko. Freitag
Isabel Cristina Michelan de Azevedo

Em uma primeira leitura, ou em uma primeira impressão, cartografia é um termo associado à geografia. Uma cartografia tem por objetivo reunir informações relacionadas a uma região geográfica.

O Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE) é uma associação civil de caráter cultural, sem fins lucrativos, que congrega professores universitários, pesquisadores e estudiosos de Letras e Linguística em âmbito regional (e nacional). Tem como missão promover e estimular, na região Nordeste, através de todos os meios possíveis, programações técnico-científica e educativo-cultural na área de estudos da linguagem que contribuam para a melhoria do ensino e da pesquisa na região Nordeste e, conseqüentemente, no Brasil.

O GELNE foi fundado em 1977, tendo como missão fundamental promover e estimular na região Nordeste, utilizando todos os meios possíveis, programações técnico-científica e educativo-cultural nas áreas de Língua, Linguística e Literatura. Desde a sua fundação, o GELNE tem promovido Jornadas bianuais, que envolvem professores-pesquisadores, alunos de Pós-Graduação e de graduação e professores dos ensinos fundamental e médio da região Nordeste do Brasil. Foram realizadas até o momento vinte

e oito Jornadas em diferentes cidades e capitais do Nordeste e, em 2022, a 29ª Jornada do GELNE, financiada pelo Edital PAEP/ CAPES, aconteceu na Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão.

Nestes 45 anos de trajetória, o GELNE tem promovido ações cujos resultados se dispersam e se pulverizam nas diferentes instituições da região. Daí a tarefa de cartografar. Em setembro de 2018, a então diretoria do GELNE, constituída por Cleber Ataíde, Valéria Severina Gomes, Sherry Morgana Justino Almeida, Emanuel Cordeiro da Silva, Thaís Ludmila da Silva Ranieri e André Pedro da Silva, promoveu o I Seminário de Pesquisas em Linguística e Literatura do GELNE, na cidade de Recife. Como resultado do seminário, foram definidas ações estratégicas para a consolidação da associação e ao mesmo tempo o fortalecimento das áreas de Linguística e Literatura na região Nordeste, dentre as quais a elaboração de um mapeamento das pesquisas sendo realizadas em universidades do Nordeste brasileiro. Esta ação tem sido chamada entre nós de Cartografia GELNE, e resultou em dois volumes, publicados em 2018 e 2019, que apresentaram um mapa da pesquisa em linguística, literatura e crítica cultural na região Nordeste nos últimos 20 anos.

No entanto, este é um trabalho sempre por fazer, pois nem todas as áreas foram contempladas, e nem todos os estados da região estavam representados. No entanto, estes dois volumes de cartografia foram cruciais para um panorama do que estava sendo feito na região.

Quando assumimos a diretoria do GELNE, em 2019, decidimos que a continuidade deste projeto seria crucial para a sobrevivência da associação e basilar para dar suporte ao fortalecimento da pesquisa em Linguística e Literatura na região.

Por isso, na 28ª Jornada do GELNE, em 2020, não só incluímos na programação a divulgação dos resultados de dez car-

tografias, realizadas por pesquisadores vinculados a diferentes instituições de ensino superior, que foram detalhados para o público presente nas salas virtuais e para os que acompanharam os trabalhos pelo YouTube no canal do GELNE (<https://www.youtube.com/@Gelne/streams>). Foi muito especial e desafiador realizar esta Jornada do GELNE em modo digital, quando nos acostumamos a estar fisicamente compartilhando experiências nas Jornadas do GELNE ao longo de quarenta anos. Passado o susto, o espanto e a dor dos primeiros momentos da pandemia no Brasil, sabíamos que seria preciso encontrar alternativas para não deixarmos de nos encontrar e resistir pela reflexão de qualidade no âmbito acadêmico.

Reservar o espaço para o compartilhamento das ideias mapeadas em mais de vinte anos de pesquisa no Nordeste indicou-nos a importância de estarmos unidos e empenhados na construção de conhecimentos, quando forças tão adversas estão impactando o ensino e a pesquisa no Brasil.

Considerando este impacto, para a 29ª Jornada do GELNE, realizamos a chamada na associação para a apresentação de novas propostas de cartografia, a serem integradas na programação do evento e resultarem em mais um volume da coleção Cartografias GELNE. Buscávamos nas novas propostas de cartografia abordagens teóricas, temas e técnicas de pesquisa com desenvolvimento representativo e estratégico na região Nordeste.

Seis novas propostas (duas das quais desdobradas em teoria e aplicação) foram apresentadas, o que possibilitou a continuidade do projeto da Cartografia GELNE e reforçaram o quanto o trabalho cooperativo e colaborativo promove ações qualificadas e integradoras. No ápice da pandemia, momento em que vidas foram perdidas pelo descrédito na ciência, a comunidade do GELNE se mobilizou para apresentar propostas e dar seguimento a um projeto iniciado anteriormente. Não há palavras para expressar

nossa gratidão a essa adesão da comunidade, em deferência à continuidade de uma proposta tão relevante como é a de mapear os estudos e as pesquisas realizadas no Nordeste, proporcionando a produção de novos conhecimentos por meio da associação a um projeto iniciado na gestão passada, e ao mesmo tempo, à confiança estabelecida em nossa gestão.

Desenvolvidos os trabalhos, a realização da 29ª Jornada do GELNE, em formato híbrido, na Universidade Federal de Sergipe entre 28 a 30 de novembro de 2022, deu-se no momento da retomada das atividades presenciais, ainda sob rigorosas medidas sanitárias de distanciamento e uso de máscaras faciais. Apesar de nossos medos e receios, a 29ª Jornada do GELNE ocorreu de maneira presencial, plena e renovadora de esperanças, pois permitiu o encontro de pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação, professores e estudantes da educação básica, tão esperado e característico das Jornadas do GELNE.

Foram momentos de reencontro e alívio, e ao mesmo tempo de pesar, ao sentirmos a falta das pessoas que sempre participavam das Jornadas do GELNE e não estavam mais presentes entre nós por conta da condução genocida da pandemia no Brasil.

As cartografias foram o cerne da programação da 29ª Jornada do GELNE, cujos resultados apresentados permitiram o debate no momento do evento, mas, em longo prazo, a criação de contextos de interação formativa entre profissionais e estudantes das diversas instituições de ensino superior do Nordeste do Brasil serão consequências. A importância da cartografia expande os limites da associação, estimula ações interinstitucionais e de divulgação científica em torno de estudos e pesquisas em Linguística e Literatura, o que favorece o aprofundamento das reflexões acadêmicas e ainda promove o estabelecimento de interfaces com outras áreas de conhecimento.

O volume 3 do projeto Cartografias GELNE, intitulado “Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces”, culmina e consolida a realização da 29ª Jornada do GELNE.

Atendendo à chamada pública, seis temáticas de pesquisa foram cartografadas, cada uma apresentada em um capítulo, e duas destas cartografias tiveram um segundo capítulo com desdobramento para o ensino (estudos de argumentação), ou para a aplicação (sociofuncionalismo).

A morfologia, uma das áreas da Linguística com poucos núcleos especializados em pesquisa Brasil, está contemplada no capítulo “Panorama dos estudos em morfologia e interfaces na região Nordeste: uma cartografia introdutória”, cartografia preparada por Nival Almeida Simões Neto, da Universidade Estadual de Feira de Santana, e por Antonia Vieira dos Santos e Mailson dos Santos Lopes, da Universidade Federal da Bahia. No campo dos métodos, o capítulo “Pesquisas linguísticas sobre o processamento da linguagem pelo método do rastreamento ocular na região Nordeste”, cartografia preparada por Alisson Hudson Veras Lima, do Instituto Federal de Alagoas, Julian Tejada, da Universidade Federal de Sergipe, Maria Elias Soares, da Universidade Federal do Ceará, Miguel Oliveira Jr., da Universidade Federal de Alagoas, René Alain Santana de Almeida, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, e Raquel Meister Ko. Freitag, da Universidade Federal de Sergipe, apresenta resultados de pesquisa de ponta utilizando a técnica de rastreio ocular nos estudos linguísticos, um campo ainda emergente, mas com alto potencial de impacto.

As cartografias anteriores apontaram a necessidade de aprofundamento ou de ampliação de escopo de áreas; foi o que aconteceu com os estudos de aquisição da linguagem, já cartografados no volume 2 da coleção, mas cujos resultados pontuaram a necessidade de busca das interfaces; é o que é apresenta-

do no capítulo “Interface entre aquisição de linguagem, educação e saúde nos estados nordestinos” cartografada por Marianne C. B. Cavalcante, da Universidade Federal da Paraíba, Renata F. L. da Fonte e Isabela B. do R. Barros, da Universidade Católica de Pernambuco, Evangelina M. B. de Faria, da Universidade Federal da Paraíba, e Marian de Oliveira, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

A região Nordeste impulsiona e consolida os estudos na interface sociofuncionalista; é o que mostra o capítulo “Cartografia do sociofuncionalismo no Nordeste”, coordenado por Valéria Viana Sousa, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Gessilene Silveira Kanthack, da Universidade Estadual de Santa Cruz, e Camilo Rosa, da Universidade Federal da Paraíba. Como desdobramento deste capítulo, o capítulo seguinte, “Os caminhos do Sociofuncionalismo no Nordeste: aplicações”, ilustra estudos desenvolvidos na região. Coordenado por Valéria Viana Sousa e Gessilene Silveira Kanthack, este capítulo conta com a participação discente: Warley José Santos Rocha e Savanna Souza de Castro Pereira, discentes do Programa de Programa de Pós-Graduação em Linguística, e Silmara Silva Pereira e Clébia Rocha Lima Lira, do Profletras, ambos programas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Em “Linguística aplicada no nordeste: uma cartografia das produções dos programas de pós-graduação” Adriana Dalla Vecchia, da Universidade Federal de Sergipe, Falmiane Lima Coelho e Renata Silva Bispo, discentes da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, apresentam um panorama de uma área muito produtiva e multifacetada, a Linguística Aplicada, com considerações acerca de um fazer particularizado que caracteriza as pesquisas na região.

Por fim, no capítulo “Estudos da argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil nos anos

2010”, Eduardo Lopes Piris, da Universidade Estadual de Santa Cruz, Mariza Angélica Paiva Brito, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Débora Raquel Hettwer Massmann, da Universidade Federal de Alagoas, e Argus Romero Abreu de Moraes, da Universidade Federal do Ceará, apresentam o panorama de uma área emergente e produtiva que é a dos estudos da argumentação, que se segue do capítulo “O ensino de argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010”, coordenado por Isabel Cristina Michelin de Azevedo, da Universidade Federal de Sergipe, Erivaldo Pereira do Nascimento, da Universidade Federal da Paraíba, Lucas Nascimento, da Universidade Estadual de Feira de Santana, e Maria das Graças Soares Rodrigues, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que evidenciam a capilaridade do Profletras na aplicação dos estudos de argumentação, assim como a sua capilaridade na região Nordeste.

Contamos ainda com a honrosa prefaciação de Cleber Ataíde, presidente do GELNE na gestão que implantou o projeto Cartografias, sendo o coordenador dos dois primeiros volumes da coleção, e de Dermeval da Hora, que foi coordenador da área de Linguística e Letras na CAPES, e embandeirou a importância da visibilidade da pesquisa como impulsionadora do fortalecimento dos programas de pós-graduação na região Nordeste.

A coleção Cartografias GELNE é uma referência para a pesquisa na área de Linguística e Letras na região Nordeste, e, esperamos, inspiração para que outras regiões onde a área ainda passa pelo período de implantação e consolidação se aventurem a cartografar.



PANORAMA DOS ESTUDOS EM MORFOLOGIA E INTERFACES NA REGIÃO NORDESTE: UMA CARTOGRAFIA INTRODUTÓRIA

Natival Almeida Simões Neto
Antonia Vieira dos Santos
Mailson dos Santos Lopes

Introdução

Neste capítulo, apresentamos um panorama das pesquisas realizadas na área de Morfologia na região Nordeste do Brasil. Trata-se de um trabalho de natureza não exaustiva, mas de fundamental importância, não só pelo seu pioneirismo, mas também por permitir identificar as principais agendas investigativas na região e garantir a preservação de uma memória acadêmico-científica dos estudos linguísticos. Esperamos que o levantamento e a discussão feitos neste texto possam fomentar mais ações na formação de recursos humanos na área, oferecendo o devido suporte ao ensino e à pesquisa no Nordeste e, por extensão, no Brasil.

A Morfologia é geralmente definida como a área da linguística que estuda a estrutura interna da palavra. O termo é constituído pelos elementos *morf(o)-*, do grego *morphé* "forma", e *-logia*, do grego *logía* "estudo", e foi inicialmente utilizado na área de ciências da natureza, como a Botânica e a Geologia (VIARO, 2010).

O seu emprego na Linguística se deu no século XIX, referindo-se ao estudo da forma das palavras. A estrutura interna de uma palavra consiste não na mera combinação de morfemas – elementos mínimos significativos –, mas na sua organização enquanto unidades da primeira articulação, podendo resultar desse arranjo uma nova palavra ou a forma de uma mesma palavra, tratadas, respectivamente, pela Morfologia Lexical ou Derivacional¹ e pela Morfologia Flexional, divisão comumente reconhecida no âmbito dos estudos linguísticos.

Ambas as morfologias, no entanto, não possuem natureza discreta, o que significa dizer que a fronteira entre as duas não é categórica, especialmente no que diz respeito a determinados fenômenos linguísticos. A Morfologia Flexional trata da variação da forma de uma palavra com a finalidade principal de adequá-la a um determinado contexto sintático. A Morfologia Lexical ou Derivacional trata dos mecanismos de formação de novas palavras na língua: derivação (*stricto sensu*), composição, reduplicação, *clipping* ou truncamento, *blending* ou cruzamento vocabular, siglagem, entre outros. Enquanto os processos flexionais não alteram a categoria lexical da palavra (*mesa*, no singular, é um substantivo; *mesas*, no plural, permanece um substantivo), os derivacionais *podem* alterá-la²: *mentira*, substantivo, passa a adjetivo em *mentiroso*; *discernir*, verbo, passa a substantivo em *discernimento*; *triste*, adjetivo, passa a verbo em *entristecer*.

Além da derivação (*stricto sensu*), a composição também forma palavras na língua a partir de outras existentes. Em português, há vários padrões de composição, como substantivo +

-
- 1 Conforme aponta Rodrigues (2016), quando se fala em Morfologia Derivacional, deve-se ter em mente que o adjetivo derivacional e o substantivo derivação, nesse contexto teórico, devem ser entendidos de maneira ampla (*lato sensu*), indicando todo e qualquer processo em que, a partir de uma ou mais palavras, novas unidades lexicais se formam.
 - 2 Embora haja processos em que não ocorre a alteração de categoria lexical – ler (verbo) → reler (verbo), abacate (substantivo) → abacateiro (substantivo) –, para alguns autores a mudança de classe é um dos critérios que caracterizam a derivação face à flexão.

substantivo (*bolsa-atleta, peixe-palhaço*), verbo + substantivo (*guarda-chuva, papa-moscas*), substantivo + adjetivo (*amor-perfeito, baleia-branca*) e substantivo + preposição + substantivo (*pé de cabra, flor de sal*). As combinações que envolvem pelo menos um radical, erudito ou vernáculo, também são consideradas, na proposta de alguns autores, palavras compostas em português: *antropólogo, raticida, hidromassagem, fumódromo, luso-brasileiro* (VILLALVA, 2003; RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016). Ao lado da derivação e da composição, figuram os processos ditos não concatenativos (GONÇALVES, 2016), que não envolvem, necessariamente, constituintes com valor morfêmico. É o caso do cruzamento vocabular (*brasiguaio* = brasi(leiro) + para(guaio)), do truncamento (*promô* = *promoção*), da siglagem (*UTI* = Unidade de Tratamento Intensivo) e da reduplicação (*chororô* = *choro* + *-rô*).

Importa também salientar que a Morfologia, enquanto área da gramática, mantém relações estreitas com a Fonologia, a Semântica, a Sintaxe, o Léxico e a Pragmática. Dessas relações, emergem subáreas como: (a) *Morfossintaxe*, que trata de aspectos relacionados à flexão, refletindo, sobretudo, acerca de mecanismos de concordância nominal e verbal, mas, também, indo além do domínio da palavra, ao tratar de questões relacionadas ao sintagma; (b) *Morfofonologia*, que investiga aspectos fonológicos atinentes aos processos morfológicos, como a queda do /d/ no uso do gerúndio, a alomorfia condicionada fonologicamente, a alternância vocálica morfêmica ou submorfêmica, a formação de palavras por processos não concatenativos; (c) *Morfossemântica*, que aborda os aspectos de significado atuantes nos processos morfológicos, como as relações de polissemia, homonímia, sinonímia e antonímia entre formativos e os processos metafóricos e metonímicos ligados à formação de palavras; (d) *Morfolexicologia*, que se volta à descrição de processos que atuam na renovação do léxico das línguas, destacando-se a análise morfológica dos chamados neologismos; (e) *Morfopragmática*, que analisa propósitos

comunicativos e interacionais ligados à formação de palavras. Os trabalhos desenvolvidos na área de Morfologia e suas interfaces podem adotar um viés sincrônico e/ou diacrônico, sob diferentes quadros teóricos, tais como o Estruturalismo, o Gerativismo (lexicalista e anti-lexicalista), o Funcionalismo, a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva.

Para traçarmos este primeiro panorama dos estudos morfológicos na Região Nordeste, consideramos toda essa gama de interfaces e abordagens teórico-metodológicas, em um levantamento feito a partir de duas fontes: o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>) e a lista de programas acadêmicos de pós-graduação elencados no site do GELNE (<https://gelne.com.br/mestrado-doutorado.php>). Em relação ao Catálogo de Teses e Dissertações, fizemos a busca por palavras-chaves, como *morfologia*, *morfossintaxe*, *morfema*, *morfológico*, *morfossintático*, *morfosseântica*, *prefixação*, *prefixo*, *sufixo*, *sufixação*, *flexão*, *derivação*, *composição*, *neologia*, entre outras, aplicando filtros relativos ao período (de 2001-2023) e à instituição de execução. Com base na lista de programas acadêmicos disponibilizada no site do GELNE, consultamos os currículos Lattes dos docentes credenciados, com o intuito de identificar aqueles que atuam na área de Morfologia e suas interfaces. Recolhemos informações relativas a orientações – concluídas e em andamento – de teses e dissertações, bem como trabalhos de conclusão de curso de graduação e planos de trabalho de iniciação científica.

Feitas essas considerações iniciais, na próxima seção, constituída de nove subseções (uma para cada estado do Nordeste), descrevemos minuciosamente os resultados do levantamento realizado. O capítulo segue com as considerações finais, onde, a partir dos dados levantados, apresentamos uma esquematização das linhas investigativas identificadas para a área de Morfologia e interfaces.

Os estudos em Morfologia e interfaces na região Nordeste

Nesta seção, a descrição dos dados coletados é apresentada por estado e em ordem alfabética: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Em nenhum dos programas consultados, consta uma linha de pesquisa específica de Morfologia e/ou interfaces. Entretanto, em linhas como “Teoria linguística”, “Descrição e análise linguística”, “Variação e mudança”, bastante presentes em tais programas, foram desenvolvidos os trabalhos aqui listados.

Alagoas

No estado de Alagoas, a UFAL – Universidade Federal de Alagoas tem o programa de pós-graduação mais antigo na área de Letras, o PPGLL – Programa de Pós-graduação de Letras e Linguística, que possui duas áreas de concentração: “Linguística” e “Estudos Literários”. A área de Linguística possui quatro linhas: “Estudos textuais e enunciativos: oralidade, leitura e escrita”, “Discurso: sujeito, história e ideologia”, “Linguística Aplicada” e “Teoria e Análise Linguística”. São frutos de pesquisadores relacionados com essa última linha, “Teoria e Análise Linguística”, os trabalhos em Morfologia desenvolvidos na UFAL.

No começo do século XXI, destacam-se, entre as teses e dissertações na área de Morfologia, aquelas orientadas por Adair Pimentel Palácio, especialista em descrição de línguas indígenas faladas no Brasil. São exemplos: “Aspectos da fonologia e morfologia da língua Aikanã” (2002) e “Aspectos da morfossintaxe do Guarani Antigo” (2002), de Ione Pereira Vasconcelos e Daniele Marcelle Grannier Rodrigues, respectivamente.

Em relação à morfologia do português, os trabalhos mais antigos encontrados são as dissertações: (a) “Das variantes dos adjetivos de cor compostos: subsídios para a discussão da pro-

posta de uma gramática-padrão da língua portuguesa” (2001), de Ana Galdina dos Santos, sob orientação de Paulo José Silva Valença; e (b) “Um estudo sobre nasalização e variação lingüística em Alagoas: Quando [i] inicial ocorre como prefixo, assimilação ou como analogia” (2001), de Pelópidas Almeida de Araújo, sob orientação de Maria Denilda Moura (*in memoriam*), reconhecida, nacional e internacionalmente, por seus trabalhos na área de sintaxe e morfossintaxe.

Maria Denilda Moura, embora tenha se consolidado como estudiosa da Gramática Gerativa, também se destacou por trabalhos na perspectiva variacionista. Entre os trabalhos de morfossintaxe orientados por ela, estão: (a) a tese “A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu” (2004), de Cláudia Roberta Tavares Silva; (b) a dissertação “A concordância de número e de gênero entre o DP pronominal *a gente* e o predicativo: uma comparação entre o português brasileiro e o português europeu” (2008), de Thaíse dos Santos Tenório; (c) a tese “Operação Agree e construções partitivas no Português Brasileiro e no Português Europeu” (2009), de Mirian Santos de Cerqueira; (d) a tese “Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro” (2010), de Rafael Bezerra de Lima; (e) a dissertação “Dativo latino” (2013), de Renata Figueiredo de Castro; (f) a tese “A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió” (2013), de Renata Lívia de Araújo Santos.

Entre os temas de morfossintaxe recorrentes nas produções e orientações de Maria Denilda Moura, estão: concordância nominal, concordância verbal, teoria dos casos, aquisição de categorias morfossintáticas e morfossintaxe contrastiva entre português brasileiro e português europeu. Esses temas, associados aos estudos da Gramática Gerativa e da Teoria da Variação e da

Mudança, são os principais tópicos investigados/orientados por docentes do PPGLL-UFAL atualmente.

Adeilson Pinheiro Sedrins, Aldir Santos de Paula, Dannel da Silva Carvalho, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória e Telma Moreira Vianna Magalhães são, hoje, os pesquisadores do PPGLL-UFAL que trabalham com temas relacionados à morfosintaxe. Adeilson Sedrins, ex-orientando de Maria Denilda Moura e docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, orientou, no âmbito do PPGLL-UFAL, programa do qual é egresso, a dissertação “A concordância verbal na fala do coruripense: uma análise sociolinguística variacionista”, de Pollyanna Vanessa dos Santos Vieira (2019). Atualmente, estão em andamento as orientações da dissertação “A realização do artigo definido no português falado em Maceió-AL”, de Ricardo Soares da Silva, e das teses “Apontações pronominais pessoais e apontações demonstrativas em Língua Brasileira de Sinais” e “Concordância em Libras”, de Marcos Grutzmacher e Thaysa Oliveira Barbosa, respectivamente.

Aldir Santos de Paula, professor titular da UFAL, foi orientando de Adair Pimentel Palácio, no seu mestrado (1992) na Universidade Federal de Pernambuco, cujo tema foi a descrição de aspectos morfológicos e fonológicos da língua indígena Poyanáwa. Os dados de orientações de Aldir de Paula apontam que o seu trabalho de pesquisa se voltou mais fortemente para a fonologia e para a sintaxe do português. Entre os trabalhos de morfosintaxe orientados pelo referido pesquisador, estão: (a) a dissertação “A concordância de número no sintagma nominal: uma análise sociolinguística em Maceió” (2016), de Andressa Kaline Luna de Oliveira Marques; (b) e a dissertação “A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo na oração principal em contextos hipotéticos na fala de alagoanos” (2010), de Fernando Augusto de Lima Oliveira; (c) a tese “A variação, na apódose, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alago-

anos: as categorias semântico-discursivas de Tempo, Aspecto e Modalidade”, também de Fernando Augusto de Lima Oliveira.

Daniel da Silva Carvalho, ex-orientando de doutorado de Maria Denilda Moura, atuou, por mais de uma década, na Universidade Federal da Bahia, na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura. Recém-credenciado no PPGLL-UFAL, do qual é egresso, Daniel da Silva Carvalho orienta, no momento, as dissertações “Contrastes de gênero associados a nomes no português” e “O determinante e atribuição de gênero no português brasileiro: usos de linguagem neutra”, de Cecília de Lima Silva e Elaine Rodrigues de Souza Silva, respectivamente.

Elyne Aguiar Vitória é também egressa do PPGLL-UFAL, tendo sido orientada por Aldir de Paula tanto no mestrado quanto no doutorado. A dissertação e a tese de Elyne Vitória, dentro de uma perspectiva sociolinguístico-variacionista, trataram de construções existenciais com os verbos *ter* e *haver* na fala de alagoanos. Na sua atuação na graduação e na pós-graduação da UFAL, Elyne Vitória tem abordado questões de morfossintaxe relacionadas à concordância verbal, como se pode ver nos seguintes trabalhos orientados: (a) “Concordância verbal com o pronome *a gente* no sertão alagoano” (2018), trabalho de conclusão de curso de Fernanda Gabrielle Costa Rodrigues; (b) “A variação *nós* e *a gente* na posição sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Águia Branca-AL” (2020), dissertação de Maria Helena Menezes de Souza; (c) “Variação *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas alagoanas” (2020-2021), projeto de iniciação científica de Mardiny Ariadny Santana; (d) “Concordância verbal com pronome *nós* na zona rural de Pariconha-AL” (2021), dissertação de José Anilton Alves da Silva. Em andamento, Elyne Vitória tem orientações de trabalhos que tratam da questão da concordância verbal relacionada ao sistema pronominal em uso no português brasileiro.

Por fim, Telma Magalhães tem, no seu rol de orientações, trabalhos que tratam da questão da concordância e da aquisição de categorias morfossintáticas. São exemplos: (a) a dissertação “Aquisição do número gramatical na concordância nominal interna ao DP no português brasileiro” (2011), de Jomson Teixeira da Silva Filho; (b) a dissertação “A concordância verbal na fala de moradores da comunidade quilombola Muquém União dos Palmares – Alagoas” (2013), de Dariana Nunes dos Santos; (c) a tese “Concordância verbal de número no português brasileiro: a realidade de comunidades quilombolas alagoanas” (2020), também de Dariana Santos.

Bahia

Na Bahia, o Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi, por mais de três décadas, o único programa da área. Esse programa findou-se em 2010, quando foi dividido em dois: “Literatura e Cultura” (PPGLitCult) e “Língua e Cultura” (PPGLinC), que estão ativos até os dias atuais. Ainda na primeira década do século XXI, as universidades estaduais da Bahia deram início aos seus programas acadêmicos na área de Letras e Linguística, com mestrado apenas. Na avaliação quadrienal de 2013-2016, o Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), o Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), e o Programa de Pós-graduação em Letras: linguagens e representações (PPGL), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), alcançaram nota 4, o que permitiu a implementação de cursos de doutorado nos programas.

No antigo PPGLL-UFBA, os trabalhos em morfologia apareciam nas três linhas da antiga área de concentração “Linguística Histórica”: (a) “Constituição histórica do português”; (b) “Mudanças linguísticas na România”; (c) “Diversidade linguística no Brasil”. No atual PPGLinc-UFBA, os trabalhos em morfologia se vinculam às três linhas da área de concentração “História e funcionamento das línguas naturais”: (d) Linguística Histórica, Filologia e História da Cultura Escrita; (e) Dialetoлогия e Sociolinguística; e (f) Teoria da Gramática.

Rosa Virgínia Mattos e Silva (*in memoriam*), Rosauta Poggio, Serafina Pondé, Suzana Alice Cardoso (*in memoriam*), Teresa Leal Pereira e Therezinha Barreto e Dante Lucchesi orientaram trabalhos de morfologia e interfaces no antigo PPGLL. No PPGLinC, destacam-se as orientações feitas por Alan Norman Baxter, Américo Machado Filho, Antonia Vieira dos Santos, Dannel Carvalho, Josane Oliveira, Juliana Soledade, Mailson Lopes, Maria Cristina Figueiredo, Sônia Borba Costa e pelos já mencionados Suzana Alice Cardoso e Dante Lucchesi.

Rosa Virgínia Mattos e Silva, notabilizada por seus trabalhos descritivos do português arcaico, orientou dissertações e teses que abordaram questões morfológicas, flexionais ou derivacionais, da língua portuguesa no referido período. Destacam-se: (a) a dissertação “Aspectos morfolexicais do português arcaico – sufixação nos séculos XIII e XIV” (2001), de Juliana Soledade; (b) a dissertação “Os usos do mais-que-perfeito simples e sua substituição pelo tempo composto em textos representativos do português arcaico” (2003), de Pascásia Reis; (c) a dissertação “Concordância verbal em português: o que nos revela o período arcaico?” (2005), de Pedro Daniel dos Santos Souza; (d) a tese “Semântica morfoléxica: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico” (2005), de Juliana Soledade; (e) a tese “Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e

NPrepN no Português Arcaico (séc. XIII a XVI)”, de Antonia Vieira dos Santos.

Rosauta Poggio orientou a tese “Prefixos derivados de preposições em textos de língua portuguesa do século XVII ao XIX” (2007), de Davi de Oliveira Santana. Vale ressaltar que esse trabalho utiliza o arcabouço teórico do funcionalismo, com destaque para a discussão da gramaticalização de preposições latinas, tema no qual Rosauta Poggio se especializou. Já Serafina Pondé se destacou por seus trabalhos na perspectiva gerativista de orientação lexicalista. A sua dissertação, “Um aspecto de aquisição lexical: o mecanismo da derivação” (1984), é, segundo Basílio (2006), um marco importante da difusão da abordagem gerativa do léxico no Brasil. Orientou os seguintes trabalhos: (a) a dissertação “Metáfora e Metonímia: o traço de união entre os compostos” (2002), de Alba Valéria Tinoco Alves Silva; (b) a dissertação “Gênero Lingüístico e Constituinte Semântica” (2005), de Braulino Pereira de Santana; (c) a tese “Intersecções entre Morfologia e Léxico no Conceito de Entrada Lexical” (2010), também de Braulino Santana.

Suzana Alice Cardoso orientou a dissertação “Derivação e oralidade na experiência de falantes de Salvador” (2001), de Sandra Pereira Prudêncio, um dos poucos trabalhos de morfologia derivacional no âmbito da Sociolinguística. Os trabalhos em morfologia orientados por Teresa Leal Pereira se inserem ou na perspectiva do funcionalismo, ou no debate da neologia. Alguns dos trabalhos encontrados foram: (a) a tese “Enlaces e desenlaces entre participios e gerúndios” (2004), de Jaciara Nogueira; (b) a dissertação “Processos de prefixação: estudo de prefixos latinos provenientes de preposições e seus reflexos no português” (2007), de Ivan Menezes Calazans; (c) a dissertação “Neologismos em exemplares do jornal A Tarde” (2008), de Diene Couto da Silva.

Therezinha Barreto, também pelo viés do funcionalismo, orientou as dissertações “Modo imperativo: sua manifestação/

expressão no português contemporâneo” (2001) e “A gramaticalização do não como prefixo no português brasileiro contemporâneo” (2001), de Dilcéia Sampaio (*in memoriam*) e Lucas Santos Campos, respectivamente. No nível de doutorado, orientou as teses “A expressão do imperativo no português do século XVI ao século XX” (2004), “A negação prefixal na história da língua portuguesa” (2004) e “Carteando e dialogando com o pretérito mais-que-perfeito: caminhos trilhados do século XVI ao XX” (2011), de Dilcéia Sampaio, Lucas Santos Campos e Joalêde Bandeira, respectivamente.

Ainda no âmbito do PPGLL-UFBA, Dante Lucchesi orientou trabalhos sobre a morfossintaxe do português afro-brasileiro, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Alguns dos trabalhos encontrados foram: (a) a dissertação “A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia” (2003), de Jorge Augusto Alves da Silva; (b) a dissertação “Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil – variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro” (2003), de Patrícia Ribeiro de Andrade; (c) a dissertação “A variação no uso do modo subjuntivo do português afro-brasileiro” (2005), de Sônia Moreira Coutinho; (d) a dissertação “A concordância nominal em predicativos do sujeito e estruturas passivas no português popular do interior do Estado da Bahia”, de Vivian Antonino da Silva (2007); (e) a dissertação “A flexão de caso dos pronomes pessoais no português popular do interior do estado da Bahia” (2009), de Elisângela dos Passos Mendes; (f) a tese “A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolingüístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia” (2005), de Jorge Augusto Alves da Silva; (g) a tese “A concordância verbal na fala de Salvador: duas realidades sociolingüísticas” (2005), de Constância Maria Souza; (h) a tese “O português popular de Salvador: uma análise da concordância

nominal em predicativos do sujeito e estruturas passivas” (2012) de Vivian Antonino da Silva.

No atual PPGLinC-UFBA, Alan Norman Baxter, Américo Machado Filho, Dante Lucchesi, Josane Oliveira, Maria Cristina Figueiredo e Suzana Alice Cardoso orientaram ou têm orientado trabalhos sobre a morfossintaxe do português brasileiro e de variedades africanas do português, sob o viés da Sociolinguística e da Dialectologia. Alan Baxter orientou a dissertação “Variação na concordância verbal P4 no português da comunidade Almojarife, São Tomé-África” (2015), de Thamiris Coelho. Américo Machado Filho orientou a dissertação “As formas de expressão de futuridade no português brasileiro contemporâneo: dados do Projeto ALiB” (2012), de Isamar Neiva de Santana. Dante Lucchesi orientou a dissertação “A expressão de futuro na fala popular do interior do Estado da Bahia” (2015), de Isabel Silva Silveira, e as teses “A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro” (2014), de Silvana Araújo, “Fala tu ~ Fale você: a expressão variável do imperativo no português popular da Bahia” (2016), de Lanuza Santos, “A flexão de caso pronominal no continuum do português popular da Bahia” (2016), de Elisângela Passos Mendes, e “Entre o semiárido e o recôncavo baianos: a expressão de futuro no português falado em Feira de Santana” (2018), de Franciane Rocha.

Josane Oliveira, docente da UEFS que atua no PPGLinC, tem duas orientações em andamento que abordam questões de morfologia. São elas: “A variação na flexão de gênero no Brasil: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil”, de Élide Elen da Paixão Santana, e “Alomorfia de plural no português brasileiro: uma análise pluridimensional do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)”, de Jadione Almeida.

No âmbito da morfossintaxe, Maria Cristina Figueiredo orientou a tese “A concordância nominal de número no português

do interior da Bahia: interferência do contato entre línguas” (2022), de Thamiris Coelho. Suzana Alice Cardoso, por último, orientou a dissertação “O gênero na Região Nordeste: morfologia e estigma social” (2015), de Élide Elen da Paixão Santana, que atualmente cursa o doutorado no programa. Também numa abordagem morfossintática, mas por um viés formalista, merece destaque a dissertação “Traço e concordância de gênero e a constituição da gramática do português” (2014), de Ícaro Bismarck Lopes, orientada por Danniell da Silva Carvalho, que, hoje, atua somente na UFAL.

Em relação à morfologia lexical, Antonia Vieira dos Santos, egressa do PPGLL-UFBA e coautora deste capítulo, orientou a dissertação “Compostos NN no português clássico (séculos XVII e XVIII)” (2022), de Yasmim Conceição Borges, e está orientando a dissertação “Compostos morfológicos na língua portuguesa (séculos XVI e XVII): uma abordagem construcional”, de Ian Lezan Salvador. Na graduação, orientou os trabalhos de conclusão “A formação de verbos por empréstimo no jogo *online* League of Legends” (2018), de Isabele Mansur Costa Bittencourt, e “Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil” (2016), de Letícia Santos Rodrigues. Na iniciação científica, orienta trabalhos sobre composição nos períodos arcaico e clássico da língua portuguesa e formação de antropônimos. Alguns desses trabalhos são: “Estudo de compostos e mecanismos de composição de palavras em documentos notariais dos séculos XII, XIII e XIV” (2014-2015), de Cíntia Maria Teixeira de Moraes, “Compostos NN no Vocabulário de Bluteau (1712-1728)” (2019-2020), de Victoria Triebig, e “A formação de prenomes por mecanismos de composição: a justaposição” (2019-2020), de Jaqueline Bobko Pellens.

Juliana Soledade, também egressa do PPGLL-UFBA, orientou as dissertações e teses de Mailson dos Santos Lopes e Natival Almeida Simões Neto, coautores deste capítulo. Os trabalhos orientados por Juliana Soledade se destacam pelo caráter histórico e

pelo uso da Morfologia Construcional. A dissertação de Mailson Lopes se intitula “A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV” (2013), e a tese, “Estudo histórico-comparativo da prefixação no português, no galego e no castelhano arcaicos (séculos XII-XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos” (2018). Diferentemente de Mailson Lopes, que trabalhou com prefixação, Nativel Simões Neto trabalhou com aspectos de sufixação. A sua dissertação se intitula “Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico” (2016), e a tese, “O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional” (2020). Na graduação, Juliana Soledade orientou o trabalho de conclusão de curso “A marcação do gênero em neologismos por empréstimos em traduções para a língua alemã” (2014), de Mateus Santiago, e projetos de iniciação científica relacionados à morfologia derivacional do português arcaico e à formação de antropônimos. Exemplos são: “A sufixação na formação de antropônimos luso-brasileiros, a partir da lista de aprovados no vestibular da UFBA 2005.1” (2007-2008), de Maria Cecília Souza, “Sinmorfismo no português arcaico” (2013-2014), de Dayse Oliveira, e “Homonímia e polissemia em prefixos de negação no português arcaico” (2013-2014), de Fernanda Oliveira Silva, e “Elementos de origem germânica na formação de antropônimos em língua portuguesa” (2014-2015), de Letícia Santos Rodrigues.

Mailson Lopes, egresso do PPGLinC-UFBA, foi recém-credenciado no programa e está orientando a dissertação “Construções participiais e de participiais na constituição do léxico do português arcaico em sua primeira fase (séculos XII a XIV)”, de Matheus Machado Pinto. Na graduação em Letras, Mailson orientou projetos de iniciação científica que tratam de prefixação. Alguns exemplos são: “Cotejo entre vocábulos corradicais sinonímicos constituídos pelos prefixos a(d)- e en-/in- no português e no espanhol

contemporâneos” (2020-2021) e “Cotejo entre vocábulos corradicais sinonímicos constituídos por prefixos de negação no português e no espanhol contemporâneos” (2021-2022), ambos desenvolvidos por Carolina Alves Zuanny, “Caracterização morfolexical, semântica e etimológica do elemento prefixal *per-* no galego-português e no castelhano dos séculos XII a XIV” (2015-2016), feito por Alexsandro da Silva Oliveira, e “Estudo histórico-comparativo do prefixo *re-* no galego-português e no castelhano dos séculos XII e XIII: aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos” (2014-2015), de Pryska Uylla Maia de Cerqueira.

Maria Cristina Figueiredo orientou, no nível de mestrado, as dissertações “Construções com verbo leve: o elemento nominal e a leitura final” (2016), de Daniela Almeida Alves, “Os traços de aspecto lexical e as nominalizações em *-ção* e *-mento*” (2016), de Raísa Reis dos Santos, “Os sufixos *-ecer* e *-izar*: um estudo sobre as formações dicionarizadas e não dicionarizadas” (2016), de Carla Elisa Ferreira dos Santos, e “As formações em *-dor*: uma análise sintático-semântica” (2019), de Karem Evelyn Nogueira Bacellar. No nível de doutorado, orientou as teses “O status sintático do PP em construções de verbo leve” (2022) de Daniela Almeida Alves, e “A estrutura interna das nominalizações em *-ção* e *-mento*” (2023), de Raísa Reis dos Santos. Em andamento, estão as orientações da tese “Os sufixos *-izar* e *-ecer* e *-ar*: um estudo sobre o licenciamento”, de Carla Elisa Ferreira dos Santos, e “Um olhar para a variação morfológica na base de dados do Projeto ALiB: investigando os campos semânticos de profissões e ocupações e convívio e comportamento social”, de Fernanda Oliveira Silva. Destaca-se, nos trabalhos orientados por Maria Cristina Figueiredo, o uso do modelo teórico de Morfologia Distribuída.

Por último, cabe ressaltar, a dissertação “Gramaticalização de advérbios formados com o morfema *-mente*: uma proposta de categorização semântica”, de Ione Pereira dos Santos, orientada por Sônia Borba Costa, atualmente desligada do PPGLinC-UFBA.

No PPGEL-UEFS, trabalhos que tocam em temas relacionados à morfologia têm se encaixado na linha “Variação e mudança linguística no português” e sido orientados por Josane Oliveira, Silvana Araújo, Rita Queiroz e Natival Simões Neto. Josane Oliveira, no âmbito desse programa, orientou as dissertações “O apagamento de /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de Feira de Santana-BA” (2021), de Marcelo dos Santos, “A expressão variável do futuro verbal em campanhas políticas de Feira de Santana-BA” (2015), de Fernanda dos Santos Almeida, e “A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito no português falado em Feira de Santana-BA” (2014), de Aline da Silva Santos. Todos esses trabalhos seguem o viés da Sociolinguística Variacionista.

Também de natureza sociolinguístico-variacionista são os trabalhos orientados por Silvana Araújo, que orientou as seguintes dissertações que tratam de temas relativos à morfossintaxe do português brasileiro: (a) “A variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades rurais do semiárido baiano” (2016), de Siméia Daniele do Carmo; (b) “A percepção da concordância verbal no continuum rural-urbano: uma análise sociolinguística da fala de estudantes do município de Tucano-BA” (2019), de Nilton Carlos Souza; (c) “A concordância nominal de número na fala culta de Feira de Santana-BA” (2019), de Givaldo Cândido da Silva; (d) “Variação na concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural na comunidade rural afro-brasileira Mussuca – Laranjeiras/Sergipe: uma análise sociolinguística” (2022), de Juliete Bastos Macedo.

Rita Queiroz orientou trabalhos sobre formação de neologismos na língua portuguesa, destacando alguns processos morfológicos. Foram computadas duas dissertações nessa perspectiva: “Neologismo em foco: inovações lexicais no Jornal Massa!” (2017), de Vanessa Oliveira Silva Gama, e “Petrolão lexical: neologismos políticos constantes na Revista Veja (2016)” (2020), de Elisângela dos Santos Silva Ribeiro.

Por último, Nival Simões Neto, docente do PPGEL desde 2021, orienta trabalhos que analisam variados fenômenos a partir do viés construcional. Entre as orientações de mestrado em andamento, estão: “Uma análise construcional dos padrões com gerúndio na língua portuguesa (séculos XVII-XX)”, de Larissa Nascimento Pedreira de Souza, e “Tchutchuca do centrão, Marreco de Maringá e Seu Ladir da Intercept: uma análise sociocognitiva e construcional de antropônimos antonomásticos do português brasileiro do século XXI”, de Luan Oliveira Mendes. Na graduação orientou os trabalhos de conclusão de curso “A antroponímia em Riachão do Jacuípe-BA: uma análise linguística e histórica” (2022) e “Galicismos antroponímicos e neologismos com formativos de origem francesa: olhares para o léxico de Salvador e de Feira de Santana-BA” (2018), de Anderson Brandão e Deise Conceição, respectivamente. Entre os projetos de iniciação científica, foram registrados: “Sufixos improdutivo no português arcaico: um estudo histórico e descritivo de hápax e quasi-hápax sufixais” (2021-2022), de Carmelúcia Félix, e “O esquema [XNi-osus]A na língua latina: uma abordagem construcional” (2021-2022), de Mônica Carneiro.

No PPGLin-UESB, questões de morfologia têm sido discutidas em trabalhos desenvolvidos nas linhas “Descrição e análise de línguas naturais” e “Aquisição e desenvolvimento da Língua(gem) Típica e Atípica” e orientados por Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira, Elisângela Gonçalves da Silva, Jorge Augusto Alves da Silva, Valéria Viana Sousa e Vera Pacheco.

Adriana Lessa de Oliveira tem orientado trabalhos que tratam da LIBRAS e, em alguns deles, aparecem questões relacionadas a categorias morfológicas. Exemplos são as dissertações “A categoria dos verbos na língua brasileira de sinais” (2015), de Ione Barbosa de Oliveira Silva, “A categoria adverbial na interlíngua Português-Libras” (2017), de Marcelo Meira Alves, “Trocac categoriais de nomes e verbos na aquisição da escrita do portu-

guês brasileiro por surdos” (2018), de Wasley de Jesus Santos, e “A questão da categorização morfológica para nome e verbo em Libras” (2019), de Ediléia Lavras dos Santos Santana. Todos esses trabalhos se inserem na linha de “Aquisição e desenvolvimento da Língua(gem) Típica e Atípica”.

Na linha de “Descrição e análise de línguas naturais”, Elisângela Silva orienta, no momento, a dissertação “Estudo das palavras complexas por composição no português brasileiro”, de Ellen Silva dos Santos. Jorge Augusto Alves da Silva orientou as seguintes dissertações “O uso do futuro perifrástico com o verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista” (2016), de Milca Etinger Silva, “Trajetória do mais que perfeito: contribuições para a história do português popular de Vitória da Conquista” (2016), de Sivonei Ribeiro Rocha, e “A concordância nominal de número na Comunidade Quilombola de Rio das Rãs: análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas” (2019), de Lécio Barbosa de Assis. Todas as dissertações orientadas por Jorge Augusto Alves da Silva se norteiam pela Sociolinguística Variacionista.

Valéria Viana Sousa orienta recorrentemente trabalhos voltados a construções sintáticas e marcadores discursivos, mas algumas das suas orientações podem ser enquadradas em morfossintaxe, como é o caso da tese em andamento “A construcionalização do modo subjuntivo: uma abordagem centrada no uso”, de Vania Raquel Amorim.

Vera Pacheco orienta alguns trabalhos que se situam na interface entre Morfologia e Fonologia, a sua especialidade. São exemplos a dissertação “Haplologia à luz da Teoria da Otimidade e à luz da percepção do falante nativo” (2017) e a tese em andamento “Estudo do ritmo no processo do *blend*: uma abordagem fonológica”, ambas de Emerson Viana Braga.

No PPGL – Programa de Pós-graduação em Letras: linguagens e representações, da UESC, constam três linhas de pesqui-

sa: “Literatura e interfaces”, “Linguística Aplicada” e “Linguagem e Estudos de Gênero”. Os poucos trabalhos de linguística descritiva estão inseridos na linha de Linguística Aplicada, sob orientação de Gessilene Kanthack. Esses trabalhos, porém, estão na área de sintaxe, não havendo, portanto, contribuições diretas para os estudos morfológicos.

A última instituição observada no estado da Bahia foi a UNEB, representada pelo PPGEL-UNEB. Nesse programa, questões de morfossintaxe perpassam alguns dos trabalhos orientados por Norma Lopes, atualmente aposentada. São os casos das dissertações “A expressão da futuridade verbal em Santo Antônio de Jesus: uma análise variacionista” (2012), de Eduardo Pereira Santos, e “Um estudo sobre a variação do pretérito em Salvador-BA” (2022), de Mônica Neves da Silva Lopes. Como os próprios títulos sugerem, são trabalhos inseridos na perspectiva da Sociolinguística.

Ceará

O estado do Ceará tem quatro programas acadêmicos na área de Letras, sendo três na Universidade Federal do Ceará (UFC), “Letras”, “Estudos da Tradução” e “Linguística”, e um na Universidade Estadual do Ceará (UECE), “Linguística Aplicada”. Desses quatro, o Programa de Linguística da UFC, nas linhas de “Aquisição, desenvolvimento e processo da linguagem” e “Descrição e análise linguística”, tem comportado mais produtivamente trabalhos que abordam tópicos de morfologia. Foi também encontrado um trabalho no Programa de Linguística Aplicada, da UECE, o PosLA.

No Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL-UFC), os trabalhos em morfologia produzidos no começo do século XXI foram orientados por Paulo Mosânio Teixeira Duarte (*in memoriam*). Alguns exemplos foram as dissertações: “Criações lexicais

prefixais em Manuelzão e Miguilim, noites do sertão e primeiras estórias de Guimarães Rosa” (2001), de Kilpatrick Müller Bernardo Campelo, e “A formação de palavras com prefixos e pseudoprefixos na nomenclatura farmacêutica” (2003), de Antídio Barbosa de Oliveira.

Atualmente, os trabalhos em morfologia e suas interfaces, no PPGL-UFC, têm sido orientados por Hebe Macedo de Carvalho, Leonel Figueiredo de Alencar Araripe, Márcia Teixeira Nogueira, Maria Silvana Militão de Alencar, Márluce Coan e Mônica de Souza Serafim.

Hebe de Carvalho, sob o viés da Sociolinguística Variacionista, orientou as dissertações “O uso variável do imperativo na fala de Fortaleza” (2015), de Jean Carlos Silva Lacerda, e “Alternância subjuntivo/indicativo em orações declarativas independentes sob escopo de modalizadores epistêmicos de dúvida na Cidade do México” (2014), de Júlio César Lima Moreira. Em andamento, há a dissertação “A alternância subjuntivo/indicativo na fala de Fortaleza em contexto de orações concessivas”, de Kelmy Camurça da Silva, e a tese “A alternância subjuntivo/indicativo/infinitivo na fala de Fortaleza nas décadas 1990 e 2000”, de Hugo Leonardo Gomes dos Santos.

Leonel Figueiredo de Alencar Araripe orientou trabalhos que se inserem na área da Linguística Computacional. São exemplos as dissertações “Morfologia Derivacional da Língua Portuguesa: o sufixo -vel na formação dos adjetivos” (2009), de Ana Lúcia Rocha Silva, “A formação de palavras no português do Brasil: um estudo dos sufixos -eir- e -ud- numa abordagem computacional” (2010), de Ednardo Luiz da Costa, “Adjetivos adverbializados: análise léxico-funcional e implementação computacional” (2018), de Daniel de França Brasil Soares, e “Expansão do MorphoBR através da modelagem computacional de processos de formação de palavras em português” (2019), de Hélio Leonam Barroso Silva.

Márcia Teixeira Nogueira orientou a dissertação e a tese de Emanuela Monteiro Gondim. A dissertação se chama “Os advérbios em -mente no português dos séculos XIV, XVI e XX” (2014), e a tese, “A flutuação categorial entre advérbios e adjetivos com função adverbial” (2019). Em ambos os trabalhos, foram aplicados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional.

Maria Silvana Militão de Alencar foi orientadora da dissertação “Aspectos linguísticos e socioculturais dos neologismos na obra literária Estórias Abensonhadas, de Mia Couto” (2022), de Leandro Vidal Carneiro. Nesse trabalho, são feitas algumas análises morfológicas de itens lexicais cunhados pelo autor moçambicano.

Márluce Coan tem orientado trabalhos em morfossintaxe que seguem o viés do Sociofuncionalismo. Destacam-se as teses “A multifuncionalidade do futuro do pretérito nos séculos XVIII, XIX e XX: uma análise sociofuncionalista em revistas do Instituto do Ceará” (2012), de Flávia Maurícia de Carvalho Dias, e “O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista” (2012), de Valdecy de Oliveira Pontes. Entre as dissertações, aparecem: “Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa” (2014), de Maria Hermínia Cordeiro Viana, “Uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em memórias literárias produzidas por alunos de escolas públicas brasileiras” (2015), de Micheline Guelry Albuquerque, e “Variação entre imperfeito do indicativo e imperfeito do subjuntivo em peças teatrais do século XIX ao século XXI” (2021), de Francion Maciel Rocha.

O único trabalho da linha de Linguística Aplicada do PPGL-UFC que abordou a morfologia foi a tese “Abordagens de ensino de gramática em exercícios morfológicos e morfossintáticos

de gramáticas didáticas da Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio” (2019), de Francisco Elton Martins de Souza, sob orientação de Mônica de Souza Serafim. Também no viés da Linguística Aplicada, mas no PosLA-UECE, foi encontrada a dissertação “Percepção e produção do morfema *-ed* do inglês por falantes do português brasileiro” (2021), de Lurdiane Alves da Costa, sob orientação de Wilson Júnior de Araújo Carvalho.

Maranhão

No estado do Maranhão, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), as pesquisas sobre morfologia e suas interfaces ocorrem no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLETRAS/CCH). O programa abriga o Curso de Mestrado Acadêmico em Letras, aprovado em maio de 2013, com área de concentração em Estudos da Linguagem e três linhas de pesquisa: 1: Descrição e Análise do Português Brasileiro; 2: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas e 3: Estudos Teóricos e Críticos em Literatura. O mapeamento das pesquisas evidenciou a quase inexistência de trabalhos sobre temas relacionados com a morfologia flexional ou derivacional/lexical.

Especificamente sobre morfologia derivacional, mapeamos alguns trabalhos sobre adjetivos em *-vel* de autoria de Ana Lúcia Rocha Silva, derivados da sua dissertação intitulada “Morfologia Derivacional da Língua Portuguesa: O sufixo *-vel* na formação dos adjetivos”, defendida em 2009, na UFC. Não obstante, não há registros, para a mesma docente, de qualquer modalidade de orientação acadêmica, finalizada ou em andamento, sobre esse tema. A morfologia flexional, abordada na perspectiva histórica, está presente no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O plural das palavras terminadas em *-ão* como fenômeno de evolução da língua portuguesa”, desenvolvido por Hariana Conceição Benício

desde 2021 sob a orientação de Veraluce da Silva Lima. Na perspectiva variacionista, registrou-se o TCC de Jovelina de Souza, intitulado “A concordância verbo-nominal na fala de universitários”, desenvolvido sob a orientação de Monica da Silva Cruz.

O levantamento realizado permitiu perceber a predominância de pesquisas de natureza sociolinguística, com destaque para a inter-relação entre morfologia e sintaxe. Citamos as seguintes investigações de mestrado orientados por Cibelle Correia Beliche Alves: 1) “Manda brasa! A variação do imperativo gramatical no falar maranhense”, de Matheus da Silva Lopes (em andamento), e 2) “Variação da primeira pessoa do plural no português maranhense” (2020), de Elimária Oliveira Lima. No âmbito da Iniciação Científica (IC), orienta, desde 2022, a pesquisa intitulada “A variação do imperativo no português falado no interior do Maranhão: para além da capital”, do aluno Lucas Brasil Sousa Coutinho, que havia desenvolvido, no ano anterior, a investigação sobre o “Uso variável do imperativo no falar maranhense”.

Aspectos da morfologia flexional também estão presentes em trabalhos de Conceição de Maria Ramos, produzidos individualmente ou em coautoria, sobre o fenômeno *menos/menas* e sobre a formação do plural na fala maranhense. Esses temas foram abordados em pesquisas de IC e em TCC. Foram encontrados os seguintes planos de IC: 1) “A formação do plural em itens nominais do português falado no Maranhão: o que mostram os dados do Projeto ALiMA”, de 2017-2018, de Layane Kessia Pereira Sousa; 2) “A variação menos/menas na fala de maranhenses: o que mostram os dados do projeto ALiMA”, de 2015-2016, de Amanda de Jesus Fernandes de Carvalho; 3) “Representação da primeira pessoa do plural no português falado no Maranhão: o que mostram os dados do ALiMA”, de 2011-2012, de Camilla Maramaldo Ferreira. Entre os TCCs, encontramos: 4) “Atlas Linguístico do Maranhão: o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito do indicativo no português falado no Maranhão – a variação de usos para a expressão

de hipóteses”; de 2011, de Wendel Silva dos Santos; 5) “A concordância verbal na fala de moradores dos povoados São Félix, Bitiua e Vila Nova, no município de Bacuri – Maranhão”, de 2009, de Jequélia Caldas da Silva; 6) “La cuestión del género: un estudio comparativo portugués-español”, de 2006, de Liana Márcia Gonçalves Mafra.

Também sob uma análise sociolinguística estão as dissertações orientadas por Georgina Santos – “Eu não falo assim, mas eles fala’: uma análise geossociolinguística da concordância verbal de terceira pessoa do plural na Mesorregião Norte Maranhense” (2021), de Israel Ferreira dos Santos –, Mônica Fontenelle Carneiro – “A fala de trabalhadores da indústria ludovicense: uma pesquisa sociolinguística em ambiente formal” (2020), de Jaciara Carvalho Costa.

O tema “neologismo” está presente nos seguintes trabalhos: 1) na dissertação orientada por Sonia Maria Correa Pereira Mugschi, “Quando os neologismos criam laços sociolinguísticos: investigação sobre o uso do neologismo pelos blogueiros políticos maranhenses”, defendida em 2017 por Renato Gomes dos Santos, 2) na dissertação orientada por Veraluce da Silva Lima, “Os anglicismos na escrita digital e o processo de inovação lexical no Português Brasileiro”, defendida em 2021 por Alba Catarina Gama Costa Penha, e, ainda, 3) na pesquisa de IC intitulada “Criatividade lexical: um estudo sobre o neologismo na rede social *Twitter*”, desenvolvida em 2016 por Dandara Sales de Lima, também sob a orientação de Veraluce da Silva Lima.

Ainda no estado do Maranhão, o levantamento estendeu-se ao Programa de Pós-graduação em Letras do *campus* Bacabal (PGLB/CCBA), fundamentado na interdisciplinaridade, sendo Linguagem, Cultura e Discurso a única área de concentração do Mestrado Acadêmico. Mapeamos, assim, atividades de orientação de Wendel Silva dos Santos que recaem sobre temas ligados,

direta ou indiretamente, à morfologia: 1) “A concordância verbal de primeira pessoa do plural e o continuum rural-urbano: uma análise à luz da Sociolinguística Variacionista Educacional na fala e escrita de alunos de duas escolas públicas da cidade de Bacabal-MA” (TCC – 2021), de Heloysa Cristiny Feitosa Rios Almeida; 2) “A realização da concordância nominal de número em Bacabal-MA” (TCC – 2019), de João Vítor Cunha Lopes, e 3) “Variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em textos escritos no Maranhão entre os séculos XIX e XX” (IC – 2022), de Laine Barros Fortes. Sob a orientação de Luís Henrique Serra, registramos a pesquisa de IC desenvolvida por Ellen Cristina Guimarães, intitulada “A variação morfológica da terminologia da cana-de-açúcar no português brasileiro”, iniciada em 2022.

Paraíba

No estado da Paraíba, o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), criado em maio de 2005, possui duas áreas de concentração – Teoria e Análise Linguística e Linguística e Práticas Sociais –, resultantes de reestruturação ocorrida em 2008, e oferece os cursos de Mestrado e Doutorado. O levantamento feito incidiu sobre as linhas de pesquisa “Diversidade e Mudança Linguística”, “Linguagem, sentido e cognição” e “Aquisição de linguagem e processamento linguístico”, vinculados à primeira área de concentração supracitada. Aspectos da morfologia derivacional estão presentes no livro *Construções agentivas em x-eiro e x-ista no falar pessoense*, de 2013, com coautoria de Jan Edson Rodrigues Leite, pesquisador na área da linguística cognitiva e da semântica, e, ainda, no capítulo de livro “Trajetória de gramaticalização do item linguístico ‘não’: de advérbio a prefixo”, de 2004, do qual Camilo Rosa Silva, que desenvolve pesquisas na área de Linguística Funcional, é coautor. Destaca-se, também, a dissertação “Os advérbios modalizadores em -mente no uso da língua: uma análise discursivo-

-pragmática” (2014), de Anderson Monteiro Andrade, desenvolvida na interface entre morfologia e discurso/pragmática, sob orientação de Denilson Pereira de Matos.

Observamos que grande parte dos trabalhos se enquadra no âmbito do processamento linguístico e da aquisição da linguagem, os quais correspondem principalmente àqueles orientados por José Ferrari Neto e Márcio Martins Leitão. A consulta resultou no registro dos seguintes temas de mestrado, desenvolvidos sob a orientação de Ferrari Neto: 1) “O desenvolvimento da morfossintaxe em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio do uso de comunicação alternativa (PECS) e treino motor de fala (PROMPT): Estudo comparativo” (início: 2022), de Kelly Dias Moura; 2) “Análise morfológica na LIBRAS: uso de advérbios caracterizadores de tempos verbais no processo de aquisição da linguagem em coda” (início: 2021), de Renata Patrícia Frazão Dutra; 3) “Psicolinguística e educação: um estudo sobre consciência morfológica e competência gramatical no processamento de palavras derivadas em português brasileiro” (2022), de Karla Araújo Pinheiro de Holanda; 4) “A transparência semântica e memória de trabalho no processamento morfológico das palavras com o prefixo ‘des-’ em português brasileiro” (2019), de Danielli Cristina de Lima e Silva; 5) “Acesso e representação das formas flexionadas em número em português brasileiro: um estudo do léxico mental” (2016), de Jefferson Alves da Rocha; 6) “Memória declarativa e linguagem em crianças Asperger: um estudo do processamento de palavras morfológicamente derivadas em -eiro/-eira no português brasileiro” (2018), de Rafaelly Ferreira Bezerra; 7) “Aquisição da morfologia flexional verbal em português brasileiro: um estudo experimental com dados de compreensão” (2014), de Marcos André Ferraz de Lima; 8) “O processamento morfológico de palavras formadas com bases presas no Português Brasileiro” (2014), de Alcimar Dantas Dias; 9) “Processamento da Morfologia Derivacional do Português Brasileiro por crianças com dificulda-

des de leitura” (2013), de Luciene Barbosa de Souza. Os registros referentes às pesquisas de doutorado foram: 1) “Acesso e representação de formas flexionadas em gênero em PB” (2017), de Jefferson Alves da Rocha; 2) “A alternância dos sufixos -ÇÃO e -MENTO no Português Brasileiro: uma proposta de integração entre Linguística e Psicolinguística” (2019), de Alcimar Dantas Dias; 3) “A relação entre consciência morfológica e processamento morfológico na leitura de palavras em português brasileiro” (2022), de Luciene Barbosa de Souza.

Sob a orientação de Márcio Leitão, a consulta apontou os seguintes trabalhos: 1) “O processamento de formas verbais contendo a sílaba re- inicial com e sem natureza morfêmica no Português Brasileiro” (2008), de Luciane Spinelli de Figueiredo Pessoa; 2) “Processamento do sufixo -eiro: uma análise comparativa do acesso lexical em adultos e crianças com e sem dificuldade de leitura e escrita” (2008), de Giorvan Anderson dos Santos Alves; 3) “Processamento morfológico em adultos com gagueira” (2013), de Hertha Maria Costa Albuquerque; 4) “O processamento de substantivos compostos em bilíngues português-inglês: um estudo de priming” (2022), de Mariane dos Santos Monteiro Duarte; 5) “A influência da competência leitora no acesso lexical de estudantes do ensino médio regular e EJA e do ensino superior” (2022), de Nathalia Leite de Sousa Soares. Os registros referentes às pesquisas de doutorado foram: 1) “O processamento morfológico em idosos típicos: investigando o impacto da reserva cognitiva no acesso lexical de palavras complexas” (início: 2022), de Nathalia Leite de Sousa Soares; 2) “O processamento do tempo verbal nos afásicos não fluentes” (2012), de Luciane Spinelli Figueiredo Pessoa.

O docente Gustavo Estivalet também desenvolve pesquisa sobre processamento linguístico, possuindo alguns trabalhos, em coautoria, principalmente sobre a flexão verbal da língua francesa. Em andamento, foi encontrada a orientação da dissertação

“A influência da valência afetiva e da classe gramatical de palavras no processamento linguístico” (início em 2021), de Fernanda Marabelly de Oliveira Veras.

A morfologia também é abordada na análise da língua indígena xavante e da LIBRAS, como mostra o levantamento feito no Lattes de Rosana Costa de Oliveira: 1) “O split morfológico em Xavante”, capítulo de livro de 2020, 2) “Morfologia dos sinais compostos em LIBRAS” (2015 – TCC), de Fabrício Alves Sampaio, e 3) “Análise morfológica na aprendizagem de Libras” (2017 – TCC), de Alexandre de Paiva dos Anjos.

No Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino (PPGLE) – Campina Grande (PB), mapeamos apenas dois trabalhos, respectivamente uma dissertação e um trabalho de conclusão de curso, ambos iniciados em 2022, com foco em neologismos e processos de renovação lexical, orientados por José Herbert Neves Florencio: 1) “Primeira Gramática da Língua Portuguesa: abordagem lexical e os processos de renovação lexical no contexto histórico-cultural do século XVI”, de Maria Vitória Lopes dos Santos; 2) “Funcionamento dos neologismos de rede social sobre a Copa do Mundo de 2022”, de Gabriel Rodrigues de Lucena.

Pernambuco

No estado de Pernambuco, o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) possui cursos de mestrado e doutorado, criados em 1976 e 1990, respectivamente. São três as linhas de pesquisa: 1: Descrição e análise estrutural e histórica de línguas, 2: Estudos textuais e discursivos de práticas sociais, e 3: Análise de práticas de linguagem no campo da educação em línguas e literaturas. Mapeamos, no levantamento realizado, diversos trabalhos de mestrado, doutorado, IC e TCC que se enquadram na área da morfossintaxe, centrados especialmente na concordância verbal e nominal. A seguir,

listamos um trabalho de cada modalidade, todos orientados por Cláudia Roberta Tavares Silva, que tem significativa produção sobre o tema: 1) a dissertação “A natureza da morfologia de flexão verbal e o Parâmetro do Sujeito Nulo em dados escritos de variedades africanas do português: uma análise contrastiva” (2019), de Daniela Paula de Lima Nunes Malta; 2) a tese “O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita em uma escola regular do Recife” (2019), de Flávia Tavares da Costa Ramos; 3) o plano de IC “O uso de sujeitos nulos e plenos em redações escolares de alunos pernambucanos e moçambicanos: implicações da morfologia flexional” (2021-2022); 4) o TCC “A concordância nominal de número e de gênero em variedades não-europeias do português” (2018), de Suellen Pamela Ramos Gomes.

Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima, que desenvolve pesquisa linguística com enfoque na descrição e análise de línguas indígenas, e na fonologia do português, orientou as teses de Edney Alexandre de Oliveira e de Sivaldo Correia da Silva, ambas de 2021, intituladas, respectivamente, “Aspectos da morfossintaxe de Hahãintesu: a língua dos Manairisu do Vale do Guaporé (Nambikwára do Sul)” e “Uma gramática descritiva do Nambikwara do campo (Nambikwara do Sul)”. Também orientou a dissertação de Edney Alexandre de Oliveira, de 2013, intitulada “Os classificadores em línguas amazônicas e na família Nambikwara”, e coorientou a tese “O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita recifense”, de 2015, da autoria de Flávia Tavares da Costa Ramos. Ainda sob a orientação da referida pesquisadora, registra-se o plano de trabalho de IC intitulado “Estudo da Morfologia Umutína”, de 2008-2009, desenvolvido por André de Paiva Cavalcanti de Alencar.

Marcelo Amorim Sibaldo orientou as dissertações intituladas “A variação na concordância verbal na língua falada no sertão do Pajeú”, de 2019, e “A concordância de gênero em construções predicativas adjetivais com o verbo ser no português brasileiro”, de

2017, de Juliana da Silva e Alane Luma Santana Siqueira, respectivamente. Na graduação, destacam-se as pesquisas de TCC intituladas “Aspectos diacrônicos no ensino de raízes e afixos latinos da língua portuguesa”, de 2022, e “O uso de estrangeirismos de língua inglesa em revistas femininas brasileiras: uma análise das terminologias da moda e da informática”, de 2014, de José Vinícius Vicente da Silva e Lucivânia de Santana Gomes, respectivamente.

Piauí

No estado do Piauí são dois os programas de pós-graduação em Letras, ambos com linhas de pesquisa que abarcam os estudos linguísticos: o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL), sediado na Universidade Federal do Piauí (UFPI), e o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), sediado na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). É possível mapear em ambos alguns poucos docentes que se dedicam, ao menos tangencialmente, aos estudos em morfologia.

No PPGEL/UFPI, que é o mais antigo dos dois (criado em 2004) e que conta com os cursos de mestrado e doutorado em Letras, encontramos trabalhos orientados por Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa e Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos. Catarina Mendes da Costa orientou a dissertação de Virna Pereira Teixeira, intitulada “Variação linguística e fluxos migratórios: a concordância nominal de número na fala dos moradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias-MA”, defendida em 2017, bem como o projeto de IC de Maria do Espírito Santo Guimarães Lessa, de título “A variação linguística em Teresina: aspectos morfológicos nos eventos de oralidade e de letramento”, desenvolvido entre 2009 e 2010. Marcelo Limeira dos Anjos foi o orientador da dissertação de Gláucia Castro Aguiar Pio, intitulada “Estudo historiográfico do tratamento dado às categorias gênero e número dos substantivos simples na GHLP”, defendida em 2017.

É, porém (ainda no âmbito do PPGEL/UFPI), Maria Auxiliadora Ferreira Lima quem apresenta maior número de orientações no campo da morfologia, seja lexical, seja flexional, arroladas a seguir: (i) a tese em andamento (iniciada em 2022) e a dissertação (defendida em 2016) de Andreana Carvalho de Barros Araújo, intituladas, respectivamente, “A polissemia dos verbos prefixados: estudo enunciativo das operações de linguagem do marcador prefixal des-” e “A construção de sentido de um verbo prefixado: uma análise enunciativa do verbo (des)cobrir”; (ii) a dissertação de Viviane Garcêz de Oliveira, intitulada “Uma análise do sufixo ão na perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas”, defendida em 2020; (iii) a dissertação de Deislandia de Sousa Silva, intitulada “Tempo verbal: por uma prática reflexiva em livros didáticos à luz da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli”, defendida em 2017; (iv) a dissertação de Francisco Pereira da Silva Neto, intitulada “O prefixo na construção de sentidos: análise da unidade morfolexical RE- em livros didáticos” defendida em 2016; (v) a dissertação de Leonildes Pessoa Fagundes, intitulada “Os sufixos -(z)inho, -ão e -ona em português: uma perspectiva enunciativa”, defendida em 2008; (vi) a dissertação de Válber José Coelho Ribeiro, intitulada “Os usos dos advérbios em -mente: uma abordagem enunciativa”, defendida em 2006; e (vii) o projeto de IC de Thiago Eric Sabino, intitulado “Os valores temporais e modais do futuro do pretérito: uma análise de seus usos no português falado por teresinenses”, desenvolvido nos anos de 2007 e 2008.

Quanto ao PPGL/UESPI – cuja criação deu-se em 2010 e que apenas possui o curso de mestrado em Letras –, uma de suas duas áreas é a de Linguagem e cultura, constituída por uma única linha de pesquisa: Estudos da linguagem: descrição e ensino. Para esta, encontramos duas docentes, Ailma do Nascimento Silva e Janaina Gomes Matos, cada uma com alguma produção bibliográfica.

fica alinhada aos estudos morfológicos, porém nenhuma orientação acadêmica efetivada nesse campo.

Rio Grande do Norte

No Rio Grande do Norte, notamos o funcionamento de três programas de pós-graduação na área de Letras, quais sejam: o Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN), o Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPCL/UERN) e o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN). Há, em cada um deles, docentes que se debruçam sobre a morfologia e/ou interfaces.

O PPGEL (UFRN) é o mais antigo dos três programas, com mestrado em funcionamento desde 1993 e com curso de doutorado a partir de 2003. De suas três áreas, em duas delas (“Estudos em Linguística Aplicada” e “Estudos em Linguística Teórica e Descritiva”) encontramos pesquisadores que orientaram trabalhos sobre morfologia. José Romerito Silva orientou a dissertação de Manuella Soares Jovem, intitulada “A construção X-vel: uma análise centrada no uso”, defendida em 2017. Mahayana Cristina Godoy orienta a dissertação de Rodrigo Andrade de Souza, intitulada “O gênero gramatical no processamento lexical de bilíngues espanhol-português: um estudo sobre a influência da segunda língua na língua nativa”, iniciada em 2021. Duas outras docentes credenciadas ao programa, embora não tenham atuado como orientadores de trabalhos em morfologia, apresentam alguma produção bibliográfica de interesse a esse campo: Maria Angélica Furtado da Cunha e Nedja Lima de Lucena.

Destaque devemos dar, ainda no âmbito do PPGEL (UFRN), à atuação de Edvaldo Balduino Bispo, que orientou: (i) a dissertação de Vanessa Guedes de Carvalho, com título “Motivações

semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas no uso de sufixos graduadores nominais”, defendida em 2015; e (ii) a dissertação e a tese de Fernando da Silva Cordeiro, intituladas, respectivamente, “Construção nominalizadora de participio presente: uma abordagem funcional centrada no uso” (2017) e “Nomes em -nte: uma abordagem funcional centrada no uso” (2021).

No que tange ao PPCL/UERN, programa constituído pelo curso de mestrado acadêmico em Ciências da Linguagem, apenas uma de suas três linhas de pesquisa – “Estrutura e funcionamento da linguagem” – apresenta docentes credenciados com pelo menos uma orientação acadêmica em morfologia³. Nela encontramos Clerton Luiz Felix Barboza, orientador da dissertação em andamento e do TCC da graduação em Letras de Antônia Rayane Felix Barra, intituladas, respectivamente, “Efeitos da instrução explícita na aquisição do morfema -s de plural por aprendizes brasileiros de inglês língua adicional” (início em 2021) e “Morfema -s do plural: a realização da fricativa alveolar por aprendizes brasileiros de inglês língua adicional” (2021), bem como da dissertação de Antônio Alexandre de Araújo, com título “Análise da Realização do Morfema -ED por Estudantes Brasileiros de Língua Inglesa numa Perspectiva Complexa da Linguagem” (2020). Além deste, há outro docente com alguma publicação relativa à área da morfologia, embora não apresente orientações de trabalhos acadêmicos nessa seara, Pedro Adrião da Silva Júnior.

Por seu turno, para o PPGL/UERN, que iniciou suas atividades em 2008 e que oferece os cursos de mestrado e doutorado, ambos com área de concentração em Estudos do Discurso e do Texto, mapeamos alguns docentes que orientaram trabalhos voltados à morfologia e/ou interfaces, arrolados a seguir. Sob a orientação de Rosa Leite da Costa, foram encontrados os TCCs

3 Na linha Linguagens e práticas sociais, há uma docente com um artigo científico publicado relativo à morfologia lexical, Verônica Palmira Salme de Aragão, mas que não possui orientações realizadas na área.

de graduação em Letras de Talita Araújo Costa, intitulado “A morfologia no livro didático de língua portuguesa: o estudo do verbo” (2014), e de Maria Simone Dias, intitulado “Uma análise do substantivo e da formação do seu gênero em livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental” (2014). Rosângela Alves dos Santos Bernardino orientou o TCC de Milena Maria Batista, intitulado “Uma análise sociolinguística da variação lexical e morfológica na fala de jovens e idosos do sítio Boa Vista – Serrinha dos Pintos-RN” (2022). Rosângela Maria Bessa Vidal orientou o TCC de Kaline Shirley da Silva Nascimento, intitulado “A variação na marcação do plural no SN, nos falares dos habitantes das comunidades Pega, Arrojado, Engenho Novo do município de Portalegre-RN: motivações extralinguísticas” (2003)⁴.

Sergipe

No estado de Sergipe, há o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), pertencente à Universidade Federal de Sergipe (UFS), que oferece cursos *stricto sensu* em Letras, em nível de mestrado e doutorado acadêmicos. Possui duas áreas de concentração: Estudos Linguísticos e Estudos Literários, cada uma com suas respectivas linhas de pesquisa. Interessa-nos, para o mapeamento de orientações em morfologia, a primeira área, que conta com 22 docentes, vinculados às linhas Linguagem, usos e tecnologias, Linguística Aplicada, e Estudos do discurso, identidades e relações de poder. Apontamos, nos parágrafos seguintes, o que rastreamos a esse respeito.

Entre os docentes credenciados ao PPGL/UFS, com vasta atuação nos estudos de morfossintaxe do português, emerge o nome de Raquel Meister Ko. Freitag, com vinte e quatro orientações nesse campo (ou no campo de suas interfaces), dentre as

⁴ Há ainda outro docente desse programa, Edmar Peixoto de Lima, que, embora não tenha orientado trabalhos acadêmicos em morfologia, possui publicados artigo científico e livro concernentes a esse campo.

quais destacamos as seguintes: a tese em andamento (iniciada em 2021) de José Manoel Siqueira da Silva, com título “Variação morfossintática e a sensibilidade sociolinguística dos falantes”; a dissertação de Viviane Silva de Novais, intitulada “Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de universitários sergipanos” (2021); a dissertação de Bruno Felipe Marques Pinheiro, intitulada “Pistas linguísticas e paralinguísticas para os sentidos dos diminutivos” (2021); a dissertação de Josilene de Jesus Mendonça, intitulada “Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez” (2016); a dissertação de Andréia Silva Araujo, intitulada “Você me faria um favor? o futuro do pretérito e a expressão de polidez” (2014); o TCC de Eliana dos Santos Silva de Carvalho, com título “A multifuncionalidade da forma verbal em -ria em crônicas do português arcaico” (2011); o TCC de Maria José Barreto de Santana, intitulado “Entre a teoria e a prática: o tratamento da categoria ‘verbo’ na coleção Português: Linguagens” (2010); o plano de IC de Victor Rene Andrade Souza, intitulado “Processos morfofonêmicos na fala e na leitura de universitários (IntegraUFS)” (2019-2020); o plano de IC de Jolima de Lima Cruz Santos, intitulado “Variação na expressão do tempo verbal passado na fala e escrita de Itabaiana-SE: formas de pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto na expressão de anterioridade ao momento de fala” (2010); o plano de IC de Eliana dos Santos Silva de Carvalho, intitulado “Diacronia, variação e gramaticalização: a expressão do passado imperfeito na obra de Gomes Eanes de Zurara (1410-1474)” (2008-2009); o projeto de IC de Ivone Soares de Andrade, com título “Diacronia, variação e gramaticalização: a expressão do passado imperfeito na obra de Rui de Pina” (2008).

Outros docentes do PPGL/UFS, como Eliabe dos Santos Procópio, Fabricio Paiva Mota, Sandro Marcio Drumond Alves Marengo e Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno possuem registradas, em seus Lattes, orientações de trabalhos que abor-

dam a morfologia flexional ou a derivacional, mesmo que de forma tangencial, porém essas orientações não aconteceram nesse programa. Além desses, há outros vinculados ao PPGL/UFS com produções acadêmicas atinentes aos estudos morfológicos e/ou interfaces, embora sem orientações registradas para esse âmbito. São Hadinei Ribeiro Batista, Geralda de Oliveira Santos Lima e Roana Rodrigues.

Considerações finais

A partir do levantamento registrado neste capítulo, observamos que, no estado de Alagoas, no âmbito do PPGLL-UFAL, embora tenha havido, anteriormente, trabalhos em morfossintaxe das línguas indígenas, orientados por Adair Pimentel, atualmente, a maioria dos trabalhos orientados se volta à morfossintaxe do português, analisada tanto pelo viés sociolinguístico-variacionista quanto gerativista. Essa tendência se fundamenta, sobretudo, na importância de Denilda Moura, que orientou trabalhos nas duas perspectivas teórico-metodológicas. Destacamos, também, ainda que de forma incipiente, estudos sobre a morfossintaxe da LIBRAS.

A Bahia, sobretudo por conta dos programas de Linguística da UFBA, foi o estado em que os estudos morfológicos se mostraram de forma mais proeminente e diversificada. Ressaltamos a importância de Rosa Virgínia Mattos e Silva e de suas discípulas (Antonia Vieira dos Santos, Juliana Soledade, Rosauta Poggio, Sônia Borba Costa, Therezinha Barreto), na orientação de trabalhos de natureza histórico-diacrônica, bem como de Serafina Pondé, que trabalhou com aspectos relacionados à morfologia gerativa de viés lexicalista. Atualmente, o PPGLinC-UFBA conta com diversos docentes que atuam, principalmente, em morfologia e morfossintaxe do português, em diversas vertentes teóricas (Morfologia Construcional, Morfologia Distribuída, Sociolinguística etc.), na

perspectiva sincrônica e/ou diacrônica. Muitos egressos dos programas de Linguística da UFBA, a única instituição do estado a oferecer um curso de pós-graduação em Linguística por cerca de 30 anos, atuam, hoje, como docentes de pós-graduação nas universidades estaduais, desenvolvendo pesquisas com agendas similares às empreendidas por seus ex-orientadores.

No estado do Ceará, há maior produtividade de trabalhos na área de morfossintaxe do português, em perspectiva sociovarcionista, seguindo uma tendência mais geral. No quadro atual de docentes do PPGL-UFC, destacamos Leonel Figueiredo de Alencar Araripe, que vêm orientando trabalhos de formação de palavras em português em uma abordagem computacional. No Maranhão, especificamente no PGLetras/CCH, é também a morfossintaxe em perspectiva variacionista que se destaca, aparecendo, em muitos trabalhos orientados pelas docentes Cibelle Alves e Conceição Ramos.

Na Paraíba, os docentes José Ferrari Neto, Márcio Martins Leitão e Gustavo Lopez Estivalet, credenciados no programa de Linguística da UFPB, têm orientado trabalhos que se voltam à aquisição da linguagem e ao processamento linguístico no português e em línguas estrangeiras. Para além desses, destacam-se trabalhos de morfossintaxe do português na perspectiva sociofuncionalista.

Em Pernambuco, também prevalecem estudos sobre a morfossintaxe do português brasileiro, com destaque para aqueles de natureza contrastiva em perspectiva gerativa, sob orientação de Cláudia Roberta Tavares Silva e Marcelo Amorim Sibaldo. Notamos, ainda, uma produção significativa de trabalhos sobre morfossintaxe das línguas indígenas, orientados por Stella Telles. No Piauí, Maria Auxiliadora Ferreira Lima, docente do PPGEL-UFPI, apresentou algumas orientações no campo da morfologia, flexional ou derivacional, usando, principalmente, a Teoria das

Operações Predicativas e Enunciativas. De forma geral, é a morfossintaxe do português, em perspectiva variacionista e/ou sociofuncionalista, que se destaca no estado.

No Rio Grande do Norte, no âmbito do PPGEL-UFRN, há uma produção destacável de trabalhos que tratam de aspectos da morfologia derivacional do português que se inserem na Linguística Funcional Centrada no Uso, como pudemos ver nas teses e dissertações orientadas pelos docentes Edvaldo Bispo e José Romerito da Silva. No PPCL-UERN, Clerton Luiz Felix Barboza tem orientado trabalhos em morfossintaxe e morfologia flexional, numa vertente aplicada ao ensino. Por fim, no estado de Sergipe, especificamente no PPGL-UFS, é o nome de Raquel Freitag que se destaca. Os trabalhos por ela orientados seguem principalmente a abordagem sociolinguística.

O levantamento empreendido apontou que a Morfologia aparece, na maior parte dos casos, vinculada a outros níveis de estruturação da gramática, em especial, a sintaxe. Nesse sentido, destacamos a vasta produção de trabalhos que se inserem no eixo da Morfossintaxe. Em contrapartida, foram vistos poucos trabalhos de Morfologia Derivacional, a exemplo daqueles que tratam de prefixação, sufixação, composição, entre outros fenômenos.

Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, notamos que os estudos sincrônicos sobressaem em relação aos diacrônicos. No estado da Bahia foi onde verificamos a maior produção de trabalhos que tratam de aspectos morfológicos na diacronia do português. No que tange à vertente teórica, observamos que há uma diversidade nos trabalhos, destacando-se as perspectivas sociolinguística, funcionalista, psicolinguística, gerativista, construcional, enunciativa e aplicada. A seguir, apresentamos um quadro-síntese, com os principais temas investigados orientados pelos docentes que atuam em cada um dos programas de pós-graduação consultados.

Quadro 1 – Quadro-síntese dos estudos morfológicos na Região Nordeste

Estados	Programas de pós-graduação	Temas de investigação em Morfologia e interfaces
Alagoas	PPGLL-UFAL	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português em perspectiva formal e/ou variacionista • Morfossintaxe da LIBRAS
Bahia	PPGLinC-UFBA	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português em perspectiva formal, variacionista, sociofuncionalista e/ou histórica • Formação de palavras em português e nas demais línguas românicas na perspectiva da Morfologia Construcional ou Morfologia Distribuída • Morfologia Histórica do português, em especial, português arcaico • Formação de antropônimos no português do Brasil
	PPGEL-UEFS	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe em perspectiva variacionista, sociofuncionalista, construcional e/ou histórica • Formação de palavras em português e nas demais línguas românicas na perspectiva da Morfologia Construcional • Morfologia Histórica do português, em especial, português arcaico • Formação de antropônimos no português do Brasil
	PPGLin-UESB	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista, sociofuncionalista e/ou histórica • Formação de palavras em português em perspectiva formal e sincrônica • Morfologia da LIBRAS • Morfonologia do português
	PPGEL-UNEB	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista, sociofuncionalista e/ou histórica

Ceará	PPGL-UFC	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português e de outras línguas românicas em perspectiva variacionista, sociofuncionalista e/ou histórica • Abordagem computacional da morfologia do português • Morfologia do português e ensino-aprendizagem de língua materna
	PosLA-UECE	<ul style="list-style-type: none"> • Morfologia de língua estrangeira em contexto de ensino-aprendizagem de LE/L2
Maranhão	PGLETRAS-UFMA	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista, sociofuncionalista e/ou histórica
	PGLB/CCBA-UFMA	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista, sociofuncionalista e/ou histórica • Neologismos e processos de renovação lexical na perspectiva sincrônica e diacrônica
Paraíba	PROLING-UFPB	<ul style="list-style-type: none"> • Morfologia e morfossintaxe do português, da LIBRAS e de línguas indígenas na perspectiva da aquisição de linguagem e do processamento linguístico • Morfossintaxe do português em perspectivas funcionalistas
	PPGLE-UFCG	<ul style="list-style-type: none"> • Neologismos e processos de renovação lexical na perspectiva sincrônica e diacrônica
Pernambuco	PPGL-UFPE	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português brasileiro e de outras variedades do português, principalmente africanas (estudos contrastivos) • Morfossintaxe das línguas indígenas
Piauí	PPGEL-UFPI	<ul style="list-style-type: none"> • Morfologia flexional e ensino de língua portuguesa • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista e/ou sociofuncionalista • Formação de palavras em português (prefixação e sufixação) em abordagem enunciativa
	PPGL/UESPI	<ul style="list-style-type: none"> • Morfologia do português e ensino-aprendizagem de língua materna

Rio Grande do Norte	PPGEL-UFRN	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de palavras em português na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista e/ou aplicada • Morfossintaxe contrastiva: português e espanhol
	PPGL-UERN	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe e ensino de língua portuguesa como língua materna • Neologismos e processos de renovação lexical na perspectiva sincrônica • Formação de palavras em LIBRAS
	PPCL-UERN	<ul style="list-style-type: none"> • Morfofonologia da língua inglesa em contexto de ensino-aprendizagem de LE/L2 • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista • Morfossintaxe e ensino de língua portuguesa como língua materna
Sergipe	PPGL-UFS	<ul style="list-style-type: none"> • Morfossintaxe do português em perspectiva variacionista, sociofuncionalista e/ou histórica • Neologismos e processos de renovação lexical na perspectiva sincrônica • Morfossintaxe contrastiva: português e espanhol

Fonte: elaborado pelos autores

Face ao exposto, acreditamos que os estudos morfológicos, mesmo não tendo um lugar de destaque nos centros universitários do Nordeste, têm dado contribuições significativas para os estudos linguísticos. A investigação de aspectos morfossintáticos do português está longe de ser uma carência nos programas de pós-graduação, estando presente em praticamente todos aqueles que foram consultados. Por outro lado, os aspectos morfolexicais têm recebido uma atenção menor, talvez pelo número modesto de docentes especializados nessa área ou, ainda, pela invisibilidade dessa temática na agenda de grandes projetos da Linguística brasileira.

Outro ponto que notamos é a quantidade ínfima de trabalhos que tratam de questões morfossintáticas ou morfolexicais

de línguas estrangeiras modernas (inglês, espanhol, francês etc.) ou clássicas (latim, grego etc.), línguas indígenas brasileiras e LIBRAS. Ainda que existam alguns trabalhos que se voltam a essas línguas, em comparação com o português, são, de fato, excepcionais. Possivelmente, as lacunas apontadas vão além do domínio das pesquisas em Morfologia, aplicando-se a outras áreas, como Fonética, Fonologia, Semântica e Sintaxe. Esperamos que o mapeamento de tais lacunas motive os docentes das universidades do Nordeste a inserirem temáticas relacionadas à morfologia nas agendas de seus projetos de investigação.

Referências

BASÍLIO, Margarida. A estruturação do léxico na descrição do português brasileiro. *In*: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 463-484.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. **Atuais tendências de formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça Maria. Composição. *In*: RIO-TORTO, Graça Maria et al. (ed.). **Gramática derivacional do Português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 385-431.

RODRIGUES, Alexandra Soares. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. *In*: RIO-TORTO, Graça Maria et al. (ed.). **Gramática derivacional do português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 35-133.

VIARO, Mário Eduardo. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. **Estudos de lingüística galega**, Santiago de Compostela, n. 2, p. 173-190, 2010.

VILLALVA, Alina. Formação de palavras: composição. *In*: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 969-983.



PESQUISAS LINGUÍSTICAS SOBRE O PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM PELO MÉTODO DO RASTREAMENTO OCULAR NA REGIÃO NORDESTE

Alisson Hudson Veras Lima

Julian Tejada

Maria Elias Soares

Miguel Oliveira Jr.

René Alain Santana de Almeida

Raquel Meister Ko. Freitag

Introdução

A Psicolinguística é entendida como uma área multidimensional e interdisciplinar que tem como objetivo o estudo da linguagem como comportamento verbal do ser humano (FERNANDEZ; CAIRNS, 2010; HEINZE; GARCÍA, 2015). Tomando a concepção de que a linguagem é usada por falantes individuais, torna-se caro para a Psicolinguística explorar as relações existentes entre a mente humana e a linguagem. É, pois, por meio da performance individual que se pode apontar para as limitações e os potenciais do aparato mental que todos nós compartilhamos.

Considerando a noção de linguagem como produto da mente humana, temos, segundo Field (2003), dois objetivos interco-

nectados que são de interesse da Psicolinguística: (i) estabelecer uma melhor compreensão dos processos que fundamentam o sistema o qual chamamos de língua e (ii) examinar a linguagem como produto da mente humana e, portanto, como evidência de como os indivíduos organizam seus pensamentos e usam determinados padrões linguísticos para relatar suas experiências.

Tomando os objetivos acima, muitas pesquisas (FERNANDEZ; CAIRNS, 2010; FIELD, 2003; HEINZE; GARCÍA, 2015; SEDIVY, 2019; STEINBERG; NAGATA; ALINE, 2001; TRAXLER; GERNSBACHER, 2006; WARREN, 2013, para citar algumas) têm sido realizadas para tratar do que poderia estar sob o escopo da Psicolinguística, entendida como o ramo da Linguística que trata da aquisição, do processamento, do desenvolvimento e da perda da linguagem.

Este capítulo trata mais especificamente das pesquisas sobre o processamento da linguagem, sobretudo aquelas que têm como foco a técnica do rastreamento ocular, com o uso do *eye tracker*, em pesquisas experimentais, que é um campo relativamente novo, se comparado com outras áreas da Linguística¹.

No que tange à área do processamento da linguagem, é importante compreender que os pesquisadores estudam os comportamentos dos indivíduos participantes das pesquisas como voluntários, uma vez que a produção ou processamento da linguagem em si, por exemplo, não pode ser observado (GLUCKSBERG; DANKS, 2015). A fim de averiguar, portanto, como os indivíduos respondem a estímulos linguísticos, os pesquisadores usam os mais diversos métodos advindos da Psicologia, mais acertadamente da Psicometria, para coletar dados que possam passar

1 Rastreamento ocular, do inglês *eye tracking*, é um método para estudar a atenção visual do usuário. Com ele, é possível determinar em que área fixa sua atenção, por quanto tempo e a sequência que segue na exploração visual (<http://www.each.usp.br/petsi/jornal/?p=2774>).

análises estatísticas e, assim, confirmem ou não hipóteses previstas em cada trabalho.

Em relação ao processamento da linguagem, vertente enfocada no presente capítulo, encontramos, no Brasil, alguns trabalhos que visam descrever o campo como: (i) o de Leitão (2008), que discutiu os modelos teóricos associados ao processamento sentencial, a diferença entre métodos de coleta de dados *online* e *offline* e outras técnicas e conceitos usados na área de Psicolinguística experimental; (ii) o de Franzen e Souza (2020), que fazem uma revisão sistemática da literatura acerca do processamento e da compreensão da leitura na perspectiva psicolinguística, focalizando conceitos sobre o processamento anafórico e custos de processamento; (iii) o de Oliveira e Sá (2022), que organizaram uma obra reunindo textos de diversos pesquisadores da área de Psicolinguística experimental sobre os métodos usados nas mais variadas pesquisas, mostrando em cada capítulo da obra, um método de coleta de dados, exemplos de experimentos, além das vantagens e desvantagens de cada método para as pesquisas na área; e iv) o de Maia e Finger (2005) que compilou diversas pesquisas sobre o processamento da linguagem.

Dentro da vertente do processamento da linguagem vamos abordar, neste capítulo, o método *online* do rastreamento ocular, apresentando pesquisas experimentais desenvolvidas nos últimos 20 (vinte) anos na região Nordeste. A escolha deste período se dá pelo fato de que são recentes os investimentos em infraestrutura e tecnologia para pesquisas deste tipo no Brasil, fruto de editais como o CT-Infra, da FINEP, e o Pró-Equipamentos, da CAPES.

O uso do *eye tracker* ou rastreador ocular exige financiamento para sua aquisição pelas instituições de pesquisa, por conta de seu alto custo, o que faz com que sejam ainda poucos os laboratórios de pesquisas linguísticas que dispõem deste equipamen-

to, na região Nordeste do Brasil, conforme será descrito ao longo deste capítulo. A falta de investimento pode revelar ainda um outro problema para além da aquisição de aparelhos como o *eye tracker*. Este tipo de equipamento de alto custo demanda também manutenção e faltam editais dos órgãos de fomento que ajudem a manter os laboratórios, com aparelhos e *softwares* atualizados, uma vez que qualquer tipo de pesquisa envolve custo, sobretudo aquelas que fazem uso de tecnologia. Estes fatores demonstram o quanto nosso país ainda deixa a desejar no que tange ao uso de infraestrutura e tecnologias, principalmente em pesquisas da área das ciências humanas.

Rastreamento Ocular

O rastreamento ocular é uma das técnicas mais apuradas de avaliação *online* do processamento linguístico (MITCHELL, 2004; KAISER, 2013), método de análise do processamento da linguagem abordado neste capítulo. Os movimentos dos olhos durante o processamento de qualquer informação, seja lendo (estímulo de leitura) ou olhando alguma imagem (estímulo visual), podem ser utilizados para se inferir a maneira como tal informação é processada. Vale destacar que Duchowski (2007) afirma que, em todo trabalho de rastreamento do olhar, há uma suposição tácita muito importante, que é normalmente aceita: supõe-se que a atenção está ligada à direção do olhar foveal, mesmo sabendo que pode não ser sempre assim.

Movimentos dos olhos

Os olhos são os órgãos responsáveis pelo sentido da visão que, de acordo com Teixeira e Soares (2014), são responsáveis por grande parte da cognição humana. Os olhos possuem um eixo ótico por onde a luz emitida pelo objeto (uma letra, uma imagem,

por exemplo) chega até a retina onde a imagem captada pelos olhos é formada. Na retina, essa imagem é transformada em impulsos elétricos e transmitidas ao cérebro através do nervo ótico.

De acordo com Dehaene (2012), durante a leitura, não percorremos o texto de forma contínua, os nossos olhos deslocam-se por etapas. Isso já havia sido descoberto, conforme Kaiser (2013), em 1879, pelo oftalmologista francês Louis Émile Javal, que notou que quando as pessoas leem seus olhos se movem de um ponto para o próximo e não de forma contínua, porque não é possível ver a linha inteira com igual clareza.

Os olhos podem executar movimentos sacádicos (saltos) para frente ou para trás ou ainda podem permanecer fixos por um curto período de tempo em uma determinada área, nos intervalos entre as sacadas (fixações). Desse modo, a despeito de haver outros movimentos oculares (RAYNER, 1998), os dois tipos de movimentos oculares mais analisados em experimentos *online* são: fixação e sacada.

Em experimentos de leitura (MAIA, 2010; MOXEY *et al.*, 2004; TRAXLER, 2009, por exemplo), os autores costumam analisar ambas as medidas; enquanto, em experimentos auditivos (ALMEIDA, 2017; COZIJJN *et al.*, 2011; KAMIDE; ALTMANN; HAYWOOD, 2003, dentre outros), os autores costumam analisar as fixações realizadas nas imagens, embora as sacadas sejam observadas, a fim de verificar se o processamento acompanhou o que foi enunciado.

As sacadas duram em média de 20 a 50 ms (KAISER, 2013) e podem ser: progressivas, ou seja, os saltos que o olho faz de uma fixação até a fixação à frente, no sentido da leitura; ou regressivas (regressões), que são movimentos sacádicos realizados no sentido oposto da leitura. Para Rayner (1995), cerca de 10 a 15% dos movimentos sacádicos realizados durante a leitura de um texto são regressivos. As regressões normalmente são utilizadas

para conferir uma palavra que foi pulada na leitura ou que não foi compreendida (YOKOMIZO *et al.*, 2008).

Yokomizo *et al.* (2008) definem fixações como sendo breves períodos de tempo durante os quais o olho permanece examinando uma pequena área do estímulo visual (texto escrito ou imagens), com foco na região foveal. A duração média da fixação é de 200 a 250 ms (KAISER, 2013; RAYNER, 1995), período em que os leitores podem adquirir alguma informação útil, a partir do texto lido ou imagem visualizada, uma vez que nenhuma informação útil é adquirida enquanto os olhos estão se movendo.

Rayner (1998) afirma que o termo fixação não é um termo muito apropriado uma vez que os olhos nunca estão totalmente parados porque: i) há um tremor constante dos olhos, que ajuda as células nervosas da retina a se manterem ativas; ii) o controle do sistema motor ocular por parte do sistema nervoso provoca movimentos pequenos e lentos; e iii) quando isso acontece, há movimentos muito mais rápidos para trazerem os olhos de volta para onde eles estavam; esses movimentos são microssacadas que acontecem “dentro” de uma fixação. Entretanto esses movimentos são tão pequenos que a maioria dos pesquisadores os consideram “ruídos” e adotam procedimentos que os ignoram. O autor alerta que o tipo de tarefa a ser realizada influencia as medidas de sacadas e fixações.

Há ainda a possibilidade de investigações linguísticas por meio da análise da dilatação da pupila (COZIJN *et al.*, 2011; FREITAG *et al.*, 2021, por exemplo). Pesquisas que se utilizam da pupilometria também são possíveis graças ao equipamento do rastreador ocular que pode capturar o tamanho da pupila em períodos de tempo.

Portanto, durante a leitura de um texto ou visualização de imagens, movimentamos nossos olhos de modo a colocar carac-

teres ou imagens na região foveal para enxergarmos com mais nitidez. Durante essa movimentação, realizamos sacadas, período em que os olhos se movem de uma fixação para outra, e fixações, período de tempo entre as sacadas que fornece a indicação de que a informação está sendo obtida a partir do texto (KAISER, 2013).

As subseções, a seguir, descrevem os paradigmas por meio dos quais os pesquisadores tendem a conduzir suas pesquisas quando fazem uso de rastreadores oculares, a saber: o paradigma da leitura e o paradigma do mundo visual.

Na área do processamento da linguagem, entendemos um paradigma como um modelo que norteará o pesquisador na construção de seus experimentos e, por termos pesquisas na região Nordeste que bebem nestas fontes, descreveremos cada um deles abaixo.

Paradigma de leitura

Muitas pesquisas que estudam o processamento da linguagem através da leitura foram e estão sendo desenvolvidas, principalmente no domínio da sintaxe, com base na leitura autocadenciada (automonitorada) de palavra por palavra, em que os participantes comandam a entrada de um novo item lexical. Normalmente, essas pesquisas analisam o processamento a partir do tempo de resposta do participante.

De acordo com Rayner e Pollatsek (2006) e Kaiser (2013), apesar de ser um método que tem gerado resultados interessantes, a leitura autocadenciada, palavra por palavra, apresenta algumas limitações e a principal delas é a falta de validade ecológica, já que, naturalmente, não vemos uma palavra de cada vez. Ou seja, ao contrário de uma leitura natural, em que as pessoas movimentam seus olhos de forma relativamente automática, podem fazer progressões e regressões, nesse método, os participantes deci-

dem de forma consciente pressionar um botão para avançar para a próxima palavra.

Entretanto, no paradigma do rastreamento ocular de leitura (compreensão da escrita), os participantes leem um texto no monitor de um computador enquanto os movimentos dos seus olhos são gravados. Comparando a técnica do rastreamento ocular com outras técnicas, como a da leitura autocadenciada de palavra por palavra, aquela fornece um método relativamente natural porque a movimentação dos olhos é parte de um processo natural de leitura e não uma tarefa induzida artificialmente. Além disso, o monitoramento dos movimentos dos olhos dos leitores não afeta a velocidade normal de leitura (RAYNER; POLLATSEK, 2006). Por essa razão, algumas pesquisas que utilizam o método de leitura autocadenciada, de palavra por palavra, o complementam com outro experimento de rastreamento ocular, como por exemplo os estudos desenvolvidos por Garnsey *et al.* (1997) e Kaiser e Trueswell (2004).

Rayner (1998) e Kaiser (2013) salientam que a duração das sacadas e das fixações pode variar em função da dificuldade de processamento decorrente de fatores tais como a complexidade da tarefa realizada, dificuldade do texto e a habilidade do leitor. Logo, se a dificuldade do texto aumenta ou se o leitor não é tão habilidoso para leitura, o comprimento das sacadas diminui e a duração das fixações e a frequência de regressões aumentam. Ou seja, apesar da média de duração da fixação ser de cerca de 250 ms e o comprimento de uma sacada de cerca de 8 caracteres, isso irá variar de texto para texto e de leitor para leitor. A duração de uma fixação, por exemplo, pode variar de 100 ms a 500 ms e o comprimento de uma sacada de 1 a 15 caracteres (RAYNER, 1995).

Para o português brasileiro (PB), Maia, Lemle e França (2007) investigaram se a decomposição morfológica é uma propriedade

do processamento lexical na leitura de palavras isoladas, utilizando a metodologia do rastreamento ocular. Os autores constataram que o processamento morfológico se dá no interior da palavra, ou seja, a palavra é derivada morfema a morfema (*bottom-up*), mas também há casos em que ocorrem heurísticas *top-down* no acesso lexical, durante o processo de leitura.

Outra pesquisa em PB que utilizou o método do rastreamento ocular de leitura foi a de Maia (2010), que utilizou como estímulos frases com verbos monotransitivos do tipo “O redator escreveu o manual para o professor para o editor da nova série” e ditransitivos como “O contador enviou a carta para o professor para o diretor da faculdade”, a fim de analisar os movimentos dos olhos durante o processamento de frases contendo sintagmas preposicionais com função de adjunto ou de argumento de um verbo e que admitem aposição sintática ambígua ao sintagma verbal ou ao sintagma nominal objeto. O autor constatou que o *parser* (processador sintático mental) não diferencia argumento de adjunto na primeira passagem, mas na fase de reanálise da estrutura identificou um maior custo de reparo para os sintagmas preposicionais com função de argumento (demonstrado pelo tempo médio de fixações mais elevado) do que com função de adjunto.

Na maioria dessas pesquisas que envolvem o paradigma de leitura, os pesquisadores tentam evitar que a palavra alvo se localize no final de orações ou sentenças, por causa do efeito de finalização (*wrap-up*), ou seja, efeito natural de aumento da duração das fixações em palavras que terminam orações ou sentenças, já que, para Maia (2010), é nesse momento que se iniciam os processos interpretativos pós-sintáticos. Para Staub e Rayner (2007), é provável que esse tempo de leitura extra se deva ao processamento integrado que ocorre nas fronteiras de oração e sentença. Hirotsani, Frazier e Rayner (2006) demonstraram, por meio de experimento com falantes nativos de inglês, que a prosódia implíci-

ta também desempenha um papel nesses efeitos de finalização, embora esta prosódia seja realmente imposta pelo leitor.

Os movimentos oculares têm sido uma das medidas de resposta mais utilizadas em estudos de reconhecimento da palavra escrita e da leitura de sentença. Entretanto, os movimentos dos olhos têm-se tornado também uma medida de resposta para o processamento da língua falada em situações em que os participantes compreendem e/ou geram enunciados.

Paradigma do mundo visual

O paradigma do mundo visual (*visual world paradigm*), em vez de usar estímulos escritos, procura analisar o processamento linguístico durante a produção e/ou compreensão de enunciados orais. Neste paradigma, os participantes são expostos a estímulos linguísticos auditivos (em estudos de percepção) ou são estimulados a produzir língua falada (em estudos de produção). Em estudos de compreensão (percepção), Kaiser (2013) afirma que, na maioria das pesquisas, os estímulos auditivos são acompanhados de um estímulo visual (objetos ou imagens).

Gleitman *et al.* (2007) e Huettig e Hartsuiker (2010) apresentam exemplos de estudos que utilizaram o rastreamento ocular para tentar entender o processamento na produção da linguagem com falantes nativos de inglês e holandês, respectivamente. Os autores gravaram os padrões dos movimentos dos olhos dos falantes em experimentos de descrição de uma cena, para explorar a relação temporal entre apreensão da cena e a formulação linguística. O que normalmente esses estudos de produção verificam é se os falantes processam primeiro a “essência” da cena antes de começar a construir uma representação linguística do evento mostrado na cena, ou se estes processos podem se sobrepor no tempo.

Pesquisas com o rastreador ocular de cunho perceptual, de compreensão e não de produção, utilizam o método *online* do paradigma do mundo visual. De acordo com diversos autores (DUCHOWSKI, 2007; HUETTIG; ROMMERS; MEYER, 2011; KAISER, 2013; TANENHAUS; TRUESWELL, 2006, dentre outros), a pesquisa de Cooper (1974) foi a pioneira no uso desse paradigma, ao analisar o processamento da língua falada por meio dos movimentos dos olhos. Na sua pesquisa, Cooper solicitou que os participantes escutassem narrativas curtas, em inglês, enquanto olhavam para monitores mostrando objetos comuns, alguns dos quais foram referidos no estímulo oral. O autor informou aos participantes que eles poderiam olhar para qualquer lugar que desejassem.

Apesar disso, Cooper descobriu que quando as pessoas são apresentadas simultaneamente à língua falada e a um campo visual contendo elementos semanticamente relacionados aos itens informados na fala, eles tendem a direcionar espontaneamente sua linha de visão para os elementos que estão mais estreitamente relacionados ao significado do que está ouvindo, ou seja, o olhar dos ouvintes foi atraído para objetos que foram mencionados ou foram de alguma forma associados com o texto falado. Por exemplo, os ouvintes foram mais propensos a olhar para uma imagem de um leão quando ouviram “eu notei um leão faminto ...” do que durante outras passagens do texto, e seu olhar foi atraído para a imagem de uma câmera quando ouviram “Durante um safári fotográfico na África, ...”.

Cooper (1974, p. 84) percebeu que tinha encontrado uma “nova ferramenta de pesquisa prática para a investigação em tempo real de processos perceptuais e cognitivos e, em particular, para o estudo detalhado da percepção da fala, memória e processamento da linguagem”. Entretanto, de acordo com Huettig, Rommers e Meyer (2011), o estudo de Cooper foi constantemente ignorado nas pesquisas sobre processamento da linguagem

durante muito tempo, provavelmente porque, até meados da década de 1990, o rastreamento ocular era uma técnica bastante complicada de usar. Para os autores, apenas com a pesquisa de Eberhard *et al.* (1995), com metodologia semelhante à de Cooper, os estudos começaram a explorar a relação entre os movimentos dos olhos e o processamento da fala em uma escala maior.

O fato de o paradigma do mundo visual de rastreamento ocular permitir que os estímulos linguísticos sejam apresentados auditivamente significa que ele é adequado para a investigação de questões relacionadas com os aspectos acústicos da fala, incluindo o processamento de diferentes tipos de pistas prosódicas (BRAUN; CHEN, 2012; PAULMANN; TITONE; PELL, 2012; SNEDEKER; YUAN, 2008, por exemplo).

O rastreamento dos olhos consiste em uma metodologia essencial para mensurar com precisão os movimentos oculares, detalhando o número e a duração das fixações e o comprimento e a frequência dos movimentos sacádicos. Tal equipamento de captação de movimentos oculares, de acordo com Klein e Bulla (2010), possui uma aplicabilidade extensa, não apenas no campo da Linguística, mas também na sua relação com outras áreas, tais como Psicologia, Medicina, Biologia, Computação e Educação. Os autores salientam que existem diversas possibilidades de estudos linguísticos envolvendo este equipamento, “desde a análise de frequência vocabular, fronteira de palavra e relevância semântica, até o estudo do efeito de palavras cognatas na aprendizagem de uma segunda língua” (KLEIN; BULLA, 2010, p. 10).

Os experimentos que utilizam a metodologia do rastreamento ocular utilizam equipamentos, chamados de rastreador ocular, que gravam dados referentes a localização nos eixos x e y da posição de um ou dos dois olhos, assim como o tamanho da pupila em uma taxa de amostragem geralmente mensurada em Hz (eventos

por segundo). A partir dessas informações, e usando *software* que na maioria das vezes é próprio do equipamento, são estimadas as fixações e sacadas resultantes dos movimentos dos olhos durante o processamento de uma informação linguística (ALMEIDA; ALMEIDA, 2022). Embora existam vários modelos de rastreador ocular, observa-se que há duas possibilidades: i) o rastreador acoplado à cabeça e ii) o rastreador de mesa (ALMEIDA; ALMEIDA, 2022).

Na próxima seção, apresentamos uma visão panorâmica das pesquisas desenvolvidas na área da Linguística por meio da técnica do rastreamento ocular no Brasil, ancoradas em um dos dois paradigmas descritos acima, mais especificamente na região Nordeste.

Rastreamento ocular na região Nordeste

As pesquisas desenvolvidas na área da Linguística, na região Nordeste, foram localizadas após terem sido realizadas buscas nos *sites* de cada programa de pós-graduação da área, a partir do que é listado no *site* do GELNE (<https://gelne.com.br/mestrado-doutorado.php>).

A partir do acesso ao *site* de cada uma das universidades listadas, buscamos pelo Currículo Lattes de cada docente, a fim de encontrar aqueles que, em suas pesquisas, fazem uso da técnica descrita ao longo deste capítulo e descrever os laboratórios existentes nas universidades.

É importante listar os laboratórios das universidades pelo fato de que as pesquisas são desenvolvidas experimentalmente, então se faz necessário ter um espaço montado com toda a infraestrutura necessária para a realização das pesquisas, desde mesas e cadeiras apropriadas até os aparelhos tecnológicos à

disposição dos pesquisadores, o que nos faz enfatizar novamente a necessidade de mais investimentos nesta área de estudo.

Uma vez localizados os laboratórios e docentes ligados a esses espaços, acessamos os repositórios de dissertações e teses de cada programa específico, além de ter sido feita a busca por artigos científicos que tenham ligação com os pesquisadores e que, para o desenvolvimento de suas pesquisas, tenham feito uso do método do rastreamento ocular.

Descreveremos, a seguir, os resultados de nossas pesquisas apresentando os laboratórios de pesquisas sobre o processamento da linguagem por instituição de ensino, a fim de que se conheçam as universidades nas quais há aparelho de rastreador ocular e o que tem sido pesquisado na área da Linguística no Nordeste, por meio do uso desse método em estudos sobre o processamento da linguagem.

Faz-se importante advertir que, na caracterização panorâmica das pesquisas citadas a seguir, foram desconsiderados os trabalhos de pesquisadores que, atualmente, têm vínculo com alguma universidade da região Nordeste, mas que fizeram suas pesquisas utilizando o método do rastreamento ocular em outras regiões do Brasil.

Universidade Federal do Ceará

Na Universidade Federal do Ceará, há o Laboratório de Ciências Cognitivas e Psicolinguística, montado a partir de projetos coordenados por Maria Elias Soares e Elisângela Nogueira Teixeira, submetidos ao CNPq e à CAPES (Pró-Equipamentos). O Laboratório é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e tem como principal pesquisadora Elisângela Nogueira Teixeira. Conta ainda com as pesquisadoras Patricia Vieira e Maria Cristina Fonseca, além de estudantes da graduação e da pós-gra-

duação. O grupo é constituído por estudantes da graduação e da pós-graduação, além de pesquisadores de instituições de ensino superior nacionais.

O laboratório conta com dois aparelhos de rastreamento ocular, sendo um de 120Hz da marca sueca Tobii (Tobii T120) e outro de 1000Hz da marca canadense SR Research (EyeLink 1000), além de eletroencefalógrafo de 40 canais, desenvolvendo pesquisas na área das Ciências Cognitivas, da Psicolinguística e da Tradução Audiovisual.

A fim de que se conheçam as pesquisas feitas neste laboratório com o uso do rastreador ocular no âmbito do processamento da linguagem, descreveremos as pesquisas a seguir, modelo que seguiremos para cada um dos espaços descritos neste capítulo.

Teixeira (2013) demonstrou, experimentalmente, conjecturas teóricas a respeito do processamento anafórico, a fim de averiguar se em períodos complexos por coordenação e subordinação, formados por no máximo duas orações, a saliência sintática de sujeito é o principal fator para a resolução anafórica em língua portuguesa.

A fim de testar sua hipótese, Teixeira (2014) desenvolveu uma série de quatro estudos com o uso da técnica do rastreamento ocular, a fim de obter resultados sobre o processamento anafórico. A análise da movimentação ocular dos participantes sugere que a resolução da anáfora correferencial nos períodos complexos alvo da pesquisa é uma função de proeminência sintática da posição de sujeito. A pesquisadora afirma que a carga de informação das expressões anafóricas com conteúdo semântico parece levar a um aumento do custo cognitivo durante o processamento anafórico de um antecedente altamente acessível em tarefa de leitura.

Lima (2015) analisou, utilizando a técnica do rastreamento ocular, como acontece o processamento de nomes repetidos, pronomes plenos e pronomes nulos na posição de sujeito simples e de sujeito composto com distanciamento sintático. Segundo Lima (2015), os dados sugerem que o tipo de retomada, se por nome repetido, por pronome pleno ou por pronome nulo, exerce papel significativo durante o processamento correferencial. O pesquisador conclui que os resultados de seus experimentos sugerem que a distância sintática não desempenha papel significativo durante o processamento correferencial.

Ferreira (2018), a fim de buscar evidência sobre o processamento correferencial de hiperônimos e hipônimos em português brasileiro, testou a hipótese de que em um contexto de correferência entre hiperônimos e hipônimos, as retomadas anafóricas, quando representadas por hipônimos mais frequentes, seriam processadas mais facilmente do que quando tais posições fossem preenchidas por palavras menos frequentes.

Segundo Ferreira (2018), os resultados sugerem que, durante o estabelecimento da correferência, não há evidências de que a presença de hiperônimos antecedentes seja um elemento facilitador do custo de processamento e de que a frequência das palavras seja uma propriedade que interfira significativamente na resolução anafórica quando são usados hiperônimos mais frequentes ou menos frequentes na posição de retomada.

Peixoto (2018) pesquisou, por meio da técnica do rastreamento ocular, como indivíduos com desenvolvimento típico e com transtorno do espectro autista compreendem orações relativas de sujeito com estado mental de emoção. Para tanto, a pesquisadora desenvolveu um experimento que consistia em tarefas de identificação de uma frase ouvida com a figura correspondente (alvo) em meio a três figuras, registrando a movimentação ocular dos

participantes. Foram encontrados resultados que sugerem uma correlação entre o nível da Teoria da Mente (ToM) e o tempo de reação de cada grupo.

Alves (2018) desenvolveu uma pesquisa sobre como crianças, em diferentes estágios de aquisição da linguagem, compreendem verbos psicológicos, utilizando, dentre outras técnicas, o rastreamento ocular. De acordo com a pesquisadora, os resultados encontrados sugerem que os verbos psicológicos são mais cognitivamente custosos do que verbos de ação, durante o processamento da leitura, quando realizado por crianças de 3 a 8 anos.

Vieira (2020) apresentou o primeiro *corpus* de medidas de rastreamento ocular na leitura com índices de previsibilidade no Português Brasileiro. A fim de encontrar evidências sobre a previsão lexical, o pesquisador desenvolveu tarefas de teste Cloze, encontrando resultados que sugerem que palavras menores e no final de oração foram produzidas mais rapidamente, além de ter encontrado evidências de que as palavras previsíveis são produzidas mais rapidamente. A análise da movimentação ocular dos participantes da pesquisa levou Vieira (2020) a inferir que a previsibilidade lexical afeta tanto a produção quanto a compreensão da linguagem verbal, sendo um elemento facilitador quando presente.

Torres *et al.* (2021) conduziram uma pesquisa para avaliar a relação entre a complexidade e a coerência de um texto e os padrões de movimentos oculares de um leitor. Eles usaram histórias infantis, trechos de textos literários e textos gerados aleatoriamente para analisar o mapa de fixações e encontraram que a sequência da densidade das fixações, que eles chamaram de “magnetização” das fixações, correlaciona-se com a complexidade e coerência dos textos, sugerindo que a análise dos padrões de

movimentos oculares pode ser útil para avaliar o conteúdo de um texto.

Universidade Federal da Paraíba

Na Universidade Federal da Paraíba, o Laboratório de Processamento Linguístico, coordenado por Márcio Martins Leitão, formado por membros do GEPROL/CNPq (Grupo de Estudos em Processamento Linguístico) e por colaboradores de outras instituições, tem como objetivo pesquisar a linguagem humana na perspectiva da Psicolinguística Experimental, investigando os processos mentais relacionados à compreensão e à produção da linguagem.

O laboratório conta com diversos equipamentos para a execução de experimentos psicolinguísticos que são usados na elaboração e aplicação de diversas técnicas experimentais relacionadas a estímulos visuais e auditivos. Para o desenvolvimento de pesquisas com o rastreador ocular, o laboratório conta com um aparelho Eyetracker Monocular USB 220 system com Ultra Precision Head Positioner.

O GEPROL tem pesquisas em duas linhas, sendo elas: aquisição da linguagem e processamento linguístico e gramática na teoria gerativa. Interessa-nos, neste capítulo, as pesquisas que foram desenvolvidas sobre o processamento da linguagem, com uso do método do rastreamento ocular, conforme descritas abaixo.

Leitão, Ribeiro e Maia (2012) discutem o efeito da Penalidade do Nome Repetido em português brasileiro, utilizando o rastreador ocular, em orações coordenadas nas quais a retomada anafórica ocorre na posição de sujeito ou de objeto, sendo preenchida por nome repetido ou por pronome pleno.

Segundo os autores, os resultados da análise da movimentação ocular sugerem que os pronomes plenos são mais rapidamente processados do que os nomes repetidos, tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto.

Bezerra (2017) investigou a influência da referencialidade no processamento de orações relativas associadas a sintagmas nominais (NPs) complexos do tipo “substância”, a fim de encontrar evidências de que quando dois locais de aposição estiverem disponíveis, a oração relativa restritiva modificará preferencialmente o nome que é referencial no sentido de que se introduz uma entidade no modelo discursivo. Para coletar os dados e analisar os resultados obtidos, Bezerra (2017) conduziu uma série de sete experimentos, sendo um deles um estudo por meio da técnica do rastreamento ocular, encontrando resultados que indicam a preferência geral pela aposição não local da oração relativa. Segundo Bezerra (2017), a explicação para os dados encontrados é fornecida por meio de um enfoque semântico-pragmático da teoria norteadora do estudo.

Universidade Federal de Alagoas

Em Alagoas merece destaque o Grupo de Estudos em Fonética e Fonologia da Universidade Federal de Alagoas (FonUFAL), formado em 2006, e liderado por Januacele Francisca da Costa e Miguel Oliveira Jr. O grupo é constituído por estudantes da graduação e da pós-graduação, além de pesquisadores de instituições de ensino superior nacionais.

Dentre outros equipamentos, o laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras, utilizado pelo FonUFAL, disponibiliza equipamentos para experimentos *online* (em tempo real) sobre o processamento linguístico, tais como os equipamentos de rastreamento ocular EyeLinkII e EyeLink1000, da SR Research Ltda.

Através de um experimento *online* de rastreamento ocular com o paradigma do mundo visual, Almeida (2017) verificou o papel da prosódia na desambiguação de sentenças do tipo SN1–V–SN2–Advérbio de lugar–Advérbio de intensidade (bastante)–Atributo, no português do Brasil, testando se (e de que forma) pistas prosódicas, como *stress* e pausa, influenciam a preferência anafórica durante o processamento linguístico. Para tanto, o autor utilizou o rastreador ocular EyeLink1000. Os resultados apresentados pelas medidas de análise das proporções de fixações no experimento *online*, além de validarem o método do paradigma do mundo visual utilizado no experimento, sugerem que *stress* e pausa são fatores independentes que influenciam a preferência anafórica muito cedo durante o processamento.

Além dessa pesquisa, integrantes do grupo FonUFAL publicaram um capítulo indispensável para interessados nessa temática, apresentando alguns critérios metodológicos a serem observados em experimentos com o método de rastreamento ocular do paradigma do mundo visual (ALMEIDA; OLIVEIRA JUNIOR; COZIJN, 2021). Outro texto basilar para quem quer conhecer um pouco mais sobre o rastreamento ocular é o de Almeida e Almeida (2022), em que os autores conceituam o método, explicam o que se estuda a respeito do rastreamento ocular e ainda evidenciam de que forma questões prosódicas e/ou sintáticas podem ser investigadas a partir do rastreamento ocular.

Universidade Federal de Sergipe

Na Universidade Federal de Sergipe, encontramos pesquisas do Laboratório Multiusuário de Informática e Documentação Linguística (LAMID/UFS).

O LAMID conta com dois equipamentos de rastreamento ocular: um aparelho da marca Dinamarquesa Eye-tribe de 60Hz e

um aparelho da marca sueca Tobbi de 120Hz (Tobii T120), anu-
ando esforços para o desenvolvimento de *scripts* na linguagem
python que permitam o processamento dos dados de rastreo
coletados com diferentes equipamentos (ver [https://github.com/
julian-tejada/PyGazeAnalyser](https://github.com/julian-tejada/PyGazeAnalyser)).

Com o objetivo de medir o tempo de leitura, em português e
em inglês, de modo silencioso e em voz alta, Porto (2017) utilizou
o método de rastreamento ocular com três grupos experimentais
(jovens, envelhescentes e pessoas da terceira idade), a fim de iden-
tificar os efeitos do envelhecimento nos participantes. O padrão
estabelecido é que jovens leitores hábeis leem mais rapidamente
do que os outros grupos. Enquanto os jovens leram com duração
das fixações entre 200 a 250ms, podendo chegar a 350ms, os lei-
tores envelhescentes e pessoas de terceira idade apresentaram
duração de fixações que pode passar de 500ms, tanto na leitura
silenciosa quanto em voz alta.

Em outro estudo utilizando o rastreamento ocular pesquisa
(FREITAG *et al.*, 2021), foram analisadas as reações dos partici-
pantes através da dilatação da pupila, ao serem expostos a varian-
tes da variável linguística da palatalização progressiva, saliente do
ponto de vista social. Os resultados mostraram que, quando ex-
postos à variante estigmatizada, houve um aumento na dilatação
da pupila dos participantes, o que sugere ser evidência de uma
resposta emocional.

Balanço

Nos estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte,
Pernambuco e Bahia, não encontramos pesquisas sobre o proces-
samento da linguagem com o uso do rastreador ocular.

Vemos, portanto, que dos 09 (nove) estados da região
Nordeste, somente 04 (quatro) dispõem de laboratórios com

rastreador ocular para o desenvolvimento de pesquisas sobre o processamento da linguagem, o que evidencia, mais uma vez, a importância do financiamento governamental para esse tipo de pesquisa.

Neste ponto faz-se necessário ressaltar que os laboratórios citados acima formam novos pesquisadores que, ao se tornarem egressos, podem vir a atuar em instituições de ensino públicas, o que poderia não somente ampliar a rede de pesquisas e colaborações entre os pesquisadores dos laboratórios, mas também dar novas evidências sobre o processamento da linguagem. Assim, torna-se cada vez mais necessária a ampliação de espaços com infraestruturas e tecnologia para o desenvolvimento de pesquisas no Nordeste do Brasil.

Assim, encerramos esta seção sobre a caracterização das pesquisas sobre o processamento da linguagem com a utilização do método experimental do rastreamento ocular, na região Nordeste do Brasil, reforçando que esse levantamento não teve a intenção de esgotar a temática, mas sim despertar o interesse de novos pesquisadores na área do processamento da linguagem com a utilização do método do rastreamento ocular e também do setor governamental para investimentos em pesquisas, em todas as áreas do saber.

Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos pesquisas experimentais sobre o processamento da linguagem, com foco na técnica do rastreamento ocular, com o uso do *eye tracker*, trazendo informações importantes sobre a movimentação dos olhos para quem busca desenvolver pesquisas, usando este método. Também foram apresentados dois paradigmas que embasam tais pesquisas: o paradigma da leitura e o paradigma do mundo visual.

Na sequência, buscamos caracterizar o cenário das pesquisas sobre processamento da linguagem através do método do rastreamento ocular, na região Nordeste do Brasil. Constatamos que, nesta região, ainda temos poucas iniciativas de pesquisas experimentais, no âmbito da Linguística, com a utilização desse método. Dentre os possíveis fatores que causam a realidade enfrentada na região, podemos destacar o baixo investimento em pesquisa acadêmica por parte das entidades governamentais.

Não podemos deixar de advogar a necessidade de mais investimentos na área de infraestrutura e aquisição de equipamentos tecnológicos para laboratórios na Região Nordeste. Sabemos que editais como o CT-Infra e o Pró-EQUIPAMENTOS, lançados entre 2000 e 2014, criaram oportunidade para que os pesquisadores pudessem concorrer ao financiamento para a aquisição de equipamentos para a montagem de laboratórios. Esses laboratórios, entretanto, não contam, desde então, com verbas para manutenção e atualização de *softwares*.

Além da necessidade de compra de novos equipamentos para os laboratórios já existentes e da manutenção dos aparelhos, é necessário disponibilizar editais de financiamento e compra de dispositivos tecnológicos visando os egressos de tais laboratórios.

Os egressos de laboratórios como os da UFC, UFPB, UFAL e UFS obtêm treinamento, conhecimento teórico e prático para o uso de rastreadores oculares, sendo, na maioria das vezes, os novos professores de instituições públicas de ensino, tendo de adaptar-se à realidade de pesquisas já existentes, tanto pela falta de infraestrutura no espaço de trabalho, quanto pela falta de editais de financiamento para a compra de novos rastreadores oculares para montar laboratórios em institutos e universidades da região Nordeste.

Não podemos deixar de lembrar que é inegável que o ambiente acadêmico-científico foi abalado pela pandemia, que intensificou os desafios enfrentados pelos grupos de pesquisa em todo o mundo. No Brasil, a situação foi particularmente desafiadora, diante de um governo negacionista perante um problema de saúde que afetou a população do mundo inteiro e que expressava verbalmente desinteresse pela ciência.

Tal desinteresse negou investimentos indispensáveis para a realização de pesquisas científicas de qualidade, uma vez que os grupos de pesquisa precisam ser municiados de equipamentos tecnológicos que viabilizem métodos avançados de pesquisa. Os grupos que já possuem alguns equipamentos precisam mantê-los em funcionamento por meio de manutenções periódicas. Seja para manutenção e/ou aquisição, é necessário financiamento governamental de apoio à pesquisa, pensando também nos egresos dos laboratórios de pesquisa experimental sobre o processamento da linguagem, o que ampliaria a rede de pesquisas nesta área na região Nordeste.

Mesmo diante de tantos desafios, os grupos de pesquisa brasileiros, sobretudo os da região Nordeste, tentam não perder sua essência de grupo de pesquisa produtivo na área da ciência linguística, por meio de ações relevantes materializadas pelo fomento da produção científica e difusão do conhecimento, conforme ilustramos no presente capítulo, com um breve levantamento de algumas investigações sobre processamento da linguagem realizadas através do método de rastreamento ocular. Aproveitamos o ensejo para expressar nosso desejo de que as limitações sejam superadas e o compromisso com a ciência seja propulsor da motivação de pesquisadores em todo o país.

Referências

ALMEIDA, René A. S. de. **A prosódia e o processamento on-line de sentenças ambíguas do português brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

ALMEIDA, René A. S. de; ALMEIDA, Ayane N. S. de. Rastreamento ocular e prosódia. *In*: OLIVEIRA JUNIOR, Miguel. **Prosódia, prosódias**. São Paulo: Contexto, 2022. p. 201-217.

ALMEIDA, René. A. S. de; OLIVEIRA JUNIOR, Miguel; COZIEN, Reinier. Paradigma do mundo visual: método de rastreamento ocular. *In*: COSTA, Januacele. da; OLIVEIRA JUNIOR, Miguel. **Estudos em Fonética e Fonologia**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 111-134.

ALVES, Ana Paula Martins. **A compreensão de verbos psicológicos por crianças falantes do português brasileiro com idade entre 3 e 8 anos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

BEZERRA, Gitanna Brito. **A influência da referencialidade no processamento de orações relativas associadas a NPs complexos do tipo “substância”**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, 2017.

BRAUN, Bettina; CHEN, Aojun. Now for something completely different: anticipatory effects of intonation. *In*: NIEBUHR, Oliver (ed.). **Understanding prosody: the role of context, function and communication**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 289-311.

COOPER, Roger M. The control of eye fixation by the meaning of spoken language: a new methodology for the real-time investigation of speech perception, memory and language processing. **Cognitive Psychology**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 84-107, 1974.

COZIEN, Reinier; COMMANDEUR, Edwin; VONK, Wietske; NOORDMAN, Leo G. M. The time course of the use of implicit causality information in the processing of pronouns: A visual world

paradigm study. **Journal of Memory and Language**, [S.l.], v. 64, n. 4, p. 381-403, 2011.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura** – como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

DUCHOWSKI, Andrew T. **Eye tracking methodology: theory and practice**. 2. ed. London: Springer-Verlag, 2007.

EBERHARD, Kathleen M.; SPIVEY-KNOWLTON, Michael J.; SEDIVY, Julie C.; TANENHAUS, Michael K. Eye movements as a window into real-time spoken language comprehension in natural contexts. **Journal of Psycholinguistic Research**, [S.l.], v. 24, n. 6, p. 409-436, 1995.

FERNANDEZ, Eva M.; CAIRNS, Helen Smith. **Fundamentals of psycholinguistics**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2010.

FERREIRA, Vitória Régia Santos. **Processamento da correferência anafórica de hipônimos em português brasileiro: evidências de movimentação ocular**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística. Fortaleza CE, 2018.

FIELD, John. **Psycholinguistics: A resource book for students**. London: Psychology Press, 2003.

FRANZEN, Bruna Alexandra; SOUZA, Ana Cláudia. Processamento Anafórico e Leitura: revisão sistemática e ponderações para ensinar e aprender a ler. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 9-30, abr. 2020.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *et al.* Respostas emocionais da variação linguística: Análise exploratória de rastreamento ocular. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E DA LINGUAGEM HUMANA (STIL)*, 13, 2021, Evento *Online*. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 398-408.

GARNSEY, Susan M.; PEARLMUTTER, Neal J.; MYERS, Elizabeth; LOTOCKY, Melanie A. The contributions of verb bias and plausibility to the comprehension of temporarily ambiguous sentences. **Journal of Memory and Language**, [S.l.], v. 37, n. 1, p. 58-93, 1997.

GLEITMAN, Lila R.; JANUARY, David; NAPPA, Rebecca; TRUESWELL, John C. On the give and take between event apprehension and utterance formulation. **Journal of Memory and Language**, v. 57, n. 4, p. 544-569, 2007.

GLUCKSBERG, Sam; DANKS, Joseph H. **Experimental psycholinguistics: an introduction**. London: Psychology Press, 2015.

HEINZE, Elena Garayzábal; GARCÍA, Ana Isabel Codesido. **Fundamentos de Psicolinguística**. Madri: Editorial Sintesis, 2015.

HIROTANI, Masako; FRAZIER, Lyn; RAYNER, Keith. Punctuation and intonation effects on clause and sentence wrap-up: evidence from eye movements. **Journal of Memory and Language**, [S.l.], v. 54, n. 3, p. 425-443, 2006.

HUETTIG, Falk; HARTSUIKER, Robert J. Listening to yourself is like listening to others: External, but not internal, verbal self-monitoring is based on speech perception. **Language and Cognitive Processes**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 347-374, 2010.

HUETTIG, Falk; ROMMERS, Joost; MEYER, Antje S. Using the visual world paradigm to study language processing: A review and critical evaluation. **Acta Psychologica**, [S.l.], v. 137, p. 151-171, 2011.

KAISER, Elsi. Experimental paradigms in psycholinguistics. *In*: PODESVA, Robert J.; SHARMA, Devyani. **Research Methods in Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 135-168.

KAISER, Elsi; TRUESWELL, John C. The role of discourse context in the processing of a flexible word-order language. **Cognition**, [S.l.], v. 94, n. 1, p. 113-147, 2004.

KAMIDE, Yuki; ALTMANN, Gerry T. M.; HAYWOOD, Sarah L. The time-course of prediction in incremental sentence processing: Evidence from anticipatory eye-movements. **Journal of Memory and Language**, [S.l.], v. 49, n. 1, p. 133-156, 2003.

KLEIN, Ângela I.; BULLA, Julieane P. Eye-tracking e a Linguística: aplicações e interfaces. **Letrônica**. [S.l.], n. 2, v. 3, p. 235-249, 2010.

LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 217-234.

LEITÃO, Márcio Martins; RIBEIRO, Antônio João C.; MAIA, Marcus A. R. Penalidade do nome repetido e rastreamento ocular em português brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 35/6-85, 2012.

LIMA, Alisson Hudson Veras. **A influência da retomada e da distância sintática no processamento de pronomes plenos e nulos em português brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística. Fortaleza CE, 2015.

MAIA, Marcus. Rastreamento ocular de sintagmas preposicionais ambíguos em português. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 11-36, 2010.

MAIA, Marcus; FINGER, Ingrid. **Processamento da Linguagem**. Porto Alegre: Educat, 2005.

MAIA, Marcus; LEMLE, Miriam; FRANÇA, Aniela Improta. Efeito *stroop* e rastreamento ocular no processamento de palavras. **Ciências & Cognição**, [S.l.], v. 12, p. 02-17, 2007.

MELO, Lélia Erbolato. **Tópicos de psicolinguística**. São Paulo: Editora Humanitas, 1999.

MENN, Lisa. **Psycholinguistics: introduction and applications**. San Diego: Plural Publishing, 2015.

MITCHELL, Don C. On-line methods in language processing: introduction and historical review. *In*: CARREIRAS, Manuel; CLIFTON JR, Charles (ed.). **The On-line Study of Sentence Comprehension: Eyetracking, ERP and Beyond**. New York: Psychology Press, 2004. p. 15-32.

MOXEY, Linda M.; SANFORD, Anthony J.; STURT, Patrick; MORROW, Lorna I. Constraints on the formation of plural reference objects: the influence of role, conjunction, and type of description. **Journal of Memory and Language**, [S.l.], v. 51, n. 3, p. 346-364, 2004.

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de; SÁ, Thaís Maira Machado de. **Métodos experimentais em psicolinguística**. São Paulo: Pá de Palavra, 2022.

PAULMANN, Silke; TITONE, Debra; PELL, Marc D. How emotional prosody guides your way: Evidence from eye movements. **Speech Communication**, [S.l.], n. 54, p. 92-107, 2012.

PEIXOTO, Carolina de Abreu. **A compreensão de orações relativas de sujeito com estado mental de emoção entre indivíduos com desenvolvimento típico e com transtorno do espectro do autismo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

PORTO, Maria Augusta Rocha. **Tempo cognitivo e tempo social nas aulas de inglês para a envelhescência e terceira idade**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

RAYNER, Keith. Eye movements and cognitive processes in reading, visual search, and scene perception. *In*: FINDLAY, John M.; WALKER, Robin; KENTRIDGE, Robert W. **Eye movement research: mechanisms, processes and applications**. Amsterdam: Elsevier, 1995. p. 3-22.

RAYNER, Keith. Eye movements in reading and information processing: 20 years of research. **Psychological Bulletin**, [S.l.], v. 124, n. 3, p. 372-422, 1998.

RAYNER, Keith; POLLATSEK, Alexander. Eye-movement control in reading. *In*: TRAXLER, Matthew J.; GERNSBACHER, Morton A. **Handbook of Psycholinguistics**. 2. ed. San Diego: Elsevier Press, 2006. p. 613-658.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à Psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.

SEDIVY, Julie. **Language in mind**: an introduction to psycholinguistics. Oxford: Oxford University Press, 2019.

SNEDEKER, Jesse; YUAN, Sylvia. Effects of prosodic and lexical constraints on parsing in young children (and adults). **Journal of Memory and Language**, [S.l.], 58, p. 574-608, 2008.

STAUB, Adrian; RAYNER, Keith. Eye movements and on-line comprehension processes. *In*: GASKELL, Gareth (ed.). **The Oxford Handbook of Psycholinguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 327-342.

STEINBERG, Danny; NAGATA, Hiroshi; ALINE, David. **Psycholinguistics**: Language, mind and world. Philadelphia: Routledge, 2001.

TANENHAUS, Michael K.; TRUESWELL, John C. Eye movements and spoken language comprehension. *In*: TRAXLER, Matthew J.; GERNSBACHER Morton A. (ed.). **Handbook of Psycholinguistics**. 2. ed. Amsterdam: Elsevier Press, 2006. p. 863-900.

TEIXEIRA, Elisângela N.; SOARES, Maria E. Movimentação ocular no estudo do processamento da referência. *In*: CAVALCANTE, Mônica M.; LIMA, Silvana M. C. de. **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2014. p. 27-50.

TORRES, Débora; SENA, Wagner R.; CARMONA, Humberto A.; MOREIRA, André A.; MAKSE, Hernán A.; ANDRADE JUNIOR, José S. A. Eye-tracking as a proxy for coherence and complexity of texts. **PLOS ONE**, [S.l.], v. 16, n. 12, p. e0260236, 13 dez. 2021.

TRAXLER, Matthew J. A Hierarchical linear modeling analysis of working memory and implicit prosody in the resolution of adjunct attachment ambiguity. **Journal of Psycholinguistic Research**, [S.l.], v. 38, n. 5, p. 491-509, 2009.

TRAXLER, Matthew; GERNSBACHER, Morton Ann (ed.). **Handbook of psycholinguistics**. Amsterdam: Elsevier, 2006.

VIEIRA, João Marcos Munguba Vieira. **The brazilian portuguese eye-tracking corpus with predictability norms to study lexical and partial prediction**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020.

WARREN, Paul. **Introducing psycholinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

YOKOMIZO, Juliana E.; LUKASOVA, Katerina; FONTELES, Daniel S. R.; MACEDO, Elizeu C. de. Movimentos sacádicos durante leitura de texto em crianças e universitários bons leitores. **O Mundo da Saúde**, [S.l.], v. 32, n. 2, p. 131-138, 2008.



INTERFACE ENTRE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, EDUCAÇÃO e SAÚDE NOS ESTADOS NORDESTINOS

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Renata Fonseca Lima da Fonte
Isabela Barbosa do Rêgo Barros
Evangelina Maria Brito de Faria
Marian dos Santos Oliveira

Introdução

O campo de estudo da aquisição da linguagem procura compreender de que modo o ser humano passa do estado de não falante a falante de uma língua. Desse modo, interessa-se pela aquisição de língua materna, oral, gestual, escrita e de segunda língua, com todas as implicações contidas nesses processos. Como se vê, é um campo bem abrangente, pois o olhar de pesquisa pode percorrer os diversos níveis da língua: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, o discursivo, como também vários processos envolvidos com a aquisição: alfabetização, relação entre fala e escrita, relação entre sujeito e linguagem, dentre outros.

Os estudos em aquisição da linguagem estão em expansão em diferentes estados do Nordeste brasileiro, aproximando-se de outras áreas, entre elas a educação e as ciências da saúde.

A pesquisa iniciada por Cavalcante e Fonte (2019), publicada na obra *Cartografia GELNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura*, que mapeou as pesquisas em aquisição de linguagem realizadas por pesquisadores dos programas de Pós-Graduação do Nordeste já mostrava indícios de interface com as áreas de educação e saúde. A cartografia atual buscou aprofundar o mapeamento, a partir do levantamento dos grupos de pesquisa em aquisição da linguagem cadastrados do CNPq. Programas de Pós-graduação na área de Letras/Linguística, Educação e Ciências da Saúde (composta pelas áreas de conhecimento Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional) nos nove estados nordestinos, de forma a identificar pesquisas em aquisição da linguagem com interface entre a educação/ensino e saúde.

Metodologicamente, foi feito um levantamento de diretórios de Grupos de pesquisa no Brasil cadastrados no CNPq atuantes nos estados nordestinos e de *sites* de Programas de pós-graduação *stricto sensu* em Letras/Linguísticas, Educação e Ciências da Saúde, utilizando os descritores: (i) aquisição de linguagem; (ii) aquisição de linguagem e ensino; (iii) aquisição de linguagem e educação; (iv) aquisição de linguagem e pedagogia; (v) aquisição de linguagem e saúde, (vi) aquisição de linguagem e distúrbio de linguagem; (vii) aquisição de linguagem e alteração de linguagem; (viii) aquisição de linguagem e Fonoaudiologia.

O primeiro momento metodológico envolveu a consulta à base corrente e o censo atual na busca parametrizada realizada no *site* do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, vinculado ao CNPq e certificados. Aplicamos a busca nos campos: nome do grupo; nome da linha de pesquisa; palavras-chave da linha de pesquisa; repercussões do grupo.

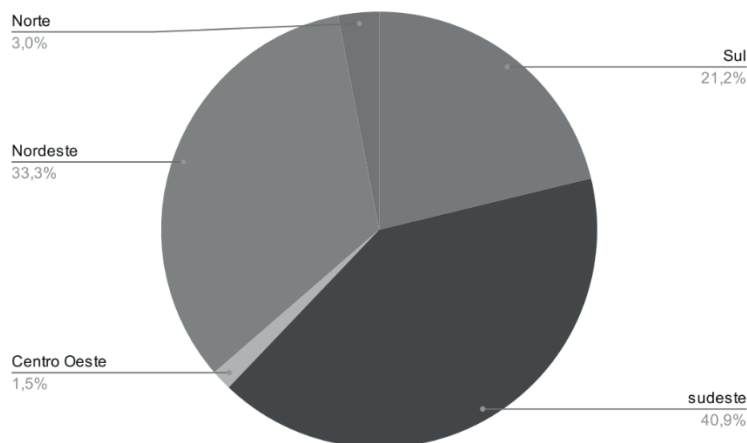
O segundo momento metodológico envolveu a busca no *site* da CAPES dos PPGs que contemplassem a interlocução entre aquisição de linguagem e educação/ensino ou aquisição de linguagem e ciências da saúde. Para isso, percorremos as seguintes etapas:

- Realizamos consulta no *site* da CAPES dos PPGs nas áreas Letras/Linguística, Educação e Ciências da Saúde recomendados pela instituição;
- Quantificamos os programas acadêmicos e os profissionais;
- Separamos por estado cada PPG;
- Visitamos as páginas dos PPGs;
- Identificamos linhas de pesquisa e projetos caracterizados pela interface aquisição de linguagem, e educação/saúde.

Em relação ao levantamento nos diretórios de Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq foram encontrados registros apenas nos três primeiros itens de descritores: i) aquisição de linguagem; (ii) aquisição de linguagem e ensino; (iii) linguagem e ensino.

Foram encontrados 66 registros no Brasil nas áreas de linguística, letras, psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional, física e educação. O gráfico 1 abaixo mostra a proporção dos grupos por região no país. Especificamente no Nordeste foram encontrados 22 grupos de pesquisa, nos quais a aquisição da linguagem se faz presente, o que corresponde a 33,3% dos grupos no Brasil, sendo a segunda região com o maior número de grupos de pesquisa na área.

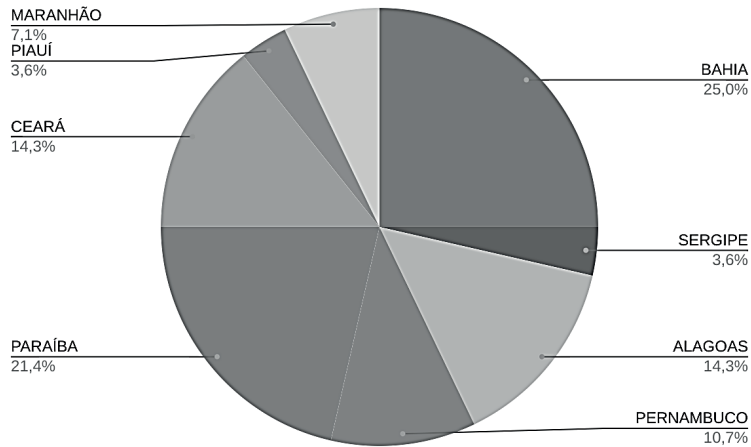
Gráfico 1 – Distribuição dos grupos de pesquisa em Aquisição da Linguagem no Brasil



Fonte: Elaborado pelas autoras

Em relação aos estados nordestinos, temos a seguinte proporção dos grupos de pesquisa: Na Bahia foram encontrados 5 na linguística, 1 na educação e 1 na Fonoaudiologia; na Paraíba foram encontrados 5 em Linguística e 1 em Fonoaudiologia; em Pernambuco foram encontrados 3 na área de Linguística; em Alagoas foram encontrados 4 na área de Linguística; em Sergipe foi encontrado 1 na área Fisioterapia e Terapia Ocupacional; no Ceará foram encontrados 5 e todos na linguística; no PiauÍ foi encontrado 1 na Linguística; no Maranhão foram encontrados 2 na linguística. O Rio Grande do Norte foi o único estado em que não se encontrou grupos voltados para Aquisição da Linguagem. O gráfico 2 mostra essa divisão:

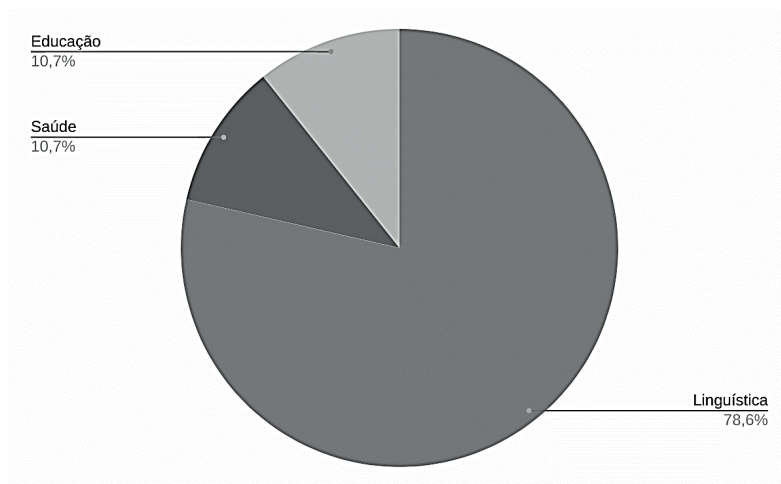
Gráfico 2 – Distribuição dos grupos de pesquisa em Aquisição da Linguagem nos estados Nordestinos



Fonte: Elaborado pelas autoras

Os estados com maior destaque na área, com linhas e produção sólida, permanecem, quase todos, como aqueles que apresentam um maior número de grupos de pesquisa são eles: Bahia (25%), Paraíba (21,4%), Ceará (14,3%), Alagoas com 13,3% e Pernambuco (10,7%) que têm linhas e produção sólida, já discutida em Cavalcante e Fonte (2019). É interessante destacar que três outros estados começam a despontar no cenário da pesquisa em Aquisição da Linguagem: Maranhão (7,1%) Piauí e Sergipe, com 3,6% cada, avanço que não apareceu em levantamento anterior (CAVALCANTE; FONTE, 2019), como pode ser visto no gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição das áreas temáticas dos grupos em Aquisição da Linguagem no Nordeste



Fonte: Elaborado pelas autoras

No que diz respeito às interfaces, nota-se a concentração dos grupos com foco em aquisição da linguagem na área da linguística, mas já surgem grupos em outras áreas que tomam a aquisição como objeto de análise, como pode ser visto no gráfico 3. Os grupos se dividem entre linguística (78,6%), saúde – fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional e psicologia (10,7%) e educação (10,7%).

A seguir, descrevemos cada um dos grupos em Aquisição da Linguagem presentes na base de dados do CNPq.

Grupos por estado

Bahia

Os Estudos da Aquisição da Linguagem, Laboratórios, Núcleos e Interfaces na Bahia têm gravitado em torno das pesqui-

sas, dissertações e teses desenvolvidas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sobretudo orientadas por Elizabeth Reis Teixeira, com foco na fonologia natural e nos estudos surdos (1 grupo) e em pesquisas desenvolvidas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista, região sudoeste, com vertentes variadas: neurolinguística discursiva; psicolinguística e cognição; educação com foco na alfabetização inicial. Já na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em fonoaudiologia.

Programa de Aquisição e Ensino do Português (PROAEP) – UFBA

O PROAEP, coordenado por Elizabeth Reis Teixeira, originou-se da necessidade de integrar os estudos desenvolvidos, nas áreas da Aquisição da Linguagem, Aprendizagem e Ensino do Português e Linguística Clínica. Abrigou diversos projetos pioneiros, como o projeto *Aquisição da fonologia por falantes do português*, iniciado em 1987, que resultou na constituição, em 1994, do Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC) da UFBA.

A partir de 1998, desenvolveu o projeto *Adaptação, validação e normatização dos inventários macarthur de desenvolvimento comunicativo (CDI's) para o português brasileiro* – dois protocolos de avaliação e diagnóstico evolutivo para a utilização de gestos significativos, compreensão de vocabulário, produção de vocabulário e complexidade frasal de crianças de idades de 8 a 16 meses e de 16 a 30 meses, a fim de traçar um perfil maturacional para subsidiar práticas clínicas e psicopedagógicas. Este projeto continua em curso, em conclusão da fase de *Normatização dos inventários*.

E, recentemente, o programa abrigou também projetos na área de Estudos Surdos: *A situação linguística da criança surda*

frente ao desafio do letramento: problema de aquisição da linguagem, que investigou a aquisição tardia da língua por crianças em escolas para surdos na cidade de Salvador (apoiado pela FAPESB e concluído em 2013); Adaptação dos inventários comunicativos de desenvolvimento para a língua brasileira de sinais (em curso); e, a partir de 2017, com apoio da FAPESB, o projeto Idade de aquisição e o desenvolvimento da capacidade comunicativa no aluno surdo. Suas pesquisas priorizam a abordagem da fonologia natural e dos estudos surdos. Além disso, também pesquisa as manifestações linguísticas atípicas (patológicas) que afetam o desenvolvimento da linguagem e/ou da fala em indivíduos falantes do português.

***Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística/
Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN/
GPEN) – UESB***

No LAPEN, desde 2007, são desenvolvidas pesquisa-ação pelos membros do GPEN, direcionadas à avaliação e ao seguimento longitudinal de bebês, crianças, jovens e adultos que apresentam dificuldades no processo de aquisição da linguagem (oral/escrita) ou mesmo de crianças que recebem diagnóstico que compromete tal processo e sua permanência na escola (dislexia, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade etc.); crianças, jovens e adultos que sofreram episódio neurológico ou algum tipo de degeneração comprometendo de alguma forma seu funcionamento com e na linguagem (afasias e demências) e acompanhamento e intervenção de bebês e/ou crianças com condições genéticas tais como Síndrome de Down (conhecida mundialmente como trissomia do 21 ou T-21) e Transtorno de Espectro Autista (TEA).

No LAPEN, a pesquisa-ação resultou o Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística (CECIN), criado em 2009 e dividido em dois espaços de convivência e de intervenção, quais sejam: i) Espaço de Convivência entre Afásicos e não afásicos

(ECOIA), criado, em 2009, por Nirvana Ferraz Santos Sampaio. ii) Espaço de Convivência e de Intervenção: Síndrome de Down e Transtorno de Espectro Autista (ECIN-Fala Down/TEA), criado, em 2011, por Carla Salati Almeida Ghirello-Pires.

Na perspectiva teórico-metodológica-assistencial da prática (clínica) com a linguagem, ou seja, da neurolinguística enunciativo-discursiva, exercida no CECIN, os sujeitos afásicos, com demência, com Síndrome de Down ou Transtorno de Espectro Autista têm um acompanhamento longitudinal em grupo, nesses espaços de convivência e de intervenção, que possibilitam que as alterações apresentadas, as tentativas de superação dessas alterações e a motivação para identificar dificuldades e eleger processos alternativos de significação possam ser viabilizadas. É vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da UESB.

***Grupo de Pesquisa em Estudos da Linguagem (GPEL)/
Núcleo de Pesquisa e Estudos em Síndrome de Down –
Saber Down – UESB***

O GPEL, coordenado por Maria da Conceição Fonseca-Silva e Vera Pacheco, através de sua linha *Aquisição e desenvolvimento da língua(gem) típica e atípica*, abarca projetos de pesquisa que visam responder questões dentro do escopo dos estudos de aquisição e desenvolvimento da língua(gem) típica e atípica, com base em diferentes pressupostos teórico-metodológicos das áreas e interfaces da Aquisição da Linguagem, da Neurolinguística, da Psicolinguística, Língua(gem), cérebro e cognição em sujeitos com afasia, neurodegenerescência, surdez, síndrome de Down, transtorno do espectro autista, fissura palatina e implante coclear. Nesta linha de pesquisa, o Núcleo Saber Down desenvolve pesquisa e ação voltadas ao tema e pessoas com síndrome de Down. Criado em 2012, por Marian dos Santos Oliveira, tem se consolidado com cuidado e estimulação à pessoa com Trissomia do

Cromossomo 21 (T21) (criança, jovem, adulto), desenvolvendo atividades de estimulação motora, cognitiva, linguística, educacional e social, ao mesmo em que desenvolve pesquisas sobre essa população, em suas singularidades e potencialidades.

O Núcleo é composto por uma equipe multiprofissional (linguistas, fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos etc.) e o trabalho de estimulação realizado por essa equipe multiprofissional se constitui como o espaço de coleta de dados privilegiados para as pesquisas sobre aquisição e desenvolvimento de fala, de escrita e de leitura. Seu banco de dados é composto por mais de cinco mil horas de vídeo dos atendimentos realizados. É vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da UESB.

Grupo de Pesquisa das Estruturas Gramaticais e de Aquisição da Linguagem/Laboratório de Aquisição da Linguagem e Aspectos Linguísticos (LALALin) – UESB

O LALALin, coordenado por Adriana Lessa de Oliveira e Maria de Fátima Baia, tem por objetivo compreender propriedades gramaticais de línguas naturais e o processo de aquisição da linguagem nos vários níveis da gramática. Um importante resultado das pesquisas desse grupo foi a criação do sistema SEL, um sistema de escrita para línguas de sinais. Congrega projetos temáticos com foco em: estudo dos processos de aquisição da oralidade e da escrita por surdos e não surdos (Coordenação: Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira); desenvolvimento fonológico típico de crianças gêmeas, não gêmeas e bilíngues (Coordenação: Maria de Fátima de Almeida Baia).

O LALALin atua na extensão também oferecendo sessões de musicoterapia para crianças e minicursos diversos para a comunidade externa. O grupo traz a linha Aquisição da gramática

que reúne projetos de pesquisa em aquisição de linguagem, considerando a aquisição de língua materna e aquisição de segunda língua. É vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da UESB.

***Ensino e aprendizado típico e atípico da leitura e da escrita
– UESB***

Este grupo, coordenado por Ronei Guaresi, desenvolve pesquisas na perspectiva teórica dos sistemas dinâmicos, objetivam contribuições tanto científicas, quanto pedagógicas ao ensino inicial da leitura e da escrita. As contribuições científicas decorrem do desenvolvimento de estudos sobre processamento cognitivo da linguagem, particularmente da leitura, e do ensino e do aprendizado da leitura e da escrita, preditores cognitivos, linguísticos e sócio-históricos de sucesso ou fracasso na alfabetização, desenvolvimento e validação de ferramentas de rastreamento de aprendizado atípico de sistemas alfabéticos de escrita; desenvolvimento e validação de ferramentas virtuais que favoreçam o desenvolvimento da competência leitora. Este grupo apresenta duas linhas dedicadas à aquisição da linguagem: i) Aquisição e desenvolvimento da língua(gem) típica e atípica e ii) Aquisição e Patologias da Linguagem. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da UESB.

***Grupo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização Inicial,
Leitura e Escrita (GEPALE) – UESB***

O GEPALE é coordenado pelos profs. Drs. Claudionor Alves da Silva e Sheila Cristina Furtado Sales e tem como objetivo investigar sobre a alfabetização inicial, o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita no ciclo da alfabetização, buscando, no contexto da pesquisa documental e etnográfica, identificar as concep-

ções de alfabetização, leitura e escrita; compreender as teorias que fundamentam as práticas pedagógicas de alfabetização e analisar as políticas públicas educacionais voltadas para o processo de alfabetização. Nesse grupo há uma linha com foco na área nomeada por Aquisição e Patologias da Linguagem. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Estudos clínicos da fluência e da linguagem – UNEB

Sob a coordenação de Aline Silva Lara de Alvarenga e Júlia Escalda Mendonça, o grupo tem como objetivo ampliar os conhecimentos sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem e da fluência da fala, bem como suas alterações. Objetiva ainda ampliar os estudos sobre a utilização e o desenvolvimento de estratégias de avaliação clínica e formal e a proposição de intervenção terapêutica fonoaudiológica pertinente e atualizada baseada em evidências e apoiada em sistemática metodologia científica. Este grupo apresenta uma linha com foco em aquisição da linguagem: Aquisição da linguagem infantil, diagnóstico diferencial e intervenção fonoaudiológica dos distúrbios de linguagem. É vinculado ao Curso de Fonoaudiologia da UNEB.

Alagoas

O estado de Alagoas contempla duas universidades, a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), com um grupo com foco em psicolinguística e a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com dois grupos de pesquisa que dialogam com o campo da aquisição da linguagem, ambos com ênfase nos aspectos formais da língua em aquisição e um grupo, com foco na escrita inicial, numa perspectiva mais psicolinguística.

Estudos em Linguagem (Elun) – UNCISAL

O Elun, criado em 2018, é coordenado por Priscila Rufino da Silva Costa e Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu e tem como propósito desenvolver pesquisas relacionadas à linguagem, língua escrita, língua falada, comunicação alternativa, LIBRAS entre outros temas que se relacionem ao escopo da Linguística e Fonoaudiologia. As linhas de pesquisa que se articulam com a aquisição da linguagem são: i) Aquisição, patologia, clínica da linguagem escrita; ii) Aquisição, patologia, clínica da linguagem oral. É vinculado ao curso de Fonoaudiologia da UNCISAL.

Línguas Brasileiras: análise, aquisição e ensino – UFAL

O grupo é coordenado pelos profs. Drs. Aldir Santos de Paula e Núbia Rabelo Bakker Faria. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFAL. Criado em 2008, objetiva agrupar projetos dedicados a: 1) descrição, análise e documentação de línguas brasileiras, incluindo-se o português, as línguas indígenas e a língua brasileira de sinais (LIBRAS); 2) aquisição da linguagem oral e escrita pela criança, a aquisição da escrita por jovens e adultos, a aquisição de libras e do português escrito pelo sujeito surdo; 3) Variação e mudança linguística 4) desdobramentos da reflexão linguística para pensar o ensino das línguas e 5) reflexão sobre teorias, métodos e epistemologia no campo da linguística. Tem uma linha de pesquisa dedicada à área: i) Aquisição de linguagem.

Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN) – UFAL

O PRELIN foi criado em 1992 e visa observar, descrever e explicar fenômenos sintáticos de línguas naturais, é coordenado pelos profs. Drs. Telma Moreira Vianna Magalhães e Jair Gomes

de Farias. Os estudos desenvolvidos pelo grupo incluem trabalhos nas linhas de investigação de Teoria da Gramática, de Aquisição da Sintaxe, de Sintaxe Comparativa e de Linguística Educacional. Sua linha de pesquisa, Aquisição de Linguagem, tem como foco realizar pesquisas em dados de produções de crianças que estejam em fase de aquisição de uma gramática (aspectos sintáticos). É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFAL.

Ensino, Texto & Criação (ET&C) – UFAL

O ET&C, criado em 2002 e coordenado pelos profs. Drs. Eduardo Calil de Oliveira e Maria Hozanete Alves de Lima, propõe-se a: a) Investigar as relações entre escreventes e o manuscrito produzido sob condições didáticas; b) Elaborar e analisar materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa, dando ênfase para propostas de produção textual e suas relações com o ensino da leitura e da análise linguística. Através de análises de manuscritos escolares e os processos de escritura em diferentes contextos didáticos e práticas de textualização, com foco em textos dos anos iniciais. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFAL.

Pernambuco

No estado de Pernambuco, destacam-se as pesquisas em Aquisição da Linguagem iniciadas com a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, traz três grupos intitulados de: (i) Linguagem, Distúrbio e Multidisciplinaridade e (ii) Linguagem, Ação, Crítica e Educação em Línguas (LACELI), (iii) Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez e Educação de Surdos. Os grupos caracterizam-se por uma diversidade teórica

articulando projetos em interface com a psicanálise, enunciação, multimodalidade e ensino.

Linguagem, Distúrbio e Multidisciplinaridade – UNICAP

O Grupo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da UNICAP, foi implantado em 2002, coordenado por Maria de Fátima Vilar de Melo e Glória Maria Monteiro de Carvalho. Esse grupo de pesquisas contempla estudos com enfoque multidisciplinar que envolvem a pós-graduação e a graduação dos cursos de Filosofia, Fonoaudiologia, Letras, Psicologia e Pedagogia.

Possui a linha de pesquisa Aquisição da Linguagem em suas diversas manifestações, o que inclui pesquisas na educação básica, estudando os diferentes aspectos e elementos envolvidos no processo de aquisição/construção e desenvolvimento da linguagem a partir de diferentes perspectivas no campo da interação e multimodalidade de influência sociopragmática *tomaselliana*, enunciação e psicanálise. Destacamos o Laboratório de Práticas de Linguagem, com a participação de Isabela Barros e Renata da Fonte, que tem como foco a aquisição de linguagem (oral e escrita) nos contextos escolares e inclusivos de sujeitos com surdez, autismo e gagueira, e de L2 por meio de tecnologias digitais.

Linguagem, Ação, Crítica e Educação em Línguas (LACELI) – UFRPE

O LACELI é coordenado por Julia Maria Raposo Gonçalves de Melo Larré, e foi fundado em 2013. Este grupo de pesquisa realiza atividades acadêmicas de ensino, de pesquisa e extensão que privilegia o Ensino de Língua Inglesa, apresentando as seguintes linhas de atuação: (i) Ensino de língua inglesa; (ii) crenças sobre o aprendizado de línguas estrangeiras; (iii) aquisição de linguagem;

(iv) elaboração de material didático para o ensino de língua inglesa; (v) língua estrangeira e cultura. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em EAD da UFRPE.

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez e Educação de Surdos – UFPE

Este grupo, coordenado por Wilma Pastor de Andrade Sousa e Tícia Cassiany Ferro Cavalcante, do Centro de Educação da UFPE, tem como foco o estudo de aspectos ligados à surdez, às formas de socialização dos indivíduos surdos e suas implicações para as aprendizagens desses indivíduos, mediadas por suas práticas de letramento.

Atua também numa linha específica, Aquisição da linguagem de língua materna (L1) e de segunda língua (L2), que visa a analisar, compreender e descrever os processos sociocognitivos que estão na base da aquisição da linguagem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tanto por parte de indivíduos surdos, para os quais a LIBRAS é L1, quanto de indivíduos ouvintes, para os quais a LIBRAS é L2. Vinculam-se, também, estudos que se interessam pela aquisição do português como L2 por parte de pessoas surdas, com foco numa abordagem dialógico-discursiva. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE.

Sergipe

O estado de Sergipe desponta com seu primeiro grupo interdisciplinar que contempla em suas linhas pesquisas em Aquisição da Linguagem ainda não vinculado à Programa de Pós-Graduação.

Laboratório Multidisciplinar de Pesquisa em Reabilitação Funcional (LMPRF) – UFS

O LMRPF está vinculado às Ciências da Saúde, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Sergipe. É coordenado por Sheila Schneiberg Valença Dias e Sibeles de Andrade Melo Knaut do Departamento de Fisioterapia da UFS. Este grupo foi criado em 2015, e tem como propósito desenvolver projetos multidisciplinares na área da reabilitação da saúde funcional; uma de suas linhas de pesquisa, Linguagem e Comunicação, tem como foco a aquisição e desenvolvimento da linguagem, na perspectiva da reabilitação em saúde.

Paraíba

Consolidando-se como um polo nacional de pesquisas em Aquisição da Linguagem, desde a criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, a Paraíba apresenta 6 grupos de pesquisa com linhas voltadas para a aquisição da linguagem com vertentes de base interacionista e dialógico-discursiva (4 grupos), com vertente sociocognitiva (1 grupo) e da psicolinguística experimental (1 grupo). Interessante destacar que dos seis grupos na Paraíba, dois deles GEILIM/UEPB e NEALE/IFPB não estão vinculados à Programas de Pós-graduação *stricto sensu*, apenas à Pós-graduação *lato sensu*, o que merece destaque.

Núcleo de Estudos Linguísticos Interacionais/Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (NELIN-LAFE) – UFPB

Na Paraíba, a Aquisição da Linguagem ganha robustez a partir de 2002, com a criação, na UFPB – *Campus I*, do NELIN que congrega o LAFE vinculados ao Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e ao Programa de Pós-graduação em Linguística

(PROLING). O LAFE, coordenado por Marianne Cavalcante e Evangelina Faria, é um grupo consolidado na área de Aquisição da Linguagem brasileira, com parcerias em diversos grupos nacionais, como GPEL/UNESP; NALINGUA/UNESP; GEILIM/UEPB; NEALE/IFPB; NIDI/UFMS, com foco principal na criação e desenvolvimento de um banco de dados nordestino de fala e escrita infantil. A perspectiva teórica do laboratório segue uma vertente interacionista ampla, de inspiração vygotskyana, com forte presença da sociopragmática *tomaselliana*, mas mantendo diálogo com outras vertentes dialógico-discursivas como o dialogismo *bakhtiniano*, a enunciação *benvenistiana*. No grupo, há três linhas voltadas para os estudos aquisicionais: aquisição de línguas e tecnologia; aquisição e desenvolvimento da língua falada e escrita e aquisição, multimodalidade e ensino.

Núcleo de Estudos em Alfabetização em Linguagem e Matemática (NEALIM) – UFPB

O NEALIM foi criado em 2013, sob a coordenação de Evangelina Maria Brito de Faria e Maria Alves de Azeredo, congrega pesquisas com foco no letramento inicial em Língua Portuguesa e em Matemática, com foco na formação de professores da rede básica de ensino. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino (MPLE). Em sua linha de pesquisa “letramento e aquisição da escrita” dedica-se ao estudo dos processos iniciais da escrita em ambiente escolar, com foco em perspectivas textuais e discursivas.

Grupo de Estudos em Processamento Linguístico (GEPROL) – UFPB

O GEPROL, coordenado pelos profs. Drs. Márcio Martins Leitão e José Ferrari, está vinculado ao Laboratório de Processamento Linguístico (LAPROL), já consolidado na UFPB e

na região Nordeste, é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING). O grupo tem como objetivo pesquisar a linguagem humana na perspectiva da Psicolinguística Experimental, investigando os processos mentais relacionados à compreensão e à produção de linguagem em adultos e crianças, com e sem transtornos ou déficits de linguagem. As pesquisas do grupo focalizam o processamento morfológico, sintático e correferencial, trabalhos em interface com a Aquisição da Linguagem, Bilinguismo, Saúde e Educação.

O grupo foi o pioneiro, na região Nordeste, na área de processamento linguístico ao utilizar metodologia experimental *offline* e *online*. É vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING). Atualmente conta com parcerias nacionais e internacionais e é referência na área da Psicolinguística Experimental no Nordeste e no Brasil. Uma de suas linhas de pesquisa com foco na aquisição da linguagem e processamento linguístico articula estudos em aquisição patologias e distúrbios da linguagem.

Grupo de Pesquisa em Linguagem e Cognição/Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem (LACON) – UFPB

O LACON é coordenado por Jan Edson Rodrigues Leite, e reúne estudos de cunho teórico, experimental e aplicado que investigam os processos de compreensão linguística à luz dos pressupostos teórico-metodológicos das ciências cognitivas, e que procuram explicar os processos semântico-conceptuais empregados por falantes com ou sem comprometimentos cognitivos. Sua linha de pesquisa, Aspectos neurocognitivos da aquisição, produção e compreensão de linguagem, tem como foco a aquisição de língua materna e aprendizagem de segunda língua, focalizando os aspectos neurocognitivos da produção e da compreensão do sentido de L1 e L2 em situações típicas e patológicas, com foco

na sociocognição. É vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING).

Grupo de Estudos Interdisciplinares: Linguagem, Interação e Multimodalidade (GEILIM) – UEPB

O GEILIM, coordenado pelos profs. Drs. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega e Nathália Luiz de Freitas, parte de pesquisas em Aquisição de Linguagem por diferentes vieses: Linguística, Fonoaudiologia, Psicologia, Psicopedagogia e Etologia. É vinculado ao Curso de Letras e à especialização em Letras da UEPB. Busca compreender como funciona a integração da produção vocal, dos gestos, produção vocal e expressões faciais e corporais em contextos de interação face a face. Os dados contemplam bebês, crianças e adultos e seus processos de aquisição e/ou consolidação da linguagem em uma perspectiva longitudinal. Para tanto, atua em estudos da aquisição de língua materna, língua estrangeira, prática docente no contexto escolar, atendimento clínico, por exemplo, podem ser foco dos estudos do grupo. Sua linha Multimodalidade e Aquisição da Linguagem analisa o funcionamento multimodal da linguagem em diferentes perspectivas, tanto da aquisição, quanto da consolidação da linguagem de crianças e adultos e da negociação de sentidos entre sujeitos interativos, com foco na sociopragmática *tomaselliana*.

Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem (NEALE) – IFPB

O NEALE, coordenado por José Moacir Soares da Costa Filho, tem por objetivo estudar fenômenos e objetos pertinentes à área de Aquisição da Linguagem e de ensino de língua. É vinculado ao Curso de Letras e à especialização em Letras do IFPB. Objetiva investigar o processo de aquisição da fala e da escrita,

especialmente com crianças de zero a seis anos de idade, contemplando a interação social da criança com o mundo que a cerca tanto atual quanto virtualmente. Também é nosso objetivo aliar as considerações sobre a Aquisição da Linguagem às práticas de ensino de língua – materna e/ou estrangeira – contemplando assim a relação entre ensino e pesquisa, especialmente no curso de Licenciatura em Letras.

Sua linha de pesquisa, Aquisição da Linguagem, investiga o processo de aquisição da linguagem com crianças na faixa etária de zero a seis anos de idade, analisando aspectos referentes à fala e/ou à escrita, em contextos naturalísticos e experimentais, com ênfase na produção de *softwares*, com foco na sociopragmática *tomaselliana* e nos estudos da referência linguística.

Ceará

O Ceará, também pioneiro nos estudos em Aquisição da Linguagem no Nordeste, tem 4 grupos de pesquisa com foco em pesquisas de cunho formal com base em fonologia e gramática (3 grupos), como também aspectos sociocognitivos (1 grupo).

Laboratório de Fonética e Multilinguismo (LabFoM) – UFC

O LabFoM, coordenado pelos profs. Drs. Ronaldo Mangueira Lima Júnior e Pâmela Freitas Pereira Toassi, criado em 2021, na UFC, funciona em sala própria e dispõe de cabine acústica para gravações de áudio em alta qualidade, bem como de equipamentos para gravação em campo. O objetivo principal do LabFoM é realizar e divulgar estudos experimentais em fonética e em processamento da linguagem de bilíngues e multilíngues. Sua linha de pesquisa, Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem, tem interesse nos aspectos experimentais da aqui-

sição, cognição e processamento linguístico. É vinculado à Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFC.

Grão – Gramática, Aquisição e Cognição – UFC

O Grão, coordenado pelas profs. Dras. Ana Célia Clementino Moura e Camila Stephane Cardoso Sousa, tem o propósito de integrar pesquisas referentes às abordagens gramaticais, investigando os diferentes aspectos da linguagem verbal, às questões ligadas à aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem. Também busca compreender os processos de letramento e alfabetização e investigando práticas orais e escritas realizadas em diferentes gêneros textuais e às concepções de linguagem de orientação cognitiva. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFC.

Estudos da aquisição, processamento da linguagem e métodos experimentais – UVA/UFC

O grupo, com foco em falantes bilíngues, é coordenado por Candice Helen Glenday e Elisângela Nogueira Teixeira. O objetivo do grupo é o de investigar experimentalmente a aquisição de uma segunda língua e questões teóricas em torno da aquisição do inglês como segunda língua no curso de Letras Inglês da UVA. Em parceria com o Laboratório de Ciências Cognitivas e Psicolinguística da UFC, o foco do grupo é realizar experimentos de leitura auto-monitorada e rastreamento ocular. Assim, aproximando as duas instituições, os alunos do curso de Letras da UVA têm a possibilidade de acesso a um laboratório que trabalha com técnicas experimentais de alta granularidade, com tecnologia avançada de rastreamento ocular, o que contribuirá com a formação de recursos humanos especializada na compreensão dos processos linguísti-

cos subjacentes. A formação de pesquisadores pode viabilizar no futuro a implantação de pós-graduação e laboratórios especializados em Psicolinguística na UVA. Desenvolve estudos da aquisição de segunda língua na perspectiva da psicolinguística. É vinculado ao Curso de Letras da UVA e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFC.

Cognição e Linguística (GELP-COLIN) – UFC

Apoiados numa visão corporificada da cognição, o GELP, coordenado por Ana Cristina Pelosi Silva e Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos, investiga questões pertinentes à emergência de processos cognitivos situados que nos permitem atuar significativamente no mundo. No âmbito do grupo há um projeto maior sobre representações sociocognitivas na conceptualização de violência em centros urbanos brasileiros que se desdobra em vários subprojetos. Estão vinculados ao GELP-COLIN, os grupos LINC-UECE/Estácio, COMPLIC/Unilab e GELP-COLIN/UFMA. Sua linha de pesquisa Aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem busca investigar os processos de compreensão e produção da fala e da escrita em seus aspectos linguísticos e cognitivos. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFC.

Piauí

O estado do Piauí também estreia nos estudos aquisicionais, com a presença de um grupo multidisciplinar em Educação, com destaque para a aquisição da escrita.

Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Epistemologia da Prática Profissional (NIPEEPP) – UFPI

O NIPEEPP, coordenado por Antonia Dalva França-Carvalho e Ágata Laisa Laremborg Alves Cavalcanti, é um núcleo de pesquisa interdisciplinar diretamente vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Sua preocupação central é a educação de modo geral e, de modo específico, o ensino, a formação do professor e de profissionais nas diversas áreas epistemológicas focalizando as práticas pedagógicas localizadas em todos os níveis de ensino e sob diversos campos epistemológicos. Sua linha de pesquisa, Desenvolvimento, linguagem e ensino-aprendizagem tem interesse nos processos iniciais do desenvolvimento da escrita do letramento e aspectos da consciência fonológica.

Maranhão

O estado do Maranhão começa a fomentar pesquisas em Aquisição da Linguagem em um grupo multidisciplinar na Psicologia, com enfoque na cognição e outro grupo na linguística, com enfoque no ensino e aspectos voltados para a aquisição da escrita.

Neuropsicologia – UNICEUMA

O grupo, coordenado pelos profs. Drs. Eliza Maria da Costa Brito Lacerda e Carlos Alberto Bezerra Tomaz, estuda as relações entre o cérebro e o comportamento humano, tendo em conta lesões cerebrais que possam provocar alterações cognitivo-comportamentais. Sua linha Psicolinguística tem o intuito de estudar processos de aquisição de linguagem de indivíduos ouvintes e surdos, bem como o desenvolvimento desta para o campo da fala,

leitura e escrita. Analisa também os elementos psicossociais que afetam o desenvolvimento da linguagem e estabelecem variações, dificuldades, atrasos, alterações e transtornos. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNICEUMA.

Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa – UFMA

Coordenado por Luís Henrique Serra, criado em 2015, tem produzido pesquisas e trabalhos acadêmicos e didáticos que incidem sobre o trabalho dos professores de Língua Portuguesa no Maranhão. Atualmente, o grupo tem se interessado por uma diversidade de temas que estão relacionados ao ensino de língua portuguesa, como trabalho docente do professor de língua portuguesa; ensino de língua materna por meio de dicionários escolares, ensino de literatura e alfabetização de jovens e adultos. O grupo tem produzido atividades didáticas de ensino de leitura e escrita e alfabetização no município. Sua linha de pesquisa, Alfabetização e Letramento, investiga o impacto das políticas de alfabetização no Maranhão e compara com outros estados. Interessa-se pelos fenômenos do letramento numa sociedade tecnologizada e que exige a habilidade de leitura e de escrita nas diversas atividades na sociedade. Outro interesse é a aquisição do código escrito nas diferentes escolas do Maranhão. É vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras (PGLB), da UFMA.

Balanço

Como se observa, a Aquisição da Linguagem vem ganhando robustez no Nordeste brasileiro e ampliando sua presença em mais estados, agora oito, à exceção do Rio Grande do Norte.

A partir dos resultados da primeira cartografia trazidos por Cavalcante e Fonte (2019), o GELNE estimulou o fomento

de ações voltadas para dar espaço e visibilidade à Aquisição da Linguagem. Ao longo dos anos de 2018 a 2022, a área vivenciou mesas-redondas frequentes nas Jornadas do GELNE e no ECLAE, tais como: Pesquisas e estudos em neurolinguística, aquisição da linguagem e psicolinguística, em 2018, em Vitória da Conquista-BA; Aquisição da linguagem: diálogos entre o formal e o discursivo, em 2018, em Recife-PE; Novas cartografias no Nordeste, em 2020, em Aracaju-SE; Painel Cartografias do GELNE, em 2022, em Aracaju-SE; Simpósio Aquisição da Linguagem e Interface com Educação, em 2022, em Vitória da Conquista-BA. Essa frequência nos eventos tem possibilitado a circulação dos saberes e pesquisas na área e fomenta novos interesses.

Com essa nova cartografia foi possível mapear os novos desafios para a área: ampliar e fomentar a pesquisa em estados em que a mesma ainda é incipiente como Sergipe, Piauí, Maranhão e incentivar a pesquisa no Rio Grande do Norte; estabelecer diálogos mais ampliados com as áreas de Educação e Saúde para fortalecer as redes de pesquisa; incentivar diálogos interestaduais como estratégia de fomento à área; e, por fim, dar maior visibilidade no âmbito da pesquisa nacional em Aquisição da Linguagem da potência do Nordeste na participação de publicações específicas na área, como também o estímulo à continuidade de organização de eventos na área.

Referências

CAVALCANTE, Marianne Carvalho B.; FONTE, Renata Fonseca Lima da. Panorama das pesquisas em aquisição da linguagem no Nordeste brasileiro. In: ATAÍDE, Cleber *et al.* (org.). **Cartografia GELNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2019. v. 1, p. 287-322.

Sites:

CNPq. Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil. <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

IFPB Letras. <https://estudante.ifpb.edu.br/cursos/43/>

UEPB. <https://proreitorias.uepb.edu.br/prpgp/especializacao/>

UESB. PPGLIN. <http://www2.uesb.br/ppg/ppglin/>

UFAL. PPGLL. <https://fale.ufal.br/ppgll/>

UFAL. PPGLL. <https://fale.ufal.br/ppgll/>

UFBA. PPGLINC. <http://www.ppglinc.lettras.ufba.br/>

UFC. PPGL. <http://www.ppgl.ufc.br/>

UFMA. PGLETRAS. https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1339

UFPB. PROLING. <http://www.cchla.ufpb.br/proling/>

UFPE. <https://www.ufpe.br/ppgedu/corpo-docente>

UFPI. PPGCS. <https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=344>

UFS. <https://posgrap.ufs.br/pagina/25-apresentacao>

UNICAP. PPGCL. <https://portal.unicap.br/ciencias-da-linguagem-ppgcl>

UNICEUMA. https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/uniceuma_centro_universitario

UNCISAL. <https://www.uncisal.edu.br/>

UVA. <http://www.uvanet.br/>



CARTOGRAFIA DO SOCIOFUNCIONALISMO NO NORDESTE

Valéria Viana Sousa
Gessilene Silveira Kanthack
Camilo Rosa

A alma é mais geográfica que histórica. Tem acidentes, relevos, vales e montanhas; está sujeita a secas e tempestades, varia de estações e climas. Ninguém embarcaria se antes considerasse os perigos do mar. Toda travessia exige confiança no risco.

(Frei Betto)

Introdução

Para a realização da Cartografia do Sociofuncionalismo, tivemos, como ponto de partida, um princípio: o anseio em mapear pesquisas com aporte teórico sociofuncionalista desenvolvidas em universidades nordestinas. Motivados por esse propósito, buscamos, inicialmente, parceiros em todos os nove estados do Nordeste. Nesse caminhar, encontramos pesquisadores que, em algum momento, tinham realizado alguma pesquisa sociofuncionalista em sua vida acadêmica, mas, efetivamente realizando

estudos ancorados nessa teoria no ensino superior, localizamos apenas pesquisadores em 5/9 estados. Por meio desses pesquisadores, conseguimos mapear como o Sociofuncionalismo está presente no ensino, na pesquisa e na extensão nos espaços universitários.

Realizado o mapeamento, apresentamos, então, este capítulo, que tem como objetivo contextualizar a teoria, descrever os resultados a partir das pesquisas realizadas nos cinco estados e apresentar contribuições do Sociofuncionalismo no ensino. Nesse intuito, organizamos o capítulo da seguinte forma: na seção 1, em *Sociofuncionalismo: origem e princípios*, apresentamos a interface linguística denominada Sociofuncionalismo; na seção 2, em *Os caminhos do Sociofuncionalismo no Nordeste*, trazemos falas, obtidas em entrevistas realizadas por nós, de dois precursores da teoria, Sebastião Josué Votre e Edair Görski, e descrevemos os achados mapeados em doze instituições de ensino superior da região nordeste; e, por fim, na seção 3, em *Sociofuncionalismo e ensino*, sugerimos ações que articulam a teoria e a prática em sala de aula.

Sociofuncionalismo: origem e princípios

O termo *Sociofuncionalismo* é utilizado para representar a articulação entre as teorias Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico. Segundo Neves (1999), a primeira referência ao termo teria ocorrido no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL/UFRJ, nos anos de 1980, com o propósito de analisar tendências de regularidade de uso variável manifes-

tadas no ato de processar a língua em situações comunicativas¹. Gradativamente, os estudos fundamentados nessa perspectiva foram ganhando fôlego até assumirem amplo espaço como uma terceira possibilidade de esteio para pesquisas que tratam da variação e da mudança linguísticas.

Ao focarmos as especificidades de cada uma das citadas teorias percebemos tratar-se de duas formas distintas de encarar a mudança linguística. No entanto, essa visão não obstaculiza a proposição de movimentos mais aglutinadores, uma vez que, conforme defende Tavares (2013, p. 33) “[...] existem vários postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística e da linguística baseada no uso que guardam semelhança e, assim, podem ser relacionados para o estudo de fenômenos de variação e de mudança”.

Se entendemos o Sociofuncionalismo como uma abordagem que congrega pressupostos dessas duas perspectivas de estudos da língua, faz-se oportuno elencarmos as bases que constituem uma e outra. No contexto mais amplo dos estudos linguísticos, a Sociolinguística é concebida como ciência de natureza interdisciplinar, que se ocupa das relações entre linguagem e sociedade (TRUDGILL, 2000). Desde meados dos anos 1960, essa ciência vem se consolidando como uma das subáreas da Linguística que se debruça sobre a língua em uso. Desse modo, no universo dos componentes que interessam à referida abordagem, incluem-se as conversas ativadas em situações corriqueiras, naturais e espontâneas, travadas em eventos de fala, nutrindo, em especial, os

1 Dentre os estudos produzidos no âmbito do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/RJ), merecem destaque, pelo pioneirismo e pelo alcance, os trabalhos de Cláudia Roncarati que, em 1996, estudou a negação na língua falada e, depois, a variação e a aquisição da negação em L2 (português de contato) e em L1, primando pela utilização dos postulados da Sociolinguística e do Funcionalismo, com resultados que influenciaram, com o tempo, diversos estudos pelas regiões do país (NEVES, 1999).

empregos heterogêneos que servem de material para o controle de fatores linguísticos e sociais.

De acordo com Campoy (2005), podem ser destacadas cinco características definidoras da Sociolinguística, a saber: i) é uma ciência; ii) é um ramo da linguística; iii) concebe a linguagem como fenômeno social e cultural; iv) estuda a linguagem em seu contexto social, em situações de vida real, por intermédio da investigação empírica; e v) está relacionada com a metodologia e com conteúdos das ciências sociais, tais como a Antropologia e a Sociologia.

Já o chamado Funcionalismo Linguístico Norte-Americano ganhou forças no fim da década de 1970, especialmente, pelas contribuições de estudiosos como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, os quais advogavam em favor de uma linguística vinculada ao uso, fundamentados pela tendência em observar o âmbito contextual, levando em consideração as situações extralinguísticas. Nos anos 90 do século passado, a ênfase de interesse nos fenômenos linguísticos começou a se concentrar na ação interativa dos usuários, de modo que o traço identitário de uma abordagem funcionalista passa a ser o fato de o estudo partir necessariamente da observação da língua em situação comunicativa.

Conforme Silva e Freitag (2014, p. 1), no Brasil, o Funcionalismo tem apresentado produtiva “[...] articulação com a Sociolinguística, seja na abordagem de interface, como a proposta do Sociofuncionalismo (TAVARES, 2013), seja com a definição de amostras de análise constituídas sob a metodologia sociolinguística”.

No seio das discussões travadas sobre a convergência teórica ora aludida, Martelotta (2011) traça um paralelo entre ambas as teorias, explicando que a Sociolinguística está totalmente cen-

trada no uso e toma a variação e a mudança como seus principais objetos de investigação. Entretanto, para o autor, o modelo laboviano não alcança todos os tipos de mudança linguística, a exemplo da questão semântico-pragmática, a qual conduz à disfunção entre forma e significado, visto especialmente nos itens polissêmicos ou multifuncionais de determinado elemento da língua; ou seja, a uma mesma forma associa-se mais de uma função. Logo, tais espécies de mudança estariam mais afeitas a um estudo funcionalista referente à gramaticalização, que oferece um outro modelo explicativo quanto à variação não da forma, mas de sentido/função, motivada pelo uso.

Foi, portanto, em um ambiente marcado pela crença na convergência de interesses teóricos afins, que surgiram estudos focados na investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística. Os produtos dessas iniciativas, ao invés de promoverem a discórdia acadêmica, coadunaram os pontos de contato entre as duas teorias, permitindo que determinados pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico fossem articulados e aplicados às pesquisas linguísticas.

Dessa maneira, nos estudos a respeito da variação e da mudança linguísticas no Português do Brasil, as análises se tornaram produtivas e frequentes, atingindo um contingente amplo de explicitação de fenômenos sintáticos e discursivos. Tavares, no artigo “Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística”, publicado em 2013, elenca mais de 30 (trinta) produções muito relevantes produzidas até aquele momento. De lá para cá, esse número se expandiu e o Sociofuncionalismo se consolidou a ponto de estar presente em eventos acadêmicos, na forma de simpósios e grupos de trabalho, e mesmo em linhas de pesquisa de diversos centros de estudos como uma perspectiva teórica consistente.

Ao aludirmos à possibilidade aglutinativa das bases de ambas as teorias, não podemos, contudo, defender uma mera justaposição de pressupostos. Discutindo esse ponto, ou seja, a seleção de princípios convergentes que aproximam as duas teorias originais, Tavares (2003) afirma:

[...] o casamento teórico não incorpora os conceitos de cada teoria “mãe” exatamente como foram propostos originalmente, mas sim se fundamenta na interpretação dada a eles pelos pesquisadores casamenteiros que levam avante a junção. Não se trata da soma ou da combinação de pressupostos teórico-metodológicos de um modelo e de outro, e sim do estabelecimento de pressupostos que resultam da conversa entre os modelos. A cada conversa ocorrem novas convergências e os conceitos são alterados, definindo-se como seres voláteis, transitórios, filiados ao momento e, dessa guisa, sujeitos a reinterpretções e a revisões constantes. Em decorrência, na trajetória de avanço das discussões, o sociofuncionalismo constituiu-se e reconstituiu-se. (TAVARES, 2003, p. 101).

Como percebemos, a autora propõe uma analogia da junção das teorias com um enlace matrimonial. Isso posto, é preciso compreender onde Sociolinguística e Funcionalismo se tocam, e de que maneira esse encontro pode produzir novos ou complementares modos de se estudar a linguagem.

Resumidamente, um pretendo arrolamento dos estudos sociofuncionalistas produzidos no Brasil (GÖRSKI; TAVARES, 2013; SILVA; OLIVEIRA, 2017; TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015) vai demonstrar que as duas teorias:

- 1) consideram o fenômeno da linguagem e a própria língua sob uma perspectiva heterogênea;
- 2) aceitam a mudança linguística como fenômeno ligado à variação, de caráter gradual, contínuo e socialmente influenciado;
- 3) interpretam os dados sempre relacionando-os a fatores sociais ou contextuais, cuja pressão permite a existência da variação e da mudança;
- 4) percebem que os dados sincrônicos são evidência pontual de uma mudança diacrônica;
- 5) têm como base a análise da língua conforme seu uso real, especialmente de maneira espontânea, vernacular;
- 6) trabalham com diferentes níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico);
- 7) tomam como essencial a frequência de uso nas pesquisas, ou seja, usa-se a estatística como forma de compreensão de certos fenômenos linguísticos.

A despeito das convergências serem robustas e de haver uma extensa lista de trabalhos realizados a partir da concepção teórica aglutinadora, não existe consenso entre os estudiosos sobre a possibilidade de junção das duas teorias; por vezes, sequer se admite uma aproximação mais íntima entre elas. Não raramente, vem à tona uma virtual impossibilidade de alinhamento entre variação e discurso que parece agredir o princípio da iconicidade, ou seja, a relação motivada entre forma e função, especialmente, quando defendida em uma improvável biunivocidade.

Görski e Tavares (2013) chamam a atenção para uma outra razão, a nosso ver mais grave, quanto às críticas negativas direcionadas à perspectiva sociofuncionalista: admitir a validade de tais estudos seria um acinte ao orgulho acadêmico de alguns, uma vez que se estaria presumidamente admitindo que o campo de estudo ao qual o pesquisador está vinculado seria “incomple-

to”, e necessitaria de outra teoria para preencher lacunas teóricas ou metodológicas a fim de se descrever e analisar com precisão os fenômenos linguísticos em estudo. Acreditamos, no entanto, que a articulação entre as teorias se apresente como um viés para uma maior compreensão da complexidade do objeto em análise.

Vale destacar, com a pretensão de alçar alguns pontos convergentes entre as duas abordagens, outro aspecto aproximativo das duas abordagens: a centralidade nas análises que priorizam a língua em uso (GIVÓN, 1995; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). De fato, ambas as vertentes contemplam pesquisas que partem de dados da língua no momento da interação, focando o dinamismo do processo comunicativo, valorizando aspectos do mundo linguístico e extralinguístico do falante, como, também, elegendo métodos de natureza quantitativa da fala espontânea das diversas comunidades.

Além de utilizar dados de língua em uso como fonte de pesquisa, trabalhos comuns às duas propostas compreendem a mudança como processo contínuo, gradual (GIVÓN, 1995; GUY, 1995; HOPPER, 1987). Também há semelhanças entre ambas, naquilo que se denomina a “crença no uniformitarismo”, ou seja, a utilização das forças linguísticas responsáveis pela variação e mudança de hoje para explicar o que ocorreu no passado (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; LAVOB, 2008).

Outro fator de destaque para os dois estudos é a relevância da frequência de uso para as pesquisas, salientando que, para o Funcionalismo, a frequência prevê regularidade da gramática e, para a Sociolinguística Variacionista, a frequência prevê o índice de difusão sociolinguística (LABOV, 2008), sendo importante também como meio para comparação nos tratamentos estatísticos. Sintetizando a via de abordagem sociofuncionalista, convém apropriarmo-nos, ainda uma vez mais, do pensamento de Tavares

(2003), que considera sociofuncionalista a pesquisa que articula o estudo da função, análise de aspectos discursivos e processos mentais, tendências de uso entendidas como reflexo da organização do processo comunicativo, entre outros pressupostos do Funcionalismo e da Sociolinguística, tais como variação, quantificação dos dados de acordo com variáveis sociais e estruturais, além da motivação social da mudança.

Pelo exposto, é possível defender uma apropriação do referido enlace teórico, visto como profícuo e estimulador de uma leitura para fenômenos linguísticos desvelados à luz de perspectivas que contemplem o social, o contexto, o uso. Passemos, agora, ao Nordeste do Brasil, onde veremos como o Sociofuncionalismo está presente nas Instituições de Ensino Superior.

Os caminhos do Sociofuncionalismo no Nordeste

Nesta subseção, com o propósito de mapear as pesquisas com aporte teórico sociofuncionalista realizadas nas universidades nordestinas, empreendemos dois mo(vi)mentos. No primeiro, ouvimos pesquisadores precursores da teoria, Sebastião Josué Votré² e Edair Görski³; e, no segundo, rastreamos, no Nordeste, pesquisadores e pesquisas sociofuncionalistas.

Trazemos, então, para o primeiro mo(vi)mento as entrevistas realizadas por nós, com Sebastião Josué Votré e Edair Görski, com o propósito de localizarmos especialmente os primeiros passos do Sociofuncionalismo em solo brasileiro.

Sebastião J. Votré, ao ser indagado sobre a origem do termo Sociofuncionalismo, a fim de contextualizar o percurso da abordagem, menciona algumas questões relevantes nesse caminho. Inicialmente atribui, como ponto de partida, a pesquisa realizada

2 Entrevista realizada no dia 03/09/2022, via Google Meet, com Sebastião Josué Votré.

3 Entrevista realizada no dia 09/09/2022, via Google Meet, com Edair Görski.

sobre as competências básicas do Português, desenvolvida com o suporte do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL na década de 70 do século XX. Essa pesquisa foi coordenada por Anthony Julius Naro e Miriam Lemle, docentes da UFRJ, e Votre, na época doutorando, acompanhava os estudos na condição de consultor de linguística do MOBRAL. Para a realização das atividades de estatística das investigações, vieram, dos Estados Unidos, pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, orientados por William Labov, a exemplo de Gregory Guy. Nesse momento, considerado por nós como os primeiros passos, segundo Votre, importantes contatos foram feitos para articulação de ideias sobre a teoria que viria a ser o Sociofuncionalismo.

Para além desses primeiros contatos, Votre relata que, em 1980, nos Estados Unidos, em seu primeiro estágio de pós-doutoramento, com a supervisão de Labov, “cresceu a ideia de que somos seres sociais”. Nesse período, dois outros pesquisadores o instigaram a realizar reflexões para além da Sociolinguística, Ellen Prince e Wallace Chafe. E em um período posterior, na Universidade da Califórnia, o Votre menciona que fez um estágio com Sandra Thompson e Talmy Givón e, nesse momento, afirma que “[...] o que Sandra e o grupo de estudos falavam, eu convertia para uma dimensão social”. Os ensaios de uma teoria sociofuncionalista se fortaleciam, cada vez mais, nesses movimentos.

Ao retomarmos, no final da entrevista, ao termo Sociofuncionalismo, Votre, convocando-nos a refletir sobre a relação entre função e forma, explicou que “[...] é com foco na função que a forma se constrói” e complementou: “o Funcionalismo, nesta concepção, é necessariamente Sócio”. E, assim, o Sociofuncionalismo se consolidou em suas pesquisas.

Edair Görski, ex-orientanda de Votre, relata que, nas décadas de 80 a 90 do século XX, fez o mestrado e o doutorado na UFRJ.

Nesse contexto de pós-graduação, Görski “[...] tomou conhecimento de novas leituras, as leituras funcionalistas, por conta das idas do Votre aos Estados Unidos”, contatos mencionados por Votre em sua entrevista. Nesses estudos funcionalistas, “[...] a forma ocupava o lugar de variável dependente e as explicações para os fenômenos eram funcionais”.

Edair Görski destaca que, em um período em que já havia retornado à docência na UFSC, nos estudos sociofuncionalistas desenvolvidos nessa Instituição, a forma passou a ser vista, para além do nível morfosintático, também em nível discursivo, sempre com o controle de variáveis independentes funcionais. Em suas palavras, “Sempre a função explicando a forma, a função motivando e explicando o uso. Esse é o tipo de interface que pode ser considerada como a clássica: variável dependente de qualquer nível gramatical [...] e variáveis funcionais independentes para o controle”.

Para Edair Görski, coube aos pesquisadores sociofuncionalistas, ao longo do tempo, percorrerem um caminho novo “[...] aprofundando a discussão, aprimorando os conceitos, refinando o olhar para os fenômenos, dando mais fôlego teórico para as discussões”. Ela reconhece que, no Sociofuncionalismo, há uma base comum, as teorias Sociovariacionista e o Funcionalismo de vertente norte-americana, mas argumenta, também, que há “[...] interfaces no plural em função dos objetivos e dos fenômenos que estão sendo analisados”.

Se, por um lado, Görski percebe, nesses estudos, um grande avanço no nível funcional, por outro lado, questiona qual é o avanço do aspecto social que há nessa vertente. Coloca, ainda, como uma necessidade teórica importante, a construção de variáveis independentes mais complexas, que “[...] captem, por exemplo, o funcionamento multinível ou o funcionamento multidimensional

dos fenômenos, a exemplo de trabalhos que mostram a gradiência, o *continuum* de forças que estão atuando simultaneamente”.

Com relação ao surgimento da nomenclatura Sociofuncionalismo, Edair Gorski atribui à Maria Helena de Moura Neves o primeiro uso, que foi feito ao descrever os estudos que eram realizados no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL/UFRJ, conforme mencionamos na Subseção 1. Observa, no entanto, com relação ao termo, que os pesquisadores no RJ não o usavam e muitos outros, embora realizem estudos na interface, não o utilizam. Nesse sentido, conclui “[...] se articulou a Sócio, pressupostos da Sócio, com pressupostos do Funcionalismo, é Sociofuncionalismo”. Antes de finalizarmos esse mo(vi)mento com precursores do Sociofuncionalismo, consideramos válido mencionar a publicação, no ano 2000, de um importante texto para a área, *A interface sociolingüística/gramaticalização*, de autoria de Anthony Julius Naro e Maria Luiza Braga.

Para o segundo mo(vi)mento, apresentamos o mapeamento realizado na região Nordeste. Dos nove estados pertencentes à região Nordeste, localizamos pesquisadores, que se tornaram parceiros desta Cartografia, em cinco estados e, mais especificamente, em doze instituições de ensino superior, a saber: na Bahia, Valéria Viana Sousa (UESB), Gessilene Silveira Kanthack (UESC), Josane Moreira de Oliveira (UEFS/UFBA) e Cristina dos Santos Carvalho (UNEB); em Sergipe, Raquel Meister Ko. Freitag (UFS); na Paraíba, Camilo Rosa da Silva (UFPB); no Rio Grande do Norte, Maria Alice Tavares (UFRN); no Ceará: Márluce Coan (UFC), Valdecy de Oliveira Pontes (UFC), Alexandra Maria de Castro e Santos Aragão (UVA) e Fábio Fernandes Torres (UNILAB).

Localizados os pesquisadores que desenvolvem sociofuncionalistas no Nordeste, procuramos verificar, observando o tripé ensino/pesquisa/extensão, se havia, com a abordagem sociofun-

cionalista, i) no ensino: disciplinas, em nível de graduação e de pós-graduação, *lato sensu* e *stricto sensu*; ii) na pesquisa, em iniciação científica e grupos de estudos, em orientações concluídas ou em andamento; na extensão, por meio da realização de eventos; e, também, quais produtos (dissertações e teses, capítulos e livros, artigos e revistas) foram ou estão sendo produzidos na região a partir dessa perspectiva teórica⁴.

Na pesquisa empreendida, considerando os cinco estados onde localizamos o Sociofuncionalismo, foi possível constatar-mos que, em 82% das instituições pesquisadas, os alunos do Curso de Letras têm acesso à abordagem sociofuncionalista na graduação. Esse conteúdo aparece em disciplinas básicas do curso, como *Língua Portuguesa*, *Morfossintaxe* e *Sintaxe*; em disciplinas mais específicas à área, como *Sociolinguística*, *Estudos Sociolinguísticos*, *Sociolinguística e Ensino*, *História e Variação Linguística*, *Tópicos de Sociolinguística I e II*; em algumas disciplinas da área que envolvem outras línguas, como *Tópicos de Sociolinguística em Língua Espanhola* e *Variedades do Espanhol*; em disciplinas da área de ensino, como *Estágio Supervisionado*; e em disciplinas aparentemente mais distantes do conteúdo, a exemplo de *Psicolinguística*.

Na pós-graduação, há presença da abordagem sociofuncionalista em 100% dos Programas. O Sociofuncionalismo aparece na pós-graduação, assim como na graduação, em disciplinas mais gerais do Curso (*Morfologia*; *Morfossintaxe do Português*; *Fundamentos em Sintaxe*; *Tópicos Especiais de Sintaxe*; *Tópicos de*

4 Para o levantamento de informações para elaboração desta seção, contamos com o auxílio de Amanda Moreno Fonseca de Andrade (PPGLin/UESB), Eliane Souza Pereira (PPGLin/UESB), Joedson dos Santos Azevedo (PPGLin/UESB), José Roberto Gomes de Jesus (PPGLin/UESB), Patrícia de Carvalho Pires (PPGLin/UESB), do mestrado; e de Elenita Alves Barbosa (PPGLin/UESB), Iolanda Ferreira dos Santos (PPGL/UESC), Maria Alice Linhares Costa (PPGLin/UESB), Milca Cerqueira Etinger Silva (PPGLin/UESB), Nayara Crisley Barreto Brasil Farias (PPGLin/UESB), Ramilda Viana Gomes da Silva (PPGLin/UESB), Vania Raquel Santos Amorim (PPGLin/UESB), do doutorado.

Descrição; Tópicos Avançados em Linguística Teórica e Descritiva; Análise Linguística), em disciplinas mais específicas da área (*Sociofuncionalismo; Teorias Linguísticas: diversidade e mudança linguística; Estudos Sociolinguísticos, Gramática e Cognição; Variação e Ensino; Sociolinguística; Sociolinguística e Processos de Gramaticalização; Gramática, Variação e Ensino; Gramática Funcional: teoria e descrição*) e, também, em disciplinas como *Teoria da Psicologia, Gênero e Análise*.

Com esse levantamento do conteúdo sociofuncionalista no ensino, evidenciou-se para nós que a presença de docente com formação sociofuncionalista contribui diretamente com a presença desta abordagem na sala de aula. Fator considerado como positivo para a divulgação e propagação dessa corrente teórica, bem como, e sobretudo, para a análise de questões linguísticas por meio de um ponto de vista que reconheça a heterogeneidade da língua e que valorize investigações pautadas na língua em uso.

Um outro aspecto positivo e, também, relacionado ao pesquisador, na condição de líder, são os grupos de pesquisa (GP). Em todos os GP, entre outros conteúdos, é discutido, para a construção do aporte teórico das investigações, o Sociofuncionalismo.

Como consequência da presença do aporte teórico sociofuncionalista no Nordeste, há alguns destaques que precisam ser evidenciados e nos propomos, no mapeamento, a fazer isso por estado. Para além de uma vasta publicação de artigos e capítulos em livros e das orientações de dissertações e teses, registramos que, na Bahia, ressalta-se a quantidade de livros publicados (*Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-histórica do português brasileiro* (2013), *Variação e mudança linguística na língua portuguesa: caminhos sociolinguísticos e (sócio)funcionalistas no Sertão da Ressaca* (2017), *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade* (2017),

Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces (2020), o dossiê *Caminhos do Sociofuncionalismo* (2021)) e de eventos realizados (*II Encontro de Sociolinguística – Estudos da Variação, da Mudança e da Sócio História do Português Brasileiro* (2012), *Seminário de Variação e Mudança Linguística* (2013, 2017, 2019), *A interface Sociolinguística e Gramaticalização* (2017)); em Sergipe, destaca-se a realização de eventos (*II Ciclo de Palestras do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade* (2009), *Soltando o verbo: variação em categorias verbais do português* (2013) *Seminário Gramática, Variação e Ensino* (2013, 2014, 2015)); na Paraíba, por sua vez, há uma acentuada quantidade de livros publicados (*Funcionalismo e Gramaticalização* (2004), *Linguística e práticas pedagógicas* (2006), *Para a história do português brasileiro* (2010), *Sintaxe no Português: abordagens funcionalistas* (2011); *Forma e Conteúdo: Estudos de sintaxe e semântica do português* (2016), que possui sete capítulos, resultantes da orientação da pesquisadora funcionalista homenageada, Maria Elizabeth Affonso Christiano); no Rio Grande do Norte, ressaltamos a publicação do livro da pesquisadora Maria Alice Tavares, *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações: um estudo sociofuncionalista* (2014), resultado de sua tese de doutorado, que constitui referência para os estudos sociofuncionalistas do país; no Ceará, chamou-nos a atenção a quantidade de monografias orientadas, o que demonstra uma presença relevante da teoria em trabalhos que antecedem a pós-graduação *stricto sensu*, e, também, os eventos realizados, como o *Fórum de Estudos Linguísticos do Ceará* (2016,2019) e a publicação do livro *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade* (2020)).

Esses indicadores do alcance sociofuncionalista no ensino, na pesquisa e na extensão trazem evidências de que o

Sociofuncionalismo, como teoria, que teve a sua origem teórica na interface entre a Sociolinguística e o Funcionalismo e que teve a sua origem espacial na região Sudeste, seguida da região Sul do país, ocupa um importante lugar no Nordeste brasileiro.

Realizados os dois mo(vi)mentos, em um estudo cartográfico, podemos visualizar o Sociofuncionalismo da seguinte forma:

Figura 1 – Representação do Sociofuncionalismo no Brasil



Fonte: Elaboração própria

Na figura 1, temos, no Rio de Janeiro, mais especificamente na UFRJ, os primeiros movimentos sociofuncionalistas, sob a orientação de Votve, essa etapa caracterizaria a *origem*. Em seguida, por meio de pesquisadores, a exemplo de Edair Gorki, o movimento chega à UFSC, onde há a *propagação* e é levado para outros espaços, como a região Nordeste, na qual a teoria revela-se como um campo de pesquisa produtivo, que está presente na graduação e na pós-graduação e que teve, nessa última década, uma produ-

ção média de 118 (cento e dezoito) artigos, 19 (dezenove) monografias, 54 (cinquenta e quatro) dissertações e 13 (treze) teses⁵. Realizado esse mapeamento na região Nordeste, desejando ver a teoria na prática, aliamos os pressupostos sociofuncionalistas ao ensino de gramática no contexto escolar.

Sociofuncionalismo e ensino

A ênfase na variabilidade e na mudança linguística e a centralidade atribuída ao uso efetivo da língua, alguns dos pontos convergentes da interface sociolinguística-funcionalismo (GÖRSKI; TAVARES, 2013), possibilitam várias contribuições ao processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Entre elas, destacamos a viabilidade de, em sala de aula, se aliar o estudo gramatical ao dinamismo e às flexibilidades que caracterizam a língua em uso.

Normalmente, quando se fala em ensino de gramática, reportamo-nos àquele baseado em gramáticas de orientação normativa, cujo modelo está assentado na tradição filosófica greco-latina, que se fundamenta “[...] numa concepção de língua homogênea, tida como um padrão abstrato que existe independente dos indivíduos que a falam” (GÖRSKI; COELHO, 2009, p. 74). Trata-se de um modelo em que os aspectos gramaticais são apresentados de modo bastante compartimentado, com definições e regras muito específicas/limitadas. Não se contempla, nessa perspectiva, a língua em seu dinamismo, a multifuncionalidade e a heterogeneidade linguística.

Para dar conta de propriedades como essas em aulas de língua portuguesa, é fundamental vincular o ensino a práticas que envolvam análise e reflexão da língua tendo em vista o seu con-

5 Observamos que o número de dissertações é 4 vezes menor do que o número de teses e acreditamos que a justificativa seja em função dos Programa de Pós-Graduação serem ainda novos.

texto de uso. Nesse sentido, é necessário assumir a concepção de que a língua, enquanto atividade social, corresponde a um sistema heterogêneo, sujeito a variações e mudanças linguísticas, resultantes das interações comunicativas dos falantes. Logo, o estudo da língua “[...] não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 14).

Seguindo essa direção, docentes de língua portuguesa devem compreender que o comportamento funcional das formas linguísticas nem sempre se esgota na estrutura da oração. Assim, para entender os valores que elas apresentam em cada situação de uso linguístico, é importante analisá-las “[...] considerando os participantes, o objetivo da interação e o contexto discursivo” (CESÁRIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016, p. 46). Também, deve compreender que é nessa dinâmica que a gramática da língua se constitui, possibilitando aos falantes promoverem adaptações e reconfigurarem padrões linguísticos, “[...] quer por necessidades comunicativas não preenchidas, quer pela presença de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas, quer pela própria dinâmica das tendências em curso” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 27).

A gramática, nessa perspectiva, é concebida como “[...] um sistema dinâmico, emergente, que sofre revisão constante em termos de estocagem cognitiva à medida que é organizado e reprojeto na fala cotidiana” (TAVARES, 2012, p. 37). Assim, no uso efetivo da língua, formas e funções podem ser ajustadas, remodeladas, e, se repetidas, podem se tornar regulares, passando a fazer parte da gramática. Nesse processo de regularização, a frequência de uso exerce um papel fundamental, pois são os seus efeitos que indicarão o que estará se tornando fixo na gramática da língua.

Com a adoção de noções como essas, defendemos ser possível repensar e alterar práticas de ensino de língua portuguesa, particularmente no que diz respeito ao estudo gramatical. Para tanto, docentes devem assumir uma postura de investigador, fazendo da sala de aula um laboratório de análises e reflexões linguísticas, no qual a língua em uso será o principal instrumento de trabalho. Nesse ambiente, cabe ao docente “[...] atuar como orientador do processo de construção e re-construção do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experienciarem a língua em suas múltiplas faces, em situações de uso real” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 38). Ainda, conforme essas autoras, “[...] a observação sistemática do uso da língua em situações cotidianas de comunicação revela um quadro de multifuncionalidade e variação que pode subsidiar a prática de ensino de português” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 39).

Nesse sentido, sugerimos algumas ações sociofuncionalistas que podem ser implementadas por docentes em aulas de língua portuguesa:

- Constituir, com seus alunos, diferentes *corpora* da língua em uso, tendo como base a diversidade de gêneros, de língua falada ou escrita, que representem maior ou menor grau de formalidade, que circulem nas diversas esferas de interlocução;
- Identificar, nos *corpora* constituídos, formas e funções variáveis e eleger, em específico, variantes que possam ser analisadas sistematicamente, de modo a possibilitar o aluno compreender as escolhas linguísticas dos falantes e o real funcionamento da língua;
- Com a variante recortada (seja de forma ou de função), (i) observar como ela se comporta funcionalmente, mapeando as funções que elas exercem, as já conhecidas (descritas nos manuais de ensino) e as que são consideradas emergentes; (ii) verificar, a partir da frequência, quais usos são mais regulares, analisando se uma variante, por exemplo, sobrepõe-se ou não a outra;

- Com o diagnóstico feito, destacar que o uso das variantes evidencia que a gramática de uma língua é maleável, flexível, e que o uso pode sinalizar indícios de mudança linguística.

A fim de ilustrar como isso pode ser implementado em sala de aula, elegemos uma variante da língua portuguesa para mostrar como ela se comporta funcionalmente em uma amostra específica de uso, no caso, língua escrita veiculada no *Twitter*. A variante em questão envolve o item *lá*, comumente descrito nas gramáticas de orientação normativa como advérbio de lugar, que indica orientação espacial concreta (CEGALLA, 2008; LUFT, 1986; ROCHA LIMA, 2011 entre outros), como se pode observar nos seguintes usos:

- a) Rapaz, acho que vou apagar minhas redes sociais e viver minhas férias igual a um índio nativo, quer falar cmg, vá **lá** em casa kkkkk. (*Twitter*).
- b) Alguém, por favor, entra no meu guarda-roupa, tira tudo que **tem lá** e bota umas roupas melhores? (*Twitter*).

Nas duas situações, o *lá* tem como referência, respectivamente, casa (a) e guarda-roupa (b), espaços de natureza física/concreta. Essa é, basicamente, a noção associada aos usos de *lá*, *aqui* e *aí*, ensinados na escola como elementos que servem para localizar as posições que ocupam o locutor e o ouvinte no contexto comunicativo. No dizer de Neves (2011), esses advérbios indicam

[...] uma circunstanciação ancorada no circuito de comunicação, referida aos participantes do discurso ou a pontos de referência do texto, numa escala de proximidade espacial. Assim, em princípio, **AQUI** indica lugar próximo ao falante (**primeira pessoa** do discurso), **AÍ** indica lugar próximo ao ouvinte (**segunda pessoa** do discurso) e **LÁ** indi-

ca lugar distante do falante e do ouvinte (**terceira pessoa** do discurso). (NEVES, 2011, p. 258, grifos da autora).

A noção de distanciamento a que se refere a autora para o comportamento do *lá* nem sempre está associada a lugar físico/concreto. Para entender isso, vejamos os usos que se seguem:

c) Se o cara não entende Machado de Assis, que realmente tem **lá** suas complexidades, imagina entender os analistas tuiteiros falando de futebol europeu, com todos aqueles termos metidos e, alguns, creio, até inventados. Impossível. (*Twitter*).

d) acordei 5 horas da manhã pra assistir o primeiro ep do volume 2 de *stranger things* e não teve nada de interessante tirando o final, que tbm não foi **lá** grande coisa. (*Twitter*).

e) Turma do mercado, normalmente otimista, projeta a inflação de 8,35%, mas o BC continua usando política monetária para estimular a economia. Não sei se a meta é aumentar o risco de apagão ou colocar a inflação em dois dígitos. Sorte que o BC não anda **lá** muito bem em alcançar metas. (*Twitter*).

Nesses usos, o estatuto gramatical de *lá* altera de modo a desempenhar, junto com os verbos *tem*, *foi* e *anda*, um papel voltado para a orientação argumentativa, assumindo, assim, uma função pragmático-discursiva. Nas três situações, o sentido estabelecido extrapola os limites do enunciado, pois o falante imprime marcas de sua subjetividade como também marcas que orientam como o interlocutor deve interpretar o que está sendo dito (intersubjetividade).

No caso, a subjetividade se manifesta pela avaliação que o falante faz a respeito do que é dito. Ele tem conhecimento dos fatos e faz uma avaliação sobre eles: Machado de Assis tem suas complexidades (c); o final de *stranger things* não foi grande coisa (d); o BC não anda muito bem em alcançar metas (e). Com o uso

do *lá*, o falante expressa a sua adesão, mediada pelo seu saber (NEVES, 2011). No caso, a adesão está associada à noção de distanciamento que o *lá* veicula. Isto é, para não se comprometer em relação ao que está dizendo, o falante faz uso do *lá* e, “[...] com isso, revela baixo grau de adesão ao enunciado, criando um efeito de atenuação” (NEVES, 2011, p. 247). Esse direcionamento também é voltado para o interlocutor, que, assim como o falante, deve relativizar o modo como irá interpretar o conteúdo que está sendo expresso, evidenciando, assim, a marca da intersubjetividade.

Como foi demonstrado, o *lá* é uma forma que assume mais de uma função dentro de uma mesma amostra de uso da língua. Em (a) e (b), o item atua como advérbio locativo, como está posto nas gramáticas de orientação normativa. Em (c), (d) e (e), embora seja mantida a ideia do distanciamento que o *lá* veicula, a sua função é de orientação argumentativa, indicando que tanto o locutor quanto o interlocutor não devem se comprometer em relação ao que está sendo dito. Essa análise nos permite dizer que a escolha do *lá*, para esses usos específicos, é motivada pela própria dinâmica comunicativa e constitui um fator de natureza interacional que conduz o rumo da interlocução.

Em sala de aula, esse tipo de demonstração é importante para que o aluno compreenda a dinâmica da gramática que possui. Ao proporcionar o contato com a língua efetivamente usada, os docentes estarão dando a oportunidade aos discentes perceberem que as estruturas linguísticas são maleáveis, que as categorias linguísticas não são discretas, que, dentro de um mesmo domínio funcional, funções coexistem e interagem com aquelas já preexistentes. No caso das amostras exemplificadas em (a), (b), (c), (d) e (e), podemos dizer que duas camadas/variantes coexistem dentro de um mesmo domínio, a antiga (espacial, com traço [+concreto]) e a inovadora (orientação argumentativa/mo-

dalizador, com traço [+abstrato]), atuando em uma situação de estratificação/variação.

Para atestar o impacto da frequência de uso, pode-se, por exemplo, ampliar a investigação fazendo, juntamente com os alunos, o levantamento de como as variantes estão sendo usadas, no sentido de apontar se os usos indicam estabilidade ou mudança. Em sendo uma situação de mudança, deve-se esclarecer que os padrões gramaticais emergentes colocam em xeque modelos consagrados em gramáticas de orientação normativa, devendo o aluno entender que os itens linguísticos, a depender dos contextos de uso, podem adquirir novas propriedades, novas funções, novos significados e podem, assim, mudar de categoria gramatical. Ao perceber isso, o aluno, poderá ter a compreensão de que a gramática é dinâmica, emergente, o que, em termos sociofuncionalistas, significa dizer que está em constante movimentação, (re) configuração.

Considerações finais

A produção do capítulo, *Cartografia do Sociofuncionalismo no Nordeste*, foi motivada, como é próprio a pesquisadores, pelo anseio em responder a alguns questionamentos, a exemplo de: Como podemos compreender o Sociofuncionalismo, teoria cuja proposta é um diálogo entre duas correntes teóricas? Qual é a sua origem? Como essa teoria chegou ao Nordeste brasileiro? O que tem sido produzido na região a partir dessa teoria?

Instigados por esse elenco de perguntas, inicialmente, neste espaço, apresentamos discussões a respeito da teoria; em seguida, localizamos o seu ponto de partida em estudos realizados na Universidade Federal do Rio de Janeiro nas décadas de 80 e 90 do século XX por pesquisadores como Sebastião Votre, Edair Görski

e Maria Luíza Braga. E, a partir daí, mapeamos, por meio de pesquisadores sociofuncionalistas, o alcance da teoria no Nordeste.

Constatamos, três décadas depois dos primeiros estudos, que o Sociofuncionalismo está presente em cinco estados nordestinos (Bahia Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), em disciplinas da graduação e da pós-graduação, bem como em Grupos de Pesquisa. Tivemos acesso a inúmeros produtos acadêmicos (TCCs, dissertações, teses, capítulos de livros, dossiês, eventos), uma produção que, em termos qualitativos e quantitativos, leva-nos a perceber que esse viés teórico tem robustez acadêmica na atualidade no Nordeste.

Realizado esse rastreamento, uma outra pergunta surgiu: de que forma o Sociofuncionalismo pode contribuir com o Ensino? E, motivados por essa pergunta, encerramos o capítulo com uma discussão a esse respeito e resolvemos agregar, no capítulo seguinte, *Os caminhos do Sociofuncionalismo no Nordeste: algumas aplicações*, quatro pesquisas sociofuncionalistas realizadas em nível de mestrado acadêmico e profissional.

Ao finalizarmos essa discussão, mais uma pergunta emerge: O que fazer diante desses resultados? Cientes da contribuição que essa abordagem teórica pode trazer à análise de fenômenos linguísticos, cabe a nós provocarmos diálogos entre os pares, propagarmos a teoria em espaços que não a conhecem e, sobretudo, levarmos a teoria sociofuncionalista à prática docente. Esse é o nosso maior desafio: oportunizar e viabilizar a compreensão de uma gramática emergente na sala de aula. Ações que, entre outras, podem ser realizadas por meio de publicações e de eventos funcionalistas ou da inserção de discussões sociofuncionalistas em eventos linguísticos.

Referências

CAMPOY, Juan Manuel Hernandez. Definicion y orígenes de la sociolingüística. *In*: CAMPOY, Juan Manuel Hernandez; ALMEIDA, Manuel. **Metodologia de la investigación sociolingüística**. Granada: Comares, 2005.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sociolingüística, sociolingüísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-61.

FURTADO da CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice (org.). Linguística Funcional e ensino de gramática. *In*: FURTADO da CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 12-58.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**. v. 1/2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GÖRSKI, Edair M.; COELHO, Izete L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, 10 (1), p. 73-91, 2009.

GÖRSKI, Edair M.; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, [S.l.], v. 15, p. 75-97, 2013.

GUY, Gregory R. Form and function in linguistic variation. *In*: GUY, Gregory R.; FEAGIN, Crawford; SCHIFFRIN, Dedorah; BAUGH, John (ed.). **Towards a social science of language**. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 121-252.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. **Bls**, [S.l.], 13, p. 139-57, 1987.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno; Maria Marta P. Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1986.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem, v. 1).

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 15, n. esp., p. 71-104, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SILVA, Camilo Rosa; FREITAG, Raquel Meister Ko. Freitag. Apresentação – Dossiê Funcionalismo(s). **PROLÍNGUA**, [S.l.], n. 9, v. 2, 2015.

SILVA, Camilo Rosa; OLIVEIRA, Maria José. A variação/mudança numa perspectiva sociofuncionalista. **Miguilim**: Revista Eletrônica do Netlli, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 243-264, maio/ago. 2017.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo so-

ciofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. *In*: SOUSA, Edson Rosa de. (org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33-51.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, [S.l.], v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair M. Variação e sociofuncionalismo. *In*: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. London: Penguin Books, 2000.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos A. Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].



OS CAMINHOS DO SOCIOFUNCIONALISMO NO NORDESTE: APLICAÇÕES

Valéria Viana Sousa
Gessilene Silveira Kanthack
Warley José Santos Rocha
Silmara Silva Pereira
Clébia Rocha Lima Lira
Savanna Souza de Castro Pereira

Introdução

Neste capítulo, com o propósito de estabelecer um diálogo entre o Sociofuncionalismo e as pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação, apresentaremos quatro investigações desenvolvidas na região Nordeste, de modo a permitir a compreensão de como é realizada uma análise pautada a partir da interface da Sociolinguística e do Funcionalismo, apresentada no capítulo anterior.

Você e cê em um caminho de trocas no Sertão da Ressaca

Vitória da Conquista, na Bahia, tem sido um celeiro de estudos linguísticos, haja vista que se encontra “[...] no Sertão da Ressaca, região brasileira que é conhecida no cenário nacional por, entre outros motivos, ser o berço ou o lugar onde se insta-

laram ícones da música, da literatura, da escultura, da pintura e do cinema [...]” (ROCHA, 2017, p. 94). A esse lugar que desperta, também, o interesse entre linguistas, será dado o destaque à análise sociofuncional da variação/estratificação dos pronomes *você* e *cê* .

Brasil afora é possível encontrar uma numerosa quantidade de pesquisadores que já se dedicou à análise da variação entre formas de segunda pessoa do singular, cujos resultados levaram às hipóteses de que: (i) a variação entre *você* e *cê* é estável; (ii) a forma *cê* é alvo de estigma na comunidade em tela; (iii) a forma *cê* apresenta maior frequência de uso em Vitória da Conquista-BA; e (iv) a forma *você* encabeça o uso com referência indefinida, ao passo que o *cê* apresenta uma frequência expressiva com a referência definida. Esta última hipótese mobiliza um arcabouço sociofuncionalista a fim de subsidiar a análise da produtividade das duas formas de acordo com a referência empregada no momento do uso.

A referência do você e do cê

Pronomes consistem em uma categoria gramatical que é agrupada entre as palavras de classes fechadas, e a investigação da sua referência é, não raramente, encontrada entre os objetivos dos estudos que se detêm à análise pronominal. Há autores que abordam o fenômeno ao tratar da indeterminação do sujeito, como Carvalho (2010), Santana (2014), Souza e Oliveira (2014). Já Sousa (2008) dedicou-se ao estudo do sentido/função da forma pronominal *você* e, por sua vez, preferiu discriminar as referências a partir de três classificações, a saber: (i) *P1* , na situação sociocomunicativa em que o falante se refere a si mesmo, apesar de fazer o emprego do pronome de segunda pessoa; (ii) *P2* , a referência preconizada pela gramática prescritiva (segunda pessoa do sin-

gular); (iii) *Genérico*, quando o falante referencia um grupo de indivíduos que compartilha particularidades semelhantes às citadas por ele.

Além dessas maneiras de conceber as especificidades desse fenômeno, há também autores, a exemplo de Coelho (1999), de Gonçalves (2008), de Peres (2006) e de Ramos (1997), que assumem dois tipos de referências, a *definida* e a *indefinida*. Em outras palavras, no contexto em que se assume a referência definida, a forma pronominal faz referência à segunda pessoa do singular, como prevê a gramática normativa; ao passo que, quando indefinida a referência, não se faz menção no momento do uso ao interlocutor com quem se fala, mas, ao contrário, é possível observar um deslizamento de sentido. Gonçalves (2008) elucida os dois contextos em questão. Vejamos:

Tipo de contexto de interpretação da forma pronominal:

a) Contexto de interpretação definida:

[...] pra verificar a água pra ver se ela tinha qualidade realmente de poder beBER... aí o pessoal falou assim pra mim... olha... **você** tem que jogar cloro... tudo na caixa... [...]

b) Contexto de interpretação indefinida:

[...] as críticas sempre HÁ como tinha uma Kombi lá de Camacho... a gente queria saber se ela podia rodar ou não a gente sabe que **você** pode rodar o mundo inteiro... [...] mas como era transporte escolar a gente queria sabê se ele tinha uma licitação ou não... [...] (GONÇALVES, 2008, p. 172, grifos do autor).

Os autores que optaram pelos tipos *definido* e *indefinido*, em seus estudos, apontaram estatísticas relacionadas ao uso do *you* e do *cê*, reunidas na Tabela 1.

Tabela 1 – Percentuais de referência do *you* e do *cê*

	Ramos (1997)		Coelho (1999)		Peres (2006)		Gonçalves (2008)	
	<i>you</i>	<i>cê</i>	<i>you</i>	<i>cê</i>	<i>you</i>	<i>cê</i>	<i>you</i>	<i>cê</i>
Referência definida	40%	60%	26%	74%	16%	84%	20%	80%
Referência indefinida	33%	67%	26%	74%	33%	67%	53%	47%

Fonte: Rocha (2017, p. 51)

Nos estudos de Coelho (1999), de Gonçalves (2008), de Peres (2006) e de Ramos (1997), quando considerada a referência *definida*, existe um uso mais frequente da forma pronominal *cê*. No tocante à referência *indefinida*, notamos, nos achados de Coelho (1999), de Peres (2006) e de Ramos (1997), um uso mais frequente também da variante *cê*, ao passo que, no trabalho de Gonçalves (2008), o pronome *you* demonstra um uso levemente mais frequente que a forma *cê*.

Sousa (2008), que analisou o pronome *you* a partir de três sentidos/funções (P1, P2 e Genérico), obteve resultados que apontam para uma maior incidência de uso da referida forma com funções outras que não a prototípica (P2), isto é, com a referência *indefinida*. Para a autora, é possível “[...] assegurar que o falante paraibano, como reflexo do falar brasileiro, no momento atual, encontra-se seduzido pelo *you* com outras referências além da segunda pessoa, e esses outros valores do *you* configuram a variante inovadora” (SOUSA, 2008, p. 209).

Caminhos teóricos

Ancorada no Sociofuncionalismo, a abordagem para o fenômeno mobiliza dos princípios das teorias de base: entre os princípios adotados do Funcionalismo Norte-Americano voltado aos estudos da gramaticalização, encontramos o princípio da *divergência* postulado por Hopper (1991). Rocha (2017) explica que:

A divergência é o princípio que [...] refere-se à existência de formas linguísticas que procedem da mesma etimologia, mas que, diacronicamente, tomaram rumos diferentes na língua (cf. MARTELOTTA, 2003), ou, também, quando um item linguístico assume funções distintas que divergentemente são utilizados pelos falantes mediante elementos pragmático-discursivos. (ROCHA, 2017, p. 81, grifos nossos).

Além desse princípio, há o mecanismo da *extensão* (HEINE, 2003). Como explicado por Rocha (2017, p. 84), a extensão, que pode ser chamada também de generalização contextual, consiste no “[...] uso em novos contextos [...]”. Estes princípios dão base à hipótese testada. Evidências anteriores apontam para o efeito da extensão semântica das formas de segunda pessoa, especialmente, o pronome *você* e a forma variante *cê*. Como formula Rocha (2017): “essa extensão semântica dá-se quando as referidas formas pronominais deixam de assumir o sentido de pronome de segunda pessoa do singular (P2) e passam a assumir um valor genérico, ou para alguns estudiosos, uma referência indeterminada” (ROCHA, 2017, p. 84).

Caminhos metodológicos

O estudo foi desenvolvido em Vitória da Conquista-BA, no Sertão da Ressaca, mais especificamente utilizando amostras linguísticas coletadas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo – CNPq (Grupo Janus), o qual construiu dois *corpora* linguísticos: (i) o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC), constituído de 24 entrevistas com falantes que tinham 11 anos ou mais de escolaridade; e (ii) o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC), também constituído por 24 entrevistas em que os entrevistados possuíam até quatro anos de escolaridade. Após a seleção de amostras, foram coletados os dados, os quais consistiam em ocorrências de *você* e *cê* em posição pré-verbal, na função de sujeito de orações finitas. Para tratar preliminarmente os dados, as ocorrências linguísticas consideradas válidas foram separadas e organizadas para a contagem e frequência das variáveis analisadas.

O caminhar dos dados

A produtividade efetiva das duas formas pronominais na comunidade de fala em estudo aponta para um número total de 788 ocorrências das duas formas pronominais, distribuídas em 438 ocorrências do pronome *você*, ou seja, 56% dos dados coletados, e 350 ocorrências da forma sincopada *cê*, o equivalente aos 44% restantes. Com relação aos achados atinentes às duas referências (*definida* ou *indefinida*), os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Variável natureza semântico-funcional do pronome

REFERÊNCIA	VOCÊ		CÊ	
	N	%	N	%
Referência definida	110	60%	83	40%
Referência indefinida	328	54%	277	46%

Fonte: Adaptado de Rocha (2017)

Uma vez observado o uso tanto do pronome *você* quanto da sua forma variante *cê* com o emprego das duas referências (*definida* e *indefinida*), verificamos o funcionamento do princípio da divergência, bem como do mecanismo da extensão semântica.

Com base nos resultados, o uso do pronome *você* teve maior ocorrência quando empregada a referência definida, ao passo que o *cê* teve maior ocorrência quando empregada a referência indefinida. Desse modo, a hipótese não foi confirmada. Apesar disso, quando feito o levantamento geral do percentual de emprego das duas variantes com referência ora *definida* ora *indefinida* , chegamos aos seguintes percentuais: 77% das ocorrências totais foram do uso com referência *indefinida* contra 23% das ocorrências totais com o uso de referência *definida* . Diante desse resultado, portanto, podemos ratificar que “[...] no vernáculo conquistense, a indeterminação do sujeito via pronomes *você* e *cê* tem sido surpreendentemente produtiva [...]” (ROCHA, 2017, p. 144).

Contribuição dos caminhos realizados

O estudo do uso variável do pronome *você* e *cê* no vernáculo conquistense com referência *definida* e *indefinida* , mostra evidências do funcionamento de dois elementos sociofuncionais caros para o processo de gramaticalização, a saber, o princípio da divergência e o mecanismo da extensão semântica. Os resultados

sugerem que as duas formas pronominais apresentaram um deslizamento semântico, estendendo as possibilidades de uso das formas em análise.

A análise da variável natureza semântico-funcional relacionada a outras variáveis, a exemplo da superestrutura textual, converge em resultados que demonstraram a importância de uma análise subsidiada por outros elementos que, via de regra, influenciam a especificidade referencial do uso dos pronomes *você* e *cê*.

Caminho sociofuncionalista para o estudo da transitividade verbal

A transitividade verbal, em uma perspectiva sociofuncionalista, tem o potencial de contribuir para compreensão desse fenômeno linguístico na educação básica. Esta pesquisa tem origem na necessidade de uma abordagem para o estudo da transitividade verbal mais ampla que a abordagem proposta pela tradição gramatical. Na interface entre o Funcionalismo e a Sociolinguística, a transitividade verbal está fundamentada no funcionalismo linguístico, sobretudo em Hopper e Thompson (1980), e em um *corpus* da língua em uso, constituído por uma sequência didática aplicada em uma turma de estudantes do 8º ano, de uma escola da rede pública.

Assumindo a língua como um elemento flexível e maleável, transmitido culturalmente, observamos a compreensão da transitividade verbal por estudantes oriundos de diferentes zonas do município, a fim de observar se há disparidade na compreensão do referido fenômeno linguístico por esses grupos de informantes.

Transitividade verbal

No Brasil, o ensino da Língua Portuguesa, quanto ao eixo “Análise Linguística/Semiótica”, ainda se encontra alicerçada na tradição gramatical, de cunho normativo, cujos objetivos centrais são: “[...] explicar a natureza da linguagem”, “[...] descrever a estrutura e funcionamento das línguas e regulamentar seu uso consoante padrões quer lógicos quer literários de expressão” (AZEREDO, 2007, p. 16).

A transitividade verbal é considerada na tradição gramatical em um plano sintático, justificado pela semântica com a ideia de (in)completude verbal, sendo classificada de forma dicotômica: intransitivos – aqueles verbos que não necessitam de complementos para fazerem sentido; e transitivos – aqueles verbos que necessitam de complementos. Divergindo-se dessa concepção, surgem reflexões linguísticas que consideram a língua como construção de sentido e inter+ação, caracterizada pela liberdade de organização com propósitos comunicativos, motivados por esquemas de relações, sintáticos e sistemáticos, que ultrapassam os limites do prescrito.

No escopo do Funcionalismo Linguístico, a transitividade vai além do nível sintático, ao propor um estudo sentencial que considera o discurso e o contexto situacional para definição da transitividade verbal. Hopper e Thompson (1980) elencaram dez traços sintático-semânticos que refletem os diferentes ângulos da transferência da ação e da eficácia em relação aos participantes, conforme organizados no Quadro 1:

Quadro 1 – traços/parâmetros de transitividade verbal

PARÂMETROS	TRANSITIVIDADE ALTA	TRANSITIVIDADE BAIXA
1. Participantes	Dois ou mais	Um
2. Cítese	Ação	Não-ação
3. Aspecto do verbo	Perfectivo	Não-perfectivo
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Não-pontual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não-intencional
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo <i>realis</i>	Modo <i>irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	Não-agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	Não-afetado
10. Individuação do objeto	Individuado	Não-individuado

Fonte: Adaptado de Hopper e Thompson (1980, p. 21)

Nessa perspectiva, a transitividade verbal é vista em um *continuum*, de forma que, quanto mais traços forem aplicados à cláusula, maior será a sua transitividade. Assim, o objetivo dessa proposta é apresentar uma análise de transitividade em que todos os traços da oração sejam considerados como (co)responsáveis pela definição da transitividade, ampliando, dessa forma, a relação para além verbo-objeto.

Caminhos teóricos

No escopo da abordagem sociofuncionalista, para este fenômeno, mobilizamos os princípios da iconicidade e da marcação. Quanto à iconicidade, Givón (1990, 1992) defende que as funções tendem a “pressionar” as estruturas linguísticas, de maneira que há uma relação motivada entre forma e função. Para Tavares (2003), o uso de algo está relacionado a alguma função e “[...] as formas desempenham papéis no discurso, fato que está subjacente à organização gramatical”. A autora ressalta, ainda, que há mobilidade de forma e função de modo a, geralmente, existir “[...] mais de uma forma para cada função e mais de uma função para

cada forma.” (TAVARES, 2003, p. 53) e não uma correspondência biunívoca e não arbitrária.

Martelotta e Kenedy (2015, p. 19) ressaltam aspectos que são explicados pelo princípio da iconicidade, como “extensão da oração, ordenação e proximidade de elementos linguísticos que a compõem” e que esse princípio está associado a questões, como “complexidade semântica, grau de informatividade dos referentes no contexto e proximidade semântica entre conceitos”, fatores relacionados ao princípio de marcação, discorridos por Givón (1990).

Essa relação iconicidade/marcação pode ser observada ao estudarmos os traços da transitividade verbal: uma oração pode ser considerada como mais ou menos transitiva a depender do contexto em que é utilizada e da interpretação dada por quem a analisa, como mostramos na análise.

Caminhos metodológicos

O *corpus* foi coletado em uma turma de estudantes com faixa etária entre 13 e 16 anos, de uma escola da Rede Pública do município de Barra da Estiva, Bahia, por meio da Sequência Didática (SD) *Transitando com o Pequeno Príncipe* (CARREIRO, 2020), com atividades envolvendo os dez traços de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980) já apresentados no quadro 1.

Para análise de cada traço, propomos atividades que contemplassem diferentes situações contextuais e fatores linguísticos, nas quais os estudantes deveriam sinalizar as orações que fossem indicadoras de alta transferência de ação, conforme parâmetros estabelecidos por Hopper e Thompson (1980) para cada traço. Em seguida, estratificamos os dados oriundos das atividades da SD e realizamos contagens e frequências, considerando o fator social zona urbana e zona rural.

O caminhar dos dados

Para investigarmos a diferença na compreensão dos estudantes moradores da zona rural e da zona urbana sobre o traço *Participantes*, elaboramos uma questão que objetivou a identificação dos participantes com base na transferência da ação. Foram selecionados quatro pares de orações para determinação daquelas em que havia uma ação que atingia, física ou psicologicamente, algo ou alguém, na tabela 3.

Tabela 3 – Transitividade verbal quanto aos Participantes

Orações		A ação atingiu algo ou alguém	
		zona rural (%)	zona urbana (%)
a)	"O príncipezinho arrancou / Rebentos de baobá".	100	94,1
	"O Pequeno Príncipe / Resolveu , enfim, partir".	0	5,9
b)	"Ele regou sua flor lentamente / Com vontade de chorar ".	16,7	29,4
	Ele regou sua flor lentamente e chorou.	83,3	70,6
c)	"O Príncipe repetiu o seu adeus".	66,7	52,9
	O Príncipe decidiu repetir o seu adeus.	33,3	47,1
d)	" Avistou pássaros selvagens".	16,7	11,8
	Ele avistou pássaros selvagens.	83,3	88,2

Fonte: Elaboração própria

Verificamos que parte significativa de alunos da zona rural reconheceu as orações que contêm dois participantes explícitos, sobretudo, nos pares "a" (100%), "b" (83,3%) e "d" (83,3%). Por sua vez, os alunos da zona urbana, também detectaram os dois participantes explícitos nos pares "a" (94,1%), "b" (70,6) e "d" (88,2%). Em relação ao par "c", tanto os alunos da zona rural (66,7%) quanto da zona urbana (52,9%) tiveram dificuldades em perceber que o verbo simples é indicativo de maior transferência de ação.

Para averiguação do traço *Individação do objeto*, selecionamos quatro orações para que os estudantes marcassem os

subtraços de individuação dos objetos (*próprio; humano/animado; concreto; singular; contável; referencial/definido*) destacados e identificassem a quantidade marcada em cada oração. Considerando a análise da transitividade verbal em um *continuum*, elaboramos uma escala para definição do grau da transitividade tomando como referência a quantidade de subtraços de Individuação presentes nos objetos em estudo, a saber: a) Zero subtraço – Transitividade Nula; b) Um ou dois subtraços – Transitividade Baixa; c) Três ou quatro subtraços – Transitividade Média; d) Cinco ou seis subtraços – Transitividade Alta; cujos resultados são apresentados na Tabela 4:

Tabela 4 – Transitividade verbal quanto à Individuação do Objeto

Orações	Grau de Transitividade Verbal							
	Nula		Baixa		Média		Alta	
	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
“Representava ela uma jiboia que engolia uma fera.”	0	0	0	0	16,7	29,4	83,3	70,6
O Príncipezinho gostava de sua Rosa .	0	0	0	0	0	5,9	100	94,1
O Príncipezinho gostava de rosas .	0	0	66,7	52,9	16,7	47,1	16,7	0
“Por que é que um chapéu faria medo ?”	16,7	5,9	50	52,9	33,3	41,2	0	0

ZR: zona rural; ZU: zona urbana

Fonte: Elaboração própria

Observamos que o grau de transitividade pode ser alterado com o contexto, a exemplo da oração “a” na tabela 4, em que o uso do termo “uma” em “**uma jiboia**” pode ser analisado pelos alunos como um artigo indefinido ou como um numeral. Se for classificado como numeral, existirão cinco subtraços de *Individuação* e a transitividade será alta. Se classificado como não definido, possuirá quatro e a transitividade será média. Diante disso, considera-

mos que 100% dos alunos notaram tanto a *Individuação do objeto* quanto a Transitividade Verbal.

A oração “b” foi classificada por 100% dos alunos da zona rural e 94,1% da zona urbana como transitividade alta. A oração “c” foi registrada como baixa transitividade pelos dois grupos. Constatamos que houve dificuldade na detecção dos subtraços “próprio” (entendido como “posse”) e “referencial/definido”. É importante salientar que o item “d” suscitou questionamentos sobre os conceitos contável/não contável e referencial-definido/não definido por ser um objeto abstrato. Diante disso, optamos por não averiguar, na presente pesquisa, os dados relativos a essa construção.

Para estudo do traço *Afetamento do objeto*, elaboramos seis orações e solicitamos aos alunos que conferissem se houve afetamento do termo destacado e que classificassem o grau do afetamento em alto ou baixo, cujos resultados são apresentados na tabela 5.

Tabela 5 – Transitividade verbal quanto ao afetamento do objeto

Orações	A afetação foi ALTA		A afetação foi BAIXA	
	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
A Rosa cativou o Pequeno Príncipe .	100	100	0	0
O Príncipezinho gostava de rosas .	33,3	35,3	50	29,4
O Príncipezinho cuidou de sua rosa .	83,3	94,1	16,7	5,9
O Príncipezinho cuidará de sua Rosa .	0	5,9	50	35,3
A jiboia engolia a fera .	0	23,5	100	70,6
A jiboia engoliu a fera .	100	88,2	0	5,9

ZR: zona rural; ZU: zona urbana

Fonte: Elaboração própria

Constatamos que a maioria dos alunos relacionou o tempo verbal ao afetamento. Quase todos da zona rural detectaram a afetação alta dos objetos nas orações “a” (100%), “c” (83,3%) e “f” (100%), bem como a afetação baixa em “e” (100%). Boa parte

dos estudantes da zona urbana reconheceu a afetação alta em “a” (100%), “c” (91,1%) e “f” (88,2%).

Em relação ao traço *Polaridade da oração*, elaboramos 23 orações para que os estudantes identificassem o sentido (positivo ou negativo) expresso. Foram consideradas diversas construções, mas, dada a diversidade de dados, optamos por apresentar apenas as que foram consideradas mais negativas pelos alunos na tabela 6.

Tabela 6 – Transitividade verbal quanto à polaridade da oração

CONSTRUÇÕES	ORAÇÕES	POSITIVA		NEGATIVA	
		ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
<i>Negação explícita (construções marcadas, tradicionalmente aceitas)</i>	I – “Eu não fiz a tarefa.”	0	15,8	100	84,2
	II – “Não quero falar com ele, não.”	0	15,8	100	84,2
<i>Expressões com sentido negativo dependente do contexto pragmático-discursivo</i>	IV – “Cai fora!”	16,7	10,5	83,3	89,5
	II – “Tá doido!”	0	15,8	100	78,95
	I – “Deus me livra!”	16,7	26,3	83,3	73,7
<i>Expressões negativas apresentadas pelos estudos funcionalistas</i>	II – “Ele recusou o meu pedido. ”	66,7	21,05	33,3	73,7
	IV – “Meus pais me impediram de ir à festa de micareta”	50	15,8	50	68,4
	VII – “Jamais irei contigo, pois o seu mundo é muito grande!”	66,7	26,3	33,3	73,7

ZR: zona rural; ZU: zona urbana

Fonte: Elaboração própria

As orações apontadas pelos alunos como possuidoras de sentido mais negativo foram as que apresentavam negação explícita em construções marcadas, tradicionalmente aceitas, com 100% de acerto por parte dos estudantes oriundos da zona rural e 84,2% da zona urbana, e as que continham expressões com sentido negativo dependente do contexto pragmático-discursivo, como em “Cai fora!”, “Tá doido!” e “Deus me livra!”, com média de 88,9% pelos alunos da zona rural e 80,7% pelos da zona urbana.

As orações com expressões negativas foram apontadas corretamente por mais de 70% dos estudantes da zona urbana. Por outro lado, os alunos da zona rural tiveram dificuldade em identificar o valor negativo dessas, de forma que o nível de acerto foi abaixo de 40%.

Para estudo da *Modalidade da oração*, propomos a análise de cinco orações com verbos de diferentes tempos para analisar quais os alunos indicariam como ações realizáveis, cujos resultados são apresentados na Tabela 7:

Tabela 7 – Transitividade verbal quanto à modalidade reais

Orações	Modo <i>realis</i> (ações realizáveis/ realizadas)	
	ZR (%)	ZU (%)
"Em silêncio, após ouvir toda a história da Rosa, o príncipezinho chorou! " (<i>Pretérito perfeito do indicativo</i>)	100	93,75
" Eu não deixaria tal coisa acontecer! " (<i>Futuro do pretérito</i>)	0	0
"Pôs sobre ela a redoma de vidro que ela havia desprezado. " (<i>Pretérito-mais-que-perfeito composto-forma de participípio</i>)	100	87,5
" E a rosa foi erguendo-se e tornando-se viva! " (<i>Formas de gerúndio</i>)	50	56,25
"Seu eu for lá, aprenderei tudinho! " (<i>Futuro do presente</i>)	0	0

ZR: zona rural; ZU: zona urbana

Fonte: Elaboração própria

As orações "a" e "c", elaboradas no tempo pretérito, foram identificadas por 100% dos alunos da zona rural e por quase 90% dos da zona urbana como modo *realis*. Nenhum aluno classificou "b" e "e" (tempo futuro) como *realis*. O item "d" gerou dissensão, de forma que média de 50% deles o classificou como realizável. Inferimos que isso tenha acontecido devido ao aspecto *imperfectivo* do verbo. A ação foi iniciada, mas não concluída, o que demonstra a importância da percepção que existe na relação entre traços para análise das orações.

Quanto ao traço *Cinese*, propomos quatro orações para análise da ação e da afetação e que fossem atribuídos graus (alto, médio, baixíssimo) ao nível da ação verbal, cujos resultados são apresentados na Tabela 8:

Tabela 8 – Transitividade verbal quanto à cinese

ORAÇÕES	NÍVEL DA AÇÃO VERBAL					
	alto		médio		baixo	
	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
"Eu até gostaria de te cativar..."	16,7	0	16,7	25	66,6	75
O Pequeno Príncipe abraçou a raposa.	83,3	93,75	0	6,25	16,7	0
"Compreenderás que a tua é única no mundo".	16,7	37,5	16,7	31,25	66,6	31,25
A rosa não aprova aquela atitude do Príncipe.	33,3	31,25	66,7	37,5	0	31,2
LEGENDA: ZR – Zona Rural; ZU – Zona Urbana						

Fonte: Elaboração própria

O nível da ação verbal mais perceptível foi o "alto" na oração "b", com 83,3% de acerto dos estudantes da zona rural e 93,5% dos alunos da zona urbana. Em relação às demais orações, 66,6% dos discentes da zona rural conseguiram classificar o nível de ação verbal médio na oração "d" e baixíssimo nas orações "a" e "c". Por sua vez, 75% dos estudantes da zona urbana perceberam o nível baixíssimo da oração "a", mas apenas 37,5% identificaram o nível médio na oração "d" e 31,25% deles, o nível baixíssimo na oração "c".

Em relação ao traço *Aspecto* (*perfectivo ou imperfectivo*), propusemos quatro orações para que os discentes apontassem as alternativas que continham ações "concluídas" (*perfectivo*), distinguindo-as das "em processo" (*imperfectivo*), cujos resultados são apresentados na Tabela 9:

Tabela 9 – Transitividade verbal quanto ao Aspecto do verbo

ORAÇÕES	Ações concluídas	
	ZR (%)	ZU (%)
"Você revia as rosas..." (<i>imperfectivo</i>)	33,3	18,75
"Você voltou para me dizer adeus..." (<i>perfectivo</i>)	66,7	68,75
"... e eu te presenteei com um segredo." (<i>perfectivo</i>)	100	75
E eu te presenteava com um segredo. (<i>imperfectivo</i>)	0	12,5

ZR: zona rural; ZU: zona urbana

Fonte: Elaboração própria

O exemplo mais prototípico do traço *Aspecto do verbo* é o tempo/aspecto pretérito perfeito do modo indicativo. Averiguamos que a oração "c" foi a que apresentou maior taxa de acerto, com 100% dos estudantes da zona rural e 75% da zona urbana, seguida da oração "b", com 68,75% dos estudantes da zona urbana e 66,7% da rural.

Para analisarmos o traço *Pontualidade do verbo* (duração das ações), expomos aos alunos cinco orações para que classificassem as ações como pontuais, contínuas ou permanentes, considerando o tempo de realização/duração das ações, cujos resultados são apresentados na Tabela 10.

Tabela 10 – Transitividade verbal quanto à pontualidade do verbo

Orações	Pontual		Contínua		Permanente	
	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
"... a tua (rosa) é única no mundo."	16,65	12,5	0	0	83,35	87,5
O Príncipezinho viu a sua rosa.	50	50	50	43,75	0	6,25
"Assim, o pequeno príncipe cativava a raposa."	0	6,25	33,3	75	66,7	18,75
O príncipezinho piscou o olho.	66,7	81,25	16,65	18,75	16,65	0

ZR: zona rural; ZU: zona urbana

Fonte: Elaboração própria

O aspecto permanente expresso pelo verbo “ser”, na oração “a”, foi percebido por 83,35% dos estudantes da zona rural e por 87,5% da zona urbana, havendo certa semelhança na análise. Em “b”, notamos que os alunos ficaram divididos entre ação pontual e contínua. Interessante registrar que a forma verbal *viu* é utilizada no município de Barra da Estiva-BA com o sentido de “localizou/visualizou” repentinamente ou como “permaneceu olhando/visualizando” por um tempo maior, justificando a análise. E, em “c”, houve disparidade na classificação. Enquanto 75% dos alunos da zona urbana classificaram a ação como contínua, 66,7% da zona rural a classificaram como permanente. Quando questionados sobre a permanência da ação, os alunos disseram que cativeiro é algo que não se acaba. Em “d”, a maior parte dos alunos, 81,25% da zona urbana e 66,7% da zona rural, classificou a ação como pontual, instantânea. Alguns deles consideraram a repetição da ação e não o ato de piscar isoladamente.

Em relação ao traço *Intencionalidade do Sujeito*, pedimos aos estudantes que analisassem quatro orações e que as reescrevessem acrescentando as construções “... *decidiu não mais...*” ou “...*decidiu parar de...*” antes do verbo (CANÇADO, 2005), quando possível, de forma a manter a coerência da oração, para a definição do controle do sujeito na ação. Em seguida, solicitamos a eles que detectassem aquelas em que o sujeito agiu de forma intencional. Os resultados são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11 – Transitividade verbal quanto à intencionalidade do sujeito

ORAÇÕES	INSERÇÃO DAS CONSTRUÇÕES "... decidiu não mais..." OU "...decidiu parar de..."				INTENCIONALIDADE DO SUJEITO			
	SIM		NÃO		SIM		NÃO	
	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
a) "Antoine Saint-Exupéry nasceu em Lyon, a 29 de junho de 1900."	0	0	100	100	0	0	100	100
b) "(Antoine de Saint-Exupéry) faleceu no Mar Mediterrâneo, a 31 de julho de 1944."	0	0	100	100	0	5,9	100	94,1
c) "Permaneceu 18 meses no Cabo Juby, durante os quais escreveu o romance 'Courrier Sud' ('Correio do Sul')"	100	100	0	0	100	100	0	0
d) "Na noite de 31 de julho de 1944, ele decolou de uma base aérea na Córsega e não retornou ."	50	70,6	50	29,4	66,7	41,2	33,3	58,8

ZR: zona rural; ZU: zona urbana

Fonte: Elaboração própria

Os resultados sugerem que os alunos reconheceram a intencionalidade do sujeito em orações em que o verbo não depende necessariamente do contexto, a exemplo de *nascer* e *falecer* presentes em "a" e "b", em que quase 100% deles indicaram a não intencionalidade. As demais orações dependem de um contexto para que possamos identificar se há a intencionalidade ou a obrigatoriedade do sujeito na realização da ação. Em "c", a intenção no ato de escrever o romance foi percebida por 100% deles. Por outro lado, em "d", apenas 29,4% dos estudantes da zona urbana e 50% da rural detectaram a impossibilidade de inserção das construções, sendo que 58,8% da zona urbana e 33,3% da zona rural

indicaram que não houve intenção do piloto em *não retornar*, já que foi abatido durante o voo e acabou falecendo.

O último traço analisado foi *Agentividade do sujeito*. Solicitamos aos alunos que examinassem três pares de orações e indicassem aquelas em que havia a transferência de ação entre um sujeito agente e um objeto paciente, com o objetivo de verificar se os alunos detectariam as orações em que o sujeito era agente-vo. Os resultados são apresentados na Tabela 12:

Tabela 12 – Transitividade verbal quanto à agentividade do sujeito

ORAÇÕES		AGENTE		NÃO AGENTE		NENHUM	
		ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)	ZR (%)	ZU (%)
a)	"... os mouros lhe deram o cognome de 'senhor das areias'."	83,3	82,35	16,7	11,8	0	5,9
	Os jornais registraram o seu cognome 'senhor das areias'.	16,7	11,8	83,3	82,35	0	5,9
b)	"Quatro anos mais tarde, em abril de 1921, Antoine inicia o serviço militar no 2º Regimento de Aviação de Estrasburgo."	83,3	94,1	16,7	0	0	5,9
	O avião iniciou o seu último voo.	16,7	0	83,3	94,1	0	5,9
c)	"Em 3 de novembro, em homenagem póstuma, (Antoine de Saint-Exupéry) recebeu as maiores honras do exército."	50	47,1	50	47,1	0	5,9
	A França recebeu muitas honras pelo grande piloto e escritor que teve.	50	47,1	50	47,1	0	5,9

Fonte: Elaboração própria

Nos pares "a" e "b", observamos que a maioria dos alunos, média de 83,3% da zona rural e de 88,2% da zona urbana, distinguiram o sujeito agente. Já no par "c", houve uma divisão considerável de opinião, pois quase 50% deles identificaram o sujeito agente na primeira oração. Ressaltamos que, na primeira oração do par "c", temos uma oração com o sujeito elíptico/desinencial/

oculto (*Antoine de Saint-Exupéry*) e, na segunda, temos um sujeito explícito *A França*. Acreditamos que a omissão do sujeito na primeira oração pode ter sido a principal causa da dificuldade na percepção do sujeito agentivo, já que alguns deles podem não o ter considerado como o sujeito “presente” e agente na oração.

Contribuição dos caminhos realizados

Os resultados permitem evidenciar a compreensão sobre transitividade verbal por estudantes de modo diferente quanto ao seu ambiente, mostrando a maleabilidade da relação entre língua e *sociedade* apregoada pelo Sociofuncionalismo. Se a compreensão se deu de forma similar e com valores relativamente aproximados os traços *Afetamento do objeto*, *Agentividade do Sujeito*, *Modalidade da oração*, *Cinese e Aspecto verbal*, *Intencionalidade do sujeito*, *Pontualidade do verbo*, em relação ao traço *Participantes*, os estudantes da zona rural relacionaram, de forma mais evidente, os participantes explícitos à transitividade alta, bem como a *Indivuação do objeto*. No traço *Polaridade da oração*, foi demonstrada uma tendência mais tradicional na análise dos alunos da zona rural, já que a maioria deles percebeu tanto a negação explícita aceita tradicionalmente quanto a negação com base no contexto, mas tiveram dificuldades em captar a negação com o uso de expressões negativas. Por outro lado, os alunos da zona urbana se destacaram na análise dessas expressões.

Um estudo sociofuncionalista da transitividade verbal nas escolas tem contribuições para o ensino, pois, para além da classificação do aspecto gramatical, é oportunizado o desenvolvimento de competência leitora e de escrita ao estudante.

“Tá” no twitter...tá? Variabilidade funcional em uso

A forma fonologicamente reduzida do verbo *estar* assume valores funcionais diferentes. Partindo do pressuposto de que a

estrutura linguística deve ser observada a partir do contexto real de uso, como defende a abordagem sociofuncionalista, o fenômeno foi investigado com o intuito de verificar se eles indicam variabilidade funcional e se apontam para uma situação de mudança por gramaticalização.

A pesquisa sobre a forma fonologicamente reduzida do verbo estar

No português brasileiro, o verbo *estar* sofre variações tanto em termos de forma quanto em termos de função. No que se refere à forma, duas variantes se manifestam na língua: o verbo pode ocorrer em sua forma plena (*estar, está, estava estou...*) ou em sua forma fonologicamente reduzida (*tá, tava, tô...*). Especificamente sobre o *tá*, Pinheiro (2019) atestou, a partir de um *corpus* de língua falada (Banco de dados do PortVix – *Português Falado na Cidade de Vitória, ES*), que ele é usado com valores funcionais variados. No intuito de certificar se o mesmo comportamento ocorre em língua escrita, realizamos a nossa pesquisa recorrendo a *tweets*.

De fato, o levantamento realizado demonstrou que o item *tá* desempenha, na amostra analisada, diferentes valores funcionais: (i) *verbo principal*, (ii) *verbo de ligação*, (iii) *verbo auxiliar*, (iv) *expressão cristalizada* e (v) *marcador discursivo*, como podemos ver, respectivamente, nos exemplos a seguir:

- (i) Depois de mais de 1 semana, minha tia teve alta e **tá** em casa. (*Twitter*, 2022).
- (ii) menino, que sufoco. Na prova objetiva passou em 8º, tem 8 vagas, hje veio o resultado da discursiva e ela foi pro 4º lugar. Ela **tá** doida pra trabalhar, não é o que ela quer, é o que tem. (*Twitter*, 2022).
- (iii) Deixei de seguir muita gente, esse povo **tá** sabendo usar legal o botão de “parar de seguir” sem o seguidor perceber aff, fico abala-

da (paranoica) real, qq eu fiz pra essa pessoa parar de me seguir?:
(enfim, só fico com pensamentos pensantes. (Twitter, 2022).

(iv) Tirei um cochilo tão profundo que acordei até triste, **tá doído**.
(Twitter, 2022).

(v) A madrinha já pode ir buscar na creche **tá?** (Twitter, 2022).

Em (i), o item *tá* atua com função nuclear na oração, está a serviço de uma função locativa, contraída a partir da locução adverbial *em casa*, um espaço físico concreto. Em (ii), o item tem valor semântico esvaziado e atua como uma cópula entre o sujeito (ela) e o seu predicativo (doída). Nesse caso, a característica portada pelo sujeito é temporária. Em (iii), o *tá*, também com valor semântico esvaziado, atua como auxiliar, estabelecendo relações morfossintáticas com a forma nominal no gerúndio, compondo, assim, a locução verbal *tá sabendo*. Em (iv), o *tá*, compondo unidade integrada com *doído*, exerce a função de expressão cristalizada. Nesse uso, *tá doído* apresenta a ideia de surpresa com a qual o sujeito lida com a situação experienciada. Em (v), o *tá* é usado como marcador discursivo, com fins de atestar a interação entre locutor e interlocutor.

Caminhos teóricos

O caminho teórico seguido foi o Sociofuncionalismo, que tem fornecido embasamento para os estudos de gramaticalização, especialmente aqueles em que uma forma assume mais de uma função. Nesse contexto, entra em cena a noção de domínio funcional, “[...] uma área coberta por (macro)funções/significações gramaticais que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente e regularizada em diferentes níveis” (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 49). Assim, em um mesmo domínio, novas camadas podem surgir continuamente, e, nesse âmbito, as camadas mais antigas podem

permanecer para coexistir e interagir com as camadas mais recentes, conforme indica o princípio da estratificação postulado por Hopper (1991).

Caminhos metodológicos

A amostra das ocorrências com a forma fonologicamente reduzida do verbo *estar* foi constituída a partir de pesquisa na caixa de busca da rede social *Twitter*, um espaço virtual que se configura como um *locus* de uso real da língua. Nesse processo, filtramos a busca pela forma *tá*, exclusivamente, nos comentários (mais recentes) de perfis públicos do *Twitter*, durante um período de oito dias alternados em janeiro de 2022. Com relação ao número de *tweets*, selecionamos uma média de 22 ocorrências diárias, perfazendo um total de 192 registros, um quantitativo que consideramos suficiente para demonstrar as regularidades dos usos da forma reduzida de *estar*.

Em relação aos procedimentos de análise, aplicamos o método misto (CUNHA LACERDA, 2016), que une as abordagens qualitativa e quantitativa. Por meio da qualitativa, analisamos as funções desempenhadas: *verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressão cristalizada* e *marcador discursivo*. Por meio da quantitativa, verificamos a frequência de uso de cada uma das funções, um fator de extrema importância em um estudo sociofuncionalista, pois os seus efeitos vão apontar, por exemplo, a detecção do nível de espraiamento do fenômeno analisado, a verificação do grau de variabilidade/estabilidade dos itens de uma língua.

O caminhar dos dados

Do levantamento feito, constatamos que o item *tá* é usado com frequências variadas, como se pode ver na Tabela 13:

Tabela 13 – Funções desempenhadas pela forma fonologicamente reduzida do item *estar* no *Twitter*

Função	Forma reduzida	
	N	%
Verbo principal	07	3,6
Verbo de ligação	51	26,6
Verbo auxiliar	47	24,5
Expressão cristalizada	62	32,3
Marcador discursivo	25	13
Total	192	100

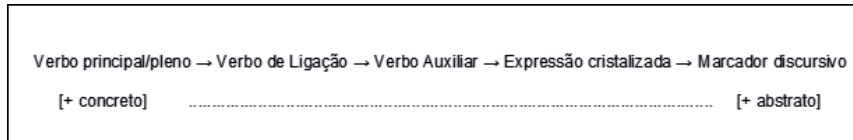
Fonte: Elaboração própria

Na função de *expressão cristalizada*, a forma *tá* apresentou o maior número de ocorrências, totalizando um percentual de 32,3% na amostra. Com relação às funções de *verbo de ligação* e *verbo auxiliar*, a forma apresentou, respectivamente, os percentuais de 26,6% e 24,5%. Na função de *marcador discursivo*, o uso atestou uma frequência de 13%. Por sua vez, a função plena foi a menos recorrente, apenas 3,6%.

Mediante a análise e o levantamento realizado, e com base nos pressupostos sociofuncionalistas, constatamos: (i) o item *tá* tem expandido seus contextos de usos, indicando, portanto, variabilidade funcional; (ii) cinco funções/variantes se encontram em uma situação de competição; (iii) a frequência de uso aponta que o *tá* tem sido mais usado com valor semântico esvaziado (verbo de ligação e verbo auxiliar) e com funções discursivas (expressão cristalizada e marcador discursivo); (iv) os usos indicam mudança por gramaticalização.

Assim, com o objetivo de explicar o percurso que caracteriza a gramaticalização do item *tá*, propomos o *cline/continuum* na Figura 1.

Figura 1 – *continuum* de gramaticalização do item *tá*



Fonte: Figura adaptada de Pinheiro (2019)

Na função mais à esquerda, verbo principal, o verbo atua com valor mais concreto, dada a carga semântica que carrega; na função mais à direita, marcador discursivo, o item *tá* atua com valor mais abstrato; no meio do percurso, registramos o *tá* ocorrendo ainda como verbo (ligação e auxiliar), mas com valores semânticos esvaziados, e, também, atuando em unidade com outros itens (expressão cristalizada).

Conforme apresentado na Tabela 1 e no *continuum*, podemos dizer que as funções do *tá* (variantes) estão competindo em um mesmo domínio funcional, tanto as funções já conhecidas (verbo principal, de ligação e auxiliar) quanto as funções inovadoras (expressão cristalizada e marcador discursivo). Nesse processo de competição, está em evidência o princípio da *estratificação* (HOPPER, 1991), pois as funções atuam coexistindo e interagindo uma com as outras, mas com a indicação de que a função de verbo principal está perdendo espaço para as outras funções (gramaticalizadas), principalmente aquelas que são intermediárias (verbo de ligação, verbo auxiliar e expressão cristalizada) no *continuum* delineado.

Contribuição dos caminhos realizados

A partir de pressupostos sociofuncionalistas, buscamos demonstrar, em nossa pesquisa, a partir da variável linguística *função do item*, quais são os valores funcionais assumidos pela

forma fonologicamente reduzida do item *estar* em textos/comentários veiculados na rede social *Twitter*.

Como *locus* que evidencia a língua efetivamente em uso, o *Twitter* nos forneceu dados que nos permitiram certificar que a forma *tá* desempenha as funções de *verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressão cristalizada* e *marcador discursivo*. Das funções registradas, notamos, pela frequência de uso, um uso mais acentuado de funções em que o verbo atua com valor semântico esvaziado e, também, de funções com valor discursivo. Confirmamos, assim como Pinheiro (2019), que há uma situação de mudança por gramaticalização a caminho, onde o *tá* TÁ PERDENDO seus traços mais concretos e TÁ ADQUIRINDO traços mais abstratos. TÁ DITO! TÁ!!!

Um caminho de mãos dadas com o *não* e o *num* em uma perspectiva sociofuncionalista

O ato de negar é inerente à linguagem humana. Seja por meio de palavras e expressões, seja por meio de gestos, todos os falantes utilizam desse recurso quando têm a necessidade de, na interação, realizar um ato de negar. No que tange ao sistema da Língua Portuguesa, falantes elegem como a forma mais prototípica de negação o advérbio *não*, comumente utilizado à esquerda dos verbos e de outros elementos, tais como advérbios e adjetivos, para negar palavras, orações e para responder negativamente às perguntas diretas, conforme prescrevem as gramáticas tradicionais (normativas).

Observamos, no entanto, que, a fim de tornar a comunicação mais assertiva e enfática, os falantes têm ampliado a utilização do item *não* para além do prescrito, o que tem possibilitado tal item assumir funções variadas nos diferentes níveis: no nível sintático (dupla negação, isto é dois elementos negativos intercalando um

verbo ou uma oração, e o *não* após o verbo, que se caracteriza como pós-verbal); no nível semântico-pragmático (*não* na de função *manobra discursiva*, isto é, correção pontual; e de *introdutor discursivo*); e no nível fonético-fonológico (desgaste fonológico de *não* para *num*).

Para trilhar os caminhos da negação, investigamos o item linguístico *não* à luz do Sociofuncionalismo. Assim, buscamos i) avaliar se os itens *não* e *num* estão em processo de variação estável ou mudança em progresso; ii) constatar o princípio da gramaticalização do *não*; e, por fim, iii) analisar os dados e compreender quais são os fatores linguísticos e sociais que influenciam a ocorrência das variantes *não* e *num*.

Os caminhos trilhados pelo não: da tradição gramatical aos estudos linguísticos

A partir dos novos usos do item *não/num* nas variantes sintática, semântico-pragmática e fonético-fonológica, discutimos a negação, ora com base na tradição gramatical, ora na abordagem linguística, considerando a língua em uso, a fim de compreender a utilização do *não/num* e ampliar, assim, a compreensão sobre o item negativo.

O ponto de partida são as gramáticas tradicionais. Nessas, os advérbios estão classificados como modificadores do verbo (BECHARA, 2004; CUNHA; CINTRA, 1985, 2001; ROCHA LIMA, 2003) e intensificadores (CUNHA; CINTRA, 1985, 2001), tendo em vista que reforça o sentido de um advérbio e de um adjetivo. A partir dessa conceituação, o item *não* é categorizado como advérbio de negação ocupando a posição pré-verbal.

Enquanto as gramáticas prescritivas normatizam a posição canônica do *não* com escopo sobre os verbos, nas gramáticas

descritivas encontramos uma visão mais ampla sobre a função da negação. Vejamos o que Neves (2000) postula a respeito:

[...] uma operação atuante no nível **sintático-semântico** (no interior do enunciado), bem como no nível **pragmático**. É um processo formador de sentido, agindo como instrumento de **interação** dotado de intencionalidade. A negação é, além disso, um recurso argumentativo (ou contra-argumentativo). (NEVES, 2000, p. 285, grifos da autora).

Nos estudos linguísticos, destacamos resultados de três estudos. Nunes (2014) observa o convívio sincrônico de três estratégias negativas, a dupla negação, a pré e pós-verbal, e constata que a dupla negação surge a partir da necessidade comunicativa do informante em tornar a negação mais expressiva. A partir dessa perspectiva, hipotetiza que a negação sentencial do Rio de Janeiro está passando por um processo de mudança.

Nunes (2014) estabelece três tipos de negação (dupla negação, pré e pós-verbal) como variante dependente ternária e define, como as variantes independentes linguísticas, sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoas) e tempo verbal (presente, passado e futuro); e como variantes independentes extralinguísticas, gênero/sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes, a fim de obter valores quantitativos referentes à frequência de uso nos dados coletados de oito entrevistas selecionadas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. Ao contabilizar a ocorrência dos dados, foi constatada a predominância da realização canônica da negação (73,1%), a dupla negação foi intermediária (25,4%) e a negação pós-verbal foi incipiente (1,5%). Constatou, então, que as variantes inovadoras não têm força suficiente para sobrepor a variante canônica.

Roncarati (1996) objetiva medir o julgamento dos alunos em relação à percepção das variantes negativas. O teste aplicado demonstra que o grupo de universitários avalia ora de forma inconsciente, ora de forma sugestiva o uso da negação. Em decorrência da avaliação atribuída à negação, a pesquisadora aponta que a negação pré-verbal tem caráter pressuposicional neutro, factual, diferentemente da dupla negação, que se caracteriza por carregar a convicção do falante sobre aquilo que se nega, funcionando como uma marca enfática. Ademais, a negação pós-verbal exerce a função de “condição de referência pontual” (RONCARATI, 1996, p. 98), já que as informações pragmáticas devem ser o foco imediato do discurso. Por essas questões, os contextos imperativos ou respostas diretas favorecem à presença da negação pós-verbal.

Os resultados de Roncarati (1996) mostram que os contextos que favorecem a emergência da negação pós-verbal estão vinculados a cláusulas independentes e absolutas com verbos epistêmicos, copulativos e atitudinais, em detrimento as outras variantes. Quanto ao sujeito, esse tende a ser existencial ou cancelado, e os argumentos que seguem a negação pós-verbal estão sujeitos ao apagamento. Segundo a autora, essas propriedades da estrutura pós-verbal caracterizam-se como construção elíptica, eliminando informações redundantes e sendo assim mais informais e mais econômicas.

Sousa e Vitral (2010) realizaram um estudo descritivo das formas reduzidas da negação, para explicar as reduções fonológicas do *não*, apoiando-se no processo de gramaticalização proposto por Hopper e Traugott (2003). Com análise acústica extraída de entrevistas gravadas, constataram as ocorrências de [nã], [num], [nu] e [ũ] e comprovaram, assim, que as expressões negativas evoluem no sentido de reduzir suas formas, o que atesta a hipótese de gramaticalização.

Caminhos teóricos

Na abordagem Sociofuncionalista, é defendida a concepção de que as categorias gramaticais não são discretas, não há delimitação bem definida entre elas, há, portanto, um contínuo entre elementos prototipicamente gramaticais e outros que desempenham papéis lexicais. A nossa investigação é de natureza sociofuncionalista, mobilizando compreender como os fatores linguísticos e extralinguísticos determinam a variação do *não* e *num*, ao mesmo tempo, por meio do princípio da gramaticalização, visamos esclarecer as novas funções semântico-pragmáticas do *não*.

Caminhos metodológicos

Foi realizado um estudo em tempo aparente com os dados coletados dos *corpora* Português Culto e Popular de Vitória da Conquista, do Grupo Janus, com doze entrevistas de cada *corpus*, organizadas de acordo com a estratificação dos *corpora*, a saber: sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I: de 15 a 25 anos; faixa II: de 26 a 50 anos e faixa III mais de 50 anos) e nível de escolaridade (com até 5 anos de escolaridade – *Corpus* Português Popular e mais de onze anos de escolaridade – *Corpus* Português Culto).

As ocorrências foram contabilizadas e controladas quanto às variáveis sociais do *corpus* e as variáveis linguísticas no nível sintática da negação, a saber, as posições: pré-verbal, dupla negação e pós-verbal.

Negação Pré-verbal:

(01) INF: Que *não* tinha esse negócio aí, *não* tinha computadô [eh] *não* tinha celular, *não* tinha eh... eh... eh... televisão também *não* tinha (D.A.O., Faixa III, Masc. PCVC)

Dupla Negação:

(02) [Num] conheço ninguém não, mas... assim eu *num* vejo problema em... em criança trabalha não, (F.S.L.B., Faixa I, Masc. PCVC)

Negação Pós-verbal:

(03) Sô muito de sair não (C.S.M.N., Faixa II, Masc. PCVC)

Além da variável posição, foram controlados os valores semânticos e pragmáticos nos discursos, a exemplo de *manobra discursiva* e de *introdutor discursivo*. A *manobra discursiva* ocorre quando o falante faz uma correção pontual, isto é, expressa uma ideia, mas, em seguida, corrige todo o contexto ou o sentido. Assim, o item *não* assume a função semelhante à de uma conjunção adversativa.

(04) Eu senti que o agí de Deus foi diferente na minha vida, parecendo que... parece que eu botei minha fé em ação... parece não com certeza [pus] minha fé em ação e tudo mudô na minha vida... aí pra mim meu interesse totalmente é mais voltado pra evangélica neste momento (G.N.B., Faixa I, Fem. PPVC)

Em (04), ao falar “parece não com certeza”, o interlocutor percebe que a atribuição dada ao verbo *parecer* é fraca para o que deseja argumentar. Dessa forma, em uma *manobra discursiva*, substitui, então, o verbo por uma expressão que denota mais convicção, a expressão “com certeza”. Com isso, por meio de uma correção pontual, substituição de termo, consegue expressar de forma mais adequada o que pretende em sua argumentação.

Na função de *introdutor discursivo*, o item negativo aparece inicialmente no turno conversacional, estabelecendo, assim, um elo entre o que foi mencionado pelo interlocutor e uma nova informação. O excerto (05) exemplifica a negação como *introdutor discursivo*:

(05) DOC: Cê gosta de morar aqui?

INF: Gosto + Gosto muito não

DOC: Hum:: Por quê?

INF: Não, que:: mataram meu primo... (L.B.R., Faixa I, Masc. PPCV)

Podemos verificar que, em (05), o *Não*, dito pelo informante, não possui valor negativo algum. Observemos que, respondendo a uma pergunta como “Por que”, esse *não* está no enunciado, exercendo a função de introduzir uma informação, “mataram meu primo...”.

No arcabouço sociofuncionalista, queremos verificar se o item *não* é produtivo nessas novas funções de *manobra discursiva* e de *introdutor discursivo* em nossos *corpora* e que, ao exercer outras funções, o item *não* está em processo de gramaticalização. Quanto às variáveis extralingüísticas, consideramos que falantes do Português Culto realizam mais a variante de prestígio *não*, ao passo que os falantes do Português Popular a variante *num*. As mulheres são mais conservadoras na manutenção da forma padrão de negação do que os homens, que utilizam mais a variante *num*. Sobre a faixa etária, a hipótese primária é de que não há discrepância entre o uso em diferentes idades.

O caminhar dos dados

Foram identificadas 2.518 de estruturas negativas, sendo 1.501 (59,6%) do item *não* e 1.017 (40,4%) da forma reduzida *num*. Para a verificação das possíveis posições sintáticas dos itens negativos *não/num* na sentença, tomamos como parâmetro o verbo ou o constituinte lexical sobre o escopo da negação. Quando não havia nenhum constituinte, verificamos a estrutura que condicionava a ocorrência do *não/num*, por exemplo, nas perguntas. A hipótese é de que as variantes *não* e *num* são mais frequentes nas posições pré-verbal e no início da dupla negação. Na posição

pré-verbal, o *não* apresentou 48,3% e o *num* 51,7% das ocorrências. Essa constatação evidencia a aceitabilidade da variante *num* pelos falantes apenas na posição pré-verbal.

Visto que a dupla negação é constituída pela realização simultânea de dois itens negativos *não/num* na sentença, estabelecemos como critério de classificação apenas a primeira realização negativa, pois constatamos que, na dupla negação, apenas o primeiro elemento negativo tende à variação fonético-fonológica, enquanto o segundo permanece na sua forma original. Para Roncarati (1996), essa seria uma etapa do processo de gramaticalização pela qual ocorre o enfraquecimento do primeiro *não* tônico para átono até atingir a queda do primeiro elemento, consolidado, portanto, o segundo *não*, com toda carga semântica.

Os valores encontrados para a dupla negação foram os de 75,7% com construções com *num* e 24,3% para estrutura com *não*. Podemos afirmar que, entre os fatores que condicionam o *num*, a repetição do mesmo elemento negativo é determinante para a realização dessa variante na língua falada, ficando atrás apenas da posição pré-verbal.

Considerando as funções semântico-pragmáticas, o item *não* é predominante nas ocorrências de *manobra discursiva* (94,4%) e de *introdutor discursivo* (100%), enquanto o *num* ocorreu apenas 02 (duas) vezes como *manobra discursiva*, equivalente a (5,6%) e nenhuma vez como *introdutor discursivo* em nossos *corpora*.

Recorrendo à teoria funcionalista, assumimos que a negação tem passado pelo processo da gramaticalização devido às novas funções abstratas que adquiriu na oralidade e, dessa forma, tem-se consolidado no vernáculo. Para isso, recorreremos aos cinco parâmetros estabelecidos por Hopper (1991), a fim de aferir o grau de gramaticalização da negação.

O princípio da *estratificação* refere-se à convivência simultânea de várias camadas (ou variantes) linguísticas de um mesmo objeto. Aplicando o princípio da estratificação à negação, nos *corpora* analisados, verificamos a variação fonético-fonológica da negação, uma tônica (*não*) e outra átona (*num*), presentes na oralidade conquistense.

A *divergência* aplica-se quando um item lexical, por exemplo, o *não*, desempenha funções distintas, tal como as funções de *manobra discursiva* e de *introdutor discursivo*. Essas são, portanto, mais gramaticais do que a função prototípica desempenhada pelo item, a de negar verbos e, conseqüentemente, de trocar o valor de verdade da sentença, por isso as novas funções semântico-pragmáticas são mais recentes na escala da gramaticalização, confirmando, assim, o princípio da divergência.

A *especialização* acontece quando o item linguístico se especializa em um determinado contexto pela regularidade e frequência de uso. Notamos a aplicabilidade desse princípio nas realizações categóricas do *não* nas posições sintáticas pós-constituintes, isolado e nas funções semânticas como *introdutor discursivo*.

A *persistência*, isto é, a preservação dos traços semânticos do elemento lexical, no que tange à negação, constatamos que, na *manobra discursiva* e na *função resposta*, o traço negativo do elemento categórico é mantido, porém, na função de *introdutor discursivo*, ocorre desbotamento semântico.

Por último, o princípio da *decatégorização*, que concerne ao fato de que formas gramaticalizadas tendem a perder marcas morfológicas e sintáticas, o que resulta na passagem das formas plenas a categorias secundárias, por exemplo, de afixo, clíticos, até chegar ao ponto zero. Estudiosos da área têm descrito que o *não* tem adquirido a propriedade de quase clítico pelas posições

sintáticas que ocupa e pela facilidade em duplicar, gerando, assim, alterações fonéticas (CAVALCANTE, 2007; FURTADO DA CUNHA, 1996; MIOTO, 1992; RAMOS, 2002; VITRAL, 1999).

Diante dessa discussão sobre as peculiaridades dos usos dos itens *não* e *num* e a aplicação dos princípios da gramaticalização, cabe, então, atestar a hipótese estabelecida anteriormente de que, nas funções de *introdutor discursivo* e de *manobra discursiva*, apenas a variante *não* ocorre em contextos de respostas a perguntas ou de correção pontual no turno conversacional.

Sobre a variável extralinguística nível de escolaridade, os resultados sinalizaram que o *não* aparece com maior frequência no vernáculo dos informantes do Português Culto (70,1%) e do Português Popular (51,1%) em detrimento da variante reduzida *num*, que tem uma menor produtividade entre os informantes do Português Popular e Culto.

No que tange à faixa etária, notamos maior frequência da negação *não* com os informantes da faixa I (66,6%) e a menor ocorrência da variante *num* com os informantes da faixa III. A hipótese para esse grupo é parcialmente confirmada, pois não há uma discrepância relevante entre as faixas etárias evidenciando, então, a variação estável. Sobre a variável sexo, a hipótese inicial é de que mulheres realizavam mais a variante de prestígio, no entanto, os homens realizaram mais a variante *não* (66,7%) em relação às mulheres, que utilizam predominantemente a variante *num*.

Contribuição dos caminhos realizados

Ao trilhar esse caminho, concluímos que, quanto ao grupo sintático, as posições *pré-verbal* e início da *dupla negação*, são contextos propícios para as variantes *não* e *num* ocorrerem, enquanto na posição pós-verbal apenas a variante *não* é possível, conforme a literatura sinaliza e como os nossos dados confirmaram.

Com relação às variáveis independentes linguísticas, constatamos que a dupla negação é um contexto ideal para que ocorra a variação fonético-fonológica de *não* para *num*, pois, somente na posição pré-verbal, há o desbotamento fonético-fonológico de tônico para átono. Com isso, o segundo *não* absorve todo o valor negativo do primeiro até que haja o desaparecimento da variante fonológica *num*, atestando, dessa forma, o princípio da gramaticalização e emergindo, daí, a posição pós-verbal. Sobre as funções de *introdutor discursivo* e de *manobra discursiva*, concluímos que apenas a variante *não* exerce essas funções inovadoras em nossos corpora.

O percurso de análise sintática e semântico-pragmática é, então, amparado pelo processo de gramaticalização, pois, por meio dele, é possível descrever como a negação com o item *não* i) tem desempenhado funções diferentes da canônica; ii) tem mantido traços semânticos; iii) tem assumido a posição de (quase) clítico, observando a variação fonético-fonológica; e (v) tem convivido simultaneamente com a variante *num*.

Em relação às variáveis independentes extralinguísticas, a maior produção da variante padrão (*não*) ocorreu com os homens, os jovens e os informantes cultos. Por outro lado, a maior realização da variante reduzida (*num*) aconteceu entre as informantes mulheres, os informantes do Português Popular e pertencentes à faixa etária III. Em nossa investigação, não houve discrepância do uso do *não* e do *num* nas faixas etárias e, com isso, constatamos os itens de negação estudados se encontram em variação estável na língua.

Muitos caminhos são possíveis para trilhar quando se estuda a negação, especificamente o *não*, e este estudo apresentou apenas uma das muitas possibilidades, não como um caminho acabado e pronto, mas como um meio para compreender, dialogar e investigar a língua em uso e sua variação.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 23-56.: 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/37342/25442>. Acesso em: 11 jun. 2023.

CARREIRO, Simara Silva Pereira. **A transitividade verbal para além da tradição gramatical: uma abordagem funcional(ista)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2020.

CARVALHO, Valter. **Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador**. Dissertação (Mestrado) – UNEB, Salvador – BA, 2010

CAVALCANTE, Rerisson. **A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais e afro-descendentes**. Dissertação (Mestrado) – UFBA, Salvador, 2007.

COELHO, Maria do Socorro V. **Uma abordagem variacionista do uso de formas de tratamento no norte de Minas**. 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 1999.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 83-101, dez. 2016.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (org.). **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-189.

GIVÓN, Talmy. Isomorphism in the Grammatical Code: cognitive and biological considerations. **Studies in language**, 1992.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: a functional-typological introduction. Vol. 2. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolingüística do uso das formas você, ocê e cê no português**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2008.

GÖRSKI, Edair M.; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 75-97, 2013.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. *In*: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Blackwell handbooks in linguistics. Oxford; Malden: Blackwell Publishing, 2003.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. *In*: TRAUOGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (org.). **Approaches to Grammaticalization**. Vol. 1: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1991.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, [S.l.], v. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

HORA, Demerval da. **Estudos sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004.

ILARI, Rodolfo. Introdução. *In*: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil**: palavras de classe fechada. Volume IV. São Paulo: Contexto, 2015. p. 7-9.

LIRA, Cleber Rocha Lima. **Variabilidade funcional da forma fonologicamente reduzida do verbo estar**: sequência didática como instrumento de reflexão linguística. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, Ilhéus, 2023.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 17-28.

MIOTO, Carlos F. S. **Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática**. 1992. 246 f. Tese (Doutorado em Ciência) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas. 1992.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNES, Elizene S. O. A negação do Português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em *corpus*. **Revista do SELL**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 1-19, 2014.

PEREIRA, Savana Souza de C. **Um estudo sociofuncionalista das variantes negativas não e num no português falado de Vitória da Conquista**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2018.

PERES, Edenize Ponzó. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte**: um estudo em tempo aparente e em tempo real. 2006. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

PINHEIRO, Frederico Pitanga. **Tá mudando?** uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item *Estar* na fala de Vitória/ES. 2019.155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

RAMOS, Jânia. A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: um caso de mudança linguística. *In*: COHEN, Maria Antonieta; RAMOS, Jânia (org.). **Dialeto Mineiro e outras formas de falar**: estudos de variação e mudança linguística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras; UFMG, 2002. p. 155-167.

RAMOS, Jânia. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. *In*: HORA, Demerval da (org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 43-57.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramatica normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROCHA, Warley José Campos. **Você e cê**: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2017.

RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. *In*: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. Indeterminação do sujeito no português rural do Semiárido baiano. *In*: ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (org.). **Variação Linguística no Semiárido Baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 45-69.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. *In*: SILVA, Giselle M. O.; SCHERRE, Maria Marta

Pereira (org.). **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 39-50.

SILVEIRA BUENO, Francisco. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1944.

SOUSA, Lilian Teixeira de; VITRAL, Lorenzo. Formas reduzidas do item “não” no Português Brasileiro *In*: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português**: metodologia e aplicações. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 229-254.

SOUSA, Valéria Viana. **Os (des)caminhos do você**: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você. 2008. Tese (Doutorado) – UFPB, João Pessoa, 2008.

SOUZA, Soliane Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação no uso das estratégias de indeterminação do sujeito no português popular da Matinha – BA. *In*: ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (org.). **Variação Linguística no Semiárido Baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 71-99.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações. Um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

VITRAL, Lorenzo. A negação: teoria da checagem e mudança linguística. **D.E.L.T.A.**, São Paulo: PUC/SP, n. 15, v. 1, p. 57-84, 1999.



LINGUÍSTICA APLICADA NO NORDESTE: UMA CARTOGRAFIA DAS PRODUÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Adriana Dalla Vecchia
Falmiane Lima Coelho
Renata Silva Bispo

Introdução

Iniciamos este capítulo demonstrando nossa gratidão por podermos fazer parte do projeto desta obra de referência, elaborada pelo Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE). Assim, um dos objetivos deste texto é contribuir com esse projeto, agregando novas informações ao trabalho feito na primeira edição da *Cartografia do GELNE: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura* (Volumes I e II).

No conjunto das temáticas do GELNE, encontra-se a Linguística Aplicada (LA daqui em diante), foco deste capítulo, que foi abordada no Volume II do livro *Cartografia do GELNE: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura* (2019), Maria Auxiliadora Bezerra e Maria Augusta Reinaldo, da Universidade Federal de Campina Grande/PB. O capítulo, intitulado *Contribuições da Linguística Aplicada para o ensino de português como língua materna*, apresentou as produções científicas da região Nordeste so-

bre a temática recortada realizadas no período de 1998 a 2017. Nesse movimento, contabilizaram artigos publicados em revistas acadêmicas e em anais de eventos, bem como dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação nas áreas de Letras ou Linguística das universidades públicas e de instituições particulares, sediados na região nordestina (BEZERRA; REINALDO, 2019).

O texto de Bezerra e Reinaldo (2019) foi o nosso ponto de partida para a escrita do presente capítulo, considerando que muito do que fora feito em LA na região já estava contemplado ali. Desse modo, propusemos como objetivo para o capítulo apresentar uma cartografia das produções sob a perspectiva da LA em programas de pós-graduação de Letras e áreas afins da região Nordeste do Brasil, no período de 2018 a 2022, de modo a visibilizar os eixos temáticos que são desenvolvidos nesse lócus e nesse recorte temporal, procurando compreender os caminhos percorridos pelos pesquisadores locais. Ressalta-se que esse período também é significativo para uma cartografia, pois foi quando ocorreram mudanças no quadro da pós-graduação no Brasil, em especial na região Nordeste, com cursos credenciando programas em nível de doutorado em 2017, e a elevação no número de defesas e ampliação do Programa de Mestrado Profissional em Letras sobre a qual falamos adiante. Diferentemente das pesquisadoras de Campina Grande, procuramos direcionar a coleta de dados para verificar as temáticas que vêm sendo abordadas nos diversos programas de pós-graduação nordestinos, caminhando para a descrição de um panorama das temáticas de características de uma LA feita no Nordeste.

Colocado nesses termos, o objetivo parece bastante abrangente, o que indica uma dificuldade para um capítulo e seu limite de páginas. Mesmo assim, procuramos mantê-lo porque queremos oferecer para os nossos pares um vislumbre do que tem sido

feito em termos de LA no Nordeste de modo geral, sem focalizar um tema ou uma escolha teórico-metodológica específica. A partir desse olhar mais geral, será possível reconhecemos a forma como a LA tem sido mobilizada em trabalhos acadêmicos apresentados para os programas de pós-graduação de Letras e áreas afins na região, compreendendo as questões que são mais caras aos pesquisadores locais. Essa possibilidade certamente leva-nos a entender as singularidades e as necessidades locais, bem como os caminhos que podem ainda ser percorridos para atendimentos dessas questões.

De antemão, importa-nos esclarecer que não se trata aqui de dizer se as pesquisas em LA no Nordeste estão aquém ou além das pesquisas realizadas em outras regiões brasileiras, mas sim como os pesquisadores locais interpretam seus contextos e respectivos problemas sociais e como vislumbram as contribuições da LA nesses cenários em um movimento em direção do fortalecimento de uma LA tipicamente nordestina.

Em termos metodológicos, a pesquisa que deu origem a este texto teve abordagem quanti-qualitativa, com procedimento de estudo exploratório, a partir da qual são analisados dados provenientes do levantamento das universidades federais, estaduais e privadas dos estados do Nordeste que ofertam programas de pós-graduação em Letras e áreas afins; as teses e dissertações defendidas no período entre os anos 2018 e 2022 que se alinham à LA; e contabilizamos os periódicos vinculados aos programas de pós-graduação mencionados acima, mapeando a presença de textos inscritos no escopo da LA.

Para realizar essa discussão, organizamos o capítulo da seguinte forma: inicialmente, apresentamos alguns marcos da LA na região Nordeste; na próxima seção, discutimos aspectos da LA consolidados, procurando a partir destes marcar o que estamos

entendendo como LA; na sequência, delineamos os procedimentos metodológicos que orientaram o estudo, bem como detalhamos o *corpus*; na seção seguinte, analisamos os dados; para, então, propormos algumas considerações finais.

LA no Nordeste: alguns marcos importantes

A par e passo com o surgimento e expansão da LA no Brasil¹, esteve a LA no Nordeste. Segundo Menezes, Silva e Gomes (2015), a LA passou a ser visibilizada em terras brasileiras na década de 1970, quando se criou o Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e ganhou força nos anos 1980, época em que esse mesmo programa criou o doutorado na área e lançou a revista *D.E.L.T.A* (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicados). Outro marco da LA no Brasil, de acordo com Menezes, Silva e Gomes (2015) é a criação, em 2003, do Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e seu periódico *Trabalhos em Linguística Aplicada*. É digno de nota que Menezes, Silva e Gomes (2015) ao fazerem uma retomada histórica da LA no Brasil – um trabalho importantíssimo para se compreender a LA que se vinha fazendo no Brasil até 2015 –, situaram marcos da região Sudeste, sinalizando que isso ocorreu de Norte a Sul do país, ou seja, tomando a região como representativo do que ocorreu no país como um todo, mas esses marcos talvez possam ser considerados como iniciais, pois é preciso considerar que cada região se desenvolveu em termos de LA de forma distinta do Sudeste, mesmo que talvez tenha seguido as mesmas tendências teórico-metodológicas.

1 Para saber mais sobre a trajetória da LA desde seu surgimento até os dias atuais, recomendamos a leitura de Celani (1992), Kleiman (1998), Moita Lopes (2006, 2015) e Menezes, Silva e Gomes (2015).

Outro marco para a LA brasileira foi a fundação, em 26 de junho de 1990, da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) “com o objetivo de (re)construir um lócus acadêmico-científico dinâmico, instigador de estudos e reflexões na área de Linguística Aplicada (LA)”². Data dessa década ainda, de 1992, o clássico artigo *Afinal, o que é Linguística Aplicada?*, de Maria Antonieta Celani, que discute alguns conceitos de LA, muito utilizados até os dias atuais como referência teórica e histórica da área no Brasil.

Em termos de Nordeste, a LA surgiu na década de 1990 – no mesmo período da ascensão do Programa de Pós-Graduação em LA da UNICAMP, uma das instituições com maior expressividade na área do país – o programa de mestrado do PPG-LA foi credenciado em 1987 e o de doutorado, em 1993. A LA no Nordeste tem como marcos iniciais importantes: i) em 1993, é selecionada como uma das áreas de concentração do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (OLIVEIRA, 2021); ii) e, em 1998, passa a ser foco de um programa autônomo de Linguística Aplicada na Universidade Estadual do Ceará³. Outro marco mais recente e bastante importante para a visibilidade da LA na região refere-se à presidência da ALAB por duas gestões consecutivas serem atribuídas a pesquisadoras da região Nordeste: i) gestão 2020-2022 – a associação foi presidida pela prof^a. Dr^a. Claudiana Nogueira de Alencar, que pertence ao corpo docente da Universidade Estadual do Ceará, e foi eleita presidente; ii) gestão 2023-2025 – assumiu a presidência a prof^a. Dr^a. Doris Cristina Vicente da Silva Matos, pertencente ao corpo docente da Universidade Federal de Sergipe. Salientamos que, na gestão atual, dos seis membros da diretoria, um está alo-

2 Informação disponível no site da associação: <https://alab.associattec.com.br/historia>
Acesso em: 21 fev. 2023.

3 Informação disponível no site da instituição: <https://www.uece.br/posla/institucional/historico>. Acesso em: 21 fev. 2023.

cado em universidade da região Sudeste e outro da região Norte, os outros três são de instituições nordestinas.

Ainda tratando de marcos da LA no Nordeste, convém tratar de dois eventos e três publicações – dois livros e um volume de anais de evento, todos eletrônicos – com objetivos semelhantes, o de fornecer uma cartografia da LA na região, que tiveram destaque regional e nacional, configurando-se como movimentos que demonstram como a área vem funcionando na região, como orientam Rocha e Daher (2015), e também como resistência e reação dos pesquisadores do Nordeste, conforme indicam Ataíde *et al.* (2019, p. 21), à “condição bastante inóspita para o desenvolvimento da região Nordeste em face ao cenário sócio-político nacional”, assim como ao mito da subalternidade dessa região em relação às regiões Sul e Sudeste.

1) Em 2019, Cléber Ataíde e outros pesquisadores atuantes no Nordeste ofereceram à comunidade a obra organizada sob o título *Cartografia GELNE: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura*, em dois volumes. A publicação é resultado do I Seminário de Pesquisas em Linguística e Literatura do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste), realizado em Recife em setembro de 2018 (TELLES, 2019), e tem como propósito oferecer um mapeamento, como o título da coletânea sugere, para repercutir as atividades de pesquisa dos Programas de Pós-graduação das universidades nordestinas no lapso temporal de 20 anos. Conforme salientado na introdução deste capítulo, Maria Auxiliadora Bezerra e Maria Augusta Reinaldo foram as responsáveis pela discussão acerca da LA em um dos capítulos dessa obra, no qual identificaram as produções científicas da região Nordeste sobre o ensino de língua portuguesa como língua materna, mensurando os artigos publicados em revistas acadêmicas e em anais de eventos, as dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação nas áreas de Letras ou Linguística

das universidades públicas e de instituições particulares, da região nordestina (BEZERRA; REINALDO, 2019).

2) **I Congresso Nordestino de Linguística Aplicada (I CONELA)**, realizou-se durante o período de 17 a 20 de novembro de 2020, sob a temática “Panorama dos estudos teóricos e práticos em Linguística Aplicada”. O evento é uma das ações gestadas por um grupo de pesquisadores da LA de diversas instituições de ensino superior do Nordeste, capitaneados por Marcus Vinícius Freitas Mussi (CFP/UFCG/PB). Com o evento, objetivou-se

apresentar à comunidade científica as atividades realizadas no nordeste dentro do seio da Linguística Aplicada e [...] proporcionar um espaço de interação com os pares, um grupo de linguistas aplicados que atuam no Nordeste se uniu para organizar o CONELA. A grande expectativa é fomentar o desenvolvimento da área de Linguística Aplicada na região Nordeste e contribuir para a formação intelectual e humana de toda a comunidade nacional⁴.

Devido à pandemia de covid-19, o congresso foi realizado de forma remota. Essa característica, embora seja em função de um aspecto negativo, a pandemia, acabou por favorecer a participação de muitos pesquisadores da região que talvez não pudessem participar caso o evento fosse presencial. Nesse sentido, o evento é uma amostra importante das pesquisas e discussões sob o escopo da LA no Nordeste.

Como produtos, o CONELA realizou a publicação de dois livros eletrônicos em 2021: i) Anais do I Congresso Nordestino de Linguística Aplicada (I CONELA): panorama dos estudos teóricos e práticos em linguística aplicada, organizado por Vanderlei

4 Disponível em: <https://doity.com.br/conela/informacoes>. Acesso em: 22 fev. 2023.

J. Zacchi (UFS) e outros; e ii) Livro intitulado *Linguística Aplicada: panorama de estudos teóricos e práticos no Nordeste*, pela editora Pimenta Cultural, organizado por Marcus Vinícius Freitas Mussi. Ambas as publicações estão disponíveis no *site* do congresso (já citado neste texto). São publicações de extrema relevância para se reconhecer os caminhos da LA na região, servindo de referência para cartografias como a que estamos propondo, e para visibilizar o árduo trabalho dos pesquisadores em seus programas de pós-graduação em Letras e áreas afins de universidades públicas nordestinas. Sobretudo o livro publicado pela editora Pimenta Cultural que reúne textos das pesquisadoras e pesquisadores participantes de conferências e mesas durante o evento, oferece de forma clara e objetiva uma representação das “variadas interfaces e características que compõem a LA na região” (MUSSI, 2021, p. 14). Ainda apresenta, por exemplo, discussões epistemológicas com valor local encontradas no texto de Maria Bernadete F. de Oliveira (UFRN) que problematiza definições e áreas de atuação em LA, discorrendo sobre visões, consolidações e representatividades da LA.

A partir dessas considerações, podemos falar em copresença de pesquisas em LA em regiões que, conforme reflete Zozzoli (2021, p. 40-41), por diversos motivos, se apresentam ou são apresentadas como dominantes e na região Nordeste, “que, muitas vezes, mesmo que de forma não explícita, são colocadas/se colocam numa posição subalterna”. É possível dizer que ambas as LA, a do Sudeste e a do Nordeste, estão se desenvolvendo de forma concomitante, cada uma seguindo os caminhos emergentes e contingentes dos usos da linguagem das sociedades locais – cremos que o mesmo ocorre com o que vem sendo desenvolvido em termos de LA nas demais regiões brasileiras. Destacamos, porém, que as discussões da área realizadas na região Sudeste ainda têm maior visibilidade que das demais regiões.

Zozzoli (2021), ao fazer a afirmação acima, dialoga com Boaventura Santos (2016), recuperando o que o sociólogo trata sobre as vozes do sul, não um sul geográfico, mas sim um sul que metaforiza o lugar “do sofrimento humano causado pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, e da resistência a essas formas de opressão” (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016, p. 16). Assim, no caso específico dos estudos e pesquisas efetuadas no Nordeste, com apoio na sociologia das ausências, Zozzoli salienta que a resistência se manifesta principalmente na ecologia das trans-escalas que, segundo Santos (2016, p. 17), “[...] denuncia o falso universalismo e a despromoção do local, mostrando que o universalismo existe como pluralidade de explorações universais alternativas, parciais e competitivas, todas elas ancoradas em contextos particulares”, pois visibiliza a diversidade de produções na área alternativa ao saber considerado dominante. Acrescentamos que a produção de conhecimento pela LA no Nordeste confronta ainda a monocultura do saber e a do tempo linear: a partir da ecologia dos saberes, há validação de outros saberes; e a ecologia das temporalidades problematiza a lógica do tempo linear, como sendo uma dentre as múltiplas concepções de tempo possíveis e reivindica a copresença radical (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016), considerando seus marcos de surgimento e expansão que são concomitantes a de regiões de maior prestígio e avançam em diálogo com estas, mas com rumo e compromisso próprios.

Aspectos teórico-metodológicos da Linguística Aplicada estabilizados e caminhos em pavimentação

Celani, em seu clássico texto de 1992, após um histórico da LA que contempla desde seu *status* disciplinar até sua abertura para a interdisciplinaridade, apontava o caminho que à época estava sendo seguido dentro da LA, sobretudo a brasileira. Segundo a pesquisadora, alguns aspectos estavam definidos e continuam

relevantes atualmente: i) a linguagem como centro da LA; ii) LA como área independente da Linguística teórica; iii) negação de uma possível função aplicacionista das teorias linguísticas pela LA; iv) e desidentificação da área com a falsa relação unívoca com o ensino de línguas. A partir da listagem desses aspectos, Celani lista alguns princípios que percebia em funcionamento na LA: i) a LA não é subserviente a outras áreas; ii) tem natureza essencialmente humanista, refletindo sobre questões e atividades humanas na sua relação com a linguagem; iii) a LA privilegia a dimensão essencialmente dinâmica de sua constituição enquanto área porque trabalha com questões humanas multifacetadas e dinâmicas.

Moita Lopes (2006a), ao também historiar a LA, seguindo direção semelhante à de Celani, mostra que embora com uma gênese disciplinar, aos poucos a área foi assumindo a dinamicidade da constante transformação. Esse caráter movediço reflete uma característica do objeto de estudo da área que deixou de ser o ensino de línguas e passou a ser o mundo em que vivemos, o sujeito social e suas práticas linguísticas, sobre as quais os linguistas aplicados se concentram para construção de inteligibilidades.

Os caminhos percebidos e descritos por Celani e Moita Lopes, nos textos citados acima e em outros, bem como outros pesquisadores, informam que algumas tendências de como deve ser a LA que marcaram seu percurso inicial enquanto área em formação, hoje estão estabilizadas. A primeira delas refere-se ao equívoco de que a LA responderia à função de aplicação das teorias linguísticas (MOITA LOPES, 2006a). Segundo Moita Lopes (2006a, p. 17), “a compreensão de que a LA não é aplicação de linguística é agora um truísmo para aqueles que atuam no campo” e já há muitas críticas a essa formulação reducionista e unidirecional. Nesse sentido, para o pesquisador, não há mais sentido em se investir tempo nessa discussão, pois já avançamos enquanto área para além dessa compreensão.

Essa tendência relaciona-se a outros equívocos em relação à LA – primeiro equívoco – sobre o fato de que a área se concentra em questões de ensino e aprendizagem de línguas no sentido de que – segundo equívoco – as teorias linguísticas “forneceriam a solução para os problemas relativos à linguagem com que se defrontam professores e alunos em sala de aula” (MOITA LOPES, 2006a, p. 18). Conforme Moita Lopes rememora, Cavalcanti em 1986 já dizia que o problema de pesquisa em LA é construído interdisciplinarmente e seu enfoque está sobre questões de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula, não tendo, portanto, um foco específico e reduzido. Do mesmo modo, o carácter solucionista, que marcou uma fase da LA, foi superado porque, ainda conforme Moita Lopes (2016a, p. 20), há nessa perspectiva uma simplificação da área, “apagando a complexidade e efemeridade das situações de uso estudadas, que não, necessariamente, se replicam da mesma forma, o que impossibilita pensar em soluções”. Em vez de buscar soluções para problemas, a LA procura “criar inteligibilidades sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de uso da linguagem possam ser vislumbradas” (MOITA LOPES, 2006a, p. 20). Ressaltamos aqui que essa perspectiva de LA é uma das mais utilizadas contemporaneamente em publicações da área para situar os trabalhos acadêmicos e seus objetivos por ser responsiva aos interesses de alunos, professores e pesquisadores, como reconhece Moita Lopes (2022).

Considerando essa função da LA, outro aspecto estabilizado em estudos realizados dos anos 2000 até a contemporaneidade relaciona-se à ênfase à reafirmação de uma LA continuamente autorreflexiva em termos epistemológicos porque enfoca as práticas de linguagem de um sujeito social e heterogêneo, ou seja, construído social ou performativamente pela linguagem (MOITA LOPES, 2022). Assim, prevê-se a necessidade de contínuo movimento epistemológico “de forma a falar diretamente às mudanças

avassaladoras que vivemos na vida contemporânea para que seja possível questionar os construtos que vêm orientando a pesquisa na tradição da LA” (MOITA LOPES, 2006b, p. 90).

E é no sentido de se construir conhecimento de forma responsiva à vida social que Moita Lopes (2006) compreende a necessidade de uma LA mestiça ou híbrida, não disciplinar (INdisciplinar). Essa perspectiva se aproxima do que Pennycook (2006, p. 82) chama de LA transgressiva, que busca “instrumentos políticos e epistemológicos para transgredir as fronteiras do pensamento e da política tradicionais”. Para o pesquisador, transgredir assume, dentre outros significados, o de atravessar fronteiras disciplinares convencionais com o objetivo de propor uma agenda de pesquisa que recorra ou se apoie em ampla variedade de disciplinas, a interdisciplinaridade. Abordagens transgressivas, conforme Szundy e Fabrício (2019, p. 73), são politicamente implicadas e exploram criticamente processos de estabilização-em-trânsito, procurando:

- 1) entender como discursos hegemônicos sobre raça, educação, imigração, entre outros ganham estabilidade e valor de verdade – autorizando a discriminação de formas de vida preserváveis e formas de vida descartáveis; e 2) provar algum tipo de desestabilização em solos epistêmicos inertes.

Nesse sentido, para Pennycook (2006), a episteme *trans* possibilita o deslocamento para domínios moventes em oposição à episteme modernista-colonial fixa e fronteira. Teorias transgressivas e a noção de interdisciplinaridade apontam para a noção de uma área em movimento, fluida que comentamos acima. Ao lado da noção de contínua autorreflexão e de sujeito social podem ser considerados aspectos epistemológicos consolidados na LA, ou seja, são compreendidos como constitutivos da área e que

apontam para uma continuidade, como refletem Kleiman, Vianna e De Grande (2019).

Ao tratarmos aqui de aspectos consolidados na LA, não queremos demonstrar que estamos caminhando para uma delimitação da LA enquanto área fixa e com fronteiras rígidas. Kleiman já dizia em 1998 que “o desenvolvimento da LA tem se dado numa época de multiplicação dos problemas sociais, o que acarreta uma grande expansão da atividade de pesquisa” (p. 52), sendo, portanto, parâmetros para identificação da área justamente a abertura cada vez maior e o movimento contínuo por meio da reflexividade epistemológica, haja vista por exemplo a discussão atual feita por Moita Lopes e colegas no livro *Estudos queer em Linguística Aplicada INdisciplinar: gênero, sexualidade e raça* (2022), obra implicada nos dramas cotidianos de grupos sociais marginalizados, demonstrando a relação entre a politização da vida em sociedade e novas formas de fazer pesquisa. Nesse sentido, nossa intenção é mostrar que aspectos antes em discussão, agora se mostram mais estáveis, sedimentados para que a LA avance ainda mais enquanto área movente e em trânsito.

É nesse sentido que Kleiman, Vianna, De Grande (2019, p. 738) defendem

uma agenda de pesquisa em LA que assuma a continuidade na transformação, [...] abre espaço para projetos que permitam ouvir a voz dos participantes de pesquisa na esfera acadêmica e valorizar seus conhecimentos, mesmo quando eles pertencem a grupos historicamente excluídos da produção de conhecimento legitimado na sociedade, [...] com o objetivo de conferir visibilidade a seus saberes, seus letramentos, seus processos de formação.

Considerando esses aspectos da LA, concordamos com Oliveira (2021, p. 22), quando a pesquisadora afirma que “a Linguística Aplicada não recobre uma voz uníssona”, havendo “mais de uma compreensão do que seja LA, de qual seu objeto de estudo e de como realizar pesquisas nessa área do conhecimento”. Partilhamos também a compreensão de Oliveira a respeito de LA. Para ela, a LA é

uma área de produção de conhecimentos que considera seu objeto de estudo como emergente dos processos de usos situados da linguagem, materializando-se em práticas discursivas circulantes na sociedade, espalhando seus territórios por espaços não fixos, mas por aqueles líquidos e moventes, no sentido atribuído por Bauman (2001). Configura-se, portanto, uma LA cujo objetivo é o de compreender como, na e pela linguagem, nas interações entre sujeitos, histórica e socialmente situados, na realidade concreta e na vida social, constroem-se narrativas sobre os seres humanos, suas histórias de vida, seus pertencimentos, suas afetividades e suas relações institucionais e pessoais. (OLIVEIRA, 2021, p. 23-24).

A partir dessa compreensão, a LA sobre a qual fala Oliveira, está comprometida com a relação entre linguagem e escola, mas também com a instigação de quaisquer práticas discursivas. A área vista por essa ótica prioriza, segundo Oliveira (2021), modos de produzir conhecimentos que visibilizem as vozes da subalternidade seja de natureza política, econômica, social, racial, nacional e sexual, as vozes do Sul (MOITA LOPES, 2006b), vozes daqueles grupos que historicamente são excluídos da sociedade ou são vulneráveis. Desse modo, para Oliveira (2021, p. 25), “dar visibilidade às práticas discursivas desses grupos ou sobre eles implica em

reafirmar o compromisso de uma LA com uma pesquisa responsável e responsiva à vida social”. A esse respeito, de acordo com Kleiman, Vianna, De Grande, (2019, p. 733), “a pesquisa [em LA] é situada, isto é, as práticas, processos, atitudes, e outros fenômenos, são estudados como acontecem ou se desenvolvem em situações específicas com tempos e espaços bem definidos”.

A LA, portanto, é uma área que continuamente se volta para a própria história, abordagens teórico-metodológicas, objetivos e demais aspectos envolvidos na produção de conhecimento para compreender o que tem feito e como rever os próprios para acompanhar as mudanças sociais. Esse movimento constante e cumulativo garantiu e garante uma produção de saber que incorpora modos de fazer pesquisa contemporâneos e que mantém o compromisso com uma agenda de pesquisa constantemente renovada (KLEIMAN; VIANNA; DE GRANDE, 2019).

Procedimentos metodológicos e detalhamento do *corpus*

Para o estudo realizado, adotamos uma abordagem quanti-qualitativa, com procedimento de pesquisa exploratória. No que se refere à abordagem, o viés quantitativo se justifica porque tomamos um grande número de dados representativos da LA nordestina de modo a mapear sua presença na região. Essa reunião de dados, porém, sem categorização e interpretação, provenientes da abordagem qualitativa, pode não apontar para os significados essenciais para o objetivo deste trabalho, por isso a construção qualitativa de significado é necessária. Assim, junto com Minayo e Sanches (1993, p. 247), entendemos que, por meio de uma abordagem integrada (quanti-quali), as questões sociais podem “ser analisadas em seus aspectos mais ‘ecológicos’ e ‘concretos’ e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o es-

tudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa”.

Em termos de procedimento, utilizamos o estudo exploratório, que, conforme Severino (2013, p. 107), “busca [...] levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Esse mapeamento foi feito por meio do levantamento inicial das universidades federais, estaduais e privadas dos estados do Nordeste que ofertam programas de pós-graduação em Letras e áreas afins, nas modalidades acadêmico e profissional. Em um terceiro momento, consideramos as teses e dissertações defendidas nesses programas e ainda, de forma concomitante, também contabilizamos os periódicos vinculados a esses programas. Assim, procurando coletar o máximo de dados possível no tempo de pesquisa que tínhamos para podermos traçar um retrato mais fiel do que se apresenta sob o escopo da LA no NE.

O recorte temporal para a coleta de dados, de 2018 a 2022, foi realizado em função de, conforme comentamos acima, a produção em LA no NE no período de 1998 a 2017 ter sido mensurada e analisada por Bezerra e Reinaldo, na edição anterior da Cartografia do GELNE (2019). Mesmo que as autoras tenham focado em trabalhos voltados para a temática *ensino de português como língua materna*, entendemos que elas cobrem grande parte das informações para um esboço cartográfico do período, por isso nos ativemos ao período posterior. A escolha do período também se justifica, como dito na introdução deste capítulo, porque a partir de 2017, houve mudanças no quadro da pós-graduação no Brasil, em especial na região Nordeste, quando foram criados programas em nível de doutorado. Além disso, destaca-se a elevação no número de defesas e ampliação do Programa de Mestrado Profissional em Letras de 2015 em diante, quando aconteceram as primeiras defesas de trabalhos.

Para o levantamento das informações, primeiramente utilizamos a *Plataforma Sucupira* para identificação dos Programas de Pós-Graduação em funcionamento nas universidades nordestinas, públicas ou privadas, bem como para acessar as informações descritivas de cada um (escopo, áreas de concentração e linhas de pesquisa) e assim identificarmos o lugar da LA nesses programas. É importante salientarmos que coletamos dados referentes aos programas de pós-graduação acadêmicos e profissionais da área de Letras⁵.

Ainda na *Plataforma Sucupira*, fizemos o levantamento dos periódicos relacionados às instituições de ensino superior nordestinas, contemplando nessa etapa, também periódicos mantidos pelos cursos de graduação e não apenas por cursos de pós-graduação. O número do periódico entrou para a coleta a partir da identificação da sua temática geral: estudos linguísticos, linguística aplicada, formação de professores, entre outros temas gerais relacionados à LA. Na sequência, com base nos eixos temáticos do 13º CBLA (<https://www.13cbla.alab.org.br/>) e do 1º CONELA (Disponível em: <https://doity.com.br/conela>), foram analisados títulos dos textos publicados nos periódicos. Quando o título não informava a perspectiva teórico-metodológica, foram analisados os resumos do texto para verificar se os autores indicavam sua filiação à LA ou se apresentavam referências bibliográficas dessa área do conhecimento. Nesse processo, o nome dos autores muitas vezes foi importante para que um texto fosse considerado do

5 Segundo Azevedo e Freitag (2020, p. 19), “Este programa tem como objetivo, a médio prazo, a formação de professores do ensino fundamental no ensino de língua portuguesa em todo o território nacional” e é fruto do Decreto nº 6.755/2009 que “instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica” (p. 15). Trata-se de um curso presencial que conta com a participação de Instituições de Ensino Superior, no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), com sede na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. “O PROFLETRAS visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País”. (Disponível em: <https://profletras.ufrn.br/>. Acesso em: 07 mar. 2023).

escopo da LA por se tratarem de pesquisadores conhecidos na área.

Na sequência, visitamos os *sites* dos próprios programas para verificar os bancos de dissertações e teses, que foram agrupadas, considerando aqueles trabalhos que se alinham à LA por declaração dos pesquisadores nos resumos dos trabalhos, ou pelas suas temáticas, e/ou abordagens teórico-metodológicas ou ainda devido à filiação dos orientadores à área – esta última conferida no *curriculum lattes* dos pesquisadores, quando necessário). A cada etapa de coleta dos dados, estes foram mensurados em formato de quadros que são apresentados na próxima seção.

Para alinhamento dos trabalhos às temáticas e/ou abordagens teórico-metodológicas relacionadas à LA, baseamo-nos nos eixos temáticos do I CONELA (Quadro 1), considerando que este evento reflete as pesquisas desenvolvidas na região NE, pois foi pensado para atender ao objetivo de mapear a LA feita localmente. Também confrontamos estes com os eixos temáticos do 13º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (Quadro 1) porque foi sediado em estado do Nordeste. Esse congresso foi promovido pela ALAB, em novembro de 2022, na Universidade Estadual do Ceará, com programação híbrida. A ALAB e seus congressos, desde sua origem, têm identificado o que se tem feito em LA no Brasil como um todo, sendo um parâmetro objetivo para discutirmos eixos temáticos da área.

Quadro 1 – Eixos temáticos do 1º Conela e do 13º CBLA

Eixos temáticos do 1º CONELA (novembro 2020)	Eixos temáticos do 13º CBLA (novembro de 2022)
1. Ensino e aprendizagem de línguas	01. Acessibilidade em LA
2. Formação de educadores	02. Afetos e emoções em LA
3. Práticas identitárias	03. Aquisição e processamento de linguagem
4. Políticas linguísticas	04. Artes e literaturas em LA
5. Teoria e prática de textos	05. Estudos discursivos e midiáticos
6. Teorias e práticas dos estudos discursivos	06. Estudos cognitivos e linguagem
7. Estudos de letramentos	07. Estudos críticos da linguagem e pragmática
8. Cognição e interação	08. Estudos da periferia e LA
9. Estudos Críticos da Linguagem	09. Estudos sobre mudança e variação na linguagem
10. Linguagem e interação	10. Formação de professores de línguas
11. Tecnologia e educação	11. Gêneros discursivos
12. Estudos interculturais	12. Letramentos e multiletramento
	13. Materiais didáticos de línguas
	14. Práticas educacionais de línguas e literatura
	15. Políticas e ideologias linguísticas
	16. Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade
	17. Saúde e LA
	18. Tecnologias digitais e linguagem
	19. Tradução e interpretação
	20. Trabalho docente em LA
	21. Práticas identitárias e discursivas
	22. Interação em contextos profissionais
	23. Linguagem e direitos humanos
	24. Ensino e aprendizagem de línguas

Fonte: Elaboração própria

Observando a duplicidade ou semelhança de eixos temáticos de cada evento, para viabilizar um trabalho mais otimizado, eliminamos temas semelhantes ou repetidos. Desse modo, a contabilização dos trabalhos foi realizada com base nos eixos temáticos apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Compilado de eixos temáticos do 1º CONELA e do 13º
CBLA

01. Acessibilidade em LA
02. Afetos e emoções em LA
03. Aquisição e processamento de linguagem
04. Artes e literaturas em LA
05. Estudos discursivos e midiáticos
06. Estudos cognitivos e linguagem
07. Estudos críticos da linguagem e pragmática
08. Estudos da periferia e LA
09. Estudos sobre mudança e variação na linguagem
10. Formação de professores de línguas
11. Gêneros discursivos
12. Letramentos e multiletramentos
13. Materiais didáticos de línguas
14. Práticas educacionais de línguas e literatura
15. Políticas e ideologias Linguísticas
16. Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade
17. Saúde e LA
18. Tecnologias digitais e linguagem
19. Tradução e interpretação
20. Trabalho docente em LA
21. Práticas identitárias e discursivas
22. Interação em contextos profissionais
23. Linguagem e direitos humanos
24. Ensino e aprendizagem de línguas
25. Teoria e prática de textos
26. Teorias e práticas dos estudos discursivos
27. Cognição e interação
28. Estudos Críticos da Linguagem
29. Linguagem e interação
30. Estudos interculturais

Fonte: Elaboração própria

Dos resultados

Dividimos esta seção em três momentos para uma melhor apresentação dos resultados: no primeiro deles, apresentamos nossa leitura sobre o mapeamento dos Programas de Pós-Graduação da região Nordeste que trabalham com LA; o segundo momento é dedicado à apresentação e discussão dos eixos temáticos das dissertações e teses produzidas nesses programas; e, por fim, fazemos uma abordagem dos periódicos acadêmicos nordestinos e sua relação com LA.

Mapeamento dos Programas de Pós-Graduação

Com o mapeamento dos programas de pós-graduação de instituições de ensino superior da região Nordeste pela *Plataforma Sucupira*, verificamos quais deles estavam de alguma forma relacionados à LA, seja pelo nome do programa, área de concentração ou linha de pesquisa. Obtivemos o resultado descrito no Quadro 3, no qual demonstramos que, dos programas acadêmicos em funcionamento nos nove estados da região Nordeste, 19 deles fazem referência ao trabalho que desempenham junto à LA. Além disso, destacamos o Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), que no Nordeste possui 24 unidades.

Quadro 3 – Mapeamento de áreas de concentração e linhas de pesquisa relacionadas à LA em Programas de Pós-Graduação dos estados nordestinos

Estado	Instituição	Programa Acadêmico	LA área de concentração	LA linha de pesquisa	Área ou linha com referência direta ao termo <i>Linguística Aplicada</i>
AL	UFAL	Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL)		X	X
BA	UFBA	Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC)	X Área de concentração: Linguagem e Interação	X	X Termo utilizado apenas em linha de pesquisa
	UNEB	Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL)	X	X	
	UESC	Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL)		X	X
	UESB	Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL)		X	X
	UNILAB Campus dos Malês	Mestrado em Estudos em Linguagens: Contextos Lusófonos – Brasil-África (MEL)		X	
	UEFS	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL)	X		
CE	UNILAB Campus Redenção	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem	X	X	
	UECE	Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA)	X	X	X Termo presente no nome do programa
	URCA	Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)		X	
	UFC	Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)		X	

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME III

MA	UEMA	Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE)		X	
	UFCG	Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE)	X	X	
PB	UFPB	Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING)		X	X
PI	UFPI	Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL)		X	
RN	UFRN	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL)	X		X
	UERN/ IFRN/ UFRSA	Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE)		X	
	UERN	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL)	X	X	
SE	UFS	Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)		X	X
Nordeste	UFAL, UEFS, UESB, UESC, UFBA, UNEB, UECE, UFC, UEPB, UFCG, UFPB, UFPE, UFRPE, UPE/ Garanhuns, UPE/Nazaré da Mata, UESPI, UERN/ Assu, UERN/ Mossoró, UERN/Pau dos Ferros, UFRN/ Currais Novos, UFRN/Natal, UFS/Itabaiana, UFS/São Cristóvão	Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS	X	Área de concentração: Linguagens e Letramentos	X

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 3, destacamos dois Programas em sua relação com a LA: i) o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará tem a LA como foco principal visibilizado no próprio nome do Programa; ii) o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, possui como área de concentração *Estudos em Linguística Aplicada*, conferindo, portanto, destaque para o termo LA. Esse destaque fora realizado também por Bezerra e Reinaldo (2019), em cartografia anterior, e acrescentamos que nos quatro anos subsequentes, período coberto pelo estudo aqui relatado, não houve alteração, ou seja, apenas esses dois programas permanecem com referência à LA como área de concentração. Para as pesquisadoras, a articulação entre área de concentração e linha de pesquisa que encontramos nessas duas instituições demonstra uma compreensão da LA como independente da Linguística (BEZERRA; REINALDO, 2019, p. 87). Destacamos ainda o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), da Universidade Federal da Bahia, que elenca como uma de suas áreas de concentração o tema *Linguagem e Interação*, que embora não use o termo LA, utiliza termo relacionado a um eixo temático desenvolvido dentro da LA.

Em termos de linhas de pesquisa, como se pode observar no Quadro 3, os demais programas de pós-graduação destacam a LA seja no título da linha, como nos casos sinalizados, ou pela abordagem de eixos temáticos relacionados ao escopo da LA. Para Bezerra e Reinaldo (2019), essa estrutura organizacional dos Programas foi interpretada como indicadora da dependência da LA em relação à Linguística geral. Há, porém, indícios em outras pesquisas de que ainda que LA e Linguística mantenham características e escopo distintos, tem sido cada vez mais difícil delimitar as fronteiras entre as duas áreas, pois acabam sendo acionadas em um mesmo trabalho a depender do problema de pesquisa em

um processo interdisciplinar. Ainda é preciso considerar o fato de que, por exemplo, pesquisadores que trabalham com temas tipicamente linguísticos se filiam à LA e vice-versa (MENEZES; SILVA; GOMES, 2015). A esse respeito, Menezes, Silva e Gomes (2015, p. 47) afirmaram que “ser ou não um linguista aplicado é hoje muito mais uma questão de afiliação ideológica do que de identidade epistemológica”, afirmação que permanece atual. Assim, concordamos com as pesquisadoras que a estrutura organizacional pode apontar para a subserviência da LA à Linguística, mas indicamos também a necessidade de sinalizar a dificuldade atual de limitar uma e outra, considerando que muitas vezes os mesmos eixos temáticos podem servir a ambas as áreas e que acabam sendo mobilizadas de forma conjunta.

Ainda é preciso dizer que a presença da LA como linha de pesquisa pode indicar um avanço ou diferenças em relação a formulações anteriores de cada programa, dentre as quais a LA não tinha um espaço e passou a tê-lo mesmo como linha. Nesse caso, pode indicar a luta de linguistas aplicados para que esse espaço fosse construído ou questões outras, como as de ordem administrativa que podem influenciar na ascensão ou extinção de uma linha ou área. Um exemplo desse movimento refere-se ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, em que a LA não era contemplada em uma linha independente até o ano de 2022, estando em linha compartilhada com os estudos do Discurso. A LA passou a figurar como linha de pesquisa para a seleção da turma ingressante no primeiro semestre de 2023.

Levantamento de dissertações e teses com temáticas relacionadas à LA

No que se refere aos trabalhos de dissertação e teses defendidos no período de 2018 a 2022 nos programas de pós-gradu-

ação, identificamos um total de 683 trabalhos, dos quais 91 são teses e 592 dissertações, conforme demonstramos nas Tabelas 1 e 2.

Destacamos que não constam nesses dados as informações do repositório dos *campi* da UNILAB e da UFPI, pois não foi possível acessar a Biblioteca virtual dessas instituições para distinguir dissertações de teses, por isso as instituições não foram consideradas para a contabilização dos dados.

Tabela 1 – Dissertações que alinham à Linguística Aplicada – região Nordeste

Eixos Temáticos	Dissertações (2018-2022)
01. Acessibilidade em LA	2
02. Afetos e emoções em LA	0
03. Aquisição e processamento de linguagem	10
04. Artes e literaturas em LA	0
05. Estudos discursivos e midiáticos	18
06. Estudos cognitivos e linguagem	2
07. Estudos críticos da linguagem e pragmática	1
08. Estudos da periferia e LA	1
09. Estudos sobre mudança e variação na linguagem	6
10. Formação de professores de línguas	24
11. Gêneros discursivos	68
12. Letramentos e multiletramentos	106
13. Materiais didáticos de línguas	42
14. Práticas educacionais de línguas e literatura	55
15. Políticas e ideologias Linguísticas	19
16. Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade	25
17. Saúde e LA	1
18. Tecnologias digitais e linguagem	28
19. Tradução e interpretação	8
20. Trabalho docente em LA	5
21. Práticas identitárias e discursivas	55
22. Interação em contextos profissionais	10
23. Linguagem e direitos humanos	3
24. Ensino e aprendizagem de línguas	67
25. Teoria e prática de textos	2
26. Teorias e práticas dos estudos discursivos	18

27. Cognição e interação	0
28. Estudos Críticos da Linguagem	9
29. Linguagem e interação	4
30. Estudos interculturais	3
Total	592

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 1 mostra um total de 592 trabalhos sob o escopo da LA no período considerado, dentre os quais fazemos os seguintes destaques: *Ensino e aprendizagem de línguas* (67 trabalhos), *Formação de professores de línguas* (24 trabalhos), *Gêneros discursivos* (68 trabalhos), *Materiais didáticos de línguas* (42 trabalhos), *Práticas educacionais de línguas e literatura* (55 trabalhos), *Tecnologias digitais e linguagem* (28 trabalhos). Esses eixos temáticos compõem o universo da relação entre LA e Educação, indexalizando as temáticas que têm sido desenvolvidas na área desde seu surgimento, aquelas relacionadas ao ensino e aprendizagem de línguas. De imediato, é possível reconhecer a predominância dessas discussões, mas de uma forma mais ampla, pois os eixos temáticos citados abrangem também metodologias sugeridas, por exemplo, pela noção de *gêneros discursivos*, que, em geral, dão conta de orientações teórico-metodológicas para o trabalho com textos em sala de aula. Além disso, há ênfase ao estudo de materiais didáticos e das tecnologias digitais que fazem parte do universo educacional e influenciam diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

Outro destaque importante a fazer quanto a esses dados se refere às temáticas de uma LA que avança para além das questões da sala de aula, com número expressivo de trabalhos: *Letramentos e multiletramentos* (106 trabalhos), *Práticas identitárias e discursivas* (55 trabalhos), *Políticas e ideologias Linguísticas* (19 trabalhos) e *Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade* (25 trabalhos).

Tabela 2 – Teses que alinham à Linguística Aplicada – região Nordeste

Eixos Temáticos	Teses (2018-2022)
01. Acessibilidade em LA	2
02. Afetos e emoções em LA	0
03. Aquisição e processamento de linguagem	5
04. Artes e literaturas em LA	0
05. Estudos discursivos e midiáticos	0
06. Estudos cognitivos e linguagem	0
07. Estudos críticos da linguagem e pragmática	0
08. Estudos da periferia e LA	1
09. Estudos sobre mudança e variação na linguagem	0
10. Formação de professores de línguas	14
11. Gêneros discursivos	1
12. Letramentos e multiletramentos	26
13. Materiais didáticos de línguas	5
14. Práticas educacionais de línguas e literatura	0
15. Políticas e ideologias Linguísticas	3
16. Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade	5
17. Saúde e LA	0
18. Tecnologias digitais e linguagem	7
19. Tradução e interpretação	1
20. Trabalho docente em LA	1
21. Práticas identitárias e discursivas	5
22. Interação em contextos profissionais	0
23. Linguagem e direitos humanos	0
24. Ensino e aprendizagem de línguas	13
25. Teoria e prática de textos	0
26. Teorias e práticas dos estudos discursivos	3
27. Cognição e interação	0
28. Estudos Críticos da Linguagem	0
29. Linguagem e interação	4
30. Estudos interculturais	0
Total	91

Fonte: Elaboração própria

Na Tabela 2, listamos apenas os estados e instituições que possuem Programa de Pós-Graduação em nível de doutorado, por isso há diferença em relação às instituições apresentadas na Tabela 1.

Dentre as 91 teses, identificamos que o tema mais recorrente se relaciona a *letramentos e multiletramentos* (26 trabalhos), seguido de *Formação de professores de línguas* (14 trabalhos) e *Ensino e aprendizagem de línguas* (13 trabalhos) – o termo *línguas* engloba também português como língua materna –, os dois últimos podem ser interpretados como pertencentes ao mesmo grupo já que de alguma forma falam sobre ensino e aprendizagem de línguas, implicando na formação docente.

Na esteira das tendências nacional e internacional, esses dados apontam para a recorrência de estudos da LA no Nordeste que abordam o ensino e aprendizagem de línguas (27 teses e 284 dissertações), dando continuidade ao processo de se colaborar com a compreensão dos cenários e das dificuldades de escolares e acadêmicos de modo a propiciar avanços na aprendizagem de línguas. De modo geral, poderíamos afirmar que essa tendência indicaria a compreensão que se tem do escopo da LA localmente, mas estamos mais inclinadas a interpretar esses dados como sendo reflexo das necessidades que se apresentam localmente. Se a LA procura produzir inteligibilidades sobre o mundo em que vivemos, a partir das experiências do sujeito social e suas práticas linguísticas, os dados mostram que as questões mais relevantes se relacionam a ensino e aprendizagem de línguas, como já mostraram Menezes, Silva e Gomes (2015) sobre o cenário nacional. Esse fato não torna irrelevantes temas mais contemporâneos, como aqueles que contemplam grupos sociais marginalizados e novas formas de fazer pesquisa, pois no interior de trabalhos sob os eixos temáticos que enfocam a sala de aula, as discussões podem se direcionar para atender questões outras relacionadas ao aprendizado de língua, como raça, questões de gênero, imigração, entre outros que permitem a discussão sobre, por exemplo, a discriminação de formas de vida preserváveis e formas de vida descartáveis, como refletem Szundy e Fabrício (2019).

A segunda tendência diz respeito a trabalhos que versam sobre *letramentos e multiletramentos* (26 teses e 106 dissertações). Ambos os termos estão assentados sobre as práticas de leitura e escrita com que os sujeitos sociais entram em contato em suas práticas sócio-histórico-culturais, distanciando-se da noção de letramento como um conjunto de técnicas neutras de escrita (STREET, 1984). A escolha dessas temáticas revela a compreensão de língua, bem como de práticas de leitura e escrita situadas, que são mobilizadas em processos de interação social. Nesse sentido, há correspondência com o objetivo da LA INdisciplinar de reconhecer e criar inteligibilidades sobre as práticas linguísticas do sujeito social e historicamente situado, valorizando sua experiência no mundo e nas suas relações interpessoais. Esse fato indica uma correspondência entre a LA que se faz no Nordeste – uma LA sócio-histórica e culturalmente situada – e a LA INdisciplinar, proposta por Moita Lopes (2006).

Em relação aos eixos temáticos que apontam para um LA para além da sala de aula, encontramos maior expressividade entre os trabalhos de mestrado, totalizando 99 pesquisas agrupadas da seguinte maneira: *Práticas identitárias e discursivas* (55 trabalhos), *Políticas e ideologias Linguísticas* (19 trabalhos) e *Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade* (25 trabalhos). Já no que se refere às teses, identificamos apenas 13 trabalhos nesse agrupamento: *Práticas identitárias e discursivas* (5 trabalhos), *Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade* (5 trabalhos), *Políticas e ideologias linguísticas* (3 trabalhos). A partir desses dados, é possível perceber um avanço na abordagem da temática de um nível para outro, o que pode indicar uma crescente e paulatina expansão, reconhecendo que as pesquisas de mestrado tendem a chegar no doutorado, quando os pesquisadores retornam aos programas de pós-graduação.

Ao se considerar o sujeito social, tais discussões tornam-se relevantes, pois esse tipo de estudo sinaliza a desigualdade de naturezas diversas entre os sujeitos, as práticas sociais racializadas, generificadas, sexualizadas entre outras, como lembra Moita Lopes (2022). Esse destaque justifica-se pelo fato de a perspectiva INdisciplinar da LA demonstrar interesse pelos fluxos semióticos e identitários (SZUNDY; FABRÍCIO, 2019), além de investir em “compreender nossos tempos e de abrir espaços para visões alternativas ou para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias” (MOITA LOPES, 2006a, p. 23). Assim, reconhecemos que a LA nordestina está em desenvolvimento sob orientação da LA INdisciplinar.

Ressaltamos, por fim, que podemos não ter identificado todos os trabalhos produzidos sob o escopo da área na região, uma vez que o volume de trabalhos é bastante grande. Além disso, reconhecemos os limites pessoais e das nossas escolhas metodológicas, bem como a insuficiência de informações expressas pelos pesquisadores nos títulos e resumos dos trabalhos, como aspectos que direcionaram nossos olhares durante a coleta de dados.

O espaço da LA em periódicos acadêmicos do Nordeste

Nesta seção, consideramos os periódicos acadêmicos vinculados a universidades nordestinas e os textos publicados que estão sob o escopo da LA, seja pela filiação dos autores, vinculação à área descrita no texto ou eixos temáticos abordados. Identificamos 18 periódicos, todos com escopo temático amplo, estando direcionados ou a Letras de modo geral, a estudos linguísticos ou à linguagem. Identificamos um total de 597 textos relacionados à LA, como é possível verificar na Tabela 3.

Tabela 3 – Periódicos e número de artigos publicados com temáticas da LA (2018-2022)

Instituição	Periódico	Número de textos
GELNE	Revista do GELNE	19
UFAL	Leitura	57
UFC	Entrepalavras	25
UFMA	Littera	38
	Afluente	18
UFCG	Leia Escola	89
	Letras Raras	45
UFPB	Graphos	6
UFPE	Investigações	8
UERN	Diálogo das Letras	59
UFRN	Odisséia	6
UFBA	Revista Estudos Linguísticos e Literários	20
UNEB	Missangas	4
	Cenas Educacionais	2
UESB	Estudos da Linguagem	9
UEFS	A Cor das Letras	29
UECE	Linguagem em Foco	101
UFS	Travessias Interativas	62
Total		597

Fonte: Elaboração própria

Por meio dos dados dos periódicos, não é possível traçar qualquer caracterização da LA feita no Nordeste, porque os textos publicados são de autores provenientes de várias regiões do Brasil, inclusive do próprio Nordeste. Assim, fazer essa sistematização mostrou-se relevante para que compreendêssemos o lugar que a LA está ocupando em termos de Brasil e o quanto os periódicos regionais contribuem para a expansão da área. Afinal, por meio das publicações nesses periódicos por pesquisadores brasileiros, estabelecem-se diversos espaços de debate nacional da área sobre temáticas emergentes somados aos de outras regiões.

Esse fato mostra que a região Nordeste é hoje celeiro de pesquisadores da LA e também fomenta pesquisas realizadas em todos os lugares do Brasil, atuando na divulgação, bem como se

inserindo no diálogo nacional da área – movimento esse gerado e mantido pelos linguistas aplicados atuantes na região.

Considerações finais

Neste capítulo, trabalhamos a partir do objetivo de apresentar uma cartografia das produções sob a perspectiva da LA em programas de pós-graduação de Letras e áreas afins da região Nordeste do Brasil, no período de 2018 a 2022, para reconhecer e visibilizar os eixos temáticos que são trabalhados nesse lócus e no recorte temporal considerado, procurando compreender os caminhos percorridos pelos pesquisadores locais. A pesquisa permitiu que identificássemos 683 trabalhos que se alinham à LA, destes 91 são teses e 592 dissertações. Salientamos que em relação à cartografia anterior (BEZERRA; REINALDO, 2019), os dados aqui comentados são mais amplos, considerando que Bezerra e Reinaldo identificaram os trabalhos de pesquisa sob a temática *ensino de português como língua materna* e, em função da nossa metodologia, o tema mais próximo deste foi *ensino e aprendizagem de línguas*.

Os dados apontaram uma tendência de estudos no Nordeste com foco na relação entre LA e educação, reforçando um movimento presente na área nacional e internacionalmente desde a origem da área nos anos de 1940, quando se passou a enfocar o ensino e aprendizagem de línguas, como objeto de estudos da ciência nascente. O trabalho com essa temática vai para além de responder a uma tendência, mas demonstra uma singularidade local em resposta às questões sociais da região – que é um movimento percebido na LA do Brasil de modo geral e, segundo Moita Lopes (2006), singulariza a LA brasileira daquela feita em países do Norte Global.

Ainda demonstramos a abordagem significativa de eixos temáticos que mais claramente auxiliam na construção de um fazer

pesquisa sócio-histórica e culturalmente situado e alinhado à LA INdisciplinar. Citamos o caso das temáticas: *Práticas identitárias e discursivas, Políticas e ideologias linguísticas e Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade*. Observamos que há um número maior de trabalhos de dissertação sobre tais temas, o que indica um trabalho em construção que, aos poucos, tem chegado aos estudos em nível de doutorado.

Salientamos que a pesquisa desnudou uma dificuldade de classificação das pesquisas em LA porque os eixos temáticos que se alinham à área são inúmeros, o que gera um número volumoso de trabalhos. Essa dificuldade é ampliada principalmente pela tênue linha que separa LA e Linguística, muitos trabalhos, por exemplo, puderam ser classificados exclusivamente pela afiliação evidenciada pelos pesquisadores ou pela formação destes, pois se analisássemos pela temática, talvez relacionássemos à Linguística. Nesse sentido, reiteramos o que disseram Menezes, Silva e Gomes (2015, p. 47) em trecho citado acima neste capítulo, de que, apesar das especificidades que marcam a LA, “ser ou não um linguista aplicado é hoje muito mais uma questão de afiliação ideológica do que de identidade epistemológica”. Esse aspecto reforça a noção de que a LA é um sistema aberto para diversas interações epistemológicas e, por esse motivo, geradora de inúmeras possibilidades de novos estudos.

Considerando os dados e essas observações, é possível afirmar que as contribuições da LA feita no Nordeste são plurais devido à abordagem de diversas temáticas comuns à área e também as iniciativas de seus pesquisadores em inserir os estudos locais no diálogo nacional e internacional, seja por meio da manutenção dos periódicos locais, publicações em periódicos de outras regiões, eventos da área e representações na associação nacional de pesquisadores da área. Esse movimento é reforçado pela presença importante da LA como área e linha de pesquisa nos programas de pós-graduação. Nesse sentido, embora essa LA ainda seja

responsiva ao que é proposto para a área no Sudeste – dado seu caráter pioneiro no país –, está se fortalecendo paulatinamente mediante a expansão da educação superior, desdobramento de linhas específicas de pesquisa, qualificação de corpo docente e formação de pesquisadores.

Resta o desafio de pensar uma LA com agenda epistemológica e metodológica responsiva às questões da região Nordeste e sua diversidade que acreditamos ser possível justamente a partir do fortalecimento da formação de pesquisadores com olhares sensíveis para o local enquanto dado, contexto e episteme.

Referências

ATAÍDE, Cleber *et al.* (org.). **Cartografia GELNE**: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura. V. I. Campinas: Pontes Editores, 2019.

ATAÍDE, Cleber *et al.* (org.). **Cartografia GELNE**: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura. V. II. Campinas: Pontes Editores, 2019.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Registro de práticas pedagógicas**: o potencial do caderno pedagógico do módulo didático. Campinas: Pontes Editores, 2020.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO Maria Augusta. Contribuições da Linguística Aplicada para o ensino de português como língua materna. *In*: ATAÍDE, Cleber *et al.* (org.). **Cartografia GELNE**: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura. V. II. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 79-107.

CELANI, Maria Antonieta A. Afinal, o que é LA? *In*: PASCHOAL, Maria Sofia Z.; CELANI, Maria Antonieta A. **Linguística aplicada**: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992.

KLEIMAN, Angela. O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. *In*: SIGNORINI,

Inês; CAVALCANTI, Marilda. C. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

KLEIMAN, Angela; VIANA, Carolina A.; DE GRANDE, Paula Baracat. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. **Calidoscópico**, [S.l.], v. 17(4), p. 724-742, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.04>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos para onde vamos. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2015. p. 25-50.

MINAYO, Maria Cecília S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 13-44.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematizações dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 85-107.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Estudos queer em Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2022.

MUSSI, Marcus Vinícius Freitas (org.). **Linguística Aplicada**: panorama de estudos teóricos e práticos no Nordeste. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 13-18.

OLIVEIRA, Maria Bernadete F. de. A Linguística Aplicada: definições e áreas de atuação. In: MUSSI, Marcus Vinícius Freitas (org.).

Linguística Aplicada: panorama de estudos teóricos e práticos no Nordeste. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 20-33.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada transgressiva. MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

ROCHA, Décio; DAHER, Del Carmen. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? **D.E.L.T.A.** [online], v. 31, n. 1, p. 105-141, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, v. 18, n. 43, p. 14-23, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/Y3Fh6D3ywmCFym4wMFVdzsq/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios. In: SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; TILIO, Rogério; MELO, Glenda Cristina Valim (org.). **Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada: perspectivas sul-americanas**. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 63-89.

TELLES, Célia Marques. Apresentação. In: TAÍDE, Cleber *et al.* (org.). **Cartografia GELNE: 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura**. V. I. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 9-17.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. Linguística Aplicada como campo multi-dimensional e dialógico: um percurso no tempo-espaço numa universidade do Nordeste. In: MUSSI, Marcus Vinícius Freitas (org.). **Linguística Aplicada: panorama de estudos teóricos e práticos no Nordeste**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 34-50.



ESTUDOS DA ARGUMENTAÇÃO: CARTOGRAFIA DAS PESQUISAS REALIZADAS NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NOS ANOS 2010

Eduardo Lopes Piris
Mariza Angélica Paiva Brito
Débora Raquel Hettwer Massmann
Argus Romero Abreu de Morais

Introdução

Em 40 anos, o campo de estudos da Argumentação no Brasil vem legitimando seu lugar na área de conhecimento de Letras por meio de pesquisas, publicações, disciplinas na graduação e pós-graduação, eventos nacionais e internacionais e um Grupo de Trabalho na Associação Nacional da Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), o que justifica a realização de estudos voltados à sua cartografia em todas as regiões do Brasil.

A Argumentação é um campo de estudos teoricamente plural, com possibilidades teórico-metodológicas que abrangem perspectivas retórica, lógica (informal e natural), (pragma)dialética/dialogal, interacional e linguística, cujas análises se relacionam com práticas sociais dos mais diversos graus argumentativos. Ademais, os estudos da argumentação mantêm interface com o

ensino em múltiplas frentes, sendo que no Brasil – e igualmente no Nordeste brasileiro – são pujantes as perspectivas da Teoria da Argumentação na Língua aplicada à análise de textos e de gêneros, da Linguística Textual aplicada à análise das estratégias argumentativas dos textos e da Nova Retórica aplicada à análise e leitura dos discursos argumentativos.

Assim, esta cartografia visa a apresentar um levantamento dos estudos de análise argumentativa, focalizando pesquisas de mestrado e doutorado realizadas nos programas de pós-graduação da área de conhecimento de Letras e Linguística, tal como cadastrada no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da região Nordeste do Brasil na década de 2010 (2011-2020).

Metodologia

Para dar conhecimento ao leitor dos parâmetros que guiaram esta cartografia¹ e, igualmente, possibilitar a replicação, com fins comparativos, deste estudo em outras regiões brasileiras e na próxima década (2021-2030), é que se apresenta a metodologia de trabalho adotada e os critérios para levantamento e tratamento dos dados.

Foram buscadas dissertações de mestrado e teses de doutorado orientadas e defendidas entre 2011 e 2020 em programas de pós-graduação da área de Letras e Linguística² (cf. tabela de áreas do conhecimento do CNPq) de cada um dos nove estados da região Nordeste do Brasil, separadamente, a saber, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas,

-
- 1 A metodologia foi aplicada também no capítulo “O ensino de argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010” deste mesmo volume.
 - 2 Conforme relatado na cartografia sobre o ensino de argumentação, também foram levantados dados referentes a Programas de Pós-Graduação de Educação e de Psicologia, uma vez que tais áreas apresentam importantes e produtivas contribuições para as pesquisas feitas na área de Letras e Linguística.

Sergipe e Bahia. Como a plataforma Sucupira começou a ser implementada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2014, a busca de dados teve como fonte, além do Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, também o sistema *Pergamum* de gerenciamento de informações e bibliotecas das universidades, os *sites* dos programas de pós-graduação e, por vezes, buscador de internet, para localizar pesquisas não disponibilizadas em nenhuma dessas plataformas.

Uma vez considerados esses parâmetros iniciais, as buscas foram feitas utilizando as palavras-chave: “argumentação”, “argumentatividade”, “argumento”, “retórica”. Os resultados gerados pela consulta passaram por uma primeira triagem, sendo selecionadas somente as pesquisas que tratavam de argumentação, argumentatividade ou retórica, independentemente do quadro teórico de base da pesquisa e de sua concepção de argumentação.

Os dados foram tratados por todos os integrantes da cartografia por meio de uma planilha armazenada e compartilhada digitalmente em nuvem por todos os integrantes desta cartografia. A planilha abrigou os dados conforme as seguintes colunas: “UF”, “IES”, “Nível da pesquisa (M/D)”, “Nome do PPG”, “Ano de conclusão”, “Nome do autor”, “Nome do orientador”, “Título da pesquisa”, “Resumo”, “Palavras-chave”, “Link de acesso”.

Nessa planilha, foram criadas duas abas, sendo uma para a cartografia dos estudos sobre o ensino de argumentação e outra para a cartografia dos estudos de análise da argumentação. Assim, para a primeira cartografia, foram criadas duas colunas mais: “perspectiva teórica do trabalho” e “natureza da pesquisa”, para distinguir as pesquisas descritivas, propositivas e intervencionistas. E, para a segunda, desdobrou-se a “perspectiva teórica do trabalho” em “concepção de argumentação”, “interface teórica 1” e “interface teórica 2”, bem como foram acrescentadas as colunas “categoria analítica 1” e “categoria analítica 2”, para gerar dados que pudessem apontar a recorrência de articulações entre

as teorias da argumentação e as teorias linguísticas, textuais e discursivas, bem como de categorias de análise que estavam no horizonte de preocupações desses estudos.

Concernente à cartografia dos estudos da argumentação³, foram selecionadas 136 pesquisas de pós-graduação, sendo 97 dissertações de mestrado e 39 teses de doutorado, observando-se que a produção de tais pesquisas distribuiu-se em 15 Programas de Pós-Graduação (PPG) da área de conhecimento de Letras e Linguística (Tabela 1).

Tabela 1 – Pesquisas relativas aos estudos de argumentação, argumentatividade e gêneros argumentativos produzidas nos PPG da área de LL da região Nordeste do Brasil nos anos 2010

Programa de Pós-Graduação	Instituição	Nível		Total
		Mestrado	Doutorado	
Estudos da Linguagem	UFRN	13	18	31
Letras	UFPI	20	0	20
Estudos Linguísticos	UNEB	18	0	18
Linguística	UFPB	8	6	14
Letras	UERN	7	2	9
Letras	UFPE	4	5	9
Ciências da Linguagem	UNICAP	9	0	9
Letras	UFS	5	0	5
Linguística	UFC	2	3	5
Letras e Linguística	UFAL	3	1	4
Letras	UESPI	3	0	3
Linguística	UFPE	1	2	3
ProfLetras	UFMA	3	0	3
Linguagem e Cultura	UFBA	0	2	2
PROFLETRAS	UESC	1	0	1
TOTAL		97	39	136

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 1 apresenta dados quantitativos que oferecem uma (entre outras possibilidades) fotografia do que foram os estudos

3 Os totais da cartografia sobre o ensino de argumentação serão apresentados e discutidos no capítulo “O ensino da argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010”.

de argumentação, argumentatividade e gêneros argumentativos nos PPG nordestinos da área de Letras e Linguística, na década de 2010. Os dados sobre a territorialidade desses estudos podem guiar políticas de introdução e de expansão em Instituições de Ensino Superior e PPG onde tais estudos ainda são inexistentes ou ainda estão em consolidação. Note-se que, dos 35 PPG em Linguística e Literatura do Nordeste avaliados pela CAPES⁴, apenas 15 apresentaram, ao menos, uma pesquisa defendida sobre estudos argumentativos.

Nesse sentido, o Quadro 1 sugere que há espaço considerável para o crescimento das pesquisas sobre argumentação no Nordeste, o que demanda iniciativas de divulgação dos estudos da argumentação em eventos acadêmicos (conferências, mesas-redondas e minicursos na programação do GELNE seriam ações impulsionadoras), chamadas de números temáticos em periódicos acadêmicos da região Nordeste, bem como a criação e oferta de disciplinas na graduação e na pós-graduação destinadas aos estudos da argumentação.

Para além dos números e das demarcações de território, esta cartografia se propõe a apontar as relevâncias, os avanços e as possibilidades ainda não atingidas durante o período compreendido, para então sugerir políticas para ampliação e consolidação dos estudos argumentativos na área de Letras do Nordeste brasileiro. Nesse sentido, o primeiro recorte realizado nesse *corpus* de 136 pesquisas foi orientado pelo traço presença *versus* ausência da demarcação da filiação teórica às concepções de argumentação que fundamentam as pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas no âmbito da pós-graduação da área de conhecimento de Letras na década de 2010 (2011-2020) na região Nordeste do Brasil (Tabela 2).

4 A avaliação da pós-graduação realizada pela CAPES, quadriênio 2017-2020, apontou o seguinte resultado para os 35 PPG nordestinos da área de Linguística e Literatura: 1 PPG com nota 6; 14 PPG com nota 5; 12 PPG com nota 4; 8 PPG com nota 3.

Tabela 2 – Distribuição percentual de filiações das pesquisas às teorias da argumentação

Teorias	quantidade	%
• Nova Retórica	41	56,16%
• Argumentação na Língua	17	23,29%
• Argumentação no Discurso	08	10,96%
• Retórica aristotélica	06	8,22%
• Argumentação na Conversação	01	1,37%
Total de pesquisas com filiação às teorias da argumentação	73	53,68%
• Sociorretórica	22	30,14%
• Análise Textual dos Discursos	21	28,77%
• Análise do Discurso Pragmática	10	13,70%
• Linguística Textual	05	6,85%
• Semiologia	03	4,11%
• Teoria Dialógica da Linguagem	01	1,37%
• Gêneros Textuais	01	1,37%
Total de pesquisas sem filiação às teorias da argumentação	63	46,32%
Total de pesquisas	136	100,00%

Fonte: Elaboração própria

Diante do exposto na Tabela 2, as pesquisas com e sem filiação às teorias da argumentação serão tratadas separadamente nas seções 2 e 3 deste capítulo, as quais focalizam (1) as concepções de argumentação que foram assumidas com maior ou menor protagonismo nas pesquisas levantadas, (2) exploraram as interfaces teóricas promovidas com as teorias da argumentação pelas distintas disciplinas das ciências da linguagem, como as várias perspectivas de Estudos do Discurso e a Linguística Textual e seus desdobramentos (3) e destacam as categorias de análise que foram mobilizadas para o exame dos *corpora*. Na seção 4, o destaque recai sobre os campos discursivos (ou campos de ati-

vidade humana na acepção bakhtiniana) e o conjunto de gêneros textuais ou discursivos que despertaram o interesse de pesquisadores do Nordeste nos anos 2010.

Pesquisas com filiação às teorias da argumentação

Teorias e modelos da argumentação

Não existe uma teoria, mas inúmeras teorias da argumentação, pois, devido ao caráter multidimensional dos fenômenos argumentativos⁵, a argumentação pode ser concebida a partir do ponto de vista da retórica, que examina o processo de persuasão, da dialética, que focaliza os procedimentos empregados na argumentação, e da lógica, que critica o produto da argumentação de acordo com os padrões de validade lógica. Joseph Wenzel (1992) explica que cada uma dessas disciplinas aplica sua própria perspectiva sobre a atividade humana de argumentar, ressaltando diferentes fenômenos e respostas à mesma pergunta “o que é a argumentação?”. Desse modo, para o lógico, a argumentação “é um conjunto de enunciados que consistem em premissas e conclusão, ou alegação e apoio”; para o retórico, a argumentação “é um modo de apelo, um meio de persuasão, um comportamento típico dos usuários de símbolos que se comunicam”; para o dialético, a argumentação “é um método disciplinado de discurso para o teste crítico de teses” (WENZEL, 1992, p. 125).

No entanto, quando se considera a multidimensionalidade dos fenômenos argumentativos, outros olhares são exigidos para além das perspectivas retórica, lógica e dialética da argumentação. Assim, se a proposta de Wenzel (1992) recebeu críticas por

5 Grácio (2013, p. 34-35) afirma que a argumentação é multidimensional, porque é um fenômeno cognitivo, linguístico, interativo, afetivo, filosófico, lógico, retórico e social. Nessa esteira, Piris, Pinto e Souza (2019) ainda acrescentam a essa lista as dimensões cultural, histórica, ideológica, textual e discursiva da argumentação.

excluir importantes teorizações contemporâneas da argumentação, como a argumentação na língua, na comunicação, na interação, no discurso etc., também abriu caminho para a formulação de alguns modelos integradores da argumentação.

Algumas teorizações se destacam nesse cenário, como, por exemplo, o Modelo Dialogal da Argumentação de Plantin (2008), que articula retórica aristotélica, Nova Retórica, argumentação na língua, lógica natural e lógica substancial; a Teoria da Argumentação no Discurso de Amossy (2018), que explora a dimensão pragmático-enunciativa de noções da retórica, Nova Retórica e lógica informal; a perspectiva interacional da argumentação de Grácio (2016), que atribui à argumentatividade inerente aos discursos três tipos de força que cooperam para sua orientação argumentativa: *força projetiva*, baseada na teoria da argumentação na língua; *força configurativa*, baseada na lógica natural; *força ilativa*, extraída da lógica substancial. Igualmente, Padilla, Douglas e López (2011) apresentam uma proposta de análise dos textos argumentativos que reorganiza as perspectivas clássicas e os aportes contemporâneos das teorias da argumentação em um modelo constituído de três níveis: pragmático, que examina o contexto situacional da argumentação; global, que analisa as categorias estruturais dos argumentos; local, que estuda as estratégias enunciativo-discursivas da argumentação.

Foram sinalizados, portanto, alguns marcos teóricos fundantes do campo de estudos da argumentação. Para esta cartografia, a Tabela 3 aponta que 73 trabalhos (53,68% do total das 136 pesquisas de pós-graduação) mostraram filiação a alguma teoria ou modelo da argumentação, sendo que, nesse contexto específico, o Quadro 3 sinaliza que a Nova Retórica, cujo maior expoente se encontra na figura de Chaïm Perelman desde meados dos anos 1940, é convocada em mais da metade das pesquisas que marcam filiação a uma teoria da argumentação, enquanto a Teoria da Argumentação na Língua, inaugurada por Jean-Claude

Anscombre e Oswald Ducrot no início da década de 1980 e continuada por eles e seu grupo de colaboradores até os dias de hoje, se apresenta como uma importante referência ao servir de fundamentação teórica principal de quase 25% das pesquisas levantadas nesta cartografia⁶.

Tabela 3 – Percentual de pesquisas fundamentadas em teorias da argumentação

Teoria da Argumentação	quantidade	%
Nova Retórica	41	56,16%
Argumentação na Língua	17	23,29%
Argumentação no Discurso	8	10,96%
Retórica aristotélica	6	8,22%
Argumentação na Conversação	1	1,37%
Total	73	100,00%

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 3 ainda revela teorias que ocupam espaço promissor na academia nordestina de Letras e Linguística, como a Teoria da Argumentação no Discurso (formulada por Ruth Amossy), a própria Retórica aristotélica (muitas vezes mencionada como discurso fundador, mas nem sempre mobilizada nas pesquisas na área de Letras e Linguística, com exceção aos cursos de Clássicas, que não são objeto desta cartografia) e a perspectiva conversacional da argumentação apresentada por Jacques Moeschler no início dos anos 1980, mas sem ter conhecido muitos avanços nos estudos da argumentação.

Considerando que se trata de pesquisas realizadas na área de Letras e Linguística, que é um campo de saber das ciências da linguagem, tais teorias da argumentação não figuram isolada-

⁶ A Nova Retórica e a Teoria da Argumentação na Língua são discutidas com mais detalhes no capítulo “O ensino da argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010” deste volume.

mente na fundamentação teórica das pesquisas levantadas nesta cartografia, de modo que o convite à observação e reflexão acerca das interfaces se afigura como algo necessário.

Interfaces teóricas

Para projetar, de maneira sistemática, as interfaces teóricas encontradas nas dissertações e teses constituintes do *corpus* desta cartografia, a organização dos dados considerou as teorias da linguagem, do texto e do discurso convocadas pelas pesquisas (1) tanto no quantitativo de interfaces com as teorias da argumentação (2) quanto na discriminação de seus percentuais (Tabela 4), de modo a ilustrar o peso que cada teoria da linguagem desempenhou no desenvolvimento dos estudos da argumentação na área de Letras e Linguística nos anos 2010.

Tabela 4 – Percentual de interface entre teorias da linguagem e da argumentação

Teoria da Linguagem	Teoria da Argumentação	Quantidade	% teoria	% geral
Linguística Textual	Nova Retórica	7	25,93%	40,74%
	Argumentação no Discurso	4	14,81%	
Análise Textual dos Discursos	Nova Retórica	2	7,41%	14,81%
	Argumentação no Discurso	1	3,70%	
	Retórica aristotélica	1	3,70%	
AD Pragmática	Argumentação no Discurso	3	11,11%	14,81%
	Nova Retórica	1	3,70%	
Semiolinguística	Nova Retórica	2	7,41%	14,81%
	Argumentação no Discurso	1	3,70%	
	Retórica aristotélica	1	3,70%	
Teoria Dialógica da Linguagem	Nova Retórica	3	11,11%	11,11%
AD Materialista	Nova Retórica	1	3,70%	3,70%
TOTAL		27	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 4 indica que a Linguística Textual tem se mostrado como grande contribuidora para a inserção da argumentação na área de Letras, uma vez que se articulou com a Nova Retórica em mais de 25% dos trabalhos e com a Teoria da Argumentação no Discurso em quase 15% desse universo de 73 trabalhos que se filiam a alguma teoria da argumentação, representando 40,74% desse total.

As 7 pesquisas (6 mestrados e 1 doutorado) que articularam a Linguística Textual com a Nova Retórica estão distribuídas entre UFS, UESPI, UFRN e UFAL. Importa destacar que, nestes trabalhos, tal articulação revelou o interesse em compreender estratégias argumentativas como referenciação, recategorização, encapsulamento, metáfora e plano de texto, em composição com as técnicas argumentativas, ou seja, em descrever como os tipos de argumentos são textualizados.

Por sua vez, as 4 dissertações de mestrado que articularam a Linguística Textual com a Argumentação no Discurso foram defendidas na UFRN, UFPE, UFC e UESC e se preocuparam com questões de referenciação, intertextualidade, marcadores discursivos, polêmica e *pathos*. O interesse dessa interface decorre do princípio de que argumentatividade no texto é um aspecto constitutivo da construção da textualidade e do postulado de que todo discurso é argumentativo por possuir uma tendência a orientar modos de pensar, ver e sentir do outro.

Essas pesquisas que promovem a interface da Linguística Textual com as teorias da argumentação assumem que todo texto é argumentativo porque entendem que:

- em todo enunciado, há pontos de vista relacionáveis a diferentes enunciadore;
- tais pontos de vista são gerenciados por um locutor/enunciador principal, que escolhe, intencionalmente, como expressar e marcar

a voz dos enunciadores, ao tentar influenciar o interlocutor e, às vezes, o terceiro;

- essas tentativas de influência são estratégicas, na medida em que fazem parte do projeto de dizer do locutor, que supõe (porque necessita supor) ter controle sobre suas escolhas;
- algumas formas de textualização, como a sequência textual argumentativa, explicitam o ponto de vista central que será defendido com base em um esquema de raciocínio; esse ponto de vista aparecerá, nesta situação, como a opinião central de um enunciador;
- outras formas de sequência textual (a narrativa, a explicativa, a descritiva e a dialogal), ainda que não cumpram uma macrofunção de demonstrar argumentos em prol de uma opinião central, não deixam de supor uma orientação argumentativa, na medida em que também ajudarão o locutor/enunciador a gerenciar pontos de vista.

Outra interface importante, ainda que em número mais reduzido, é aquela em que as pesquisas articulam os estudos do discurso e da argumentação. A esse respeito, o Quadro 4 sinaliza a ocorrência de pesquisas que articulam (1) a Análise do Discurso Pragmática com a Argumentação no Discurso (11,11%) e com a Nova Retórica (3,70%), (2) a Semiologia com a Nova Retórica (7,41%), a Teoria da Argumentação no Discurso (3,70%) e a Retórica Aristotélica (3,70%), (3) a Teoria Dialógica da Linguagem com a Nova Retórica (11,11%) e (4) a Análise do Discurso Materialista com a Nova Retórica (3,70%).

As pesquisas que articulam discurso e argumentação não estão concentradas em um único centro ou grupo de estudos, pois foram dispersamente desenvolvidas em instituições como UFMA, UFPI, UNEB, UFBA, UERN, UFRN e UFS. Isso permite presumir a existência de um interesse amplo e difuso de pesquisadores dos estudos do discurso sobre as teorias da argumentação, interesse esse que poderia ser potencializado por meio de iniciativas de as-

sociedades científicas como o GELNE e a ANPOLL, especialmente o seu GT Argumentação, voltadas para o aprimoramento das redes de cooperação entre pesquisadores.

Além disso, esse retrato plural aponta para as questões de formação na área das teorias do discurso relacionadas à argumentação, pois os indicadores mostram que a presença de pesquisadores, atuantes neste domínio teórico, parece estar mais pulverizada, isto é, observa-se que a presença de orientadores atuantes nesta abordagem parece estar mais difundida nas IES, não se restringido a um determinado grupo ou PPG. Como efeito, observa-se um quadro heterogêneo e diverso de perspectivas que mobilizam, em sua maioria, estudos da argumentação na relação com o social, com a língua em funcionamento na sociedade.

E, concernente às categorias analíticas mobilizadas pelas 12 pesquisas que, diversamente, articularam discurso e argumentação, apurou-se que a noção de *ethos* é o objeto de estudo de todas as 4 pesquisas que articulam a AD Pragmática com as teorias da argumentação, aparecendo de forma conjugada com a tríade retórica e as técnicas argumentativas, que também são as categorias de análise da argumentação mobilizadas pelas pesquisas orientadas pela Teoria Semiolingüística. Por sua vez, as 3 pesquisas que propuseram uma interface entre a Teoria Dialógica da Linguagem e a Nova Retórica, desenvolvidas na UNEB, UFBA e UFRN, interessaram-se em explorar as relações interdiscursivas e as técnicas argumentativas, noção esta que também foi objeto da única pesquisa de análise do discurso materialista, que se voltou às noções de interdito, silenciamento e apagamento.

É notável que as categorias argumentativas preferencialmente exploradas pelos estudos discursivos tenham sido a tríade retórica, ou seja, as noções de *ethos*, *pathos* e *logos*, precognizadas desde a retórica antiga, e as técnicas argumentativas, que correspondem à tipologia de argumentos do *Tratado da*

Argumentação, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), que nada mais é do que o próprio *logos* da antiga retórica reintroduzido na contemporaneidade.

Extrapolando o conjunto dos trabalhos que articulam discurso e argumentação, para observar a presença da recorrência à tríade retórica em todo o *corpus* das 136 pesquisas, os dados revelam a existência de 15 pesquisas sobre o *ethos*, 16 pesquisas sobre o *logos*, mas apenas 7 pesquisas sobre o *pathos*, as quais se apoiam no próprio *pathos* da retórica de Aristóteles (1998), ou na patemização proposta por Charaudeau (2010) ou nas emoções na argumentação como teoriza Plantin (2008).

Essa lacuna é bem mais profunda quando se busca pelos termos orador e auditório, pois foram encontradas somente 3 pesquisas para cada uma dessas noções centrais para a Nova Retórica. Todavia, há que se ponderar que as noções de orador e auditório são recobertas pelas terminologias específicas das teorias da linguagem, como enunciador, coenunciador, locutor, alocutário, interlocutor, sujeito etc. De todo modo, a instância subjetiva dos discursos argumentado e argumentativo parece ser uma questão que ainda solicita estudos.

Pesquisas sem filiação às teorias da argumentação

Mapeamento das pesquisas e categorias analíticas mobilizadas

Ao retomar a Tabela 2, é possível perceber que 63 trabalhos (46,32% do total das pesquisas) não se apoiam em nenhuma teoria da argumentação, ainda que os quadros teóricos assumidos abordem e ofereçam o seu modo de ver a argumentação ou a argumentatividade.

É o que ocorre com 10 trabalhos que se baseiam na perspectiva de análise do discurso desenvolvida por Dominique Maingueneau, a qual pode ser chamada de análise do discurso francesa, análise do discurso de base enunciativa ou, como se assume nesta cartografia, análise pragmática do discurso. São pesquisas orientadas no PPG em Estudos Linguísticos da UNEB (1 mestrado), no PPG em Letras da UFPE (3 doutorados), no PPG em Ciências da Linguagem da UNICAP (2 mestrados), no PPG em Letras da UFPI (1 mestrado) e no PPG em Estudos da Linguagem da UFRN (2 mestrados), que se voltam inteiramente ao estudo do *ethos* discursivo, com algumas articulações com outras noções conexas, como o *pathos* discursivo, a identidade discursiva e o sujeito discursivo.

Nesse contexto, anotam-se 3 pesquisas situadas no marco teórico da Semiologia, de Patrick Charaudeau, sendo 2 doutorados em Linguística (UFC) e 1 mestrado em Letras (UFPI), que focalizaram questões em torno do modo de organização do discurso argumentativo e das estratégias discursivas de persuasão. Também foi defendido 1 mestrado em Estudos da Linguagem (UFRN) que se fundamentou na Teoria Dialógica da Linguagem, conforme os postulados do Círculo de Bakhtin, dedicando a explorar o posicionamento responsivo-axiológico e a visão cronotópica do sujeito-enunciador em cartas argumentativas.

Outro ponto relevante da tabela 2 são os 21 trabalhos que versam sobre a Análise Textual do Discurso, de Jean-Michel Adam, correspondendo a 28,77% do total do *corpus*. Essa perspectiva linguístico-textual, inserida num quadro discursivo mais amplo, analisa o todo textual em suas relações com os padrões genéricos e com o contexto social, histórico e cultural de produção. Um dos focos principais desses estudos é o fenômeno da responsabilidade enunciativa no gênero, principalmente o jurídico. Tais pesquisas articulam a responsabilidade enunciativa, de Adam, com a teoria

enunciativa do Ponto de Vista, proposta por Alain Rabatel, e são encontradas majoritariamente na UFRN.

Campos discursivos e gêneros textuais/discursivos

Além das teorias da argumentação e as interfaces teóricas com as teorias de linguagem, do texto e do discurso, esta cartografia levantou os campos discursivos e os gêneros textuais/discursivos que foram objetos de análise das 136 dissertações e teses defendidas nos PPG da região Nordeste na década de 2010.

No total, foram encontrados 21 campos discursivos ou campos de atividade humana. Porém, o *corpus* revelou 7 pesquisas que trataram de dois campos discursivos em relação ou campo interdiscursivo, cujos diálogos se deram entre os campos midiático e político (1 pesquisa), religioso e político (2), amoroso e religioso (1), humorístico e político (1), jornalístico e político (1), jurídico e político (1).

Dois outros aspectos merecem ser ressaltados. Primeiro, a categoria “étnico-racial” compila trabalhos que se propõem a avaliar aspectos distintos, sendo 2 focados em discursos antirracistas/abolicionistas/antiescravocratas e 1 no discurso escravocrata. Apesar de tocarem em aspectos opostos, entende-se que fazem parte do mesmo campo discursivo, seguindo a definição de Maingueneau (2008). Segundo, pôde-se notar a emergência de novas tipologias discursivas, como são os casos de discurso materno, discurso de gênero e discursos vinculados à interação verbal cotidiana. No caso do discurso materno, foi mantida a definição contida no resumo do trabalho investigativo. No caso do discurso de gênero, os 2 trabalhos foram incorporados à categoria de campo interdiscursivo, em diálogo com os discursos religioso e político, respectivamente. No caso dos discursos interacionais, foi proposta sua recategorização por “narrativas de vida”, almejando

dar conta da relação entre memória individual e coletiva proposta pelas duas pesquisas.

Tabela 5 – Campos discursivos e gêneros textuais/discursivos

Campo discursivo	Quantidade	%	Gêneros
Jurídico	30	22	Sentença, Contrato, Acórdão, Petição, Ofício, Processo, Entrevista, Autobiografia, Denúncia, Acusação, Inquérito, Acordo, Libelo introdutório, Contestação, Projeto de lei, Relatório técnico
Digital	16	11,76	Meme, Perfil e Comentário em redes sociais, Vídeo <i>YouTube</i> , Notícia satírica, Blogue
Acadêmico	14	10,29	Resumo, Projeto e Relatório de pesquisa, Artigo acadêmico, Monografia, Dissertação
Político	14	10,29	Nota taquigráfica, Pronunciamento, Debate, Discurso de posse, Interação verbal
Publicitário	9	6,61	Anúncio
Jornalístico	9	6,61	Notícia, Reportagem, Provérbio, Debate de opinião, Carta aberta, Capa de revista
Interdiscursivo	8	5,88	Peça jurídica, Entrevista, Debate político, Audiência pública, Postagem e Comentário em redes sociais, Epístola, Charge, Provérbio e Expressão idiomática
Administrativo	6	4,41	Depoimento, Documento público, Requerimento
Pedagógico	4	2,94	Texto escolar, Resenha, Relatório, Carta Argumentativa
Religioso	4	2,94	Epitáfio, Obituário, Sermão
Literário	4	2,94	Conto, Carta, Romance
Étnico-racial	3	2,2	Proposta de lei, Pronunciamento parlamentar, Texto jornalístico, Editorial
Empresarial	3	2,2	Produção escrita de candidatos, <i>Slogan</i> , Entrevista de emprego
Autoajuda	2	1,47	Perfil de Instagram, Palestra
Midiático	2	1,47	Matéria jornalística, Debate político
Narrativa de vida	2	1,47	Entrevista
Turístico	2	1,47	Site governamental, Documento oficial, Entrevista
Artístico	1	0,73	Videoclipe
Diplomático	1	0,73	Nota oficial (Itamaraty)
Humorístico	1	0,73	Artigo de opinião, Crônica, Charges, Postagem
Familiar	1	0,73	Reportagem
Total	136	100%	

Fonte: Elaboração própria

A extensão da Tabela 5 inviabiliza uma análise caso a caso. Apesar disso, é interessante notar as cinco primeiras e as cinco últimas posições do quadro. Na parte de cima, pode-se perceber a importância do discurso jurídico, responsável por 22% dos trabalhos, mobilizando gêneros como sentença, contrato, acórdão, petição, ofício, processo, entrevista, autobiografia, denúncia, acusação, inquérito, acordo, libelo introdutório, contestação, projeto de lei e relatório técnico; o digital, responsável por 11,76%, seguindo as tendências contemporâneas de avaliar práticas textuais digitais e multimodais, mobilizando gêneros como meme, perfil e comentário em redes sociais, vídeo no *YouTube*, notícia satírica, blogue; o acadêmico, responsável por 10,29%, tipo discursivo que passou a ganhar mais atenção a partir da década de 1990 (cf. MEURER, 2005), priorizando gêneros como resumo, projeto e relatório de pesquisa, artigo acadêmico, monografia e dissertação; o político, responsável por 10,29%, e que parece retomar sua importância histórica para os estudos do discurso em decorrência do cenário de intolerância política nos últimos anos no Brasil, considerando gêneros como nota taquigráfica parlamentar, pronunciamento, debate, discurso de posse e interação verbal; e, por fim, o publicitário e o jornalístico, ambos empatados e responsáveis por 6,61%, trabalhando gêneros como anúncio, para o primeiro caso, e notícia, reportagem, provérbio, debate de opinião, carta aberta e capa de revista, para o segundo.

Na parte inferior da tabela, por sua vez, vemos alguns tipos discursivos que não têm recebido tanta atenção por parte das dissertações e teses nos programas de pós-graduação da região Nordeste. São os casos do discurso turístico (valendo-se de gêneros como *site* governamental, documentos oficiais e entrevistas),

representado por 1,47% das pesquisas consideradas, e os discursos artístico (com análise de videocliques), diplomático (com *corpus* composto por notas oficiais do Itamaraty), humorístico (contemplando artigos de opinião, crônicas, charges e postagens em redes sociais) e, por fim, o materno (analisando entrevistas-reportagens de mães cujos filhos foram diagnosticados com a Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV)), cada um destes quatro últimos com representatividade de apenas 0,73%.

No que diz respeito à definição de gênero discursivo, a sociorretórica (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005), como se pode notar pelo próprio nome, se propõe a considerar as características retóricas e pragmáticas dos gêneros discursivos, tendo como foco de análise a relação entre gênero, propósito comunicativo e contexto social. Nesse sentido, os gêneros são tidos como classes de eventos comunicativos direcionados para determinados fins, adquirindo prototipicidade ao funcionarem como ações sociais recorrentes em determinados contextos e culturas. Ademais, possuem uma espécie de “razão subjacente”, uma vez que são reconhecidos pelos membros da comunidade discursiva na qual circulam, englobando, a um só tempo, os participantes, as funções discursivas e o ambiente social (cf. HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; CARVALHO, 2005).

Considerações finais

Nesta cartografia, pudemos observar que, na região nordeste do Brasil (e podemos, inclusive, conjecturar que no Brasil), o domínio de Estudos da Argumentação é diverso e vem sendo desenvolvido em diferentes perspectivas epistemológicas que, de

um lado, produzem um diálogo profícuo entre si e, de outro lado, sustentado no domínio das ciências da linguagem, estabelecem possibilidades de conexão com outras áreas do conhecimento, em especial, das ciências humanas. Em outras palavras, os dados analisados permitem compreender que não existe uma área de pesquisa específica para a Argumentação, pois o que há é a área de Letras, com suas subáreas de Literatura e Linguística, na qual se inserem e são desenvolvidos os estudos da argumentação em suas mais diversas concepções, interfaces e aplicações.

A efervescência dos Estudos da Argumentação no Nordeste brasileiro dá a conhecer a pluralidade de objetos de conhecimento que podem ser mobilizados e os diferentes percursos teórico-metodológicos envolvidos neste processo. É importante destacar que a fluidez das pesquisas em Argumentação e a possível articulação entre as diferentes abordagens faz significar, numa perspectiva local e contemporânea, as nuances da história da argumentação e do interesse de pesquisadores de diferentes áreas sobre o tema. Não podemos esquecer que, em sua origem, a argumentação se constituiu materializando a força do simbólico, o poder da palavra. Na atualidade, mais do que nunca a argumentação está presente e tem galgado lugar de destaque nas pesquisas de nossa área.

Considerando os percursos epistemológicos mobilizados na totalidade dos trabalhos que constituem o *corpus* desta cartografia, observou-se a potencialidade dos estudos da Argumentação na região nordeste. Conforme discriminado acima, os dados analisados apontam para a pluralidade das perspectivas científicas empregadas no desenvolvimento das pesquisas e indicam que as principais teorias dos estudos em argumentação têm sido traba-

lhadas e consideradas na produção científica da pós-graduação nesta região.

As interfaces teóricas e metodológicas observadas, além de dar a conhecer sua produtividade, apontam para possíveis desdobramentos de aplicabilidade da Argumentação na contemporaneidade. Os diferentes *corpora* mobilizados nesses estudos permitiram a coalizão dos dispositivos indicando que as teorias da argumentação, ainda que filiadas às diferentes abordagens, podem ser colocadas em diálogo, em perspectiva.

Referências

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. Tradução Angela Correa et al. São Paulo: Contexto, 2018.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 130-149.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística textual e argumentação**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v.2. p. 23-56.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Do discurso argumentado à interação argumentativa. **EID&A** – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, p. 117-128, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/388/394>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Perspetivismo e argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **A argumentação na interação**. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

GRIZE, Jean-Blaise. **Logique naturelle et communications**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

HEMAIS, Bárbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. Rio de Janeiro: Parábola, 2005. p. 108-129.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gêneses dos Discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MEURER, José Luiz.; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

PADILLA, Constanza; DOUGLAS, Silvina; LÓPEZ, Esther. **Yo argumento: taller de prácticas de comprensión y producción de textos argumentativos**. Córdoba: Comunicarte, 2011.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a Nova Retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].

PIRIS, Eduardo Lopes; PINTO, Rosalice; SOUZA, Gilton Sampaio de. Apresentação: A argumentação nas práticas sociais. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 6-17, 2019.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. Tradução Reinaldo Guarany. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958]. p. 135-169.

WENZEL, Joseph. Perspectives on argument. *In*: BENOIT, William; HAMPLE, Dale; BENOIT, Pamela (ed.). **Readings in argumentation**. New York: Foris, 1992. p. 121-143.



O ENSINO DE ARGUMENTAÇÃO: CARTOGRAFIA DAS PESQUISAS REALIZADAS NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NA DÉCADA DE 2010

Isabel Cristina Michelan de Azevedo
Erivaldo Pereira do Nascimento
Lucas Nascimento
Maria das Graças Soares Rodrigues

Introdução¹

Em continuidade à prospecção de investigações realizadas no Nordeste, este capítulo está voltado às pesquisas aplicadas direcionadas ao ensino da argumentação. Foram mantidos os procedimentos apresentados no capítulo “Estudos da argumentação: Cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil nos anos 2010”, ou seja, foi mantida a centralidade da área de Letras, por meio de pesquisas, dissertações e teses publicadas

¹ Os autores deste capítulo agradecem a prestimosa colaboração dos(as) estudantes de Mestrado e Doutorado que puderam colaborar com o mapeamento das dissertações e teses: Ana Arele Gomes de Freitas, Albaniza Brigida de Oliveira Neta, Cláudia Cynara Costa de Souza Pinheiro, Emanuel Vicente do Nascimento, Isabel Romena Calixta Ferreira, Julia Ohana Alves Medeiros, Karla Stéphanly de Brito Silva, Madson Bruno Soares Estevam, Rafael Andrew Gomes Dantas, Vitória Ranner Pinheiro Pereira (pós-graduandos/as da UFRN) e Fagner Carvalho Silva e Priscila Santos Lopes (pós-graduandos/as) da UEFS). Também agradecemos pela participação de Nouraide Fernandes Rocha de Queiroz.

em repositórios institucionais, embora as relações entre diferentes áreas sejam mencionadas; permaneceu destacada a pluralidade teórico-metodológica que abrange os trabalhos reunidos neste capítulo, foi observada a ênfase das pesquisas profissionais e ainda foi demarcada a interface do ensino de línguas com múltiplas frentes, para reforçar o pujante trabalho com a retórica e a argumentação no estudo das práticas de linguagem, na abordagem da língua aplicada ao texto, em projetos de ensino de leitura e escrita de textos/discursos, na análise de discursos variados e multimodais, sempre considerando os diferentes propósitos que orientam o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, este capítulo visa a apresentar uma cartografia relativa aos estudos do ensino da argumentação, focalizando pesquisas de mestrado e doutorado realizadas nos programas de pós-graduação da área de conhecimento de Letras e Linguística, tal como cadastrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, da região Nordeste do Brasil na década de 2010, período em que a pós-graduação se consolida na região devido às mudanças na política de distribuição de recursos pelo governo federal.

O texto está organizado em duas seções: 1. a apresentação, em linhas gerais, das perspectivas teóricas mais proeminentes, bem como as interfaces que foram mais produtivas na década; 2. a discussão de como o ensino de argumentação tem sido entendido e praticado nessa região do Brasil, conforme as pesquisas empreendidas no âmbito da pós-graduação.

Perspectivas teóricas adotadas e suas interfaces

O trabalho com ensino de argumentação no Nordeste se sustenta recorrendo a uma heterogeneidade de perspectivas teóricas. Como o campo de estudo está em pleno desenvolvimento nesses últimos anos, observa-se uma considerável necessidade

de interfaces entre teorias da argumentação e diferentes teorias que estudam texto e discurso.

No que se refere às teorias de argumentação, de acordo com o *corpus* aqui pesquisado, dos 222 trabalhos voltados ao ensino de argumentação, foram mapeados 83 trabalhos filiados a teorias retóricas, destacadamente a Nova Retórica (com 52 trabalhos) e 23 trabalhos que tomam como base a Teoria da Argumentação na Língua. Com relação às teorias de discurso e texto, foram catalogados 152 trabalhos, com destaque para a Linguística Textual (59 trabalhos, a partir de diferentes autores) e para o Interacionismo Sociodiscursivo (25 trabalhos, com foco principalmente nas sequências didáticas).

Convém ressaltar que grande parte das teses e dissertações catalogadas se utiliza de mais de uma teoria, inclusive há combinações de teorias de argumentação distintas, o que é compreensível, dado o recorte voltado ao ensino.

A seguir, são apresentadas as principais correntes teóricas de argumentação presentes nos trabalhos catalogados, quais sejam a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a Teoria da Argumentação na Língua, de Ducrot (1988) e colaboradores, e os estudos da Linguística Textual, a partir de Koch (2008, 2009) e outros autores.

Nova retórica e ensino de argumentação

Não é sem razão que a teoria proposta, em 1958, por Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, da Universidade Livre de Bruxelas, tenha despontado como fundamento para análises, proposições e intervenções em pesquisas sobre ensino de argumentação. Na Nova Retórica, os autores do *Tratado da argumentação* estão preocupados com as consequências de se aplicar o empirismo e o racionalismo às mais variadas áreas da vida, sobretudo no que diz respeito àquelas em que a argumentação é basilar.

Essa preocupação os impulsiona a desenvolver uma teoria que rompe com o imperativo da evidência e, ao abandonar os monismos, constrói um sólido fundamento para o pluralismo axiológico e democrático.

Em uma sociedade democrática, os cidadãos precisam ser capazes de tomar a palavra e sustentar seus pontos de vista em diferentes tipos de interações argumentativas. Por isso mesmo, a capacidade argumentativa desponta em objetivos e competências da educação básica, uma vez que esse tipo de capacidade é essencial para a formação de cidadãos livres e criticamente conscientes. Nesse sentido, a nova retórica oferece possibilidades eficientes e eficazes a pesquisadores e a professores que desejam trabalhar com argumentação pautada numa filosofia pluralista.

Embora seja uma “nova retórica”, o *Tratado* retoma, por assim dizer, a antiga retórica de Aristóteles, e a partir dela faz significativas contribuições às ciências humanas. Ao chegar ao Brasil, em 1996, a tradução do *Tratado da argumentação: a nova retórica*, não obstante receber um prefácio direcionado aos profissionais do Direito, os estudiosos da linguagem puderam ter em língua portuguesa um ferramental teórico e metodológico produtivo para a compreensão dos discursos em circulação na sociedade, como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 4, grifos dos autores), das “técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*”.

Um dos elementos que possibilita o interesse dos estudiosos da linguagem pela Nova Retórica é a maneira como os autores lidam com as técnicas discursivas. Elas não são meros compêndios de argumentos aplicados por sistema ou empregados numa linguagem artificial, mas são técnicas mobilizadas pelos oradores em língua natural e cada uso se dispõe a ser único.

Legado da retórica aristotélica, o *Tratado* aprofunda em um par indissociável, o orador e o auditório. O auditório ao mesmo tempo em que é constituído por todos aqueles que o orador visa a persuadir com sua argumentação, ele também é uma construção do orador, sendo em função do auditório que toda argumentação se constitui. Não obstante o privilégio dado à escrita, na Nova Retórica o orador é o sujeito que argumenta por diferentes suportes, materialidades e em diferentes gêneros discursivos, o que possibilita uma gama de pesquisas relacionadas ao ensino da argumentação, como as apontadas mais à frente neste capítulo.

O orador figura como contexto apropriado para a apreensão do sentido da argumentação. Ou como asseguram os autores, “a pessoa é o contexto mais precioso para a apreciação do sentido e do alcance de uma afirmação [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 358). Isso amplia, por assim dizer, as possibilidades de compreensão de um mesmo argumento empregado por diferentes oradores. E se se considerar que “as mesmas palavras produzem um efeito completamente diferente, conforme quem as pronuncia” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 363), então se tem uma teoria que oferece recursos produtivos para se analisar e se aplicar a argumentação em sala de aula em diferentes épocas e contextos sociais.

A Nova Retórica parte do pressuposto de que as crenças e os valores podem ser mudados pela argumentação, o que é absolutamente compatível com o campo da educação. O fato de os autores do *Tratado* terem dado mínima atenção ao tema da educação – fazem para apenas diferenciar educação de propaganda (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 59-60) –, não significa que a teoria proposta por eles não possa ser desdobrada para se pensar os processos de ensino-aprendizagem de modo abrangente e da própria argumentação especificamente, como fazem as dezenas de trabalhos de professores e pesquisadores nordestinos. E eles fazem isso atendendo ao chamado encontra-

do ao final da introdução da obra: “Esperamos que nossos primeiros resultados incentivem outros pesquisadores a completá-los e a aperfeiçoá-los” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 11).

Em relação aos conteúdos que se encontram no *Tratado*, são observadas três grandes partes (os âmbitos da argumentação, o ponto de partida da argumentação e as técnicas argumentativas), isso facilita a aplicabilidade da teoria para diferentes finalidades e, sobretudo, para o contexto do ensino da argumentação.

A partir dos dados desta pesquisa, a Nova Retórica se destaca como principal teoria argumentativa utilizada nas teses e dissertações analisadas, outras vezes divide espaço com diferentes perspectivas argumentativas. Muitas delas influenciadas pelo próprio *Tratado*, como pode ser visto nos trabalhos de Michel Meyer, Ruth Amossy, Christian Plantin, Rui Alexandre Grácio, José Luiz Fiorin, Isabel C. M. Azevedo, Erivaldo Nascimento, Selma Leitão, Márcia R. C. Mariano, entre outros, apesar de também ter bastante relevância a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, de Ducrot e Anscombre, em toda a década de 2010.

Ainda cabe destacar que, por vezes, as interfaces entre teorias são solidamente construídas, mas em outras tantas há certa fragilidade na articulação entre elas, o que não diminui o mérito do trabalho, mas aponta para o fato de que ao se priorizar a aplicabilidade da teoria, pode haver falta de profundidade nas questões teóricas mais diminutas.

Prevalência da Argumentação na Língua e da Linguística Textual no ensino da argumentação

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), tal como postulada por Anscombre e Ducrot (1983), propõe que a argumentação está presente na própria estrutura da língua, nas frases e no léxico que a constituem, e dela vai para o discurso. Esse é compreendido

como uma sucessão de enunciados, que são únicos, irrepetíveis e observáveis e, por sua vez, se constituem em manifestações de frases da língua. A argumentação, nessa perspectiva, deixa de ser compreendida apenas como uma habilidade para convencer ou persuadir e passa a ser vista como orientação discursiva.

Ducrot (1988) afirma que em todas as línguas existem pares de frases que, referindo-se ao mesmo fato e nas mesmas circunstâncias enunciativas, levam a conclusões diferentes e até opostas. Observa ainda que determinados elementos linguísticos, quando presentes na superfície textual, em razão de sua significação mesma, permitem determinadas conclusões e impedem outras, determinando não apenas a orientação discursiva, como também imprimindo determinados efeitos de sentido e manifestando a (inter)subjetividade no próprio discurso, ou seja, a argumentação. Nesse sentido, a língua, de acordo com a TAL, fornece diferentes palavras, estruturas e frases para que sejam utilizadas pelo falante e que funcionam diferentemente, do ponto de vista argumentativo. Em função disso,

os estudos da Semântica Argumentativa descrevem essas estratégias, entre as quais se encontram os operadores argumentativos – palavras como *pouco, um pouco, até, mas, logo, inclusive* etc. que apontam a direção ou a forma argumentativa dos enunciados em que aparecem; os enunciados negativos, humorísticos e irônicos; estruturas linguístico-discursivas que assinalam a polifonia de locutores e de enunciadores – utilização de diferentes pontos de vista ou vozes em um discurso; a pressuposição – utilização de um conteúdo pressuposto (implícito linguístico) em um enunciado; a argumentação por autoridade – utilização de um enunciado (ou ponto de vista) atribuí-

do a uma autoridade, discursivamente constituída; e os modalizadores discursivos – elementos linguísticos que imprimem subjetividade no enunciado em que aparecem, direcionando a sua leitura: *é certo que, é provável que, pode, deve, felizmente* etc. (NASCIMENTO, 2015, p. 162, grifos do autor).

Partindo do pressuposto de que a argumentação se manifesta na língua e dela vai para o discurso, as investigações desenvolvidas no âmbito da Semântica Argumentativa têm comprovado que todos os gêneros discursivos são permeados pela argumentação e que os fenômenos argumentativos linguísticos se manifestam de maneira diferente em cada gênero ou ramo de atividade humana (domínio discursivo). Essas constatações têm contribuído sobremaneira não apenas para a descrição dos gêneros, mas também para o próprio processo de ensino-aprendizagem de leitura e produção textual de diferentes gêneros, bem como para o ensino de análise linguística, conforme assinala Nascimento (2015).

Nascimento (2015) e, mais tarde, Nascimento e Barbosa (2021) defendem que o ensino da argumentação linguística não ocorra de forma isolada, como um conteúdo específico de língua, mas de forma integrada ao ensino das habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) e de forma contextualizada, a partir da língua em uso e com foco nos gêneros discursivos. Nesse sentido, Nascimento e Barbosa (2021, p. 132) afirmam ainda que “as investigações têm apontado para o trabalho das estratégias retóricas e linguísticas em concomitância e de acordo com a funcionalidade do gênero”.

A perspectiva adotada por esses autores é perceptível nos trabalhos mapeados no Nordeste, uma vez que os estudos da TAL vêm sendo utilizados para fornecer subsídios para investigações relacionadas ao ensino de argumentação de forma articulada com estudos sobre os gêneros discursivos, seja na perspectiva da

Linguística Textual, do Interacionismo Sociodiscursivo, ou ainda da própria Retórica.

Em seus desdobramentos atuais, a Linguística Textual concebe que todo ensino de língua pressupõe uma concepção de língua, texto e sujeito subjacente às escolhas didáticas e metodológicas em sala de aula. Uma parte considerável dos trabalhos analisados traz, de forma mais ou menos explícita, uma noção de língua como uma atividade situada social e interativamente, o sujeito como ativo e situado sócio-historicamente e o “texto como *lugar de interação* de atores sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2009, p. XII).

Nesse sentido, ao se tomar o texto como objeto de ensino, ocupa-se, por assim dizer, do uso da língua. Nesse contexto, Geraldi afirma que:

Trata-se de pensar a relação de ensino como o lugar de práticas de linguagem e a partir delas, com a capacidade de compreendê-las, não para descrevê-las como faz o gramático, mas para aumentar as possibilidades de uso exitoso da língua. (GERALDI, 1996, p. 71).

Assim, pode-se ver as possibilidades que a LT traz para estabelecer interfaces com diferentes perspectivas da argumentação. Em uma obra fundamental, *Introdução à Linguística Textual*, lançada em 2004, Ingedore Koch, ao discutir o estatuto da disciplina, aponta seu vínculo com a argumentação: “então, se ela se tornou uma ciência integrativa de várias outras ciências” (Retórica, Estilística, Teoria dos Gêneros, Teoria da Argumentação, Narratologia etc.), vindo a constituir uma “Ciência ou Teoria da Linguagem (van Dijk, 1978)” (KOCH, 2009, p. XI).

Esses desenvolvimentos e concepções são importantes para se trabalhar a relação entre texto e argumentação, dando

suporte para diferentes pesquisas no Brasil e, no caso aqui, no Nordeste. Se atualmente a Linguística Textual oferece possibilidades bastante produtivas para tratar a argumentação, nem sempre foi assim. É uma realidade configurada mais recentemente que está refletida nos trabalhos reunidos nesta Cartografia.

Várias são as interfaces que se observa no *corpus* analisado, as quais vão desde a Argumentação na Língua até a Nova Retórica. Cumpre, todavia, sinalizar uma importante relação entre argumentação e LT:

Argumentação, portanto, é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva. (KOCH; ELIAS, 2016, p. 24).

Por fim, todo esse movimento de interfaces no interior da LT, abriu possibilidades produtivas para o trabalho com argumentação em sala de aula e para se pensar a relação entre argumentação e ensino.

Natureza das investigações relacionadas ao ensino de argumentação

As dissertações e teses que relacionam argumentação e ensino, na Região Nordeste – decorrentes de 192 pesquisas de mestrado e 30, de doutorado –, no período compreendido entre 2011 a 2020, adotam procedimentos metodológicos diversos, que podem ser agrupados, de acordo com sua natureza, em três grandes grupos: investigações analítico-descritivas, propositivas e intervencionistas (ou interventivas).

É importante mencionar que, para identificar a natureza da pesquisa, foi observado o resumo da dissertação ou tese. Em não sendo possível identificar pelo resumo, consultou-se a introdução ou, ainda, o capítulo de metodologia e, em alguns casos, os apêndices (em alguns trabalhos propositivos). Duas dissertações não foram possíveis de ser identificadas, porque o depósito final não tinha sido feito, seja na página do programa, no repositório da instituição ou nos demais bancos de dados consultados.

A Tabela 1 sintetiza os trabalhos mapeados, por natureza da pesquisa e por estados.

Tabela 1 – Natureza das investigações no ensino de argumentação

Estados	Análítico-descri- tivas	Propositivas	Intervencionistas	Não identificada	Total
Alagoas	7	-	7	-	14
Bahia	5	3	1	-	9
Ceará	-	-	-	-	0
Maranhão	-	-	-	-	0
Paraíba	2	7	19	-	28
Pernambuco	26	-	44	-	70
Piauí	2	2	2	-	6
Rio Grande do Norte	29	7	35	2	73
Sergipe	1	1	20	-	22
Total	72	20	128	2	222

Fonte: Elaboração própria

Consideram-se aqui como analítico-descri-
tivas aquelas in-
vestigações que fazem a correlação entre argumentação e ensino
objetivando a) compreender como se dá o ensino de argumen-
tação no ambiente escolar ou acadêmico, b) descrever fenômenos
argumentativos em documentos oficiais relacionados ao ensino
ou ainda em materiais didáticos; c) descrever e analisar materiais

didáticos ou propostas de ensino com foco na argumentação, desde que não haja uma preocupação em apresentar ou aplicar uma proposta do próprio autor da dissertação ou tese.

Conforme se depreende da tabela 1, foi possível mapear 72 trabalhos (32,4% do total) com essa natureza de investigação, dos quais 29 (40,3%) foram identificados no estado do Rio Grande do Norte, 26 (36,1%) no estado de Pernambuco, sete (9,7%) em Alagoas, cinco (6,9%) na Bahia, dois (2,8%) na Paraíba, dois (2,8%) no Piauí e um (1,4%) em Sergipe. Assim, observa-se que os estados do Rio Grande do Norte e de Pernambuco concentram a maior quantidade de trabalhos com essa característica.

Convém ressaltar ainda que as investigações de caráter analítico-descritivas ocorreram principalmente em mestrados e doutorados acadêmicos (67 trabalhos – 93,1% do total) nas áreas de Letras, Linguística, Ciências da Linguagem, Estudos da Linguagem, Linguagem e Cultura, Educação e Ensino, Educação em Ciências e Matemática e Psicologia Cognitiva. Em mestrados profissionais foram identificados cinco trabalhos de natureza descritivo-analítica (quatro no Profletras – Mestrado Profissional em Letras, nos estados de Alagoas e Bahia, e um no MPLE – Mestrado Profissional em Linguística e Ensino, da UFPB, no estado da Paraíba), correspondente a 6,9% dos trabalhos mapeados.

Esses dados mostram a tendência de os programas acadêmicos se voltarem para investigações descritivo-analíticas sobre o fenômeno da argumentação, mesmo nos programas relacionados ao ensino, os quais fomentam a discussão da necessidade de programas profissionais, que se preocupam, sobremaneira, com as investigações de caráter mais propositivo ou interventivo.

Ainda no que se refere às investigações de caráter descritivo-analítica, algumas temáticas parecem ser mais recorrentes, entre as quais a descrição e a análise de fenômenos argumentativos

em produções orais e escritas realizadas por alunos (na sala de aula e nas redações do ENEM); a análise de fenômenos argumentativos e de propostas de ensino de argumentação em livros didáticos, materiais didáticos diversos, no manual do professor, em exames nacionais (ENEM) e em outros documentos relacionados ao ensino; descrição da utilização de estratégias e fenômenos argumentativos retóricos e linguísticos no discurso e na prática docente, inclusive na constituição do *ethos* do professor; na análise de habilidades e competências argumentativas por parte de discentes em situação de ensino-aprendizagem, entre outros temas.

Adotou-se a terminologia de trabalhos propositivos para as investigações que resultaram na apresentação de propostas de ensino-aprendizagem com foco em aspectos argumentativos, mas que não foram efetivamente testadas em sala de aula. Convém ressaltar que a maioria dessas propostas resultam da descrição e análise de materiais didáticos considerados insuficientes ou inadequados para o trabalho com a argumentação em sala de aula, ou ainda da análise de um contexto escolar em que se mapeou a necessidade de trabalhar fenômenos ou estratégias retóricas e linguísticas ou ainda se verificou a necessidade de desenvolver capacidades ou competências argumentativas em discentes.

A tabela 1 mostra que foram mapeados 20 trabalhos (9,0%) com caráter propositivo, dos quais sete (35%) no estado da Paraíba, sete (35%) no Rio Grande do Norte, três (15%) na Bahia, dois (10%) no Piauí e um (5%) no estado de Sergipe. Observa-se, assim, que os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte possuem uma maior ocorrência, em comparação aos demais estados da região Nordeste.

Os trabalhos propositivos foram realizados em sua maioria em programas de mestrado profissional (15 trabalhos correspondente a 75% do total), dos quais 14 no Profletras, nos estados

da Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Piauí e Sergipe e um no Mestrado Profissional em Formação de Professores, da UEPB, estado da Paraíba. Foram identificados cinco trabalhos propositivos (25% do total) em programas acadêmicos, a saber: um no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB – Paraíba, dois no Programa de Pós-Graduação em Ensino, da UERN/UFERSA/IFRN – Rio Grande do Norte e dois no Programa em Estudos da Linguagem da UFRN – Rio Grande do Norte.

Com relação às propostas apresentadas, a maioria dos trabalhos (15 no total) trata do ensino de gêneros discursivos, seja com foco na leitura, na escuta ou na produção oral ou escrita, destacando fenômenos argumentativos retóricos ou linguísticos. Os gêneros, objeto de proposições, foram: debate, debate regrado, carta do leitor, carta aberta, crônica, artigo de opinião, seminário, e propostas que mesclam gêneros argumentativos diversos (denominados de textos ou gêneros argumentativos). Quatro trabalhos focalizam fenômenos argumentativos linguísticos específicos, a saber: três exploram os operadores argumentativos e um dedica-se aos modalizadores discursivos; um trabalho discute a pedagogia do argumento, qual seja uma proposta para o ensino de construção de argumentos.

Como se observa, a maioria das investigações com caráter propositivo centra-se em uma pedagogia para o ensino de argumentação, a partir do trabalho com os gêneros textuais ou discursivos, de forma didatizada, no contexto de sala de aula. Nesse sentido, é importante mencionar que grande parte das propostas adota o procedimento da sequência didática, em especial a proposta de Dolz *et al.* (2004), na íntegra ou com alterações. Obviamente que trabalhos dessa natureza simulam situações reais de uso da língua para trabalhar o uso de estratégias e fenômenos argumentativos, bem como o desenvolvimento de habilidades e competências argumentativas linguísticas e retóricas. Tais propostas não

deixam de levar em consideração aspectos linguísticos ou gramaticais, mas o fazem de maneira contextualizada e correlacionando-os com o ensino de leitura, escuta, fala ou escrita.

As investigações focalizam fenômenos argumentativos linguísticos (operadores argumentativos e modalizadores discursivos) e o fazem de forma contextualizada, a partir de enunciados de língua em uso ou de determinados gêneros discursivos (entre os quais a tira e o artigo de opinião). Tais trabalhos adotam principalmente a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Ducrot (1987) e colaboradores, ou ainda autores como Koch (2008) e Travaglia (2009), que discutem o ensino de língua ou de gramática, de forma contextualizada. Os trabalhos de Koch e Travaglia auxiliaram os pesquisadores brasileiros a compreenderem conceitos específicos que podem ser associados à TAL, como o uso dos operadores argumentativos, de implícitos (pressupostos e subentendidos) e de diferentes modalizadores na construção de pontos de vista, e a definir a concepção de linguagem que sustentou cada pesquisa. O trabalho relacionado à pedagogia do argumento toma como base os estudos da retórica clássica e da nova retórica, bem como os trabalhos de Fahnestock e Secor (1983), a respeito do ensino do argumento.

Com relação aos trabalhos de natureza interventiva, inicialmente é preciso destacar a diversidade de perspectivas que orientam o planejamento e as ações realizadas por professores cujas pesquisas estão concentradas nas áreas de Letras, Linguística, Educação/Ensino, Psicologia e Ensino de Ciências e Matemática. Neste capítulo, concebe-se como intervencionistas as pesquisas que envolvem o planejamento e a implementação de interferências que visam a produzir mudanças, avanços e/ou inovações nos processos de ensino-aprendizagem que envolvem distintos sujeitos (DAMIANI *et al.*, 2013).

O termo intervenção não é utilizado apenas em Educação e Letras, visto que em Psicologia, Medicina e Administração, por exemplo, são encontradas pesquisas intervencionistas. Embora seja um termo utilizado frequentemente nos trabalhos reunidos neste capítulo, faz-se importante ressaltar que, se as alterações acontecerem de modo autoritário, isso pode provocar certo mal-estar acadêmico-científico. Além disso, há o risco de a intervenção ser tomada de maneira muito restrita, ou seja, estar destinada apenas ao controle de comportamentos, o que também diminui o alcance da investigação.

Com base nos trabalhos reunidos nesta cartografia, é possível perceber que as pesquisas são orientadas pelas ações de linguagem configuradas em espaços sociais e históricos, por isso são consideradas sempre aplicadas. Desse modo, elas podem promover melhorias em distintos ambientes educativos, potencializar a avaliação das inovações e orientar futuras decisões acerca de mudanças que possam ser necessárias em práticas educativas. Nas investigações em que a pesquisa de intervenção acontece na própria realidade vivida pelo professor/pesquisador, observam-se pontos de convergência e de associação com a pesquisa-ação.

Em todos os 128 trabalhos (57,65% do total) reunidos ao longo da elaboração desta cartografia, a intervenção pedagógica tem no planejamento uma etapa central para que as alterações possam acontecer e venham a ser avaliadas. O método de intervenção varia significativamente, mas é possível perceber que os mais pormenorizados, tanto teórica quanto metodologicamente, tornam-se mais efetivos para que haja divulgação científica, posto que é possível identificar os meios utilizados para a coleta e análise de dados, os critérios adequados à análise e à avaliação da intervenção, bem como à interpretação dos impactos produzidos em cada realidade escolar. O detalhamento também colabora com

o entendimento dos problemas investigados e as dificuldades que podem ser vividas ao longo da pesquisa.

Ao iniciar o exame dos trabalhos de natureza interventiva, é notável o papel dos mestrados profissionais na composição das investigações aplicadas, uma vez que 95 (74,2%) dos 128 trabalhos prospectados foram realizados nesse tipo de Programa de Pós-Graduação – 90 propostas intervencionistas foram conduzidas no Mestrado Profissional em Letras (Profletras), organizado em Rede Nacional; quatro, no Mestrado Profissional em Formação de Professores (da UEPB) e dois, no Mestrado Profissional em Linguística (da UFPB).

Em particular, observa-se que o número de trabalhos intervencionistas era mínimo até 2014, visto que só foram identificadas oito dissertações: em 2011, uma foi desenvolvida na UFAL, na área de Educação; em 2012, uma foi realizada em Letras (na UERN) e outra em Psicologia Cognitiva (na UFPE); em 2013, novamente uma pós-graduanda de Psicologia Cognitiva (da UFPE) concluiu a investigação; em 2014, localizou-se o primeiro trabalho profissional realizado em Linguística (na UFPB), configurando apenas 6% do total.

A partir da conclusão das pesquisas conduzidas pelos professores que compuseram a primeira turma do Profletras, em 2015, aumenta significativamente o número de trabalhos marcados pela intervenção na realidade social, particularmente na escolar. Quando se observa quantos trabalhos foram publicados a cada ano – 25 em 2015, 20 em 2016, 6 em 2017, dissertações, 25 em 2018, 25 em 2019 e 19 em 2020, totalizando 94% dos trabalhos da década –, compreende-se o impacto que esse Programa passou a ter em âmbito nacional, uma vez que do total 69,8% dos trabalhos foram realizados nas unidades ligadas a ele. Ressalta-se ainda que das 49 unidades distribuídas em todo o território

brasileiro 22 estão localizadas no Nordeste, demarcando a força dessa região na composição dessa rede de pós-graduação. Em dez anos de pesquisas, as 88 dissertações foram publicadas por professores do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Piauí.

As pesquisas intervencionistas conduzidas no âmbito do Profletras se fundamentam em diferentes perspectivas teóricas. Em relação à argumentação, 7 foram mais proeminentes² – Retórica (3), Nova Retórica (29), Modelo Dialogal da Argumentação (5), e outras perspectivas de estudos argumentativos e retóricos:

- com base em Toulmin (duas), que propôs uma abordagem estrutural para o entendimento dos elementos constitutivos do raciocínio argumentativo;
- com base em Breton (duas), que vinculou os estudos da argumentação ao campo das Ciências da Comunicação para que o processo de ação argumentativa seja entendido com base na análise de opiniões geralmente aceitas, o que amplia o suporte técnico que sustenta um esquema argumentativo para incorporar elementos de ordem psicológica e social;
- com base em Meyer (duas), que concebeu a problematologia como uma perspectiva que possibilita a unificação dos campos da retórica e argumentação, posto que as questões, a partir das quais se argumenta, estão sempre dirigidas a um auditório para o qual se organiza uma resposta, entre tantas outras possíveis;
- com base em Leitão (uma), que entende a argumentação como uma atividade discursiva que se caracteriza pela defesa de pontos de vista e consideração de perspectivas contrárias. Isso possibilita adotar três posturas cognitivas: aceitar plenamente o ponto de vista alheio, contrapor-se ou estabelecer um processo de negociação a partir do qual as concepções podem ser formuladas, revistas e transformadas.

2 É importante esclarecer que os números superam o total de trabalhos interventivos, porque as pesquisas tendem a mobilizar várias teorias.

Essas pesquisas estabelecem interfaces com distintas teorias aplicadas ao estudo de textos e discursos – Linguística Textual (33), Teoria da Argumentação na Língua (12), Interacionismo Sociodiscursivo (14), Pedagogia/Teoria de Gêneros (6), Teoria/Análise Dialógica do Discurso (5), Análise Textual dos Discursos, conforme Adam (4), Linguística Sistêmico-Funcional (3), Estudos de letramento (3), Análise da Conversação/Oralidade (2), Análise enunciativa do ponto de vista, segundo Rabatel (2), Sociorretórica (1), Semiologia (1), Análise do Discurso, na vertente de Pêcheux e colaboradores (1) e Foucault (1).

As duas pesquisas desenvolvidas no Mestrado Profissional em Linguística (UEPB), publicados em 2014 e 2015, tiveram a mesma orientadora e se pautaram pela Semântica Argumentativa e pelos aportes da Linguística Textual para propor estudos em torno dos operadores argumentativos e do critério de informatividade. O apoio nos conceitos explorados pela Linguística Textual e pela Argumentação na Língua também se fazem presentes nas quatro pesquisas realizadas no âmbito do Mestrado Profissional de Formação de Professores (UEPB).

Além dos mestrados profissionais, outros 11 trabalhos foram realizados em programas de Letras e Educação e estão assim distribuídos: 2 em Letras (UFPE), apoiados nos estudos de argumentação de Leitão; 3 em Estudos da Linguagem (UFRN), um recorre à Nova Retórica e os outros dois aos Novos Estudos de Letramento/Projetos de Letramento; 2 em Ciências da Linguagem (UNICAP), trata-se de dois doutorados muito distintos, um realizado na área da Administração e outro na de Letras/Libras, pautados por variados estudos, entre os quais se destacam a Sociorretórica e o Modelo CARS pelo primeiro e um conjunto grande de referências, incluindo Nova Retórica, Toulmin, Ducrot, Leitão e vários autores da Linguística Textual e dos estudos da Multimodalidade, pelo segundo. Os outros 4 trabalhos foram completados em

Ensino (um na UERN) e Educação (dois empreendidos na UFAL e um na UFPE). Três dessas pesquisas alinham-se aos trabalhos produzidos em Letras/Linguística, pois investigaram a produção textual a partir de gêneros (tanto em português quanto em inglês), mas uma se diferencia por ter foco em aulas de ciências no ensino fundamental.

Esse último trabalho mostra que tem crescido o interesse pela argumentação entre os professores que atuam na área de Ciências e Matemática – identificaram-se 9 trabalhos realizados na UFPE (4) e UFS (5). Os quatro primeiros propõem a observação da progressão das aprendizagens dos estudantes por meio das reações observadas diante de uma situação-problema. Na Universidade Federal de Sergipe, as investigações partem de diferentes interesses ligados à área, mas 4 delas utilizam o procedimento sequência de ensino investigativa (SEI), enquanto uma analisa como um jogo simulador de papel pode servir como uma estratégia mobilizadora das capacidades do pensamento crítico.

Por sua vez, o Programa de Pós-Graduação de Psicologia Cognitiva (UFPE) foi responsável por 13 propostas de intervenção (10,3% do total), sendo 7 realizadas em nível de mestrado e 6, de doutorado. Todos os trabalhos estão apoiados na perspectiva cognitiva e dialógica da argumentação que é proposta por Leitão (2007). Para essa pesquisadora, argumentar é uma atividade que possibilita ao estudante realizar práticas discursivas e sociais, além de possibilitar o desenvolvimento do pensamento reflexivo – um processo de natureza eminentemente metacognitiva – e a construção de novos conhecimentos. Em vinte anos de pesquisa, Leitão (2000) assume a natureza dialética da argumentação, por isso entende que sempre há uma oposição entre pontos de vista (não necessariamente entre indivíduos), por isso propõe uma unidade mínima de análise, composta por três elementos, a fim de

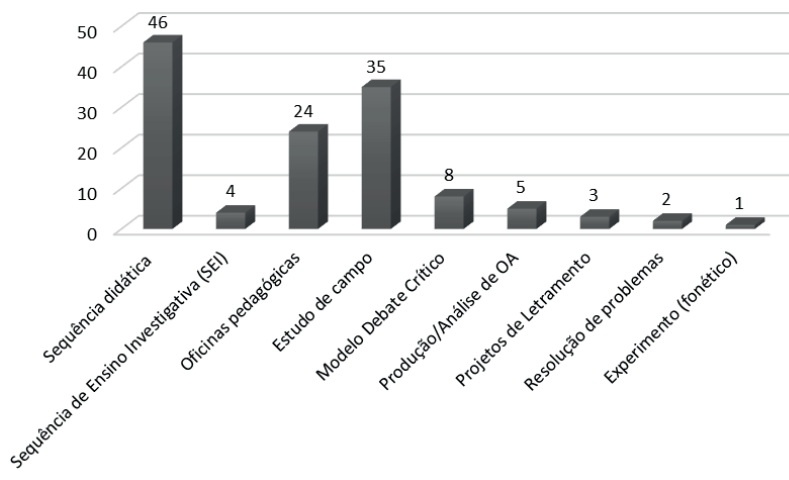
possibilitar a descrição de fenômenos relacionados à construção de conhecimentos e à mudança de crença e posições durante a argumentação.

O primeiro, denominado **argumento**, consiste em uma posição que é seguida ou antecipada por uma justificativa. O segundo elemento, o **contra-argumento**, compreende qualquer declaração produzida pelo falante ou pelo oponente que possa lançar dúvidas sobre a posição do falante. Esse é um elemento que potencialmente enfraquece a posição do falante, tornando incerta a aceitabilidade dessa posição. Como tal, exige uma reação do argumentador. Por fim, há a **resposta**, que se destina precisamente a captar as reações imediatas ou remotas do argumentador a um contra-argumento [...] (LEITÃO, 2000, p. 342, tradução e grifos nossos).

Também se observa que nove pesquisas se dedicaram a explorar o Modelo de Debate Crítico como um desenho pedagógico favorável ao trabalho com a argumentação em diferentes contextos de aula e como recurso favorável à observação do desenvolvimento do pensamento dos estudantes, tanto da educação básica quanto do ensino superior.

A fim de facilitar a compreensão das modalidades metodológicas privilegiadas nas pesquisas interventivas, foi realizada uma classificação dos trabalhos em categorias, como se vê a seguir. Essa informação é especialmente relevante porque os “achados” advindos da avaliação da intervenção dependem diretamente dos meios utilizados na geração deles.

Figura 1 – Quantidade de cada tipo de intervenção pedagógica (total: 128 trabalhos)



Fonte: Elaboração própria

Alguns esclarecimentos são necessários em relação às informações encontrados na figura 1. As 46 investigações interventivas (35,9%) que conceberam e realizaram “sequências didáticas” em turmas da educação básica seguem as proposições orientadas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Por ter uma base específica, o Interacionismo Sociodiscursivo, essa modalidade organizativa foi diferenciada de outras que podem se valer de módulos ou sequências de atividades, mas foram agrupadas em “oficinas pedagógicas” (22 – 17,2%). É importante marcar que a “Sequência de Ensino Investigativa”, que está presente apenas em pesquisas na área de Ciências, começou a ser utilizada em 2019.

Em “estudo de campo” (35 – 26,6%), encontra-se uma variedade de abordagens metodológicas. Nessa categoria, foram incluídas pesquisas que se organizaram a partir da observação do uso da argumentação em comunidades marcadas pelo uso específico da língua/linguagem, algumas investigações etnográficas

e investigações seminaturalistas. Todas tiveram como característica principal ir a campo para realizar intervenções com base na observação criteriosa de uma realidade social.

O Modelo do Debate Crítico é utilizado apenas pelos orientandos de mestrado e doutorado de Selma Leitão. Optou-se por separar essa categoria, pois esse tipo de debate está apoiado em referências distintas dos trabalhos que exploram outras modalidades de debate, tomadas como gênero textual oral.

A categoria “produção/análise de OA” diz respeito à atenção especial que algumas pesquisas dedicam à construção de objetos de aprendizagem (OA) analógicos e/ou digitais. Esses trabalhos tomam recursos diversificados (jogos, vídeos etc.) como meio para promover a observação e a prática da argumentação.

Por “projetos de letramento”, considerou-se apenas os trabalhos que estão coerentemente organizados para promover a Agência. Nesse tipo de investigação, os diversos parceiros presentes na escola e fora dela articulam-se a fim de agir efetivamente na realidade social circundante, tendo em vista o objetivo de transformar alguma situação que possa ter impacto positivo na vida de todos.

As duas últimas categorias “resolução de problemas” e “experimento” (em gramática/fonética) foram mobilizadas por pesquisas na área de Matemática e Letras, respectivamente.

Ao reunir as metodologias que têm sido privilegiadas nas pesquisas intervencionistas, buscou-se ressaltar as atividades reflexivas que foram priorizadas na promoção da aprendizagem da argumentação. A visão em conjunto também possibilita observar as articulações de conhecimentos, as estratégias para ampliar a compreensão de gêneros discursivos/textuais, de fenômenos linguístico-discursivos e de processos cognitivos e metacognitivos.

Considerações finais

Esta cartografia aponta a tendência crescente em se pesquisar a argumentação nos trabalhos realizados na região Nordeste. Esse interesse centrado em *corpora* concernentes ao diagnóstico do desempenho de estudantes matriculados em diferentes níveis de ensino, tanto da educação básica quanto do ensino superior, está diretamente relacionado à demanda social de formação de um cidadão crítico, mais preparado para concorrer a uma vaga de acesso à universidade, assim como ao mercado de trabalho. As características (inter)culturais dos grupos sociais também influenciam esse direcionamento, visto que demandam novos modos de entender e agir pela linguagem, em decorrência de variadas transformações em curso na sociedade, como a revolução digital, seu *modus operandi*, que mobiliza as capacidades argumentativas dos atores sociais, a fim de que possam conquistar mais espaço e atuar efetivamente nos variados espaços sociais.

A classificação das pesquisas em: (a) analítico-descritivas (ancoradas na compreensão de documentos oficiais, livro didático, manual do professor etc.); (b) propositivas (propostas para o ensino e aprendizagem da argumentação) e (c) interventivas, concebidas com o objetivo de promover mudanças são pesquisas aplicadas que tomam por referência uma análise da realidade contemporânea. Esse conjunto pungente registra a preocupação dos pesquisadores, no sentido de realizar investigações que apótem contribuições à melhoria do ensino e da aprendizagem dos usos variados da língua/linguagem oral, escrita e multimodal. Os trabalhos declaram se voltar à formação de sujeitos críticos, que tenham clareza dos propósitos comunicativos, e saibam defender suas ideias em face dos embates que a vida cotidiana impõe. Para tanto, a argumentação tem ocupado cada vez mais um lugar de total relevância.

No que se refere às correntes teórico-metodológicas adotadas nos trabalhos pesquisados, dois aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, constatou-se que são utilizadas diferentes correntes teóricas que tratam da argumentação, tanto no âmbito retórico como linguístico, entre as quais a Retórica Clássica, a Nova Retórica, o Modelo Dialogal de Argumentação, a Teoria da Estrutura Retórica, a Sociorretórica e a Teoria da Argumentação na Língua. Também se observou que as teorias linguísticas de texto e discurso são mobilizadas na articulação com os estudos da argumentação: Linguística Textual, o Interacionismo Sociodiscursivo, os Estudos de Letramento, o Dialogismo e os Estudos de Gênero Discursivo, a Análise Textual dos Discursos, a Análise do Discurso (em diferentes perspectivas), a Análise da Conversação, os Estudos Funcionalistas e a Pragmática dos atos de fala.

Em segundo lugar, destaca-se que grande parte dos trabalhos se valem de mais de uma corrente teórico-metodológica e que as correntes adotadas são tratadas de forma complementar, a fim de atender às demandas específicas do ensino de argumentação, seja para explicá-las, propor ou realizar intervenções.

Os dados confirmam a necessidade de criação de programas de pós-graduação em argumentação, como forma de fomentar a pesquisa em uma área tão pujante, cujo espaço formal inexistente de forma expressa. Há pesquisas, mas faltam áreas de concentração e linhas de pesquisa em argumentação. O esforço dos pesquisadores é notável, os trabalhos excelentes, mas o espaço ainda é tímido, carece de reconhecimento. Enfim, as pesquisas desenvolvidas até o momento já demonstram maturidade científica, justificando, assim, uma formação mais especializada de recursos humanos, com encaminhamentos direcionados, exclusivamente, à argumentação em suas diferentes perspectivas.

Referências

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **L'argumentation dans la langue**. Philosophic et Langage. Bruxelles: Pierre Mardaga editeur, 1983.

DAMIANI, Magda F. *et al.* Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, FAE, PPG, UFPel, v. 45, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHWEUVLY, Berbard. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes Editores, 1987.

DUCROT, Oswald. **Polifonia y Argumentación**: Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

FAHNESTOCK, Jeanne; SECOR, Marie. Teaching Argument: A Theory of Types. **College Composition and Communication**, v. 34, n. 1, 1983.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos, filosóficos e modelos de análise. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LEITÃO, Selma. The potential of argument in knowledge building. **Human Development**, [S.l.], v. 43, p. 332-360, 2000.

LEITÃO, Selma. Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.l.], v. 20, n. 3, p. 454-462, 2007.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. O ensino da argumentação na leitura, na produção textual e na análise linguística: reflexões teórico-propositivas. **Revista do GELNE**, Natal, v. 17. n. 1/2, p. 159-183, 2015.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do; BARBOSA, Maria Vanice Lacerda de Melo. O ensino de argumentação na educação básica: investigando e desenvolvendo competências linguístico-discursivas. In: MIRANDA, Joseval Reis; SALES, Laurênia Souto; MARQUES, Moama Lorena de Lacerda (org.). **Percursos formativos e atuação docente no Profletras**: saberes e práticas. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p. 117-136.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.



POSFÁCIO: CARTOGRAFIA DA PESQUISA EM LINGUAGEM NO NORDESTE: ÁREAS EMERGENTES, APLICAÇÕES PARA O ENSINO E INTERFACES

Dermeval da Hora

É a partir dos anos 1970 que a Linguística começa a ocupar seu lugar de destaque nos estudos realizados no Brasil. De forma tímida ela começou e, com o passar dos anos, foi assumindo seu protagonismo nos estudos brasileiros. Tudo teve início nos poucos centros existentes em São Paulo e Rio de Janeiro, para depois espalhar-se por todo o país.

O século XXI marca uma nova postura do Nordeste em relação aos estudos linguísticos no Brasil. Aos poucos, saímos de uma formação da maioria dos docentes ligados aos Programas de Pós-Graduação no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, e passamos a contar com a formação nos programas que funcionavam em quase todas as universidades distribuídas pelo Nordeste. O que isso significa?

Isso tem um significado muito importante para a Linguística no Brasil. Passamos a contar com pesquisadores em diferentes áreas, implementando seus projetos de pesquisa e dando visibilidade ao que se faz no Nordeste. Hoje, temos Programas de Pós-Graduação em toda a região nordestina, não só nas suas capitais, mas também em cidades do interior. O doutorado não é um mérito

apenas dos grandes centros, eles estão em algumas instituições do interior, o que tem contribuído muito para a formação dos nossos professores, o que implica a criação de novas linhas de pesquisa e a busca por consolidar novas áreas de estudos.

Essa coletânea de textos em diferentes áreas de conhecimento linguístico, organizado por Raquel Meister Ko. Freitag e Isabel Cristina Michelan e denominado “Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces”, é uma prova dos avanços que a Linguística tem assumido no Nordeste. É nosso objetivo apresentar uma síntese dos textos que foram publicados nesse volume, com comentários sobre os tópicos aqui explorados. Sabemos que esse não é o único volume voltado para a cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste, outras áreas já foram contempladas em outros volumes.

Do ponto de vista da Linguística Formal, temos um único capítulo, que foca a interface da Morfologia com outras áreas. A área da Morfologia é muito pouco trabalhada no Brasil, principalmente nos Programas de Pós-Graduação, porém, mesmo assim, está presente no Nordeste e conta com representantes em algumas de suas universidades. A área de Morfologia, depois do trabalho de Camara Jr. (1970) passou a ser vista, em geral, como estudos morfossintáticos. Esse é um trabalho que muito se difundiu na graduação e que teve eco na Pós-Graduação. Como em outras áreas da Linguística Formal, estudos mais avançados são realizados nas regiões sudeste e sul. Acredito que maiores incentivos sejam dados aos colegas que atuam nos Programas de Pós-Graduação no sentido de canalizarem seus interesses para outros estudos. O texto apresentado, *Panorama dos estudos em morfologia e interfaces na região Nordeste: uma cartografia introdutória*, avança em alguns aspectos e é uma grande contribuição para o que se propõe. Entretanto não se aprofunda em ramos mais atuais da Morfologia,

ficando sempre nos aspectos morfossintáticos, chegando, às vezes, a tratar da Morfologia Lexical.

Na sequência, os capítulos giram em torno de uma Linguística menos formal. A área de processamento é bem recente no Brasil, e ela faz parte de uma área já há muito consolidada, a Psicolinguística, que tem como principal representante no Brasil, Leonor Scliar-Cabral, Professora Emérita da Universidade Federal de Santa Catarina, que no passado publicou um livro denominado *Psicolinguística*. É no seio da Psicolinguística que surgem os estudos do processamento, uma área que, a partir dos estudos realizados por Marcus Maia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem-se desenvolvido e tem atingido outros centros. O texto *Panorama das pesquisas linguísticas sobre o processamento da linguagem pelo método do rastreamento ocular na região Nordeste* é uma síntese que se tem feito. Vale mencionar, entretanto, que em outros centros, os estudos de processamento também são realizados, como é o caso da Universidade Federal da Paraíba, que tem em Márcio Leitão um dos seus principais representantes.

Os estudos focados na aquisição da linguagem têm longa tradição. Há muitos anos, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Regina Lamprecht já tinha um evento anual que tratava desse tópico e seus correlatos. O texto *Interface entre aquisição de linguagem, educação e saúde nos estados nordestinos* retoma os trabalhos da área de aquisição de linguagem, não no Brasil como um todo, mas especificamente no Nordeste, e, com ele, estabelece uma relação entre educação e saúde. É algo recente no Brasil e é importante vermos como essa área pode contribuir socialmente, articulando estudos focados em aquisição e educação e aquisição e saúde.

Uma área que começou a ser explorada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte por Maria Angélica Furtado da Cunha (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016) mas que, com o

passar dos anos outras universidades assumiram seu protagonismo. Estamos falando do texto *Cartografia do sociofuncionalismo no Nordeste* que é seguido pelo texto *Os Caminhos do Sociofuncionalismo no Nordeste: algumas aplicações*. Interessante observarmos a tendência de pautar uma determinada área da Linguística buscando sua correlação com questões de ensino. É a grande contribuição que a universidade pode dar à comunidade.

A Linguística Aplicada no Brasil foi introduzida há muitos anos, principalmente em São Paulo na Pontifícia Universidade Católica (CELANI, 1992). É uma área controversa, até pelo seu próprio nome e mais de uma corrente tem sido desenvolvida no Brasil. Há os que veem o ensino da Linguística Aplicada como uma aplicação da linguística a determinadas áreas do ensino e há os que defendem que a Linguística Aplicada nada tem de aplicação ao ensino (LOPES, 2006), entre outros. São duas correntes antagônicas no Brasil atual, e no capítulo intitulado *Por linguística aplicada nordestina: uma cartografia das produções dos programas de pós-graduação*, as autoras defendem a segunda opção. O percurso apresentado no capítulo é muito interessante e cobre todos os estudos que já foram realizados no Brasil e que, de certa forma, ratificam os estudos que estão realizados nos Programas de Pós-Graduação do Nordeste.

Os dois capítulos finais versam sobre “argumentação”, o primeiro deles vai até o ano 2010, e o segundo, até o ano 2020. Como os diferentes ramos da Linguística que surgiram mais para o final do século passado, tendo seu início com a Linguística Textual (KOCH, 2000) e depois a Análise do Discurso (ORLANDI, 2009), os estudos argumentativos assumiram seu lugar de destaque em algumas universidades do Sudeste, a exemplo da UNICAMP, e depois se expandiram pelo resto do país. É uma área, como bem mostra o capítulo, que tem ampla representatividade nas universidades nordestinas.

Cada um dos capítulos apresentados no volume trata de versões diferentes do mesmo tópico. Muitas vezes, um tópico é apenas mencionado, já que ele não foi objeto de estudo pelos programas da área de Linguística e Literatura. Há quem se dedique apenas a historiar como a área se desenvolve na região Nordeste, sem tecer comentários sobre avanços do campo em pauta, como é o caso do capítulo que trata da Aquisição de Linguagem.

O que nos mostram esses estudos? Eles nos mostram a importância dos Programas de Pós-Graduação no âmbito da Linguística. Não são os estudos na graduação que promovem a região, mas a pós-graduação, é ela que promove o conhecimento, é ela que é a mola propulsora de qualquer instituição de ensino superior. É a área de que dá visibilidade as instituições de ensino superior.

Podemos verificar que a graduação funciona como o espaço em que tais estudos são realizados, num processo de testagem para que se verifique como eles podem contribuir para a formação discente, mas as verdadeiras pesquisas acontecem na pós-graduação. Todos os temas trabalhados nos diferentes capítulos deram origem a dissertações e teses, resultaram em artigos de periódicos científicos, em trabalhos apresentados em eventos científicos especializados. Alguns colegas desses programas têm participado de grupos de trabalho, quer na Associação de Pós-Graduação em Linguística e Letras (ANPOLL), quer na Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

A pós-graduação em Linguística e Literatura no Brasil tem veiculado os conhecimentos por todo o Brasil. A expansão dos Programas para outras partes, saindo do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, tem oportunizado que com essa quebra de centralização, novos centros comecem a produzir seus trabalhos com características que levam em consideração a região, o espaço, em que o conhecimento é apresentado. Assim, áreas que tiveram início,

principalmente em São Paulo, são encontradas nos diferentes centros do Nordeste, com características peculiares, que marcam o espaço e as pessoas.

A massa crítica existente no Nordeste, atualmente, não fica devendo nada à de qualquer outra região. A internet foi uma grande favorecedora em termos de atualização de conhecimento. É possível consultar o que se faz hoje em qualquer parte do mundo, algo que era impensável nos anos 1970. Temos muito ainda a tri-lhar, mas os meios existentes vão nos possibilitar isso.

Referências

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CELANI, Maria Antonieta A. Afinal, o que é LA? *In*: PASCHOAL, Maria Sofia Z.; CELANI, Maria Antonieta A. **Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. Linguística Funcional e ensino de gramática. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice (org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 12-58.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-44.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2009.



